RESSIGNIFICANDO ESPAÇOS:
A CRIANÇA E O EDUCANDÁRIO ANÁLIA FRANCO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Aguiar, Victoria Ruiz de
Ressignificando espaços: a criança e o Educandário Anália Franco / Victoria Ruiz de Aguiar; orientador Fábio Mariz Gonçalves. - São Paulo, 2021.
350p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Arquitetura Escolar. 2. Psicologia Ambiental. 3. Educandário Anália Franco. 4. Requalificação. I. Gonçalves, Fábio Mariz, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>

Ressignificando espaços:
a criança e o Educandário Anália Franco

Victoria Ruiz de Aguiar
Orientador: Profº Drº Fábio Mariz

Trabalho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
FAU-USP

Agosto de 2021
São Paulo - SP

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha irmã por acreditarem nos meus sonhos e darem o suporte para o meu desenvolvimento. Por me proporcionarem as mais valiosas experiências, por me criarem para o mundo e me incentivarem a voar. Vocês estão presentes em tudo o que faço. Sem essa base, nada seria possível.

Aos meus avós, que me ensinam diariamente sobre a potência do amor e sobre acolhimento. Por serem meu abrigo constante ao longo de todas as mudanças da vida. Por saber que eu sempre tenho para onde retornar. Muito de quem sou hoje é graças a vocês, e meus agradecimentos nunca serão suficientes. Ao restante da nossa grande, querida e unida família. Agradeço por todas as memórias, os vínculos e o afeto que cultivamos e que ainda vamos cultivar. O apoio de vocês é essencial para mim.

Ao corpo de funcionários do Educandário Anália Franco, especialmente ao presidente Paulo Murat, ao historiador Lucas Henrique e à Sandra, os quais confiaram em meus estudos e me receberam de braços abertos na instituição durante o período da pesquisa. A colaboração de vocês neste processo foi determinante para o entendimento da questão e o acesso às informações. Espero com este projeto contribuir para com as crianças e agregar ao trabalho social tão generoso que realizam.

À Marina, à Letícia, à Laura e à Yume, por se tornarem meus lares em São Paulo. Obrigada pela oportunidade especial de morarmos juntas e pela convivência tão intensa ao longo desses anos. Foi com vocês que dividi meus melhores momentos e também os mais difíceis. É lindo o carinho, o cuidado e a parceria que sustenta a nossa amizade, espero cultivar esse amor para sempre.

Aos meus amigos da FAU que caminharam comigo nesta jornada tão agitada e marcante da nossa graduação. Lê, Lili, Ka, André, Deb, Vi, Mari, Ca, Kevin, Isa, Gabis, Ed, Carra, Mands, Van e Mau: obrigada por tantas trocas e aprendizados! Vocês foram pilares essenciais ao longo desses anos e agregam muito em minha vida. Estiveram sempre por perto, muito presentes e interessados. Sou grata a todos os momentos de escuta, o apoio frequente, os afetos trocados, os vínculos compartilhados e sobretudo às inúmeras alegrias vividas.

Aos meus amigos do intercâmbio que tornaram a vida em Barcelona uma experiência inesquecível. Vocês me ensinaram muito sobre viver, sobre amizade, sobre coragem, sobre crescer e amadurecer. Agradeço pelos nossos caminhos terem se cruzado e por estendermos nosso vínculo para o lado de cá do oceano. Rachel, Yu, Ana, Mada, Henrique, Deb, Lu, Buna, Lucca, Mari, Lê, Gabi, Gi e Carol: os admiro muito.

Às minhas amizades de Santos, especialmente à Lu, à Gabi, à Bia, à Vi, à Lê Marques e à Lê Campos. Obrigada por vocês serem constância em minha vida há tantos anos e me acompanharem em todas as etapas: estar com vocês é estar em casa. Nossa torcida uma pela outra ultrapassa a distância física que nos separa no dia-a-dia. Vocês me mostram que para estar junto não precisa estar perto.

Ao Fábio Mariz, meu orientador, que desde o primeiro ano da graduação me ensina sobre a importância do olhar atento e cuidadoso para as experiências do espaço e para as vivências na cidade. Por tratar gentilmente as diferentes escalas de projeto e me estimular a experimentar os ambientes. Agradeço nossas diversas e longas conversas sobre o meu trabalho, e por tratá-lo com interesse e brilho nos olhos.

Aos demais colegas da universidade que cruzaram meu caminho e dividiram momentos e conhecimentos durante esse período, além dos professores e funcionários que me ensinaram tanto e me fizeram enxergar a cidade e os espaços sob novas perspectivas. Muito obrigada! Vocês tornaram a FAU e a USP lugares muito especiais.

Também agradeço aos meus colegas de profissão que tive a oportunidade de trabalhar junto ao longo dos estágios. Com vocês conheci muito sobre arquitetura, vida profissional, responsabilidade e relações interpessoais. É ótimo ver que atuo nesta área com pessoas tão competentes e dispostas a ensinar e aprender.

Sem essas trocas e vivências, não enxergaria o mundo como enxergo hoje. Assim, todos vocês, de certa forma, fazem parte deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo busca investigar o ambiente construído de modo a explorar e articular as diversas facetas que integram o espaço. Para isso, permeia abordagens interdisciplinares que viabilizam a elaboração de um olhar mais amplo para a questão na busca de compreender a arquitetura enquanto potente ferramenta de humanização dos lugares. Trata-se, portanto, de uma pesquisa para a compreensão dos elementos sensíveis, subjetivos e imateriais presentes nos ambientes, de forma que o conhecimento destes componentes e comportamentos sirvam como ferramenta para o projeto.

Dessa forma, o trabalho é constituído por duas partes, ambas elaboradas sob a mesma perspectiva da relação homem-espaço, visto que esta é a discussão central. A primeira etapa é teórica, sendo a interlocução de diversas áreas do conhecimento como forma de embasar o fazer arquitetônico. A segunda etapa é propositiva: uma intervenção projetual em um edifício do Educandário Anália Franco desocupado há oito anos, localizado na cidade de Santos, litoral de São Paulo. A intenção com tal exercício é aplicar de maneira concreta os estudos compreendidos na primeira etapa, além de contribuir positivamente para a experiência das crianças da Instituição em questão.

Encara-se o espaço como o envoltório da vida, daí seu impacto e necessidade de ser visto com um olhar cuidadoso. Especialmente no período da infância – principal recorte do projeto – o ambiente é ainda mais potente, sendo um agente central e lúdico na formação do indivíduo. Nesse sentido, ao trabalhar concomitantemente com a teoria e a experiência, o desenho arquitetônico apresenta-se como a articulação dos conceitos na busca de tratar o espaço de forma sensível, humana, próxima e responsável e empática.

Arquitetura Escolar; Psicologia Ambiental; Educandário Anália Franco; Requalificação.

ABSTRACT

The following study seeks to investigate the built environment in order to explore and articulate the various facets that make up the space. For this, it permeates interdisciplinary approaches that enable the elaboration of a broader look at the issue in the search to understand architecture as a powerful tool for the humanization of places. It is, therefore, a research to understand the sensitive, subjective and immaterial elements present in the environments, so that the knowledge of these components and behaviors serve as a tool for the project.

Thus, the work consists of two parts, both elaborated under the same perspective of the man-space relationship, as this is the central discussion. The first stage is theoretical, being the interlocution of different areas of knowledge as a way to base the architectural work. The second stage is purposeful: a project intervention in a building at Educandário Anália Franco that has been vacant for eight years, located in the city of Santos, on the coast of São Paulo. The intention with this exercise is to concretely apply the studies included in the first stage, in addition to contributing positively to the experience of children at the institution in question.

Space is seen as the envelope of life, hence its impact and needs to be seen with a careful eye. Especially during childhood – the main part of the project – the environment is even more powerful, being a central and playful agent in the formation of the individual. In this sense, by working concomitantly with theory and experience, architectural design presents itself as the articulation of concepts in an attempt to treat space in a sensitive, human, close, responsible and empathic way.

School Architecture; Environmental Psychology; Educandário Analia Franco; Requalification.

Tanto o médico quanto o arquiteto estão envolvidos na mesma tarefa, e ela é: melhorar a condição humana.

(PALLASMAA, 2016)

SUMÁRIO

14 Uma breve explicação

16 O processo

20 Introdução

26 A importância da interdisciplinaridade

32 O papel do arquiteto

38 As sensações no espaço

50 Bem-estar

60 A biofilia

66 O habitar

76 A casa

86 Quando a casa não é lar

96 O espaço educativo

102 Alguns qualificadores do espaço

110 O Educandário Anália Franco - história

188 O Educandário Anália Franco - hoje

196 Aproximação com o local

240 O projeto

312 Considerações finais

316 Bibliografia

322 Referências projetuais

342 Índice de imagens

UMA BREVE EXPLICAÇÃO

A temática surgiu a partir da minha principal motivação na escolha de cursar Arquitetura e Urbanismo: "como posso criar espaços que melhorem a vida das pessoas?". A busca por respostas me impulsionou ao longo dos anos da graduação, constituindo o meu maior objetivo profissional.

Tal motivação é somada ao questionamento pessoal sobre o papel do arquiteto na construção de ambientes que permitam um desenvolvimento humano melhor. Dessa maneira, como expressão de uma inquietação íntima em relação à melhoria da vida e da experiência das pessoas no espaço, surge este trabalho. Busco com este estudo, portanto, compreender alguns impactos subjetivos da arquitetura no cotidiano, além de ferramentas projetuais que o profissional possui para influenciar positivamente a vivência dos indivíduos no espaço.

O recorte do estudo é na tentativa de mapear justamente um dos ambientes mais presentes no universo infantil, e assim, que mais interferem no desenvolvimento do cotidiano. O ambiente escolar é um espaço carregado de significados, além de muito influenciar na construção psique do indivíduo. A arquitetura é uma potente ferramenta de ação e de transformação que deve ser vista com um olhar atento e cuidadoso, em especial no período da infância, no qual é capaz de exercer ainda mais influência na formação da criança.

Não busco com este estudo esgotar tal temática – especialmente por se tratar de uma análise dos elementos humanos e subjetivos do espaço. Com este trabalho tenho a intenção de promover a reflexão por parte dos arquitetos acerca da importância desta perspectiva no projeto, além de acrescentar a outros estudos a respeito. Os arquitetos e urbanistas são os principais interlocutores neste debate, mas é fundamental que todos os indivíduos tenham consciência da relação de mutualidade e interdependência entre eles e os espaços que habitam, além da participação de cada um na construção dos ambientes e das experiências nesses lugares.

Uma vez que habitar um espaço é um ato complexo e multifacetado, é importante que o arquiteto considere tal abrangência para a concepção do projeto. Nesse sentido, defendo que o profissional necessita de alguns instrumentos de outras áreas do conhecimento para uma percepção mais ampla – afinal, questões humanas, sociológicas e psicológicas estão também envolvidas na experiência do espaço.

Na tentativa de compreensão do bem-estar para muito além de questões de ergonomia e conforto ambiental, busquei embasamento em outras disciplinas, tais como Psicologia, Psicanálise, Antropologia, Fenomenologia, Psicologia Ambiental, História, Psicologia do Desenvolvimento, Etologia Humana, Neurologia, Filosofia, Pedagogia, Biofilia e Neuroarquitetura. Acredito que estes campos são complementares ao da Arquitetura e do Urbanismo para o entendimento das necessidades e comportamentos daqueles que vão frequentar o espaço. Assim, minha tentativa foi de buscar ferramentas nestas áreas que contribuam para a concepção do projeto.

Entretanto, é necessário considerar que minha atividade é com a arquitetura e, apesar do interesse e do esforço no aprendizado, não possuo formação nem domínio das outras esferas. As interpretações em relação aos outros campos são viesadas para a finalidade de projetar e de ampliar o entendimento em relação à arquitetura. Portanto, a ótica arquitetônica é a constante que permeia esta trilha pelos demais campos do conhecimento.

O PROCESSO

Expostas as minhas motivações e intenções com tal trabalho, sinto que a explicação relativa à trajetória destes estudos é pertinente e justifica uma série de escolhas que foram tomadas ao longo do percurso.

O trabalho é dividido em dois grandes momentos. As motivações anteriormente apresentadas foram responsáveis pelos passos iniciais e pelas primeiras aproximações com a temática, e se mantiveram presentes ao longo de todo o processo. Entretanto, eu não sabia onde estes estudos me levariam nem conseguia vislumbrar qual seria o resultado desse movimento. Dessa forma, me permiti mergulhar neste universo de interesse, que passou a permear diversas áreas do conhecimento.

Entendo que esse processo de estudo com ponto de partida mas sem ponto de chegada foi importante para que fosse feito um esforço de compreensão da essência dos conceitos, sem um viés pré determinado para um objetivo final. Conforme me aprofundava nos estudos, naturalmente algumas temáticas despertavam em mim maior interesse que outras, e dessa forma foi-se dando o recorte. Somente no final do processo pude ter maior clareza sobre a sua trajetória: no momento em que ele acontecia, dei espaço para divagações sem censuras; depois as filtrei e percebi a direção que estava dada.

Neste percurso, busquei entender a essência dos espaços e os encarei enquanto lugares habitáveis, independente de seu programa. Isso permitiu que eu olhasse para diferentes usos e diversos ambientes na procura das sensações que estariam por trás de cada um. Sob a minha perspectiva daquele momento, não existiam filtros: todos os espaços eram válidos para serem estudados.

Depois desse período de compreensão das sensações dos espaços e seus impactos na construção dos indivíduos, a segunda etapa tratou da tentativa de traduzir tais aspectos na solução de uma questão projetual. Três pilares balizaram a minha busca:

1 Tratar de um problema real que precise deste olhar atento. Ao meu ver, o estudo faz sentido se tiver algum retorno ou aplicabilidade social, especialmente por ter sido feito dentro de uma Universidade pública. Dessa forma, me sinto na obrigação de tratar de uma questão relevante à sociedade e que possa contribuir positivamente à cidade;

2 Escolher um lugar com vínculo afetivo prévio. De forma a corroborar o que foi estudado, a aproximação com um espaço não indiferente faz com que o olhar para com ele seja íntimo, atento e próximo. A apropriação e o vínculo com o ambiente permite que seja encarado de forma mais cuidadosa. Para isso, é essencial que o espaço seja de fácil acesso e aberto à visitas para que esses laços sejam reforçados e outros sejam criados;

3 Abranger o universo infantil. Devido a um interesse pessoal por tal recorte, ao longo dos estudos da primeira parte do trabalho foi-se delineando, naturalmente, esta temática. A infância é um dos momentos mais suscetíveis à influência do espaço na formação do indivíduo, e assim, abordar esta fase da vida permite explorações diversas.

Uma vez que o trabalho foi integralmente feito na pandemia do Covid-19 (anos de 2020 e 2021), minha circulação pela cidade estava restrita. Com as aulas e o estágio de forma online, voltei à casa dos meus pais, em Santos, onde nasci e morei até meus 18 anos. Dessa forma, as condições do momento impuseram uma limitação física de lugares os quais eu alcançava circular. Limitei-me ao meu bairro, local que teria fácil acesso a pé e que me era familiar há tantos anos.

Nesse sentido, passei a olhar mais atentamente os espaços cotidianos, aqueles que já possuía vínculos e que marcam a minha memória da cidade. Em meio a esse contexto surge o Educandário Anália Franco, instituição que está de acordo com os três pilares que eu procurava.

O espaço em questão localiza-se na rua da casa dos meus pais, de esquina com uma das avenidas centrais de Santos. A região, portanto, está extremamente vinculada à minha própria história, dado que passava em frente ao edifício diariamente em meus trajetos cotidianos. Apesar de nunca ter feito parte da instituição nem ter sido voluntária em seus eventos internos, o Educandário Anália Franco é uma entidade

assistencialista tradicional e consolidada na região: possui 99 anos de atuação, e assim, parte da memória da cidade está inevitavelmente vinculada à sua história. O tombamento de seu prédio reforça a importância da instituição na memória coletiva.

Um de seus edifícios – carinhosamente apelidado e conhecido como "castelinho" por grande parte da sociedade santista devido à sua aparência física – está desocupado há oito anos. Na minha segunda visita à instituição (janeiro de 2021), em conversa com o presidente Paulo Murat, soube da vontade deles em revitalizar o prédio. O sonho de habitar novamente aquela edificação faria com que Murat fosse à faculdade de arquitetura e urbanismo de Santos (Unisantos) solicitar aos alunos e professores que voluntariamente fizessem um projeto ao prédio. Coincidentemente, foi justo neste momento em que realizei a visita. Dessa forma, não foi necessário que ele fizesse o pedido aos colegas santistas, pois eu mesma me propus a auxiliá-los.

A questão, portanto, estava de acordo com os meus três pilares propostos. O problema real que buscava solucionar aplicando os conhecimentos estudados na primeira etapa do trabalho estava posto, assim como a nobre causa social que o edifício pretende destinar-se. Em segundo lugar, o vínculo prévio com o espaço também estava contemplado, dado que aquele local pertence à minha memória e ao cotidiano. Por último, tratar o universo infantil era igualmente atendido, visto que a instituição é um educandário que olha para crianças de quatro meses a sete anos incompletos.

Minha intenção com o projeto é trazer visibilidade para este problema latente, além de demonstrar o potencial deste espaço quando tratado com um olhar cuidadoso. Seu estado de degradação reflete descaso e negligência. Dessa forma, espero dialogar com acadêmicos, arquitetos e urbanistas, voluntários, políticos santistas e com a sociedade local na tentativa de interromper o processo de desinteresse e frieza pelo qual o edifício vêm sendo encarado.

Assim, sem vislumbrar qual seria o resultado final da pesquisa, foi-se estruturando este trabalho. Ao analisar o processo, percebo que foi uma construção experimental na qual parti de aspectos teóricos que considero relevantes do espaço e me permiti explorar e examinar diversas questões para obter um direcionamento. Apesar de não ter clareza dos rumos que o estudo tomaria durante o seu desenvolvimento, as bases nas quais me firmei foram sólidas e permitiram traçar uma narrativa coerente.

Passado este percurso, percebo como todas as suas etapas foram importantes para a obtenção deste resultado – mesmo aquelas que não aparecem com clareza no trabalho. Não encaro a primeira etapa como somente uma "base" na qual o projeto possa se justificar. O momento teórico e o de experimentação projetual possuem igual importância e dialogaram constantemente ao longo do percurso.

Introdução

"Todo ser humano necessita de um canto, não no sentido que os patrioteiros dão a essa palavra, nem tampouco no que lhe atribui a Religião, ao conferir-lhe a ideia de algum lugar no Além, mas um canto suscetível de unir solo, trabalho, amigos, repouso e ambiente espiritual num todo natural, bem organizado, num cosmo próprio."

(CANETTI, 1982)

O espaço é um elemento habitual que remete a experiências comuns às pessoas, visto que todos frequentam algum lugar. Ele é expressão corriqueira enquanto elemento básico do mundo vivo. Dessa maneira, é presente na existência de todos e a todo momento. Seria ingenuidade pensar que um componente tão primordial à vida não exercesse uma influência minimamente considerável aos indivíduos.

É rico observar a relação do homem com o ambiente que frequenta. Diversos aspectos da natureza humana são melhor compreendidos quando analisados juntamente com o espaço que o envolve. Existe uma relação de mutualidade na construção da psique do indivíduo e na edificação do espaço: ambos são estruturados de maneira vinculada e influente, de forma concomitante. É na complexa existência individual e coletiva no ambiente que este trabalho busca mergulhar, na tentativa de estudar uma arquitetura consciente e responsável pela vivência humana.

Entender as interações com o espaço para além da simples ocupação física é importante, especialmente aos arquitetos e urbanistas, para que haja uma compreensão mais ampla e uma capacitação mais humana no momento de projetar. Ter consciência de como o ambiente pode impactar positiva ou negativamente a vida de seus frequentadores faz com que a questão seja encarada de forma mais sensível e responsável. Como afirma Richard Neutra em *Survival Through Design*, em 1954:

> O fato de um homem não perceber a nocividade de um produto ou elemento de design em seu ambiente, não significa que seja inofensivo (NEUTRA, 1954, p. 1 apud LUCHESI, GONÇALVES, 2018, p. 15 – Tradução livre)

Daí a necessidade de atenção à espacialidade e à apropriação ambiental, pois da mesma forma que o espaço pode proporcionar felicidade e bem-estar ao indivíduo, também pode o fazer adoecer com seu potencial nocivo.

Busca-se explorar neste estudo o bem-estar proporcionado pelo espaço para além de questões da tecnologia construtiva. É evidente o quanto os conceitos de ergonomia e conforto contribuem positivamente na qualidade ambiental quando aplicados ao projeto, porém não é este o enfoque do trabalho. A proposta aqui é encarar a satisfação e a saúde espacial por um viés distinto da tecnologia, sendo abordagens complementares, não excludentes.

É possível verificar que o conceito de lugar foi sendo ampliado ao longo do tempo: antes, era utilizado predominantemente no sentido espacial por geógrafos para a conotação locacional de um sítio. Hoje o termo engloba outras abordagens, extrapolando a ciência geográfica. É trabalhado por diversos campos de investigação, permeando, inclusive, a Arquitetura e a Psicologia. É na intersecção destas áreas que este trabalho majoritariamente se fundamenta, compreendendo que o espaço deve ser analisado para além dos seus aspectos objetivos e físicos. Os fluxos imateriais e

a dimensão subjetiva deste constituem perspectivas igualmente importantes para a sua construção.

Os lugares quando ocupados passam a carregar significados e simbologias que mudam a forma como são percebidos e, consequentemente, a maneira como são vivenciados. É essa construção de sentidos que, segundo Yi-Fu Tuan (1983), possibilita a transformação de espaços em lugares: "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor". A relação pessoal de experienciar os espaços desperta sensações que constituem a base imprescindível do processo de apropriação e significação dos lugares. Segundo o autor, isso exige do investigador uma postura que rejeite encarar as pessoas como seres passivos e incapazes de exercer papel ativo neste processo de simbolização e construção dos lugares.

O movimento de apropriação da realidade é a constituição histórica e cultural desta, mediada por signos e instrumentos, sendo a base na concepção do sujeito em sua condição de agente de seu processo de subjetivação. A apropriação ativa dos espaços físicos faz com que esses passem a ter um caráter semiótico de lugar, isto é, o espaço é transformado em signo. Na posição de signo, ele assume um papel decisivo na construção humana subjetiva, visto que, segundo Vigotski (1998), o signo funciona como um mediador do comportamento do homem, e portanto, da sua estruturação subjetiva. Dessa maneira, a "prática significativa" produz sentidos e permite a apropriação dos espaços físicos como signos cultural e historicamente construídos.

Aplicando estes conceitos no âmbito do habitar, tem-se que o espaço doméstico somente torna-se um lar quando lhe for atribuído valor simbólico. Depois de criados laços afetivos com aquele ambiente – ou seja, depois que estes elementos forem subjetivados – a casa adquire força expressiva constituindo um lugar singular para aquele que a habita.

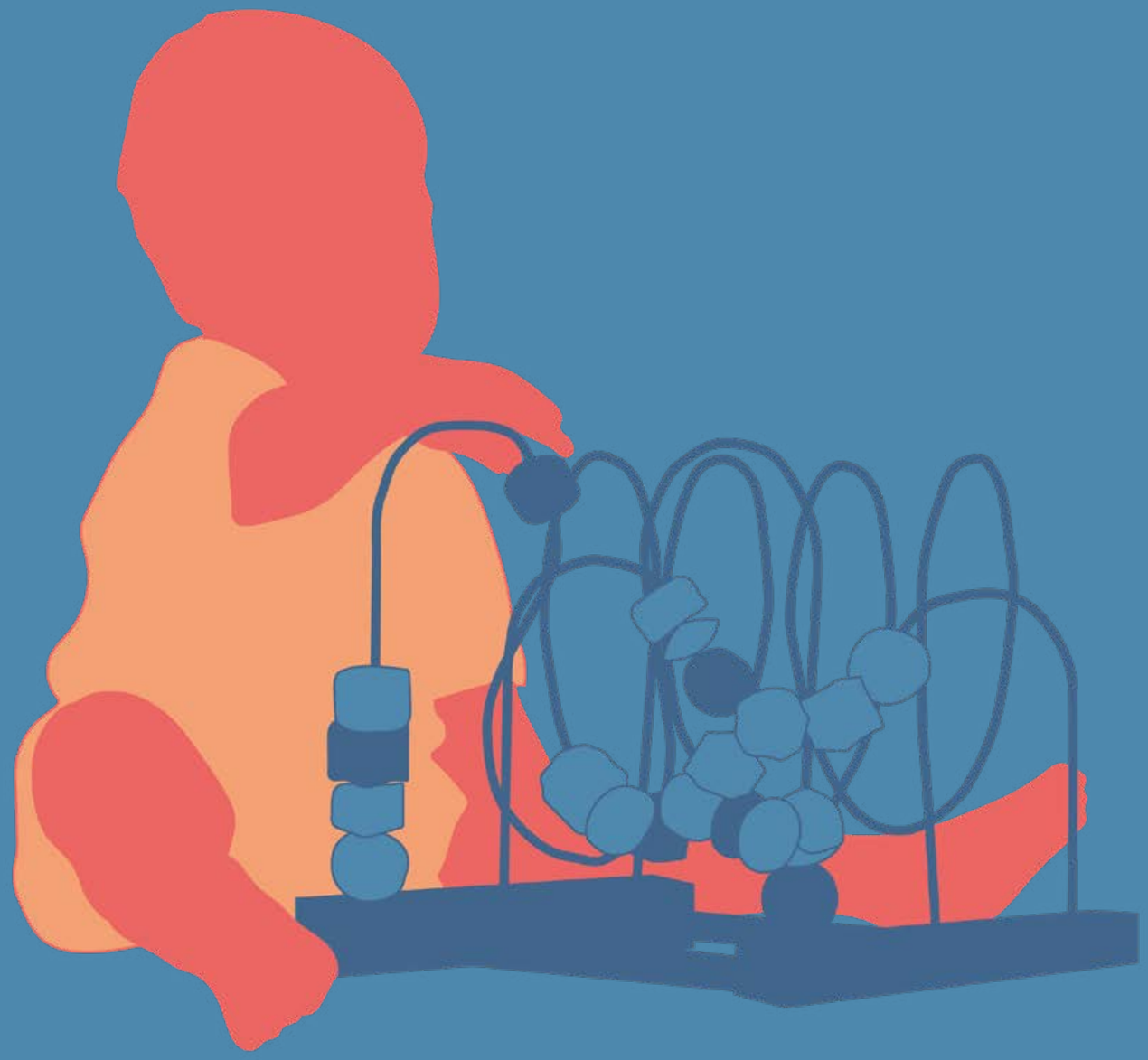
Este desenvolvimento de significados é crucial no entendimento do mecanismo de construção de identidade de lugar. Enric Pol e Sergi Valera (1999), no artigo *Symbolisme de l'espace public et identitée sociale*, corroboram este raciocínio. Para os autores, existem dois tipos de processos de apropriação do espaço: um *a priori* e outro *a posteriori*. A "apropriação a priori" seria majoritariamente proporcionada por ações governamentais que visam direcionar determinado espaço para uma intencionalidade pré definida. Assim, pretende-se estabelecer um espaço significativo que pode ou não ser integrado pela população e tornar-se um elemento simbólico compartilhado. Por "apropriação a posteriori" os autores definem como espaços que foram adquirindo características e se tornando referências no cotidiano ao longo do tempo e do uso. Ou seja, posteriormente à interação e somente a partir dela que foram adquiridos os significados.

Destes conceitos pode-se depreender que os espaços planejados são passíveis de aquisição de significados diferentes daqueles em que foram pensados. E daí o exercício do arquiteto: enquanto projetista e elaborador, deve-se estar consciente que não é a simples idealização da maneira pela qual gostaria que o ambiente fosse apropriado que assim será. O projeto envolve inúmeros elementos subjetivos e humanos que trazem complexidade a este processo, tornando-o não linear e sequencial. É necessário entender os usuários enquanto pessoas complexas articuladas ao contexto para que o exercício de projeto seja mais compreensível e adequado àqueles que vão usufruir do espaço – e menos centrado no projetista em si. É nesse sentido da necessidade de percepção e interpretação do habitante que o arquiteto Jayme Bernardo afirma que ser arquiteto é ser um pouco psicólogo.

É importante também analisar o que as pessoas desejam experienciar em cada espaço. Ou seja, é interessante despertar alguns tipos de sensações em determinados lugares, e estimular outros tipos de vivências em ambientes com finalidades diferentes. A exemplo disso, Tuan (1983) explica que embora sejam agradáveis lugares que provoquem sentimentos vinculados à segurança, estabilidade, lar e outros, existe um movimento pessoal que busca o desconhecido e o incerto. Desta forma, determinados ambientes que instiguem a curiosidade e o inexplorado são saudáveis em outros contextos.

Devido a tantos elementos pessoais e subjetivos – muitos deles, inclusive, ainda desconhecidos – este estudo carrega em si um estímulo e entusiasmo para desvendá-los, ao mesmo tempo em que coabita uma dificuldade em racionalizar e investigá-los. Percorrer sensações e componentes imateriais é um processo que implica certos bloqueios de operacionalização, visto que, normalmente, não são elementos facilmente nomeados e identificados. Assim, o desafio metodológico é explorar este universo de modo a não acessar apenas processos racionais e acadêmicos de investigação, mas também ultrapassando seus limites quando necessário.

Finalmente, a abordagem escolhida para o trabalho foi a compreensão do elemento humano para o qual o arquiteto projeta, além da subjetividade que o espaço implica e dos parâmetros já contidos na formação do projetista. O estudo não focaliza nem no indivíduo nem no ambiente isoladamente, e sim se baseia na reciprocidade entre estes dois elementos, numa relação dinâmica na qual se percebem os efeitos do espaço físico na vida humana. Considerando a formação em Arquitetura, o espaço é a ferramenta de trabalho e de ação, mas tendo em mente que o objetivo final é o impacto nos indivíduos.



A importância da interdisciplinaridade

Um lar pode ser uma expressão arquitetônica? Talvez a ideia de lar não seja uma noção típica da arquitetura, mas da sociologia, da psicologia e da psicanálise. O lar em uma habitação individualizada, e o significado dessa personalização sutil parece estar fora do nosso conceito de arquitetura. A casa é o recipiente, a casca de um lar. É o usuário que abriga a substância da casa, por assim dizer, dentro da estrutura da habitação. O lar é uma expressão da personalidade do habitante e de seus padrões de vida únicos. Consequentemente, a essência do lar está mais próxima da própria vida do que do artefato da casa.

(PALLASMAA, Juhani, Habitar, 2016, p. 16 – tradução livre)

A ideia de lar extrapola a expressão arquitetônica, como afirma Juhani Pallasmaa em seu livro Habitar (2016), e a sua compreensão implica em acolher campos como o da Sociologia, Psicologia e Psicanálise. De maneira análoga, pode-se dizer que alguns outros conceitos que a arquitetura permeia também transpassam várias áreas do conhecimento, como por exemplo, o habitar um espaço.

Para uma compreensão mais ampla do significado do habitar humano num ambiente, é necessário recorrer a estudos complementares. O indivíduo que ocupa um ambiente é um ser complexo, além de estar inserido em uma sociedade, o que torna a apropriação do espaço uma questão social. Dessa maneira, especialmente pela problemática social e pela subjetividade de cada ser enquanto humano, o habitar espaços torna-se uma temática multifacetada. O arquiteto, no papel de profissional essencialmente responsável pela criação e discussão de lugares, encontra-se como um elemento interessado nos estudos de outros campos para que sejam aplicados na própria arquitetura. Seu vínculo social exige uma certa articulação para que sua atividade seja feita de maneira responsável.

O comportamento humano situa-se num locus privilegiado de intersecção entre diversos campos, dentre eles, as formas individuais de reação aos diferentes estímulos espaciais. A relação homem-ambiente possui extensões, e é importante reconhecê-las. Estudar em conjunto cada fator envolvido nessa complexa equação do habitar fornece ao arquiteto ferramentas que permitem a criação de espaços mais saudáveis e que realmente atendam às necessidades humanas.

Parte da problemática diz respeito à própria indefinição em relação à área de estudo dessa relação, com possíveis vertentes em Psicologia, Sociologia, Antropologia, Arquitetura, Urbanismo, Geografia, Psicanálise, entre outras. A Psicologia Ambiental é a que melhor abarca tal interação, com ênfase na relação entre ambiente construído e comportamento. Entretanto, considerável parcela da dificuldade nesta articulação se dá devido à compartimentação intensa da ciência ao buscar especializações nas áreas. A Medicina, por exemplo, estuda as condições de saúde do corpo, enquanto a Sociologia dedica-se à relação entre os indivíduos em sociedade, a Psicologia analisa o comportamento humano individual, e a Arquitetura projeta e investiga o ambiente no qual as pessoas vivem e convivem. Estes campos, assim como inúmeros outros que poderiam ser citados, se complementam em uma mesma problemática de comum interesse. Quando articulados, envolvem faces diferentes de uma temática partilhada por todos, resultando em análises mais ricas.

Os trabalhos interdisciplinares buscam romper com as barreiras limitantes de cada área em prol de uma massa crítica mais ampla que alimente um maior processo investigativo. Resultado disso é o surgimento de novas formas de atuação nas diferentes profissões, além de resultados projetuais que contemplem fundamentos mais abrangentes.

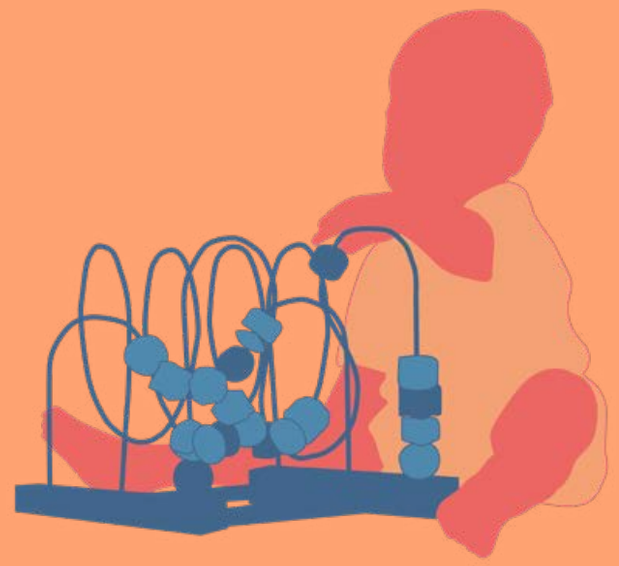
A Psicologia gradualmente alargou sua área de estudos do indivíduo para o social e ambiental. A Arquitetura, por sua vez, deslocou seu foco de aspectos construtivos, funcionais e estéticos para abarcar também a preocupação com a percepção e a satisfação dos usuários no espaço. Nesse sentido, observa-se que as áreas de atuação se aproximaram, contemplando, mesmo que sob perspectivas e formações distintas, campos em comum: a Psicologia também passou a considerar o ambiente, enquanto a Arquitetura, o indivíduo.

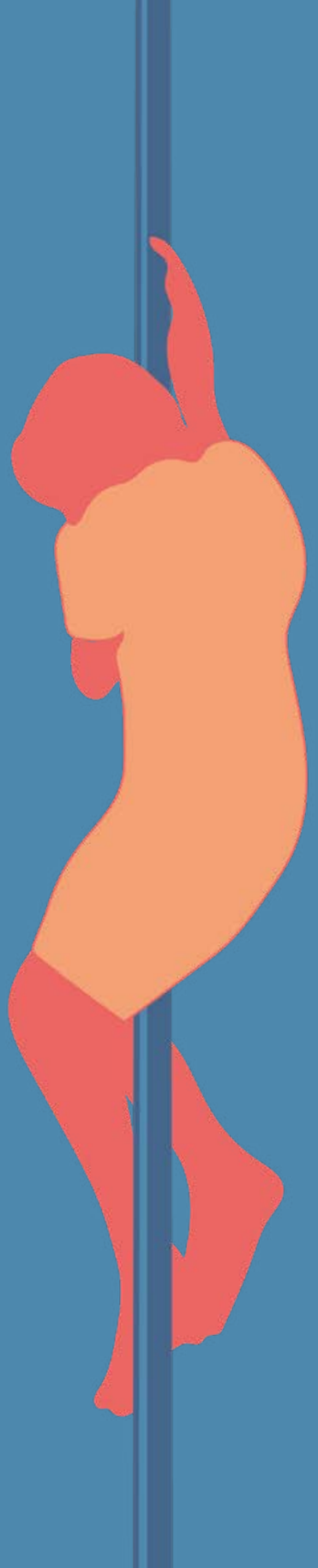
No que diz respeito às formas de comunicação destas áreas, enquanto os arquitetos recorrem majoritariamente à linguagem gráfica fundamental no processo projetual, os psicólogos utilizam, sobretudo, os elementos verbais e a expressão corporal. Uma vez que nenhum destes campos consegue abarcar totalmente a relação ambiente-pessoa, torna-se inevitável a busca por um espaço compartilhado por ambos, com o esforço em decodificar a linguagem do outro campo – no caso deste trabalho, a tentativa é entender e traduzir os elementos verbais, corporais e psicológicos em elementos arquitetônicos.

Nesse sentido, enquanto esfera multidisciplinar, a Psicologia Ambiental centra-se em um objeto de estudo e não em uma área específica do conhecimento, e assim, funciona como o elo de aproximação que enriquece as semelhanças e as diferenças entre conhecimentos psicológicos e arquitetônicos. Possibilita-se, portanto, maior fluxo de saber, soma de conceitos, trocas de metodologias de trabalho e experiências, o que contribui para a potencialização dos estudos.

Sob esta ótica, os edifícios deixam de ser encarados estritamente pelo viés físico e construtivo, passando também a ser estudados enquanto espaços sociais de vivência e de análise comportamental, sujeitos a interpretações e significados. Mais do que conduzir os estudos em laboratórios, a intersecção de conhecimentos permite uma abordagem – muito empregada por cientistas sociais – na qual o mundo tornou-se o local de pesquisa, transformando os lugares de vida diária como palco da investigação.

Dessa forma é importante compreender o papel do arquiteto dentro desta discussão das potencialidades do ambiente. Enquanto entendedor desta base física-espacial, pode colaborar na avaliação do edifício durante o processo de projeto e de sua utilização, de modo a propiciar ou inibir comportamentos.





O papel do arquiteto

"Quando comecei a estudar arquitetura e enquanto jovem arquiteto, pensava que arquitetura era o edifício pura e simplesmente. Aprendi aos poucos que arquitetura é uma mediação entre o mundo e nossas mentes. Então, [boa] arquitetura nos conta alguma coisa sobre o mundo. Conta algo sobre a história, a cultura, como a sociedade funciona e, por fim, nos conta quem somos. E boa arquitetura, ou arte em geral, nos permite viver uma vida mais digna do que poderíamos viver sem ela."

(PALLASMAA, Arte e Arquitetura: Entrevista ao Louisiana Channel, 2018 – tradução livre)

Todos os indivíduos contribuem, consciente ou inconscientemente, na construção de espaços e na transformação destes em lugares. Assim, é importante o conhecimento em relação à influência que os ambientes físicos exercem no cotidiano e no psicológico de cada um. O profissional da arquitetura, em especial, deve ter mais entendimento e lucidez desse assunto devido à sua responsabilidade para com os outros. Dessa forma, o domínio sobre este ferramental de conhecimentos pode ser usado para influenciar a maneira a qual o espaço é experienciado.

Nesse contexto de humanização da construção, o arquiteto é o principal responsável pela compreensão, tradução e concretização das necessidades dos clientes. Cervini (1998) aponta que "O ser humano que edifica a casa precisa de outro ser humano, o arquiteto ou o construtor, que devem tratá-la não como coisa, mas como parte do próprio indivíduo" (CERVINI, 1998, p. 74). Ou seja, o profissional deve despertar seu lado humano para realizar esta função, assim como encarar o futuro morador também como ser humano, em sua ampla concepção. Dessa maneira, além dos conhecimentos técnicos, o arquiteto deve fazer o esforço em considerar a esfera sensível em seu projeto para que o usuário possa criar vínculos de afeto e identificação com aquele ambiente.

Organizar os espaços para o desenvolvimento da vida é uma grande responsabilidade, principalmente ao considerar os impactos que o ambiente físico pode ter no cotidiano dos seus usuários e o quanto ele pode ser determinante na realização de suas tarefas. Além disso, a arquitetura e suas influências permanecem no tempo, o que exige consciência e compromisso em relação ao futuro.

Saber colocar-se no lugar do outro – no caso, no lugar dos usuários – é uma habilidade necessária para que seja feita uma arquitetura social e empática. Juhani Pallasmaa, em seu livro "Habitar", afirma que

> Quando comparamos os projetos da primeira modernidade com os da vanguarda atual podemos perceber imediatamente uma perda de empatia em relação ao habitante. Ao invés de estar motivada pela visão social do arquiteto ou por uma concepção empática da vida, a arquitetura se tornou autorreferencial e autista. (PALLASMAA, 2016, p. 15 – tradução livre).

Essa crítica à postura centralizadora do arquiteto em si mesmo indica um comportamento que pode ser prejudicial. Em seu lugar, uma conduta compreensiva em relação àquele que vai ocupar o espaço, de modo a entender suas necessidades, limitações e individualidade, é uma solução mais adequada e responsável. Deve-se, portanto, realizar um esforço constante em compreender de maneira profunda e complexa o lugar e seus habitantes, para assim estar de posse das informações necessárias para o desenvolvimento de um projeto mais adaptado e pertinente.

A exemplo disso, tem-se o trabalho de Richard Neutra (1892 - 1970), arquiteto austro-americano preocupado com a interação do indivíduo no ambiente. Seus projetos não buscavam a mera organização resolutiva local, e sim explorar a esfera das sensações e dos sentidos. Ele encarava o cliente enquanto organismo humano, e o espaço, por sua vez, como meio ambiente atuante na psique do usuário. “Essa é a intenção de projeto do arquiteto, onde o clima ou mesmo a luz e o som são uma resposta às sensações e prazeres do morador e não apenas uma resposta às questões técnicas”. (RIBEIRO, 2007, p. 161) Dessa forma, entendia que a arquitetura deveria estar relacionada ao corpo e à mente, nomeando esta prática de “biorrealismo”. Lavin (2001) aponta que Neutra utilizava a arquitetura como um instrumento de ação capaz de modificar a dinâmica psico-fisiológica do meio ambiente.

Seu trabalho é elucidativo no sentido de uma arquitetura responsável e humana. Ribeiro afirma que Neutra “considerava que a tarefa do arquiteto é compreender e respeitar todas as funções fisiológicas do homem, e trabalhar com estímulos que atuam em nós promovendo satisfações vitais: auditivas, visuais e térmicas”. (RIBEIRO, 2007, p. 156) Tem-se, assim, uma postura atenta e observadora em relação ao comportamento humano sobre o espaço físico.

A saúde psíquica e do corpo foram muito investigadas por Neutra, além das dimensões psicológicas, fisiológicas e ecológicas da arquitetura.

> Seremos capazes de buscar os princípios da arquitetura na necessidade biológica, nas sensações e percepções que nosso corpo tem, ao invés das limitações ou modificações da técnica construtiva, dos ditames da prática “função” ou do arbitrário cânone da “beleza"? (NEUTRA, 1954).

Dessa maneira, ele indica a necessidade de projetar considerando o espectro sensível e biológico, ultrapassando as barreiras impostas pela técnica e pela “beleza”. Corrobora-se, assim, que o arquiteto deve também abarcar noções imateriais e perceptivas à obra, de modo que seu papel social tenha igualmente responsabilidade em relação aos impactos não visíveis do espaço construído.

Entretanto, não são raros os casos em que a qualidade espacial é colocada como uma pauta secundária e os elementos mais considerados no projeto sejam questões de custos, margem de lucro, viabilidade de modelos de negócios, burocracias etc. Sem dúvida estes pontos devem ser levados em consideração na construção, todavia é papel do arquiteto articulá-los de forma que não atuem como obstáculos nem impactem negativamente no resultado final da obra. A qualidade ambiental deve ser o princípio que norteia as demais decisões projetuais.

As sensações no espaço

"Um cheiro específico nos faz reentrar de modo inconsciente um espaço totalmente esquecido pela memória da retina; as narinas despertam uma imagem esquecida e somos convidados a sonhar acordados. O som faz os olhos se lembrarem."

(PALLASMAA, 2011)

A existência humana é vivida em espaços intermediados por sensações e percepções, as quais estão imbricadas a momentos passados, sentimentos e memórias. Tais experiências, entretanto, não estão contidas somente à esfera mental, mas também à esfera afetiva: comumente estão associadas às situações vividas, e assim, aos espaços nos quais ocorreram. As experimentações físicas do corpo (olfativas, táteis, visuais e auditivas) são fenômenos importantes de projeto, e portanto, qualidades a serem exploradas. Em relação às impressões sensoriais pessoais do espaço, Neutra (1957) relata:

> por mais raro que pareça, minhas primeiras impressões da arquitetura foram principalmente degustativas. Passava a língua pelo carpete [...] Aquelas experiências infantis me deram lições sem palavras para apreciar o espaço, a textura, a luz, a penumbra, a cor dos tapetes, o calor da madeira e o frio da louça que estava em frente a estufa. Posteriormente, as aulas universitárias sobre arquitetura nunca tocavam em tais experiências sensoriais básicas ou na relação delicada que existe entre as estruturas físicas e o comportamento do sistema nervoso. Em vez disso, ouvi falar muito acerca do bom gosto e da beleza (NEUTRA, 1957, p. 44).

Esta passagem revela aspectos comuns de serem vivenciados – especialmente pelas crianças, as quais experimentam os espaços principalmente por meio dos sentidos –, porém, pouco discutidos ou explorados na esfera acadêmica. Faz-se referência aqui à descoberta do ambiente através de seus aspectos de luz e sombra, de texturas, de cores e de temperatura, de modo a explorar as características dos materiais nele presentes. Visto que são experiências usuais e básicas, poderiam ser tratadas com maior atenção e frequência. Mesmo que este tipo de vivência não tenha sido planejada por quem projetou o espaço, deve-se ter a consciência da sua natureza espontânea e fora do controle do projetista, e portanto, considerar a probabilidade de sua ocorrência.

Nesse sentido, Ribeiro afirma que "do ponto de vista psicológico devemos construir também para os poucos e aromáticos momentos, que são os momentos melhores da nossa vida". (RIBEIRO, 2007, p. 158) Com isso, a autora faz referência à necessidade de olhar para os instantes especiais, os quais provocam sensações únicas e atípicas. Ainda que tais momentos não constituam a maior parte dos dias, eles ficam na recordação e merecem ser vistos com cuidado. Uma sensação desta natureza, mesmo que breve, torna-se memória, eterniza-se e ganha relevância. Apesar da complexidade em prever tais experiências sensitivas, cabe ao arquiteto buscar a criação de cenários favoráveis para experimentações e vivências positivas.

Em relação às sensações que surgem de forma espontânea nos ambientes, Lavin (2001) afirma que a casa não é meramente um receptor passivo das tecnologias, mas

um ativo produtor de novos instrumentos da intervenção psico-espacial. Ou seja, eventos espontâneos e não previstos pelo projetista naturalmente ocorrem nela, produzindo efeitos sobre os usuários. E mesmo que não seja possível calcular ou antecipar tais acontecimentos, é importante que saibamos de sua possibilidade de ocorrência e estudar seus efeitos psíquicos, de modo a evitar aqueles com potencial nocivo e estimular os oportunos.

Enquanto "ativo produtor de novos instrumentos", pode-se depreender que não é a simples aplicação de determinada tecnologia ou a utilização de certa solução projetual que o efeito resultante será predeterminado. O contexto, os usuários, a cultura local, as memórias dos habitantes e seus hábitos, além de inúmeros outros fatores subjetivos levam a resultados diferentes, ainda que com a aplicação da mesma técnica construtiva. Os aspectos individuais, psicológicos e espontâneos são de natureza complexa, e daí a dificuldade em prevê-los.

O arquiteto suíço Peter Zumthor projetou espaços que exploram as possíveis experiências corporificadas dos visitantes, e assim trata a apreensão sensorial como condutor de descoberta dos ambientes. Nesta abordagem, o corpo e a experiência são elementos importantes para o entendimento do espaço, sendo estes conceitos empregados na fenomenologia e transpostos para a arquitetura. Sob esta perspectiva, a informação proveniente dos sentidos é considerada fonte inicial de conhecimento, visto que é a primeira impressão que tem-se de um lugar. Assim, este tipo de informação é considerada um vetor que possibilita a compreensão do mundo.

Zumthor possui uma consideração zelosa pelos materiais a serem empregados uma vez que, para ele, é a materialidade que torna possível sensibilizar e significar o espaço. Outro elemento importante que o arquiteto aponta como essencial para a construção dos espaços e para o processo de criação do projeto é a percepção ao ambiente. Ou seja, ele se atenta às imagens que são criadas depois da experiência sensorial no espaço, de modo que elas sejam consideradas mais assertivas que a observação racional. Em relação à isso, Oliveira discorre:

> Na conferência "Das paixões pelas coisas" (1994), Zumthor fala do lugar, percebe e faz críticas aos espaços por meio de descrições de vivências dos lugares, muito mais do que da observação, e se confessa um mau observador. Tal constatação, um tanto contraditória, entre observação e percepção, é uma característica marcante de seu pensamento. Ele aprecia a arquitetura que disponibiliza o espaço, que se deixa habitar, que pressente as necessidades e as satisfaz discretamente. (OLIVEIRA, 2007. p. 269)

Este pensamento de Zumthor está de acordo com as considerações de Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961), filósofo da fenomenologia. Para ele, o papel dos sentidos

na experiência corporificada é "longe de ser uma fonte de imprecisão e erro, a informação sensorial promovida pelo corpo é na realidade nossa fonte primordial de conhecimento: não é uma barreira, mas uma ponte para o mundo" (HALE, 2016, p.13 - tradução livre). Assim, para ambos os autores, a esfera sensível permite adentrar espaços e conhecê-los em profundidade, sendo a percepção e a vivência relacionadas diretamente com a capacidade sensitiva. Além disso, para Merleau-Ponty, a percepção corporal também engloba a cognição motora, o lugar social, a memória e o tempo histórico, tornando-se uma tomada de consciência do corpo por meio do mundo.

Estes elementos também são encarados com cuidado e importância pelo arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa, o qual faz uma advertência em relação ao descuido com o aspecto sensível:

> a desumanidade da arquitetura contemporânea e das cidades pode ser entendida como consequência da negligência do corpo e dos sentidos, além do desequilíbrio do nosso sistema sensorial (PALLASMAA, 2012, p. 21 - tradução livre).

Dessa consideração, é possível depreender o quão prejudiciais e adversas podem ser as consequências do descuido ou descaso com os elementos humanos na arquitetura. O projeto de um espaço no qual não foram estudados os aspectos de impacto sensível nos seus usuários pode resultar em um processo de significação psicológica nocivo. Em contrapartida, portanto, é possível inferir que pode-se devolver a humanidade à arquitetura ao cessar tal negligência corpórea e sensível. Daí a importância da dedicação neste estudo, no esforço de eliminar os elementos negativos do espaço e estimular aqueles que impactem positivamente nos usuários.

A carência da experimentação arquitetônica é um fenômeno abordado por diversos autores, especialmente devido à atual "substituição" da vivência pela fotografia. A captura da imagem do espaço é esclarecedora, além de ser um registro de memória, temporalidade e história de importância imensurável. A fotografia permite a eternização de um ambiente, e também auxilia em sua compreensão e reprodução. Sem dúvidas, é uma arte companheira da arquitetura. A problemática se dá, no entanto, na recusa da vivência in loco e a aparente substituição da vivência pela imagem. A recuperação da experimentação dos corpos e dos sentidos no espaço é necessária, reconhecendo a importância da experiência corporificada. Tal processo é explicado pelo professor da Universidade de Houston, Scott Gartner, quando citado por Oliveira (2017):

> a alienação filosófica do corpo em relação à mente resultou na ausência de experiências corporificadas em quase todas as teorias contemporâneas de relevância na arquitetura. A ênfase demasiada

> na significação e na referência em teoria arquitetônica culminou em uma interpretação do significado como um fenômeno conceitual. A experiência, uma vez relacionada ao entendimento, parece reduzida ao âmbito do registro visual de mensagens codificadas – uma função do olhar que poderia apoiar-se apenas na imagem impressa e dispensar a presença física da arquitetura de uma vez. O corpo, quando aparece na teoria da arquitetura, é frequentemente reduzido a um agregado de necessidades e restrições a serem acomodadas por métodos de design fundados em análises comportamentais e ergonômicas. Nessa estrutura de pensamento, o corpo e sua experiência não participam na constituição e realização de significado arquitetônico". (GARTNER apud OLIVEIRA, 2017, op.cit. p. 30-31).

Referente à tal apropriação da arquitetura cada vez mais pela fotografia e cada vez menos pela experimentação vivencial, Fredric Jameson (2007), em seu livro *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, discorre que o atual "apetite pela arquitetura", traduz, na verdade, um real "apetite pela fotografia". Dessa maneira, percebe-se um movimento em direção ao consumo da arquitetura enquanto produto de imagem, se afastando de seu "valor real" e sensível.

A relação entre fenomenologia, vivência e criação de espaços esbarra, por diversos autores, na noção de atmosfera. Apesar disso, usualmente é pouco abordada no ensino da arquitetura, o qual, em geral, se dedica mais às questões de construção, forma, estrutura e beleza. A atmosfera exerce um papel considerado mais relevante em outros campos artísticos que não a arquitetura, a exemplo da pintura, do cinema, da literatura, do teatro e da música. A justificativa para este fenômeno, segundo Pallasmaa, dá-se devido ao caráter racional e iluminista usualmente atribuído à arquitetura, a qual tende a buscar explicações de cunho claro, objetivo e material. Nesse sentido, a atmosfera seria considerada demasiadamente incerta, romântica ou superficial.

"Pallasmaa considera não só que o estudo das atmosferas abre portas para outras percepções, mas também que estas são mais abrangentes do que a compreensão racional". (OLIVEIRA, 2017, p. 35) Assim, este elemento é de grande importância para uma compreensão mais ampla da temática, além de se posicionar como uma peça chave para tantos outros conceitos. Devido à sua relevância, *Atmosferas* é o nome de um dos livros de Peter Zumthor. Nele, o autor discorre:

> Entro num edifício, vejo um espaço e transmite-se uma atmosfera e numa fração de segundo sinto o que é. A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. Há situações em que não podemos perder tempo a pensar se gostamos ou não de

> alguma coisa, se devemos ou não saltar e fugir. Existe algo em nós que comunica imediatamente conosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata. (ZUMTHOR, p. 12-13)

Dessa maneira, pode-se depreender que a atmosfera é algo que se percebe de maneira rápida, instintiva e emocional, sendo possível sentir o que ela é imediatamente ao adentrar um ambiente. Está relacionada com a dimensão inconsciente e perceptiva, de caráter difuso e impreciso. Além disso, também é possível deduzir que, para apreendê-la, é preciso estar fisicamente no ambiente, e assim, vivenciar corporalmente o espaço para que seja sentida.

Apesar de ser um conceito impreciso, pode-se tentar fazer aproximações a partir de alguns autores:

> atmosfera é a abrangente impressão perceptual, sensorial e emotiva de um espaço, ambiente ou situação social. Ela provê a coerência unificadora e o caráter de um cômodo, espaço, lugar, paisagem ou encontro social. É o 'denominador comum', a 'tonalidade', 'o sentimento' da situação experiencial. Atmosfera é uma 'coisa' mental, um atributo ou característica que está em suspensão entre sujeito e objeto. (PALLASMAA, 2014. In OLIVEIRA, 2017, p. 34)

Dessa maneira, apesar de abrangente, ela é justamente resultado da união coerente de todos os aspectos daquele espaço. A ideia de 'denominador comum' é devido à atmosfera se encontrar justamente entre o sujeito que experiencia e o objeto que está sendo experienciado, participando como um canal de diálogo entre os dois. Assim, constitui justamente na co-presença do sujeito e do objeto. Além disso, também se encontra na posição intermediária entre material e imaterial, constituindo a troca entre as propriedades dos materiais existentes e sua esfera imaterial de projeção subjetiva.

> De maneira resumida, atmosfera constitui um conceito complexo, amplo e impreciso, que diz respeito ao caráter de determinado espaço (arquitetônico, urbano ou natural) ou situação social no qual uma vasta gama de características pode ser projetada (conscientemente ou não) de maneira a causar sensações naquele que por elas transita. Sua dimensão emocional e subjetiva se dá na medida em que o sentimento produzido relaciona-se ao sujeito, suas memórias, seu estado de espírito, sua sensibilidade. (OLIVEIRA, 2017, p. 43)

Um aspecto interessante das atmosferas é que seu efeito no espaço pode ser percebido por todos – mesmo que de maneiras distintas –, independente de suas particularidades e individualidades, além de não requerer nenhum tipo de conhecimento conceitual prévio para a sua compreensão. Nesse sentido, basta

vivenciar corporalmente o espaço para que esteja sob efeito da atmosfera e perceba seu impacto. Este fator é positivo uma vez que permite a aproximação do ambiente com seus usuários.

A configuração de uma atmosfera seria, portanto, algo subjetivo que varia conforme o usuário e o espaço, atuando sobre todos eles. Ela é influenciada pelo estado emocional daquele que a percebe, além de sua história, memórias, vivência prévia e corpo. Esta extrema subjetivação, sem dúvidas, é uma dificuldade para que seja mapeada nos ambientes e racionalizada no projeto. Entretanto, o arquiteto deve considerar sua espontaneidade e individualidade na tentativa de prever as possibilidades de ocorrência nos espaços em que projeta para que busque estimular as sensações e atmosferas desejadas.

> Pallasmaa não nega o caráter pessoal e subjetivo existente na caracterização de uma atmosfera, mas defende que existem, entre todas as percepções e subjetividades, pontos em comum que se repetem e permitem comparação e diálogo apesar da individualidade subjetiva. Acredita que existem características diversas que geram sensações e emoções, sendo as atmosferas universal e intuitivamente percebidas, inconsciente e irracionalmente, de maneira constante. (OLIVEIRA, 2017, p. 34)

Desse modo, uma possível maneira de lidar com a subjetividade das atmosferas no momento de projeto é por meio do estudo comparativo de soluções já adotadas. Ou seja, com a análise dos resultados e impactos dos ambientes nos usuários, pode-se notar sensações e percepções em comum que se repetem, de modo que determinadas características e soluções projetuais resultem em certas percepções, gerem dadas emoções, e assim, torna-se possível a comparação apesar da individualidade.

A exemplo disso, o filósofo alemão Gernot Böhme em seu ensaio *Atmosphäre: Essays zur neuen Ästhetik*, de 1995, discorre sobre o conceito de atmosfera abordando também sua dimensão política e urbana, ou seja, de modo a perceber sua faceta coletiva além da individual já conhecida. Sua perspectiva sobre a temática reforça seu caráter fenomenológico, experiencial e corpóreo, entretanto, extrapola a conceituação restrita ao indivíduo. Dessa forma, o autor se dedica ao caráter urbano e citadino das atmosferas, aplicado ao planejamento das cidades.

Segundo o filósofo, a consideração das atmosferas na escala urbana dá-se, primeiramente, na percepção humana dos ambientes, e assim, seus efeitos cotidianos nos habitantes de modo a ampliar o campo de atuação do planejamento urbano. Consciente das atmosferas nas cidades, é possível estudar e melhorar questões antes ignoradas.

Para ele, as dimensões acústicas, materiais, formais e visuais de uma cidade podem ser derivados de processos culturais, históricos, sociais e de costume da mesma. Deste modo, tais situações sociais e suas espacialidades resultam em uma atmosfera local urbana na qual, mesmo que nesta cidade habitem indivíduos diferentes entre si, existem estes pontos em comum que perpassam todos eles. Nestes aspectos coletivos apoia-se a atmosfera do conjunto, sendo essa análise interessante especialmente aos arquitetos e urbanistas na compreensão da atmosfera coletiva de um espaço a ser projetado.

Böhme diferencia a produção de atmosferas da sua vivência, e assim, elucida como estes conceitos podem ser aplicados em projeto. Ele afirma que o processo de criação pode ser objetivo e produzido de maneira consciente ao estudar e aplicar elementos como cor, temperatura, escala, materialidade, luz, forma, textura, aroma etc. A vivência, por sua vez, dá-se pela experiência e, ao envolver os sentidos e as impressões, possui caráter mais subjetivo e inconsciente.

Em contraponto aos autores anteriores, neste ensaio Böhme se dedica especialmente ao caráter de manipulação presente nas atmosferas. A partir desta análise, pode-se observar o aspecto de poder presente no planejamento de uma atmosfera: uma vez que estas são projetadas para despertar certas sensações, emoções e sentimentos aos usuários, são uma forma de exercício de poder do projetista sobre aqueles que ocupam o espaço. Tal caráter de controle indica a necessidade de maior atenção à temática, dado que a motivação ideológica por trás de seu planejamento é capaz de manobrar cuidadosamente os usuários.

> Atmosferas são experienciadas como efeitos emocionais. Por essa razão, a arte de produzi-las – acima de tudo na música, mas também através de todo o espectro de trabalhos estéticos, desde cenografia até a orquestração de demonstrações de massa, do projeto de shopping centers à arquitetura imponente de edifícios de tribunais – é a todos momentos um exercício de poder. (BÖHME, 2014, In OLIVEIRA, op.cit., p. 40)

A exemplo disso, Böhme discorre sobre os comícios políticos nazistas. É observável a importância da atmosfera em tais eventos de massa para a manipulação de tantas pessoas: os espaços eram dotados de música, imagens de propagandas, multidões, além de serem públicos. Tais elementos – dentre tantos outros – construíam uma ambiência ou um clima de coesão, pertencimento, segurança e nacionalismo. A partir deste caso é possível notar a dimensão social e política que as atmosferas podem alcançar, além da importância de estar atento à manipulação espacial e sensorial as quais elas são capazes.

Pela necessidade de cautela sobre estes elementos e seus efeitos, Oliveira alerta:

> O tipo de arquitetura que não considera a atmosfera como elemento central se isenta desta preocupação no momento de seu projeto, mas jamais de sua realização enquanto espaço onde pessoas viverão e travarão suas relações – estes espaços continuam criando atmosferas, sejam estas de não pertencimento, não acolhimento, solidão, hostilidade, assepsia etc., independentemente de terem sido conscientemente produzidas visando estas determinadas finalidades. (OLIVEIRA, 2017, p. 35-36)

Uma vez que qualquer ambiente apresenta alguma atmosfera, é preferível que ela seja tratada com atenção e que tenha-se consciência de sua essência e seus efeitos do que encará-la com indiferença. Pode-se ignorar sua existência e suas causas de modo a desconsiderá-las no projeto, porém seus impactos atuarão da mesma maneira.

A psicóloga ambiental e designer de interiores Migette Kaup aponta: "As características dos espaços que projetamos são capazes de induzir determinados tipos de comportamento nas pessoas". (KAUP In ARCHDAILY, 2020) Dessa maneira, os elementos ambientais podem induzir ou incentivar os usuários a se portarem de determinada maneira. Nesse sentido, o arquiteto Juhani Pallasmaa se atenta à perigosa oportunidade de criação de uma experiência condicionada: "A natureza dos espaços públicos não é de especificar ações, mas de convidar à ação. Isso deveria também ser aplicado à arquitetura. Arquitetura não deveria especificar emoções, mas convidar emoções". (PALLASMAA, 2013, In OLIVEIRA, 2017, p.43) É de caráter invasivo e, talvez, demasiadamente manipulador a tentativa do projetista em determinar a sensação a ser vivenciada pelo usuário. Uma maneira mais cuidadosa e responsável é apontada pelo autor: o convite para experimentar tal emoção.

Em outras palavras, Oliveira corrobora com este pensamento:

> Do ponto de vista daquele que produz determinada atmosfera, como o arquiteto, por exemplo, a manipulação de características como luz, material, textura, temperatura, odor, ruído, permite que se confira determinado caráter a um certo espaço, não de maneira determinista, mas rica, sugestiva e fértil. Assim, o sujeito que por lá passar pode criar seus próprios significados e vivências a partir dos estímulos colocados pelo espaço, em consonância com as questões experienciais pessoais, imprevisíveis e variáveis. (OLIVEIRA, 2017, p. 43-44)

Os elementos físicos e sensoriais são ferramentas poderosas e impactantes no espaço e, por isso, devem ser utilizados com sensatez e criteriosamente. A influência naqueles que ocupam o espaço pode ser mais intensa e profunda do que calculada

pelo projetista. Daí a necessidade de respeitar o usuário de modo a não impor uma emoção específica de maneira autoritária, e sim sugerir vivências as quais ele próprio terá a liberdade de significá-las.

Mais do que isso, dado que as pessoas inevitavelmente estão sob efeito de atmosferas, é saudável que tenham consciência de seus possíveis impactos para que consigam filtrar os ambientes os quais provoquem vivências positivas para si, e também para que eles próprios saibam de seu papel, enquanto ocupantes do espaço, na contribuição e na melhora da ambiência dos espaços que frequentam.

Por conseguinte, tem-se que o estudo das atmosferas, das sensações e do corpo no espaço é uma abordagem pela qual torna-se possível a constituição de laços – de caráter corporal, imaginativo, sensível e emocional – entre os usuários e os ambientes. A significação dos lugares – especialmente daqueles cotidianos, passíveis de maior envolvimento – impacta de maneira considerável e expressiva na vivência diária dos indivíduos. A arquitetura háptica, assim, deve ser estudada, explorada e aplicada para que resulte positivamente na experiência das pessoas no espaço.

> Nossa cultura de controle e velocidade tem favorecido a arquitetura do olho, com imagens instantâneas e impacto distanciado, enquanto arquitetura háptica e atmosférica promove lentidão e intimidade, apreciada e compreendida gradualmente como imagens do corpo e da pele. A arquitetura do olho distancia e controla, enquanto arquitetura háptica e atmosférica engaja e une. A sensibilidade tátil substitui imagens visuais distantes, através de acentuada materialidade, proximidade, identificação e intimidade. (PALLASMAA, 2014. In OLIVEIRA, 2017, p.36)

Bem-estar

"Embora procure agir sempre sistematicamente nas minhas atividades, estou sentindo em meu trabalho a existência de influências não científicas que escapam à minha análise racional"

(NEUTRA, 1954, p.63)

Uma vez que o espaço desempenha papel fundamental no modo pelo qual as pessoas se relacionam, sentem e vivem, a arquitetura deve capturar o potencial do ambiente a favor dos usuários. O arquiteto, de posse deste conhecimento, possui a responsabilidade de buscar soluções oportunas que proporcionem o bem-estar físico e mental dos indivíduos. A ideia de bem estar, entretanto, não é universal, clara, nem de fácil alcance. Seu conceito pode ser amplo, subjetivo e variável, daí a importância em tentar entendê-lo.

O que é sentir-se bem em um ambiente? É a sensação de conforto? Ou a de segurança? Todos os lugares devem transmitir tranquilidade? O que são espaços de qualidade? Como criar ambiências positivas? Não existe uma única resposta para essas e tantas outras perguntas que atravessam a temática. Além disso, cada uma delas revela uma das facetas existentes nessa complexa questão, de modo que pouco significam se respondidas isoladamente: é justamente sua articulação que provoca o entendimento mais amplo.

Esta análise reafirma a necessidade do esforço no entendimento do usuário e do que ele busca sentir em cada ambiente. As vontades são variáveis de acordo com o perfil dos indivíduos, do papel que aquele espaço desempenha, da função que deve cumprir e da atividade a ser exercida no local. Reflexo disso, as concepções de bem-estar e de qualidade ambiental também se transformam.

Sentir-se bem em um lugar possui uma raiz profunda em questões espaciais para além do espectro visível, envolvendo elementos referentes ao contexto sócio-cultural e pessoal. O bem-estar na arquitetura realmente está relacionado com a saúde, mas também engloba componentes comportamentais, sociais, culturais e psicológicos, que por sua vez devem ser considerados no momento de projeto.

A questão se configura, principalmente, como uma sobreposição de conceitos objetivos – como os de ergonomia e conforto ambiental – e subjetivos – como os de felicidade, prazer e aconchego. O simples cumprimento dos aspectos objetivos de desempenho ambiental – térmico, lumínico, acústico etc. – não necessariamente implica numa qualidade efetiva do projeto. Além disso, o exigido pelas normas técnicas é o mínimo, o que pode não ser o mais adequado em diversos casos nem traduzir as reais necessidades dos usuários. Por outro lado, os elementos subjetivos do espaço são difíceis de serem mensurados e avaliados, de modo que torna complexa a definição de parâmetros e diretrizes. Daí a necessidade de um estudo associado no qual sejam somados os conhecimentos das diversas áreas.

De maneira resumida, portanto, o bem-estar pode ser entendido como o resultado do conjunto de variáveis e de propriedades espaciais as quais impactam de maneira positiva as múltiplas facetas constituintes dos indivíduos – emocional, psicológica e física – que vivenciam determinado espaço. Numa primeira análise, já

é possível depreender que, para que este estado seja alcançado, é necessário retirar do ambiente elementos que promovam risco físico ou à saúde, stress e insegurança.

Em ambientes adversos nos quais estão presentes tais componentes indutores do mal-estar, é comum que seja gerado um estado de sofrimento emocional. Lima e Souza (2015) consideram o

> sofrimento como algo que não é apenas mental e que não pode ser considerado cindido do corpo. O sofrimento emocional é uma experiência vivida. Este termo, experiência, evoca aqui uma compreensão do modo como as pessoas vivem, experimentam o próprio mundo, sendo o espaço fundamental para a constituição das experiências no transcorrer da trajetória de vida. (LIMA; SOUZA, 2015, p. 46)

Deste modo, observa-se que o estado de sofrimento está intimamente relacionado com a maneira pela qual o indivíduo vivencia o espaço. Mais do que isso: as autoras indicam o indispensável papel que o ambiente desempenha para a construção das experiências ao longo de toda a vida, uma vez que ele é o próprio lugar de existência do sujeito.

O sofrimento, portanto, não é apenas uma condição mental, mas sim experimentada ao viver seu próprio mundo e seus próprios espaços. A partir de Rabelo e Alves (1999), Lima e Souza (2015) afirmam que "a emoção brotaria a partir da forma como cada um apreende uma situação em certo contexto" (LIMA; SOUZA, 2015, p. 46). Assim, seria a partir da existência vivida que a emoção – positiva ou negativa – é desencadeada, como um reflexo do mundo e das experiências. Nesse sentido, torna-se importante o cuidado e a atenção em relação aos contextos, visto que estes influenciam diretamente na emoção gerada.

Alain de Botton, em seu livro "A Arquitetura da Felicidade", 2007, faz algumas considerações a respeito dos comportamentos negativos das pessoas em ambientes adversos:

> E como um ambiente assim é desconfortável, há sempre maior risco de que as pessoas reajam a ele de forma abusiva, urinem nos pneus jogados nos canteiros mal cuidados entre os seus edifícios, incendeiem carros, injetem drogas e expressem todos os aspectos sombrios da sua natureza, aspectos contra os quais o cenário não pode protestar. (BOTTON, 2007, p. 244-245)

Dessa forma, espaços precários e desconfortáveis favorecem que os usuários se portem de maneira descuidada e também o tratem assim. Atitudes negativas podem ser, de certa maneira, estimuladas quando o ambiente assim se apresenta.

Moser (1998) identifica a relação existente entre os indivíduos, enfermidades e o espaço:

> Pode-se também ver a relação que o indivíduo tem com o ambiente em que vive, em relação ao surgimento de doenças. O descontentamento do indivíduo com o seu ambiente pode facilitar a emergência de certas doenças, sejam mentais ou físicas. (MOSER, 1998, p. 126)

Dessa maneira, percebe-se que o impacto da má relação com o ambiente pode desencadear em sensações negativas que, a longo prazo, evoluem e facilitam o desenvolvimento de doenças.

Ao contrário dos espaços com elementos indutores de stress, existem aqueles considerados "ambientes de cura", os quais são projetados para terem um impacto positivo na saúde. Mesmo que seja difícil mensurar de fato a influência de um espaço no tratamento de alguma enfermidade, como questionado por alguns autores, a vivência em um ambiente estimulante e agradável gera um efeito psicológico positivo, o qual pode auxiliar na recuperação dos indivíduos.

Sob a perspectiva da saúde, tem-se o exemplo dos *Maggie's Cancer Caring Centres*, ou simplesmente Centros Maggie, cujo o cofundador Charles Jencks, teórico historiador da arquitetura, busca zelar pela fração emocional da enfermidade. Estes Centros são o legado de Margareth Jenks (esposa de Charles) que estava com câncer em estado terminal.

> Era maio de 1993, e a escritora e designer Margaret Keswick Jencks se sentara em um corredor sem janelas de um pequeno hospital escocês, temendo o que estaria por vir. O prognóstico era ruim – seu câncer havia voltado – mas a espera, e a sala de espera, drenavam suas energias. Ao longo dos dois anos seguintes, até sua morte, ela retornou diversas vezes para sessões de quimioterapia. Em espaços tão negligenciados e impensados, escreveu, pacientes como ela eram deixados ao léu para 'murchar' sob o brilho dessecante das luzes fluorescentes. (MEDINA, 2014)

Suas observações e experiências relativas ao espaço durante seu processo de luta contra a doença fez com que chegasse a conclusão de que os ambientes de tratamento de câncer poderiam ser drasticamente melhorados com um projeto arquitetônico de qualidade. Uma vez que o espaço pode desmoralizar os pacientes ao contribuir para o nervosismo, poderia, por outro lado, auxiliar na restauração da saúde dos doentes. Nesse sentido, Charles Jenks fundou os Centros Maggie com a missão de proporcionar atendimento gratuito e global para pacientes com câncer através de uma arquitetura pensada para tal finalidade.

[Fig. 01] Centros Maggie projetado por Frank Gehry em Dundee, Escócia, 2003.

> O sucesso destas obras, comenta Jencks, pode ser atribuído ao 'efeito placebo arquitetônico' - um edifício, embora não seja totalmente capaz de curar uma doença, pode agir como 'uma terapia secundária, uma terapia de retorno'. (MEDINA, 2014).

Jenks afirma que a arquitetura assume riscos, uma vez que se envolve com uma crise existencial real – no caso dos Centros Maggie's, o câncer –, e busca incorporar qualidade de vida e estimular a vontade de viver em seus edifícios. Assim, o tratamento é focado no bem-estar físico, social e mental dos pacientes, de modo a tentar alcançar um conceito de saúde também corroborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS): "Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade". (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006, p. 1 - tradução livre)

Faz parte do ciclo de vida natural do ser humano passar por alguns momentos de ausência de saúde. Nesse sentido, por constituir uma situação frequente e comum em qualquer sociedade, é importante que esses períodos sejam estudados na tentativa de serem o menos desagradáveis possível – mesmo que, por si só, o estado de enfermidade já seja um cenário adverso. Dessa maneira, Janela (2015) aponta o papel da arquitetura neste contexto:

> É nestas circunstâncias que o indivíduo está mais recetivo aos estímulos do ambiente que o envolve e constitui-se, por isso, como um meio fundamental para a sua continuidade. Enquanto uma fase que lhe traz instabilidade, pode provocar nele sentimentos de insegurança, impotência, irritabilidade e, consequentemente, o aumento dos níveis de stress. Neste sentido, procura-se uma arquitetura que interaja com o usuário, aumentando o sentimento de controle que, como se verá, é uma forma de reduzir a ansiedade. (JANELA, 2015, p. 23)

Assim, de modo paralelo à medicina, o espaço que envolve o indivíduo enfermo contribui no seu processo de tratamento quando transmite ao paciente sensações agradáveis e o conforto necessário. A arquitetura busca, assim, promover um contexto de equilíbrio e de interação que impacte positivamente na psique, de modo que auxilie no suporte emocional dos enfermos.

> Parece que a arquitetura vai mais longe, quando procura 'encontrar' a experiência humana através do espaço físico e proporcionar através dele 'equilíbrio emocional'. Deixam de se criar 'objetos' que servem apenas uma função, passando a fazer-se uso dos mesmos como forma de interação com o ser que deles usufrui. (JANELA, 2015 , p. 21)

Estas soluções espaciais não impactam somente o paciente, e sim todos os que ocupam aquele lugar, o que inclui a equipe de atendimento. Uma vez que a equipe médica vivencia e trabalha num espaço mais agradável, consequentemente também consegue prestar um melhor serviço àqueles que precisam.

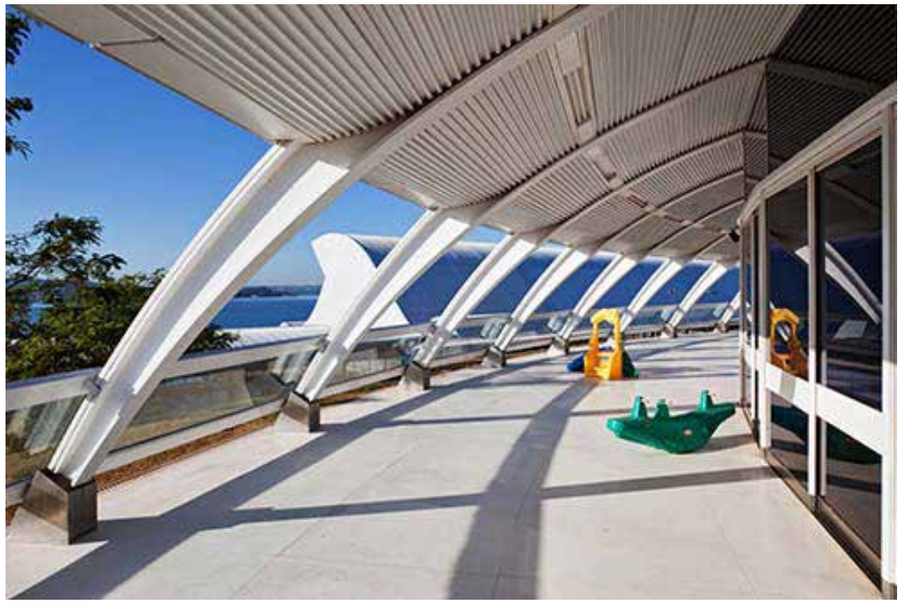
Ribeiro (2007) faz referência a outros projetos que, assim como os Centros Maggie, também colocam a arquitetura em função do bem-estar dos indivíduos e entendem os pacientes como seres que precisam de tratamento não somente físico e médico, mas também de cuidado humano e emocional:

> A arquitetura mexe com o ser humano, oferece elementos que podem nos acalmar, ou até mesmo interferir num determinado tratamento médico. No projeto da clínica "Mariners Medical Arts Center" em Newport Beach (1963), Neutra propõe um espaço para amenizar a sensação de dor. O projeto tem planta aberta, permitindo que pátios permeiem as salas de atendimento aos pacientes; nos consultórios dentários as cadeiras dos pacientes estão voltadas para jardins com grandes aberturas. Psicologicamente os pacientes sentem-se melhor, distraem e podem deixar seu pensamento correr além da imagem do médico e dos aparelhos. Esse conceito de hospital, que reconhece o paciente como uma pessoa que precisa de cuidados não só clínico mas também humano, atualmente é representado pelos hospitais da rede Sarah, projetos do arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé. (RIBEIRO, 2007, p. 160)

[Fig. 02] Mariners Medical Arts, Richard Neutra, 1963.

Observa-se, assim, que os Centros Maggie, a clínica Mariners Medical Arts Center e a os hospitais da rede Sarah funcionam como alguns exemplos de arquitetura com profundo compromisso para com os seus usuários. Ao remover a alienação entre paciente e ambiente, estes projetos mostram que isso é uma tarefa arquitetônica. O trabalho de projetar hospitais é muitas vezes encarado de forma simplista como uma aplicação de normas técnicas ao espaço e, nesse sentido, estes exemplos são notáveis na busca de soluções humanizadas e interdisciplinares de alta qualidade.

Por fim, destaca-se que esta não é uma abordagem determinista do espaço, como se o ambiente tivesse o poder de decidir as ações dos usuários. Percebe-se, entretanto, a forte relação entre estados psicológicos e os comportamentos dos indivíduos com a forma pela qual o espaço ao redor foi concebido. A arquitetura convida à experimentação de certas sensações, e este convite, por sua vez, pode ser aceito ou não.



[Fig. 03] Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek Lago Norte, Lelé. Brasília/DF, 2003.

> A arquitetura pode muito bem trazer mensagens morais; só não tem poder de impô-las. Ela sugere, em vez de ditar leis. Ela nos convida, e não ordena, a seguir o seu exemplo e não é capaz de impedir a violência contra si mesma. Deveríamos ter a gentileza de não culpar as edificações pelo nosso próprio fracasso em honrar o conselho que elas apenas sutilmente proferem. (BOTTON, 2007, p. 20)

Não é possível que o ambiente, sozinho, proporcione bem-estar, felicidade ou cura à determinada pessoa. Entretanto, aliado a outros fatores, o espaço destaca-se como um elemento que exerce grande influência emocional, psicológica e física àqueles que o ocupam. Dessa forma, deve ser concebido de forma articulada e levando em consideração sua responsabilidade enquanto "terapeuta secundário", como comentou Jencks.

A biofilia

"Considera-se que o ser é sempre ser-em-mundo, não podendo ser descolado desse".

(LIMA; SOUZA, 2015)

A Biofilia é um estudo que converge para o mesmo objetivo de proporcionar uma maior sensação de bem-estar para o usuário por meio de espaços mais humanizados na arquitetura e no design de interiores. O termo une as palavras gregas *"bios"*, vida, e *"philia"*, amor. A biofilia, assim, seria o amor pela vida, que se traduz pelo amor à natureza. O conceito é aplicado na arquitetura em soluções de projeto que tentam reconectar o homem ao espaço natural. Entende-se que a aproximação com elementos da natureza resgata as origens do ser humano, de modo a proporcionar a sensação de bem-estar.

O termo ficou conhecido a partir de Edward Wilson, em 1984, com a publicação de um livro com o mesmo nome. Em seu texto, Wilson descreve a ligação emocional que os seres humanos possuem com outros organismos vivos e com a natureza. Segundo ele, esta conexão está presente em nossos genes e inscrita em nossos próprios cérebros, resultante de milhares de anos de evolução. Isso explicaria o instintivo afeto pela natureza sentido pelos indivíduos, assim como a sensação de bem-estar quando próximos aos elementos naturais, e também a procura – mesmo que inconsciente – dessas conexões ao longo da vida.

Em tempos antigos, o homem mantinha íntimo contato com a natureza, a qual fazia parte de sua vida cotidiana. Hoje em dia, passa-se a maior parte do tempo em ambientes internos e, nesse sentido, ocorre a desconexão com o exterior e com os elementos naturais – esta conexão que, por sua vez, é inata e instintiva. Devido à dinâmica contemporânea, este modo de vida com a natureza mais presente no dia-a-dia tornou-se incompatível, e assim, a criação da biofilia surge como resposta na tentativa de suprir tal necessidade.

O design biofílico apresenta-se, portanto, como uma forma de aproveitar os benefícios do contato com o meio ambiente e trazê-los para os espaços cotidianos contemporâneos. Esta maneira de projetar ambientes construídos visa o aumento da saúde física e mental, e consequentemente, a melhora do desempenho nas atividades do dia-a-dia e a qualidade de vida.

Heerwagen, Loftness e Painter (2012) explicam em seu texto *The Economics of Biophilia* que o conceito de biofilia é de simples entendimento, entretanto, deve-se compreender suas bases fisiológicas e neurológicas, assim como seus impactos no meio ambiente para que, então, seja possível mensurar seu real valor. As autoras discorrem sobre os canais neurais e o sistema nervoso autônomo do corpo humano: os sistemas simpático e o parassimpático.

O primeiro atua de maneira a estimular o organismo quando a função cognitiva for necessária – aumentando, assim, a pressão arterial, a frequência cardíaca e a liberação de adrenalina –, enquanto o segundo age no relaxamento do corpo, e é utilizado para processos internos – como por exemplo, na realização da digestão.

Ou seja, o sistema simpático prepara o corpo para enfrentar situações de estresse ou de emergência, e o parassimpático faz com que o organismo retorne ao estado emocional de calma e de estabilidade após alguma situação de risco. Assim:

> Em ambientes caóticos e perturbadores, o sistema simpático está altamente engajado em uma mentalidade de "lutar ou fugir". Ao mesmo tempo, o sistema parassimpático é suprimido, interrompendo nosso equilíbrio natural e resultando em drenagem de energia e fadiga mental. Essa combinação induz estresse, frustração, irritabilidade e distração. Em contraste, a interação humana com a natureza fornece um aumento na atividade parassimpática, resultando em melhor função corporal e redução atividade simpática. O resultado é a diminuição do estresse e irritabilidade, e o aumento da capacidade de concentração. (HEERWAGEN; LOFTNESS; PAINTER, 2012, p. 5 - tradução livre)

Dessa maneira, as autoras explicam sob a perspectiva biológica os impactos de ambientes caóticos e de ambientes naturais sobre o sistema nervoso humano, de modo que o primeiro induz à situações de stress, e o segundo, melhora a habilidade de concentração. Indica-se, portanto, que a sensação de bem-estar pode ser estimulada quando aplicados elementos da natureza nos ambientes.

As autoras também apontam no texto que os espaços projetados de acordo com o design biofílico atraem mais pessoas, são mais valorizados e despertam o desejo de permanência. Consequência do público maior, estes ambientes possuem um alto valor de mercado, e assim, despertam maior interesse por parte dos consumidores. Numa escala urbana, nota-se que os espaços verdes da cidade recebem mais atenção dos moradores, além de serem pontos de maior interação entre as pessoas, desenvolvendo o processo de socialização. Percebe-se, também, que os laços de pertencimento e de lugar são mais consolidados nessas regiões.

Portanto, avaliar a interpretação biológica do sistema nervoso aos estímulos espaciais é importante para a compreensão das respostas humanas involuntárias aos elementos ambientais. Nesse sentido, o contato com a natureza destaca-se como um componente pelo qual o usuário, em geral, reage de forma positiva e que o proporciona sensações de bem-estar e tranquilidade. Ao mapear os estímulos do espaço e suas interpretações biológicas, além de ser possível prever certas reações, também pode-se propor aqueles de acordo com a finalidade de determinado espaço e inibir os que não estariam de acordo com a atmosfera que pretende-se proporcionar.

O habitar

"Para mim qualquer tipo de arquitetura, seja qual for a sua função, é uma casa. Somente projeto casas, não arquitetura"

(SHU apud PALLASMAA, 2016, op.cit. p. 7 – tradução livre)

Wang Shu, ganhador do prêmio Pritzker no ano de 2012, proferiu estas frases as quais Juhani Pallasmaa afirma estar de acordo – é, inclusive, com tais palavras que Pallasmaa inicia o prólogo de seu livro Habitar. Juhani continua:

> A casa é um cenário concreto, íntimo e único da vida de cada um, enquanto uma noção mais ampla de arquitetura implica generalização, distância e abstração. O ato de habitar revela as origens ontológicas da arquitetura e, portanto, afeta as dimensões primordiais da vida no tempo e no espaço, enquanto converte o espaço insubstancial em espaço pessoal, em lugar e, em última instância, no domicílio próprio. O ato de habitar é o meio fundamental de se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão: por um lado, o habitante se situa no espaço e o espaço se situa na consciência do habitante, e, por outro, este lugar se converte em uma extensão do seu ser, tanto do ponto de vista mental como físico. (PALLASMAA, 2016, p. 7-8 - tradução livre)

Desse modo, tem-se que habitar um espaço é uma condição essencial à existência humana, e implica justamente numa relação básica e indispensável com o mundo. Esta ação é pessoal e única, de forma que a maneira pela qual cada ser habita revela inúmeras características que o definem, como por exemplo, sua psique, a cultura na qual está inserido, o momento histórico, sua trajetória pessoal de vida etc. Assim, visto que essa experiência é fundamental, a responsabilidade do arquiteto – enquanto profissional que estuda e projeta lugares – é de estabelecer as melhores condições para tal.

A casa se destaca como um cenário de especial intimidade, acolhimento e identificação do habitante com o espaço. Nesse sentido, para que os ambientes despertem as mesmas sensações positivas que o lar transmite, Wang Shu sugere que todos os espaços sejam encarados como casas. Ao afirmar que ele não projeta arquitetura, o autor se refere à "arquitetura" enquanto "generalização, distância e abstração", que são conceitos opostos ao que se entenderia por ambiente doméstico. Dessa maneira, ele busca combater a produção de espaços genéricos e desconexos.

Esta abordagem é elucidativa em relação à função da arquitetura e a sua importância. Todos os espaços podem – e devem – ser encarados como casas, de modo que o arquiteto projete por uma ótica mais sensível e próxima. Sob a perspectiva dos usuários do espaço, por sua vez, encará-lo como lar estimula um maior respeito, envolvimento e cuidado pelo ambiente. Dessa maneira, dado que todos os espaços são casas, é interessante compreender qual o papel deste elemento na vida das pessoas e o que constitui o habitar.

A psicanálise winnicottiana e a arquitetura possuem aproximações: ambas tratam do *habitat*, e assim, a abordagem psicanalítica contribui para o entendimento

de algumas dimensões profundas da arquitetura. Winnicott compreende a constituição da psique humana de maneira inseparável da provisão ambiental que o indivíduo recebeu ao longo da vida, e assim, ele indica que o ser humano não pode existir sem um *habitat*. Nesse sentido, percebe-se que a arquitetura pode modificar a existência humana uma vez que, segundo Cervini , ela "é a única das artes realmente capaz de abrigar, ou seja, capaz de constituir-se concretamente num ambiente pela sua capacidade essencial de envolvimento". (CERVINI, 1998, p. 01) O potencial da arquitetura em prover abrigo torna-a uma peça central no processo do habitar.

Ainda sob a perspectiva winnicottiana ao analisar o processo de constituição do ser humano no espaço, tem-se que o ambiente do bebê é a própria mãe – assim chamado de mãe-ambiente. É o útero da mãe que constitui o primeiro *habitat* de todos os seres. Da mesma maneira, quando Freud afirma, em 1919, que o amor é a nostalgia do lar, ele refere-se a este lar primário, ou seja, à própria mãe.

Winnicott explica o processo de integração ambiental do ser e a apresentação deste ao mundo como fenômenos básicos de uma maternidade suficiente. O desenvolvimento do self do bebê de maneira paralela à sua instalação espacial é apresentado por meio dos conceitos de *Holding* e *Handling*. Cervini explica:

> É a mãe quem dá o primeiro habitat, constituído pelos cuidados maternos *holding* e *handling*. *Holding* é sustentar, dar braços, ter nos braços, segurar para o bebê não se sentir fragmentar-se. Este segurar o bebê incluiria amparar a cabeça e os pés com os braços, sustentando o corpo e envolvendo-o para que nada sobre. É também dar um solo e abrigo. A casa deve abrigar, deve ser antes de tudo presente; num nível mais primário deve dar a sensação de proteção para ser confiável, contra o frio ou calor demasiado, estruturalmente segura, impermeável. O *holding* permite a integração espaço-temporal. *Handling* seria a preocupação materna com o corpo do bebê, com a higiene, a alimentação, o vestuário. Se fizermos uma transposição para a arquitetura, o *handling* se traduziria pela temperatura, luminosidade, textura dos materiais que envolvem o indivíduo num espaço, formando uma atmosfera ou um ambiente. Também o abastecimento e infraestrutura que garantem a habitabilidade. O *handling* permite a personalização ou a instalação do ego como parte do corpo. (CERVINI, 1998, p. 71-72)

Estes primeiros cuidados maternos básicos são essenciais para iniciar o processo de habitar. A adaptação suficientemente boa da mãe às necessidades do bebê favorece que este se adapte ao mundo externo e se compreenda enquanto pessoa. Uma vez que a mãe é, primeiramente, o próprio ambiente, os cuidados e

a segurança que ela passa à criança são os que, consequentemente, o bebê sente em relação ao espaço e ao mundo. Dessa maneira, a proteção materna se confunde com a instalação bem sucedida no ambiente, assim como a confiança que a mãe transmite também implica na confiabilidade no lugar. Estes conceitos são, portanto, de dimensão física e psicológica.

Além disso, os cuidados que o adulto tem pela criança são os que, posteriormente, ela buscará no ambiente doméstico. Ou seja, as sensações de proteção, confiança, higiene, conforto térmico etc. – inicialmente proporcionados pela mãe – serão os elementos os quais o indivíduo tentará encontrar em suas casas, uma vez que cresceu em um ambiente assim. Dessa maneira, é articulada a constante busca por lugares que supram essas necessidades e promovam tais percepções. A casa deverá, portanto, promover o *holding* enquanto sustentação física e psicológica do ser, proporcionando segurança e amparo; e o *handling* como promoção das condições de higiene, além de favorecer a personalização do self.

Em relação às experiências primeiras e ao abrigo inicial, Cordeiro (2015) afirma:

> Desde que nascemos somos jogados para fora de nossa casa primeira – o útero materno – para um mundo estranho, desconhecido e hostil (LEITÃO, 2009). Todos os dias que se seguem daí em diante serão de busca desse abrigo inicial; uma tentativa de retornar a esse espaço de conforto e segurança. (CORDEIRO, 2015, p. 12)

Dessa maneira, tem-se que o nascimento é a expulsão do bebê do útero materno, ou seja, o abandono do seu primeiro ambiente – quente, úmido, aconchegante, íntimo e resguardado – para habitar um mundo até então desconhecido. Este momento constitui um primeiro trauma e, a partir dele, inicia-se uma busca constante ao longo de toda a vida na tentativa de retornar para este lar primeiro. Uma vez que é impossível o regresso, o indivíduo procura reproduzir em suas casas a mesma ambiência e sensação familiar de segurança e conforto que possuía dentro de sua genitora. A fusão mãe-filho não se limita à dimensão espacial, trata-se, também, da experiência de um lugar. São estas características, portanto, as pretendidas em uma casa.

Em *A poética do espaço*, Bachelard (1957) analisa fenomenologicamente a casa, considerando-a um elemento privilegiado na constituição da subjetividade humana. A respeito disso, Parente (2009) discorre:

> As primeiras experiências na casa ficam concentradas em imagens mnemônicas, que se tornam os pilares da estrutura psíquica. Só com essa sustentação imagética, advinda da experiência vivida em relação aos diferentes elementos da casa, o homem pode tanto se dispersar

> por espaços mais abrangentes como imergir em detalhes de lugares minúsculos. É por meio do estudo da casa que Bachelard procurará demonstrar que a imaginação – e não os fatos – aumenta os valores da realidade. Na filosofia de Bachelard, devaneios que tenham como tema o terreno espacial da casa mostram que subjetividade e objetividade estão necessariamente imbricadas. (PARENTE, 2009, p. 78)

Percebe-se, assim, que a análise parte do universo infantil mas o extrapola, utilizando-o como base necessária para a compreensão dos demais fenômenos de continuidade do ser. Especialmente na dimensão imagética, as experiências infantis são grandes motivadoras. Estes primeiros momentos de vida e o contato estabelecido com o ambiente terão influência na constituição do self do indivíduo e em suas futuras relações.

Cervini afirma: "O ser humano não pode existir sem um habitat, como aponta Winnicott, e as psicopatologias profundas, caracterizadas pelas angústias impensadas, seriam decorrentes de falhas no processo de instalação do indivíduo no mundo". (CERVINI, 1998, p. 01) Dessa maneira, verifica-se a importância futura desta fase de adaptação do bebê no ambiente, além dos impactos negativos acarretados pela falha neste processo. Os cuidados e o ambiente primeiros são essenciais como base para as experiências futuras, constituindo uma bagagem inegável. Deslizes e brechas neste momento produzem consequências psicologicamente profundas, e daí a necessidade de atenção.

> A mãe introduz ou inicia o indivíduo nas relações objetais, apresenta o bebê ao mundo. [...] É nesta confiança no ambiente que o bebê adquire confiança em si mesmo e constrói um self verdadeiro pela experiência de si mesmo como experiência de onipotência. A mãe, assim fazendo, apresenta o mundo ao bebê. Ao final do processo há uma separação entre aquilo que é o bebê, o si mesmo e o mundo como território dos símbolos. (CERVINI, 1998, p. 72)

Tem-se aqui um exemplo de relações iniciadas na infância com consequências futuras. A confiança que o bebê sente em relação ao ambiente pode ser construído na junção de diversos elementos, como a provisão de suas necessidades básicas e fisiológicas de sobrevivência, as condições de higiene e conforto adequados, o estabelecimento de uma rotina – e assim, a previsibilidade do ambiente –, além do toque e da sustentação promovidos pelo adulto, dentre tantos outros fatores. Esta combinação concebe uma ambiência favorável à confiança no ambiente, e consequentemente, à confiança na experiência de si mesmo, preparando o indivíduo para a futura e inevitável separação da mãe.

> [...] preocupações excessivas com a provisão ambiental, da qual o espaço constitui-se um dos aspectos, pode denunciar que o ambiente

> não foi incorporado pelo bebê em seus primeiros dias. O ambiente confiável produz uma sensação de segurança no bebê, de modo que ele nem o perceberia. O ambiente favorável é um fundo esquecido. Esta experiência poderia encontrar, na arte, um equivalente naquilo que Walter Benjamin chamou de 'percepção desatenta'. (CERVINI, 1998, p. 72)

Nesse sentido, a autora aponta que a capacidade de maturação do indivíduo no ambiente é, principalmente, de responsabilidade do espaço e do adulto. Para que o processo seja feito de maneira adequada, o bebê não deve perceber o que está ocorrendo. Esta falta de percepção no espaço por parte da criança indica que o ambiente não está incomodando-a: pelo contrário, está deixando-a à vontade e confortável, transmitindo confiança. O arquiteto, portanto, deve criar tal espaço emancipatório e adaptado para o desenvolvimento emocional do indivíduo.

> O retorno às origens é uma constante do desenvolvimento do homem e, nessa questão, a arquitetura se adapta a todas as demais atividades humanas. A cabana primitiva – o lar do primeiro homem – não é, pois uma preocupação incidental dos teóricos, nem tampouco um elemento fortuito de mitos ou de rituais. (RYKWERT, 2009, p. 218, apud CORDEIRO, 2015, p. 33).

Joseph Rykwert afirma que este desejo interno de busca pela casa primeira, na verdade, não se reduz à uma casa física: uma vez que não possui uma existência concreta, não será encontrada. Entretanto, a procura permanece em função de uma casa imaginária e ideal. Assim, ultrapassa-se o limite da dimensão simbólica da arquitetura, de modo que a busca não é em função de um abrigo verdadeiro, e sim por um espaço de desejo.

Segundo Heidegger, o habitar é a "maneira como os homens fazem seu caminho, desde o nascimento até a morte, sobre a Terra, sob o céu". (HEIDEGGER, 1982, p. 240, apud CORDEIRO, 2015, p. 12) Dessa maneira, o habitar constitui uma vasta experiência que soma diversos elementos e vivências ao longo de toda a vida. Um destes componentes, além do processo de instalação no mundo, consiste na cultura a qual o indivíduo está inserido.

No sentido da concretização do habitar no espaço, Araújo destaca:

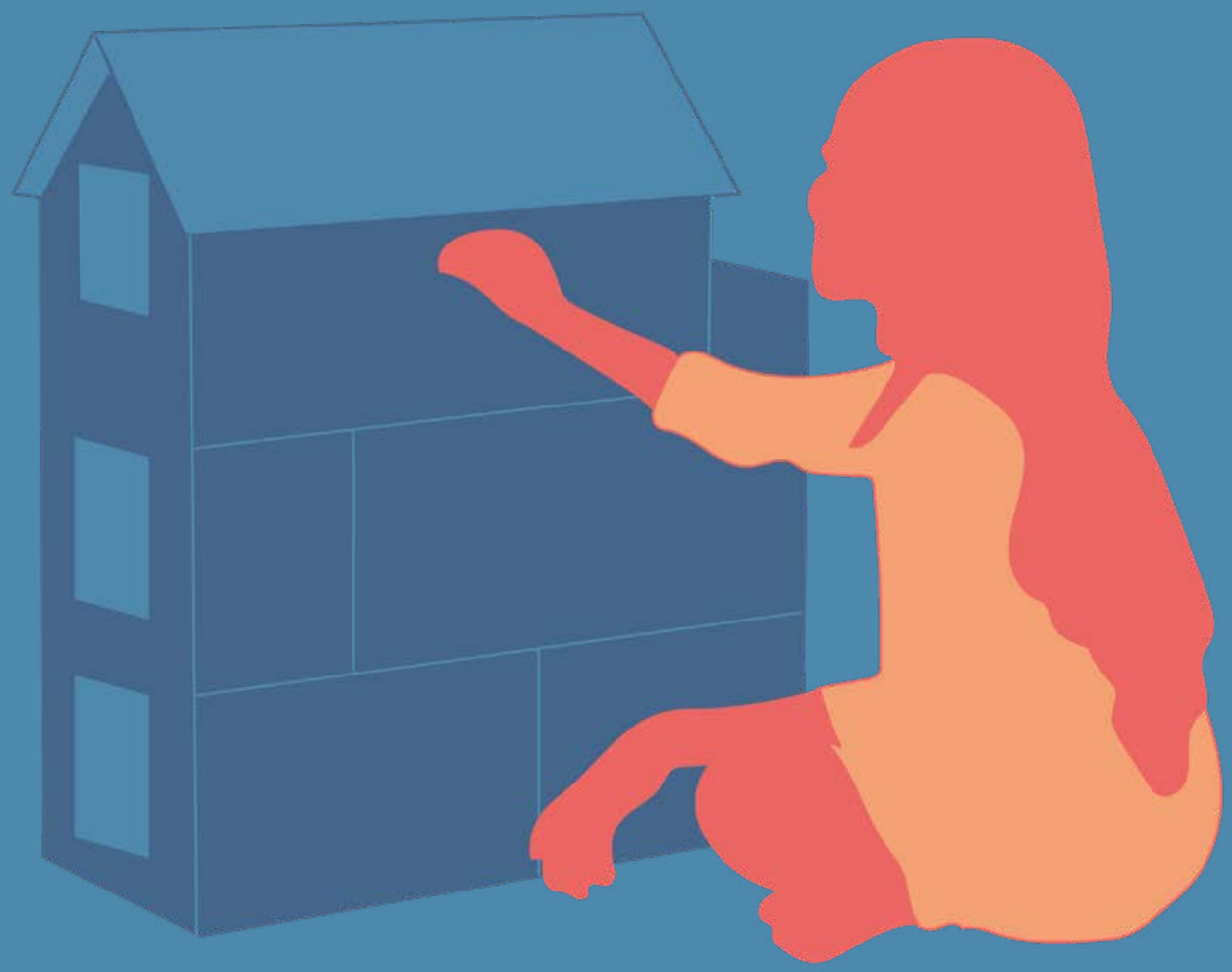
> habitar é, como vários outros costumes, uma criação cultural, que espelha os valores de uma determinada época ou sociedade. A própria história da civilização ocidental demonstra outras possibilidades de habitar, assim como podemos perceber grandes diferenças nas organizações de outras culturas. (ARAÚJO; CAMPOMORI, 2018, p. 03)

Neste trecho, os autores referem-se à organização espacial do habitar e como é traduzido de maneiras distintas de acordo com a época, com a cultura e com a sociedade. De modo a exemplificar seu pensamento, ele destaca três casos: o modelo burguês do final do século XIX, as habitações da Idade Média e a tribo indígena dos Yanomami.

No primeiro exemplo, o modelo burguês adotado na Europa é o que está presente na maior parte dos projetos residenciais brasileiros até hoje, que consiste na organização dos cômodos em setores íntimos, sociais e de serviços. No segundo exemplo, por sua vez, as casas da Idade Média não possuíam divisão de cômodos, e assim, o mesmo ambiente era palco das mais diversas atividades, além de ser habitado por um grande número de pessoas: o núcleo familiar, outros parentes, os serviçais e aprendizes. Finalmente, o último exemplo aponta para a habitação em xaponos, que são grandes estruturas circulares voltadas para um espaço central comum, nas quais cada parcela desta organização é destinada à uma família.

Dessa maneira, percebe-se que a concretização do habitar no espaço espelha diversos hábitos e ideologias dos habitantes. O ato de habitar, muito mais que a simples resolução de espaços, traduz a identidade tanto da comunidade como dos seres individuais, e daí a grande diversidade de suas formas. Habitar ou instalar-se no mundo constitui um assunto de existência, para muito além da sobrevivência.

> Além das questões práticas da moradia, o próprio ato de habitar é um ato simbólico e, imperceptivelmente, organiza todo o mundo para o habitante. Além de nossas necessidades físicas e corporais, também devem ser organizadas e habitadas as nossas mentes, memórias, sonhos e desejos. Habitar faz parte da própria essência do nosso ser e da nossa identidade. (PALLASMAA, 2016, p. 8 – tradução livre)



A casa

"O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão (...)."

(PALLASMAA, 2017)

É notável que, ao analisar a casa, trata-se de um elemento essencialmente subjetivo. Ela é peça central na discussão do habitar visto que, como afirmado por Wang Shu anteriormente, extrapola a ideia da habitação e sua essência pode se fazer presente em qualquer ambiente.

> Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa. O ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através dos pensamentos e dos sonhos. Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz (BACHELARD, 1984, p. 200, apud CHINEM, 2018, p. 46)

Nesse sentido, encara-se aqui a casa em sua essência e para além de seu aspecto físico. Vislumbra-se, também, sua perspectiva sensível e imaginária. Ela é parte formadora do ser e de sua constituição enquanto sujeito no mundo. "A moradia é para o ser humano algo tão necessário quanto o alimento ou o ar que respira. Diz-se isso não apenas em termos de sobrevivência, mas em termos de constituição do indivíduo. A casa é o seu refúgio e também seu lugar de reconhecimento". (CORDEIRO, 2015, p. 12)

A casa surge como um refúgio físico e emocional, de modo a constituir um espaço de grande intimidade. Talvez o único espaço mais íntimo que a própria casa seja o próprio corpo. Representa, portanto, um abrigo não apenas material mas também para a psique, funcionando como uma extensão afetiva do indivíduo e da família que a habita. A relação do sujeito com sua moradia é um dos elementos constitutivos do processo formador da sua identidade, e assim, constitui-se um campo multidisciplinar interessante tanto para o estudo do espaço como para o entendimento do ser.

Dessa maneira, é importante compreender aspectos basilares da casa para a constituição do indivíduo e, consequentemente, da sociedade e da cidade. Afinal, além dos espaços públicos, a cidade é formada por inúmeros ambientes privados e íntimos, e ignorá-los seria desconsiderar parte importante do todo. Nesse sentido, adentrar esta individualidade permite a percepção do conjunto – ou, pelo menos, de seus componentes.

Ao refletir sobre a casa, percebe-se que seus discursos são carregados de significados e que a sua ideia está, em grande parte, presente no campo do imaginário. O indivíduo, ao habitá-la, adentra este universo subjetivo que passa a participar de sua constituição enquanto ser. A imagem da casa carrega consigo as experiências vividas, as histórias privadas, os sujeitos que experienciaram aquele lugar e as relações que ali se estabeleceram.

"Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem". (BACHELARD, 1984, p. 200, apud CHINEM, 2018, p. 47) Dessa maneira, tem-se que essa moradia ultrapassa a sua existência concreta, passando a existir como um espaço afetivo, de memória e de desejo. Para compreender esta dimensão simbólica, é necessário desterritorializar o conceito de casa.

> Desterritorializa, forçosamente, a presença da casa. Isto se constitui num problema psicanalítico, uma vez que nem todos os indivíduos atingiram a maturidade emocional que permite dispensar a dependência do ambiente real e suportar sozinho sua ausência, à medida que, prematuramente, se percebe que a casa não passa de uma ilusão. (CERVINI, 1998, p. 74)

A maturidade emocional a qual a autora se refere é aquela alcançada quando o processo de instalação no mundo é bem sucedido, conforme abordado anteriormente. Dessa maneira, ela trata a impossibilidade de constituição de lugares permanentes na metrópole e que, a ideia da casa é uma ilusão.

Ela continua:

> A imagem da casa pode ser, para um adulto maduro, a necessária ilusão de se ser real, uma vez que no estágio de tenra infância, existiu uma identificação entre si mesmo e a mãe-ambiente como objeto-subjetivo. Nos indivíduos que se sentem angustiados, quando a materialidade ou realidade do ambiente é abalada, percebo um nível de imaturidade referente ao estágio pouco anterior ao início das relações objetais; dificuldade com a personalização revelam falhas ambientais no cuidado corpóreo com o bebê. (CERVINI, 1998, p. 75)

Assim, aquela busca em função do retorno à casa primária é, na verdade, ilusória, de modo que a procura é dada em torno dos símbolos e de seu imaginário. Cria-se, portanto, a ideia do espaço de desejo, que ultrapassa o conceito do espaço físico.

Cordeiro explica que, ao longo da vida, cria-se a ideia de três casas distintas que se projetam como representações do espaço real: a *casa-memória*, a *casa-identidade* e a *casa-promessa*.

> Pudemos perceber que uma primeira ideia de casa é aquela associada à herança. Uma *casa-memória* onde encontramos os traços de uma afetividade intensa e geralmente associada à infância. Uma segunda projeção da casa é a *casa-identidade* que se projeta no tempo presente. Ela é o espaço de pertencimento e de segurança. Finalmente, uma terceira projeção da casa é a que se lança para o futuro: a *casa-promessa* ou *casa-esperança*, uma casa idealizada e que é sonhada e desejada, sempre como uma promessa de felicidade e realização. (CORDEIRO, 2015, p. 107-108)

Pallasmaa afirma:

> Parece-me que os escritores, os cineastas e os artistas captam a essência humana e o significado do habitar de uma forma mais profunda e sutil que os arquitetos. Para nós, os arquitetos, o lar é simplesmente um alojamento corretamente funcional e estético, mas fracassamos ao tocar os significados existenciais pré-conscientes do habitar. (PALLASMAA, 2016, p. 10)

Foi nessa busca de captar os significados e a raiz do habitar que Cordeiro identificou as três projeções de casa. O autor baseou-se na interpretação de poemas e canções para esta análise, corroborando com a ideia de Pallasmaa de que estas outras áreas do conhecimento enriquecem e auxiliam os arquitetos no entendimento de determinados fenômenos. Na busca do entendimento da essência e da sensibilidade do espaço, os artistas destacam-se como grandes aliados, visto que as manifestações artísticas exploram mais diretamente as perspectivas dos sonhos e desejos humanos.

Assim, Cordeiro catalogou algumas das representações literárias que abordam a temática da casa e, a partir daí, passou a associá-las. Resultado disso são estas três grandes esferas do imaginário doméstico que se remetem à ideia de casa passada, casa presente ou casa futura.

Percebe-se, portanto, que a *casa-memória* é o compilado das recordações e vivências que o indivíduo carrega de seus lares anteriores, constituindo a bagagem do que ele interpreta por casa. Evoca-se, assim, um sentimento de nostalgia e de desejo de voltar. A projeção da *casa-identidade*, por sua vez, é a tradução de si mesmo e de seu momento presente de modo que, por meio de signos, o indivíduo se identifique e se projete nesta imagem. Ela é palco da formação subjetiva no tempo vigente. A *casa-promessa* ou *casa-esperança*, por fim, é a representação do ideal que se almeja, com a expectativa de ser alcançada posteriormente. Mesmo sendo uma projeção futura, encontra o passado como referencial.

Pode-se afirmar que estas três projeções são representações em tempos distintos – passado, presente e futuro – de uma mesma casa. Além disso, percebe-se que, muito mais que habitar o espaço físico em si, o indivíduo habita uma imagem da casa. Uma vez que esta imagem é justamente a maneira pela qual o sujeito percebe a sua habitação, ela aparenta ser mais significativa e de maior valor do que a representação imparcial do espaço real.

> A casa seria o espaço concreto pelo qual o valor singular das imagens de intimidade protegida se desenvolveria. O valor de tais imagens é que assume lugar de destaque, sobrepondo-se ao relato fidedigno dos fatos transcorridos. Habitar um espaço ou recordar um espaço habitado não é descrever eventos ou episódios tal como esses se sucederam, mas buscar alcançar aderência às imagens que permeiam nossos itinerários espaciais. São elas que estabelecem a nossa função de habitar e revelam o modo como ocupamos um espaço. Cada nuança presente nas infinitas imagens da casa assume o lugar de um fenômeno psicológico estrutural, deixando de ser mero detalhe descartável. (PARENTE, 2009, p. 78)

A imagem que o indivíduo produz do espaço é mais valiosa que a análise imparcial dele, pois consiste em uma projeção de si – e de sua história e sua cultura – no ambiente. Assim, cada representação dessas contém, de maneira rica, um compilado de narrativas particulares. O espaço físico se encontra, portanto, como um cenário para a vivência de experiências e composição do imaginário. O simbolismo pelo qual o indivíduo encara o ambiente é tão vivo, consistente e significativo para ele que se confunde com os aspectos reais e visíveis da casa, de forma que a sua realidade seja constituída como a somatória destas duas dimensões.

> Já não é possível delimitar com nitidez o que se denomina realidade. Os espaços concretos e os sonhos animam-se reciprocamente, sendo difícil distinguir subjetividade e objetividade como duas instâncias separadas e independentes. A matéria da casa, seu calor, suas paredes, seu telhado, seus esconderijos, suas sombras alimentam a imaginação, e o que era realidade interpenetra-se em sonhos de intimidade e proteção. Tais sonhos são suscitados por lembranças de detalhes existentes na casa, que oferecem fixações de felicidade ao ser. E os devaneios vinculados ao passado ganham uma luz inigualável, superando qualquer memória vinda do exterior, pois foram eles que instauraram as marcas de um modo particular de viver os diferentes espaços do mundo. (PARENTE, 2009, p. 80)

Ainda sob a perspectiva bachelardiana, são estes devaneios em relação ao espaço que definem as particularidades de cada ser e de cada habitar. Além disso, estas divagações criam as raízes do homem no ambiente, fazendo com que se integre a ele e crie valores. A imaginação em relação ao mundo faz o sujeito perceber a si próprio, tocando sua trajetória e seus desejos internos.

Dessa maneira, percebe-se que a maneira pela qual o indivíduo realiza o ato de habitar e a forma que ele constrói o imaginário da casa são resultantes do seu modo íntimo e individual de experienciar os lugares. É neste processo de compreensão do espaço, de manifestação de si mesmo no ambiente e de construção da própria

realidade que o sujeito se entende e se forma. A nostalgia do passado, a identificação com o presente e a idealização do futuro constitui um ciclo no qual a pessoa e o lugar se concebem e se organizam mutuamente. “Vivemos em busca desse lugar idealizado e nessa busca construímos a nós mesmos”. (CORDEIRO, 2015, p. 104)

Dessa maneira, percebe-se que, da mesma forma que a arquitetura é a mediação entre o mundo e a mente, a casa encontra-se em um ponto especial nesse contato interno-externo do indivíduo. A forma como é encarada diz, muitas vezes, mais sobre o imaginário de quem se refere à ela do que de fato como ela é, como pode ser percebido na abordagem da casa passada, presente e futura. Além disso, por ser um espaço de grande intimidade, é composta por elementos simbólicos que traduzem a história, a cultura, a psique e os sonhos daquele que a habita.

> O lar não é simplesmente um objeto ou um edifício, e sim um estado difuso e complexo que integra memórias e imagens, desejos e medos passados e presentes. O lar é também um cenário de rituais, de ritmos pessoais e de rotinas do dia a dia. O lar não pode produzir-se de uma só vez. Tem uma dimensão temporal e uma continuidade, e é um produto gradual da adaptação ao mundo da família e do indivíduo. [...] Uma reflexão sobre a essência da habitação nos afasta das propriedades físicas do lar para nos introduzir a um território psíquico da mente. Ela nos confronta com questões de identidade e memória, do consciente e do inconsciente, dos resquícios do comportamento biológico e das reações e valores condicionados pela cultura. (PALLASMAA, 2016, p. 18-19 – tradução livre)

Assim, habitar a casa é habitar um mundo: o mundo interno de cada um. Ela é reflexo direto dos costumes, desejos, medos, cultura, memórias, sentimentos, ponto de vista e história daquele que a habita. De alguma maneira, cada um de seus elementos – decorativos ou funcionais – faz sentido para aquele que o escolheu, de modo que cada um deles conta um pouco sobre a identidade do habitante. A arquitetura doméstica é a própria narrativa de articulação simbólica de uma manifestação espacial e particular do inconsciente. Nesse sentido, Bourdieu (1974) afirma que adentrar na casa das pessoas é, em inúmeros aspectos, a possibilidade de conhecê-las profundamente.

Uma validação deste argumento pode ser feita por meio das diversas obras literárias que se utilizaram da moradia como ponto de partida para uma análise social e psicológica. Exemplo disso são os livros *Casa-grande* e *Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo. Estes dois autores posicionam a habitação como elemento central de suas narrativas e, a partir delas, traçam perfis de cultura e sociedade. Dessa maneira, revelam como a casa e o modo de habitar possuem significados para muito além da dimensão física.

Nesse sentido, para compreender a significação da casa, é necessário abordá-la, simultaneamente, de dentro para fora e de fora para dentro. Ou seja, entender a dinâmica da formação do indivíduo (dentro) e como ele traduz sua identidade na maneira de habitar; e também estudar a sociedade no qual está inserido (fora) e as influências que essa cultura externa exerce no espaço. Dessa maneira, a casa pode ser entendida como resultante desse duplo processo.

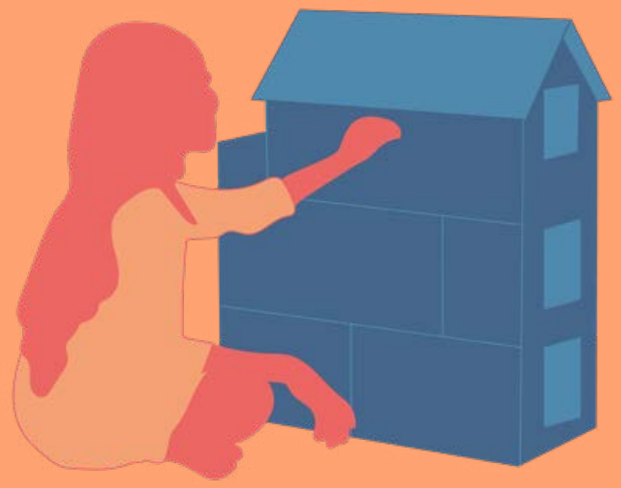
> Habitar domesticamente é uma atividade que exercemos sempre em relação com o mundo. Entrar em casa é, na verdade, encontrar as coisas que trouxemos do mundo externo para o interno e com as quais estamos familiarizados e nos reconhecemos. Elas nos proporcionam o apoio em nosso lidar diário. Cada indivíduo pode atribuir significados e estabelecer associações muito íntimas com o lugar onde habita. (CORDEIRO, 2015, p. 35)

Habitar a casa, portanto, pode ser entendido como a integração dos mundos interno e externo, de modo a abrigar uma narrativa pessoal de cada sujeito. Essa experiência íntima e particular com o espaço proporciona uma conexão indivíduo-ambiente, sendo, ao mesmo tempo, abrigo e reflexo do habitante. Os significados que as paredes e os objetos carregam são elementos que causam aproximação e reconhecimento do sujeito no espaço, provocando sensações de familiaridade e identificação.

Os componentes imateriais são, também, carregados de dimensão subjetiva. Os cheiros, as cores, a temperatura e os sons despertam o imaginário e igualmente são guardados na memória. Estes componentes carregam os encantos e a essência de habitar aquele espaço. Dessa maneira, percebe-se que não basta o ambiente ser ocupado, ele precisa ser significado para que seja verdadeiramente habitado.

Além disso, de forma prática, estudar a relação entre o indivíduo e sua moradia pode esclarecer determinados aspectos e fornecer elementos úteis que auxiliem no planejamento de novas estratégias para as políticas habitacionais. Compreender esta relação habitante-espaço no ambiente doméstico é importante para que o projeto de habitação seja feito de maneira mais consciente e adequada às reais necessidades – físicas e emocionais – dos usuários, fornecendo uma moradia de maior qualidade.

> Nesse panorama, a casa é apresentada por Bachelard como uma força que integra pensamentos, lembranças e sonhos. Ela é a matéria que enleva uma história individual. Sem ela, o ser humano seria permanentemente um estrangeiro. Sem a experiência nos espaços da casa, sem a experiência de habitar um canto do mundo, o homem seria um ser disperso, sem lugar, sem integração entre corpo e alma. (PARENTE, 2009, p. 81)



Quando a casa não é lar

"O lar não é um simples objeto ou edifício, mas uma condição complexa e difusa, que integra memórias e imagens, desejos e medos, o passado e o presente."

(PALLASMAA, 2017)

> Para muitos, a casa não passa de um domicílio. Um lugar onde as pessoas talvez nem mesmo se encontrem, onde pode haver beleza aparente, aliada a um vazio interior. Alguns, nela se escondem, porque não sabem para onde ir. Outros, para lá retornam, dia após dia, mas sem, nunca, verdadeiramente voltar. Dentre esses, muitos postergam, tanto quanto possível, a hora de "estar em casa". Cheia de silêncios, em suas paredes simbolicamente nuas, é possível que ecoem todos os gritos de revolta ou de medo que seus habitantes vivenciam. Cheia de ruídos, ou de vozes alteradas, podem estar expondo e reforçando a dificuldade de seus moradores revelarem o que se passa em si mesmos. Casa, apenas paredes. (CORDEIRO, 2015, p. 34)

O vínculo afetivo habitante-habitação não é inato: ele precisa ser construído. Não é na simples ocupação de um espaço que, necessariamente, as ligações são desenvolvidas. São necessários diversos elementos objetivos e subjetivos que, em conjunto, promovam conexões positivas da casa com o indivíduo que a habita. Daí a importância do estudo e compreensão das necessidades reais dos usuários para que possa ser desenvolvido um projeto oportuno que estimule a criação desse elo.

É fundamental que o arquiteto considere que a apropriação do espaço precisa ser feita tanto fisicamente quanto afetivamente, e a falha em uma dessas dimensões resulta em uma não completa ocupação. Esse pensamento deve ser relembrado, especialmente, na construção de conjuntos habitacionais de interesse social. Nesta forma de moradia dificilmente o arquiteto conhece aqueles que ali irão morar, e assim, é comum observar edificações genéricas onde o principal elemento norteador do projeto é o custo financeiro. O aspecto afetivo do espaço, por conseguinte, é usualmente desconsiderado ou tratado de maneira descuidada.

Resultado disso são construções de baixa qualidade, com organização espacial monótona e definidas pelas regras do mercado imobiliário. Visando a produção do maior número de unidades possível ao menor custo, é comum observar que a resposta projetual economicamente viável atende somente às necessidades físicas básicas de seus moradores – certas vezes, nem isso.

> Certamente, dentro dessas paredes não existe um lar. As pessoas embaixo desse teto não habitam um espaço. Apenas o ocupam fisicamente, mas não afetivamente. Nesta relação mundo interno e externo estão desconexos; incompletos e destituídos de valor simbólico. É plausível supor que esta falta de carga simbólica e valor afetivo estejam na origem da não identificação com as novas moradas que são entregues nos programas habitacionais numa tentativa de solucionar os problemas de falta de moradia no país. Entretanto, esta não é a casa de nossas brincadeiras de infância. Não é a nossa casa

> sonhada para a qual desejávamos ir. Não é o lar que dia após dia, queremos retornar. (CORDEIRO, 2015, p. 34-35)

Um bom parâmetro de análise com capacidade de diagnosticar se os projetos arquitetônicos estão ou não atendendo os desejos e as urgências dos moradores seria a partir da metodologia de Avaliação Pós-Ocupação (APO). Ela fundamenta-se na ideia de que os espaços, quando colocados em uso, devem estar em constante avaliação, e assim, objetiva-se colher informações para examinar as possíveis falhas e acertos do lugar, auxiliando futuros projetos semelhantes. Essa técnica de pesquisa enfatiza o ponto de vista dos usuários dos ambientes, analisando o desempenho do projeto e realimentando o processo projetual.

Nesse sentido, este trabalho se debruçou sobre teses arquitetônicas de APO com o propósito de compreender a maneira pela qual as pessoas se apropriam dos espaços, e também assimilar as intervenções realizadas posteriormente pelos próprios moradores. Nesse sentido, ao analisar algumas avaliações, percebe-se que muitos dos problemas relatados são reclamações frequentes e comuns, e assim, estão presentes na maioria dessas análises. Dessa maneira, dada a regularidade e repetição de diversos pontos, pode-se depreender que inúmeros projetos de moradia social insistem nos mesmos desacertos, e assim, faltaria uma reflexão para cessar a reincidência desses frequentes descuidos. As soluções dadas pelos próprios usuários frente aos problemas encontrados funcionam como indicadores de possíveis saídas a serem adotadas em projetos vindouros.

> Muito se tem a aprender da intervenção dos moradores em busca de um habitat mais condizente, se não com o ideal de morar, com seus costumes e hábitos de morar – ou seja, de acordo com padrões culturais muito próprios. É a partir da identificação de tais padrões culturais que podemos tirar algumas lições. (LOUREIRO; AMORIM. 2008, p. 64 apud VILLA; SARAMAGO, BORTOLI, PEDROSA, 2013, p. 125)

A avaliação pós-ocupação, portanto, permite observar e identificar as potencialidades do projeto e os espaços subutilizados a partir da relação que o indivíduo estabelece com determinado ambiente. A apropriação – e a não apropriação – dele, assim como as intervenções posteriores e o cuidado – ou a falta de cuidado – pelo espaço dizem muito sobre os hábitos dos usuários e a satisfação ou não das suas necessidades. Dessa maneira, constitui uma metodologia para a compreensão dos indivíduos, dos seus desejos e da concepção do espaço.

Dentre os padrões mais recorrentes encontrados nestas análises pós ocupação, destaca-se a questão das dimensões demasiadamente reduzidas. A falta de espaço implica em outros problemas, como por exemplo, a restrição das possibilidades de

organização do mobiliário e a dificuldade em mobiliar o ambiente – inclusive, o mobiliário mínimo ocupa parte considerável da área do lugar, dificultando, também, a circulação. Além disso, é prejudicada a funcionalidade do cômodo, o que gera problemas operacionais. Assim, é notável que a modificação mais comum realizada pelos usuários é a ampliação de cômodos cujo tamanho original fora considerado insuficiente. Nesse sentido, percebe-se que o subdimensionamento do projeto é prática usual dos projetistas – especialmente para a redução de gastos –, de modo a prejudicar a apropriação desse espaço por parte dos usuários.

Outra questão negativa frequente nas APO de edifícios de habitação social é o fato do projeto desconsiderar as variáveis regionais e culturais, e assim, replicar um modelo de moradia único e pouco adaptável às necessidades de grupos e indivíduos distintos. O modelo reproduzido é o tripartido, que é baseado nas necessidades da família burguesa européia da *Belle Époque*: família nuclear constituída por mãe, pai e filhos. Este programa espacial do século XIX organiza o espaço doméstico basicamente em área social, área íntima e área de serviços, refletindo os modos de morar da época. Entretanto, aplicá-lo ainda nos dias atuais é um tanto anacrônico, visto que as necessidades, os hábitos e constituição familiar sofreu modificações daquele tempo para hoje.

A conservação do traçado de habitação tripartida produz espaços monofuncionais e, como normalmente é aplicado em cômodos com dimensões exíguas, mostra-se ineficiente e responde minimamente aos modos de morar contemporâneos. Esse modelo demanda espaço para funcionar de maneira adequada, e assim, pode ser eficiente somente nas habitações de classe média e alta tradicionais, que dispõem de maiores recursos financeiros e espaciais. Tem-se, portanto, que a organização espacial da habitação não acompanhou, em alguns aspectos, as modificações da sociedade ao replicar um modelo ultrapassado que não engloba a diversidade de usuários presente hoje.

"As melhores construções dos tempos históricos sempre corresponderam às necessidades e aos sentimentos humanos, não apenas do seu tempo, mas também à proporção que o estilo de vida social foi evoluindo". (MOORE, 1985, p. 67 apud VILLA, SARAMAGO, BORTOLI, PEDROSA, 2013, p. 144) Dessa maneira, é importante observar que os tipos de usuários, o perfil familiar, as necessidades, os modos de vida, os costumes e as tecnologias evoluem e se tornam obsoletos com o passar do tempo, e assim, é necessário repensá-los para que o modelo de habitação esteja de acordo. A incompatibilidade da organização espacial com o modo de vida do morador dificulta a identificação, a apropriação e o desenvolvimento de afetividade com o ambiente. Como consequência direta do não estabelecimento desses laços, pode-se destacar a desarmonia naquela comunidade e a depredação do espaço coletivo.

Lima e Souza (2015), cientistas sociais, realizaram um trabalho de pesquisa a partir de entrevistas com pessoas consideradas "doentes mentais" de modo a relacionar o sofrimento emocional que cada um desses indivíduos passava com o espaço por eles habitado. Os quatro espaços de moradia dos entrevistados foram uma Residência Terapêutica, um abrigo, um hotel e uma casa "tradicional". Nesse sentido, é interessante reafirmar que a ideia de casa aproxima-se mais de um conceito do que de um espaço fechado em si: diversos lugares podem assumir a função de casa contanto que se configurem de modo a transmitir determinadas sensações e exerçam tal papel.

Dessa maneira, as autoras articulam a complexidade do ambiente na constituição das experiências, e de que maneira os espaços percorridos contribuem para o sofrimento emocional dos sujeitos. Assim, elas analisam como a habitação afeta quem se é e de que maneira o sujeito se constrói a partir dos espaços que percorre ao longo da trajetória de vida.

É possível notar no discurso das autoras e dos entrevistados alguns elementos de projeto significativos que colaboram para que aqueles ambientes não sejam, de fato, lares para aqueles que neles habitam. Um deles seria a decoração específica não escolhida pelos moradores, e sim pelos cuidadores ou pela administração dos locais. Estar alheio à seleção dos ornamentos que os cercam produz uma sensação de não-pertencimento àquele ambiente, além de uma alienação e frágil autonomia devido à ausência da capacidade de escolha. Nesse sentido, os moradores não se identificam com aqueles elementos do espaço uma vez que não carregam nenhum valor simbólico nem fazem referência à alguma experiência vivida.

Em outras moradias dos entrevistados, por sua vez, não havia nenhum tipo de decoração. Tão prejudicial quanto elementos decorativos alheios e desconexos, é a falta de qualquer adorno. As paredes brancas e nuas, as gavetas etiquetadas com o nome de cada morador e a referência às camas como leitos produz uma perceptível imparcialidade e impessoalidade espacial. Assim, o lugar que deveria ser o mais íntimo e pessoal dos seres humanos, um abrigo agradável e particular, torna-se um ambiente genérico e subjetivamente distante.

Um terceiro ponto relevante é o compartilhamento de ambientes: em muitos deles, os banheiros são comuns e os quartos também são coletivos, havendo divisão por gênero. Dividir espaços pessoais com pessoas as quais não existe vínculo nem intimidade fere a privacidade individual, sendo ela um dos pontos fundamentais da vida íntima de um lar. Além disso, o morador não ter o poder de escolha de isolar-se em determinados momentos do dia em sua própria moradia implica na falta de autonomia e falta de individualidade.

Outro elemento de destaque naquelas narrativas era a respeito da circulação. Em muitos destes locais a circulação é controlada, ou seja, não é possível acessar livremente qualquer cômodo da moradia. Além dos horários de circulação, havia também limites: existem espaços trancados onde somente as cuidadoras ou a administração possuem a chave de acesso. Estas restrições e fronteiras inacessíveis dentro do próprio ambiente de moradia limitam a experiência de modo que não torne possível a vivência por completo. O controle dos movimentos dos moradores faz com que estes não se sintam pertencentes àquele local uma vez que sua liberdade e independência são limitadas, remetendo a um sentimento de impotência.

Dessa maneira, por meio desses breves exemplos, percebe-se que determinados componentes dificultam a apropriação do espaço enquanto lar. A vivência em um ambiente que não proporciona sensações como as de aconchego, liberdade, identificação e privacidade, provavelmente impactará negativamente nos indivíduos, de modo a agravar ou iniciar alguns sofrimentos emocionais

> Sempre dói ao arquiteto consciente ver que quando provemos habitação em volume, esse volume usualmente significou no passado, independente dos avanços tecnológicos ou econômicos, prover habitação de baixa qualidade, reduzindo o habitat a sua fração mínima, muitas vezes indigna; que, somado à minha experiência pessoal, me estimula a cogitar as sequelas em larga escala que estamos gerando para toda uma sociedade exposta aos problemas de viver, crescer, se desenvolver, em habitações que nos afetam negativamente. Uma questão que também é política e econômica, e essas facetas normalmente pacificam o problema. (LUCHESI, GONÇALVES, 2018, p. 12)

Em alguns contextos, o próprio indivíduo não consegue identificar com exatidão os elementos espaciais causadores de aborrecimento ou perturbação. Nesse sentido, o papel do arquiteto se destaca como um profissional não emocionalmente envolvido na situação, e assim, capaz de analisar o cenário de forma mais racional e imparcial. A nocividade de um componente ou um arranjo arquitetônico se dá mesmo quando o indivíduo não possui consciência, assim, seus efeitos maléficos atuam ainda que sem discernimento ou percepção por parte do usuário. Moser (1998) corrobora com este raciocínio ao relacionar o descontentamento do sujeito com o ambiente e a emergência de enfermidades mentais ou físicas. Dessa forma, a identificação e a resolução dos elementos inconvenientes é necessária se tratando de melhorias das condições de vida de dimensão física e subjetiva do morador no espaço.

Um conceito que corrobora com as questões nocivas do ambiente é a ideia de não-lugares, abordado por Marc Augé (1994):

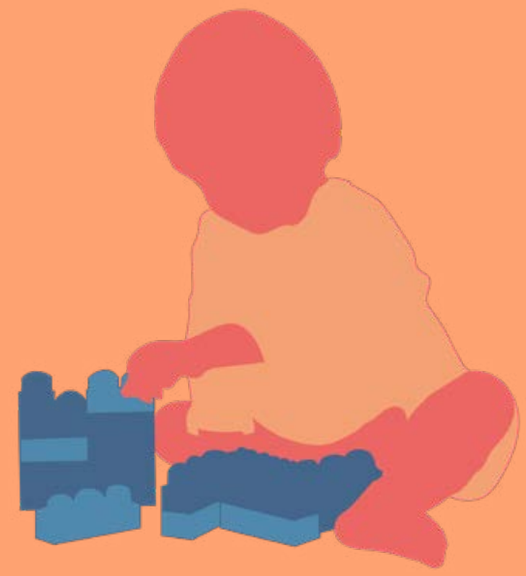
> O não-lugar é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, e pelos meios de transporte - mas também pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados. (AUGÉ, 1994, p. 01)

Depois, continua:

"Quando Michel de Certeau fala em 'não-lugar' é para fazer alusão a uma espécie de qualidade negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo que lhe impõe o nome que lhe é dado". (AUGÉ, 1994, p. 79)

Nesse sentido, apesar do autor não se referir especificamente aos lares, é possível associar este mesmo conceito à habitação. Apesar da clara diferença de escalas, usos e fluxos, a essência do esvaziamento de sentido dos espaços públicos de rápida circulação também pode ser identificada naquelas casas que quase se resumem a um espaço de passagem ou de abastecimento das necessidades fisiológicas do corpo. Esse distanciamento negativo da ideia de lar constitui o não-lugar: um ambiente o qual é ocupado, mas não verdadeiramente habitado.

A casa, portanto, nem sempre é um lar. Para ser um lar de verdade é preciso que o lugar conte uma história, transmita aconchego, seja um refúgio, tenha identidade e proporcione o bom relacionamento das pessoas que moram ali. Precisa conter elementos que representem a todos que vivem nesse lugar. A casa deve ser expressão da vida e fazer sentido para seus moradores.



O espaço educativo

"O espaço é necessário e imprescindível para que a criança trabalhe os seus sentidos, seus movimentos, preste informações para a mente, brinque, crie, observe a natureza e se socialize. Observa-se também que a percepção do espaço das crianças é diferente da do adulto. Enfim, o espaço é básico para o desenvolvimento da criança."

(OLIVEIRA, 2002, p. 10 apud KOHARA, 2009, p. 101)

A criança, enquanto ser altamente suscetível ao ambiente devido ao estado de formação de sua psique, está em uma relação constante de troca e absorção com o espaço. Nesse sentido, todos os lugares e todos os momentos podem ser considerados educativos – e portanto, devem ser tomados os cuidados enquanto tal.

Como já abordado anteriormente no capítulo *Habitar*, a imagem materna e os primeiros cuidados para com o bebê constituem o abrigo inicial do recém-nascido. Na percepção da criança existe uma fusão do cuidador com o espaço, e assim é chamado de *mãe-ambiente*. Dessa maneira, percebe-se que o processo de amadurecimento cognitivo da criança depende do entendimento do outro para que, a partir dele, consiga compreender a si mesmo. E daí a importância dos elementos externos para a sua própria constituição, dado que eles servem de referência para se situar em relação ao outro.

"As casas, os caminhos, as cidades são espaços da criança que transcendem as suas dimensões físicas e se transformam nos entes e locais de alegria, de medo, de segurança, de curiosidade, de descoberta". (LIMA, 1989, p. 14 apud KOHARA, 2009, p. 102) O espaço, assim, é carregado de significados e implicações para muito além da sua esfera material, impactando de maneira direta o modo pelo qual a criança encara o mundo e constrói a si mesma.

O desenvolvimento do self do bebê acontece de maneira concomitante à sua instalação espacial. Assim, uma das primeiras capacidades em seu crescimento é a de situar seu próprio corpo no ambiente, percebendo o espaço que o cerca. É necessária a sua adaptação na passagem de um abrigo limitado, protegido e aconchegante – ventre da mãe – para ocupar um lugar novo, grande e desconhecido, que é o espaço da casa. Nesse sentido, a criança necessita aprimorar seus sentidos para que descubra este ambiente e, gradativamente, se aproprie dele.

> A maneira como a casa foi vivida na infância define e dá plasticidade à imaginação que anima os diferentes espaços ocupados pelo homem. As primeiras aventuras da imaginação, feitas no espaço da casa, permitem a atribuição de brilhos originais aos espaços que serão posteriormente percorridos. As imagens primordiais reconstituem-se com base em novas experiências e se transpõem num momento mais recente, criando outro devaneio. (PARENTE, 2009, p. 79)

Uma vez que o espaço é uma grande fonte de estímulos para o amadurecimento cognitivo infantil, é importante que este ambiente seja positivo no sentido de despertar e encorajar seu desenvolvimento. A precariedade material pode produzir sensações negativas, e assim, resultar na inibição de seu crescimento. Os espaços que trabalham contrariamente à evolução da criança seriam aqueles que, por exemplo, apresentam perigos ou signifiquem aprisionamento, lugares violentos,

escuros, demasiadamente fechados ou com pouca higiene. Nesse sentido, tem-se que as condições adversas dos ambientes que a criança frequenta – especialmente de sua moradia – interferem na sua formação.

Além da evidente impressão negativa ou positiva que o espaço exerce sobre o indivíduo, Robert Sommer (1973) explica que o ambiente também pode adquirir uma conotação distante e de aparente indiferença – que, na prática, é também contrária ao desenvolvimento infantil. Ou seja, em lugares nos quais os adultos impõem demasiadas regras que determinam uma postura passiva da criança em relação ao espaço, desestimula-se as atividades do brincar, a experimentação, a coordenação motora e a sensibilidade. Consequentemente, estas proibições ensinarão, de maneira inconsciente, que o indivíduo deve assumir um papel de observador frente ao mundo, não desenvolvendo uma posição ativa na resolução de seus problemas. Uma situação que ilustra este cenário seria proibir a criança de organizar sua sala de aula, playground ou quarto, dificultando o desenvolvimento de sua autonomia, postura ativa, e os sensos de pertencimento e responsabilidade.

Para Rinaldi (2012), o ambiente contribui tão fortemente para o desenvolvimento infantil que a autora considera o espaço como um "terceiro educador", devido ao seu potencial de afetar a qualidade do aprendizado. Ela afirma que deve haver um "ambiente formador", ou seja, um lugar ideal para o desenvolvimento dos processos de aprendizado. De modo a corroborar com esta ideia, Forneiro (1998) encara o espaço físico como a parte material da aprendizagem. Assim, o mobiliário, formas, cores, odores, sons e pessoas, de maneira indissociada, se encontram na base visível e invisível do aprendizado que é o ambiente.

De acordo com Moreira e Souza (2016), Henri Wallon compreende que indivíduo e ambiente não podem ser considerados separadamente, sendo o espaço um complemento indispensável para o ser vivo. Nesse sentido, o autor também indica que o meio adquire diferentes significados para a pessoa de acordo com o seu estado afetivo, suas motivações, sua idade e o contexto cultural. As crianças, especialmente, constroem novos sentidos para os lugares conforme se desenvolvem, e assim, diversas vezes subvertem de maneira criativa a lógica estabelecida pelos adultos para os mesmos espaços.

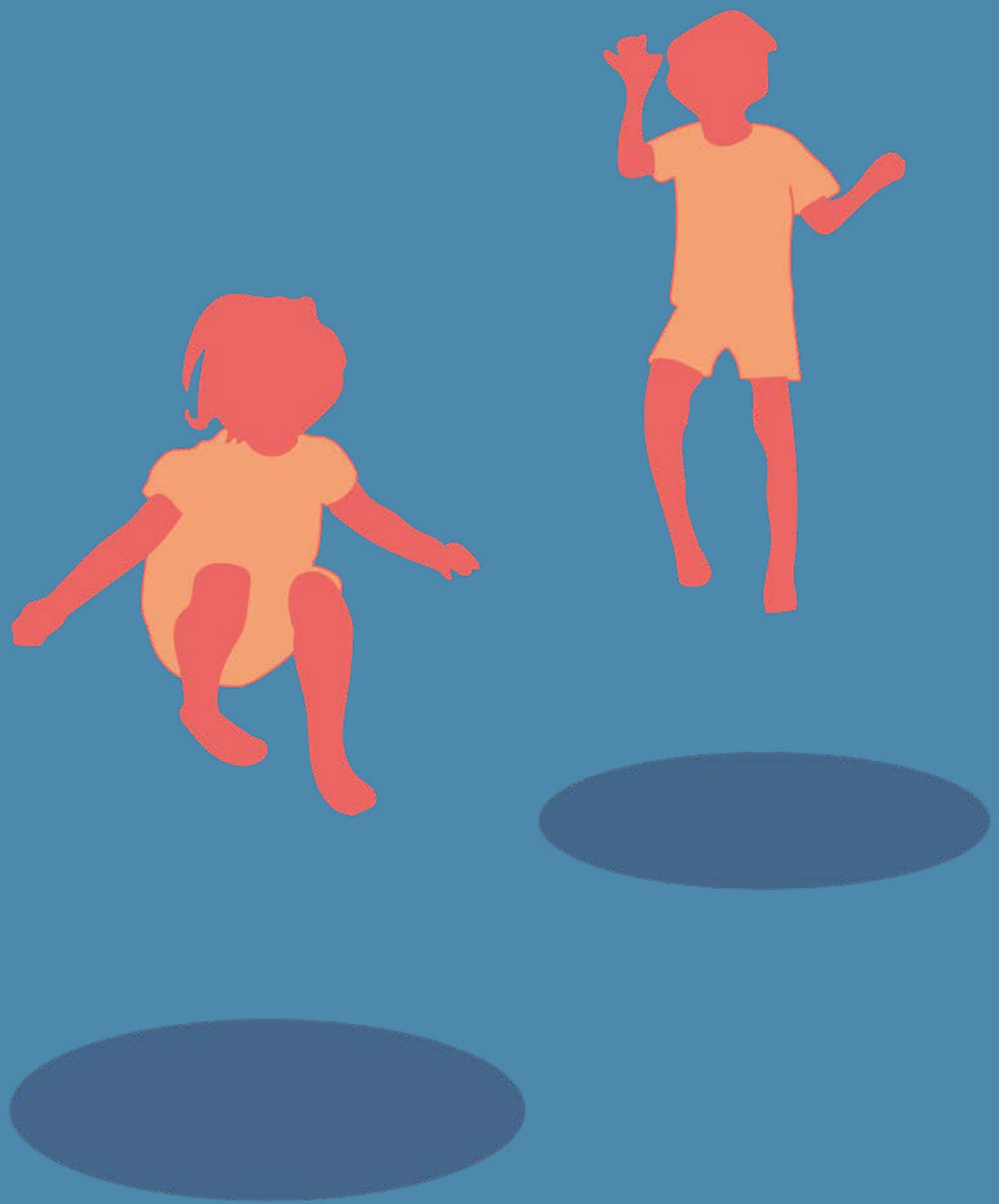
O espaço não é um recipiente onde a educação acontece: ele próprio é uma forma silenciosa de ensino na medida em que "transmite mensagens sobre o ensinar e o aprender" (ESCOLANO; FRAGO, 2001, p. 69). O ambiente tampouco é um elemento neutro: ele está sempre comprometido com uma forma de conceber o mundo. Assim, o mobiliário, os materiais e os objetos escolhidos para compor os ambientes educacionais fazem parte das bases materiais do ensino. Estes elementos não devem ser vistos como agentes passivos, mas como componentes ativos que servem para

garantir identidade, estabilidade, segurança às crianças e à proposta educacional. Entende-se, assim, o ambiente enquanto participante do processo pedagógico que vai sendo construído e transformado a partir das ações educativas em interlocução com diferentes campos do saber.

Uma vez que o espaço é um agente educador e deve estar comprometido com uma forma de conceber o mundo, a criança pode e deve interagir da melhor forma para com ele, ao propor, recriar e explorá-lo, modificando o que fora planejado. Dessa forma, nem a criança nem o ambiente são encarados como elementos passivos: ambos são autores concomitantes do processo de aprendizagem.

O papel das creches e das escolas para a infância é o de produzir cultura da educação, e não somente de oferecer prestações de serviços educacionais. Estas instituições têm, portanto, a responsabilidade de gerar e alimentar sentimentos de cultura e solidariedade, responsabilidade e inclusão em uma multiplicidade de ocasiões e iniciativas para construir o diálogo e o senso de pertencimento a uma comunidade. A ação educativa toma forma através do trabalho conjunto de elementos da didática, dos ambientes, da participação e da formação do corpo docente.

Por fim, é importante destacar que o viés do espaço educativo é mais forte na infância dado a etapa de vida em que a criança se encontra, entretanto, o indivíduo está no constante processo de aprender ao longo de toda a sua existência, e assim, tal atenção ao potencial lúdico do ambiente deve ser aplicada a todos os momentos. A noção da participação importante do espaço no ensino é essencial para que se planeje e organize ambientes de maneira crítica, responsável, reflexiva e colaborativa, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento integral de crianças e adultos nos espaços educativos.



Alguns qualificadores do espaço

"Por que tão poucas construções modernas tocam nossos sentimentos, quando qualquer casa anônima numa velha cidadezinha ou o mais despretensioso galpão da fazenda nos dá uma sensação de intimidade e prazer? Por que as fundações de pedra que descobrimos num campo de mato crescido, um celeiro desabado ou um hangar abandonado despertam nossa imaginação, enquanto as casas em que moramos parecem sufocar e reprimir nossos devaneios? As construções de nosso tempo talvez despertem curiosidade pela ousadia e criatividade, mas dificilmente provocam uma percepção do significado do mundo ou de nossa própria existência".

(PALLASMAA, 1984)

Da mesma forma que todos os espaços podem ser encarados como lares para que sejam avaliados de forma mais cuidadosa e próxima, existem alguns elementos que qualificam os ambientes, independente de seu uso ou escala. De certa forma, estes conceitos atravessam os lugares e podem ser identificados e estimulados de forma mais ou menos intensa, de acordo com as necessidades específicas de cada projeto.

O **apego** é um conceito chave na relação pessoa-ambiente, e faz referência direta ao vínculo afetivo ou conexão emocional. É também conhecido como vínculo com o lugar ou *place attachment*, e caracteriza-se por ser uma formulação tipo "guarda-chuva", ou seja, de grande amplitude que envolve diversos outros conceitos. Os estudos nesta área se dedicam nas relações entre o físico-espacial do local e os vínculos simbólico-afetivos provenientes do relacionamento pessoa-ambiente.

Este processo transforma locais indiferenciados em lugares singulares, fazendo com que o espaço adquira significados para aqueles que o ocupam. As interpretações de cada espaço, por sua vez, são individuais e variam de pessoa para pessoa, do mesmo modo que cada indivíduo pode desenvolver variadas e diferentes relações de apego com os lugares os quais têm contato. Ou seja, estes processos não são mutuamente exclusivos – pelo contrário, são complementares.

Elali e Medeiros (2011) explicam que o apego ou o vínculo com o lugar envolve três dimensões: funcional, simbólica e relacional. A primeira corresponde ao espaço enquanto elemento que encoraja, atrai ou inibe movimentos. Assim, pode-se resultar em bem estar, produtividade e uma atmosfera colaborativa, assim como frustração, estresse e competição. A segunda dimensão atua como intermediária na relação pessoa-ambiente e possui origem sociocultural e pessoal. Ela intervém na maneira pela qual o indivíduo ou o grupo compreende e se posiciona frente às situações. A última, por sua vez, consiste na interação dinâmica entre o envolvimento cotidiano e as características do ambiente onde este convívio acontece. Dessa maneira, relaciona-se cognitiva e afetivamente as pessoas e os espaços, contribuindo para a constituição de uma identidade pessoal e comunitária. O sentimento de comunidade, inclusive, nasce quando o indivíduo se percebe como parte a um grupo e a um lugar específicos, e compreende a relação única que existe entre ambos.

Tal **vinculação afetiva** pessoa-ambiente é mutável, ou seja, consiste em um processo contínuo e que se altera de acordo com o momento. Nesse sentido, a Teoria do *Place Attachment* de Milligan (1998)

> indica ser este um sentimento dinâmico e complexo, o qual acontece quando uma interação particular é acompanhada de um forte significado, e cujo entendimento exige que sejam considerados dois componentes interdependentes: o 'passado interacional' e o 'potencial

> interacional' do local. O primeiro diz respeito a vivências ou memórias relacionadas ao ambiente em questão; e o segundo corresponde a expectativas associadas ao mesmo, ou seja, experiências futuras imaginadas ou antecipadas. (ELALI; MEDEIROS, 2011, p. 56)

Sob o ponto de vista trazido por Okamoto (2002) quanto mais a arquitetura desperta emoções e sentimentos, mais ela beneficia o desenvolvimento da afetividade entre o humano e o local, despertando assim o sentimento de pertencimento que cria a relação de lugar. Portanto, a arquitetura enquanto criadora de ambientes e cenários, deve estimular o ser humano a vivenciar o seu espaço, construído e natural.

> Deveriam os arquitetos desenvolver o desejo de atender à permanente necessidade de uma interação afetiva do homem com o meio ambiente, favorecendo seu crescimento pessoal, a harmonia do relacionamento social e, acima de tudo, aumentando a qualidade de vida. (OKAMOTO, 2002, p.11)

Dessa maneira, o sentimento de apego ao espaço se dá pois o indivíduo está vinculado a ele: existe uma história e uma expectativa de futuro. Além disso, destaca-se a presença do tempo como um importante elemento nesta relação, ou seja, o vínculo se desenvolve gradualmente e é necessário um período para que se consolide.

A **apropriação** está intimamente relacionada com os dois conceitos anteriores, dado que somente é possível desenvolver afetos a um espaço que fora apropriado pelo indivíduo. É natural a necessidade humana de pertencer – segundo a definição do psicólogo americano Abraham Maslow, refere-se à necessidade de fazer parte de um grupo social. Essa teoria do **pertencimento** foi amplamente difundida e adaptada na neuroarquitetura, que considera a necessidade humana de se sentir parte de um espaço físico.

Um fator que pode ser importante no momento do projeto para que os usuários se sintam pertencentes a determinado ambiente é explorar as **memórias** visuais, auditivas e olfativas. Essa estratégia é no sentido de reacender memórias agradáveis, e assim, o cérebro interpretaria aquele espaço de forma positiva. Entretanto, ainda com base na neuroarquitetura, é necessário levar em consideração que cada indivíduo é único, e assim, decodifica os estímulos ambientais de maneira singular de acordo com suas vivências e memórias.

"Um cheiro específico nos faz reentrar de modo inconsciente num espaço totalmente esquecido pela memória da retina; as narinas despertam uma imagem esquecida e somos convidados a sonhar acordados. O som faz os olhos se lembrarem." (PALLASMAA, 2011) Os espaços são cenários da memória pessoal, daí a necessidade

de que o arquiteto trabalhe a procura de cargas emotivas. Os lugares constituem uma coleção de sensações e experiências vividas, e assim, é preciso compreender o sentido que carregam para que sejam estimulados elementos que despertem a afetividade.

De modo a incentivar a apropriação e o pertencimento por parte da criança, é fundamental que sua escala seja levada em consideração. A ideia é que o menor se sinta seguro para ocupar os espaços, e assim, fazer o uso de dimensões reduzidas no projeto é um artifício interessante. Parte da atmosfera de lar pode ser dada pelo **aconchego** e **segurança** do uso de "cantos": espaços menores dentro de ambientes maiores. Exemplo disso seria uma sala de aula grande na qual o mobiliário forma núcleos menores dentro da mesma.

A partir dessa concepção do mobiliário, pode-se depreender outra qualidade espacial: a **flexibilidade** e **adaptabilidade**. Assim, é possível uma variedade de arranjos de acordo com a atividade a ser exercida no local sem que sejam feitas alterações na construção propriamente dita.

Permitir que os usuários adaptem o ambiente às suas necessidades do momento é importante ao pensar a arquitetura inserida no tempo. Ou seja, os espaços devem ser concebidos levando em consideração que os desejos dos indivíduos são mutáveis enquanto a arquitetura permanece por períodos muito mais extensos. Assim, um local que se adeque às novas dinâmicas e necessidades sem grandes alterações na construção é mais adequado e menos oneroso.

Ao recortar para os espaços escolares, a filosofia Waldorf, por exemplo, propõe atividades bastante dinâmicas e, para isso, é imprescindível a composição de ambientes flexíveis. A proposta é que o espaço seja vivo e ativo. Nesta concepção, os elementos arquitetônicos são agentes participantes do processo de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças, e assim, adequados às mudanças e descobertas ao longo do tempo. A liberdade para alterá-lo destaca-se como um conceito importante: a criança deve ser livre para explorar e modificar os lugares.

"O espaço pessoal expressa a personalidade para o mundo exterior, mas, de modo igualmente importante, reforça a imagem que o morador tem de si mesmo e materializa sua ordem no mundo." (PALLASMAA, 2017) O ambiente externo não deve ser flexível para somente absorver as alterações das atividades e funções daquele espaço, mas também para se adequar ao desenvolvimento e mudanças naturais do próprio indivíduo. Visto que o lugar é reflexo da personalidade daquele que o frequenta, é essencial que o usuário de fato se identifique com ele e possa alterá-lo de acordo com suas próprias mudanças internas.

A **identificação** é necessária para que seja possível o processo de vinculação afetiva – não é possível criar laços de intimidade com um lugar o qual não se

identifique nele. O entrelaça-se com a própria identidade do sujeito, além de dialogar com a ideia de apropriação: apropriar-se de um espaço é identificar nele o produto – material ou imaterial – de suas ações.

A ideia de identidade esbarra com a de individualidade, e assim, com a garantia de sua **privacidade**. A adaptabilidade do espaço deve contemplar momentos individuais e coletivos, e dar a liberdade ao indivíduo para configurar o espaço destas formas.

Especialmente nos ambientes infantis, a **proteção** destaca-se como uma sensação essencial. Conforme Tuan (1983), quanto mais hostil é o ambiente, maior a dependência das crianças pela proteção dos adultos e, consequentemente, prolonga-se o processo de desenvolvimento de autonomia e independência. A **autonomia** para a livre exploração em um ambiente preparado e seguro para a infância influencia o modo como o indivíduo vai se relacionar com ele mesmo e com outras pessoas no futuro.

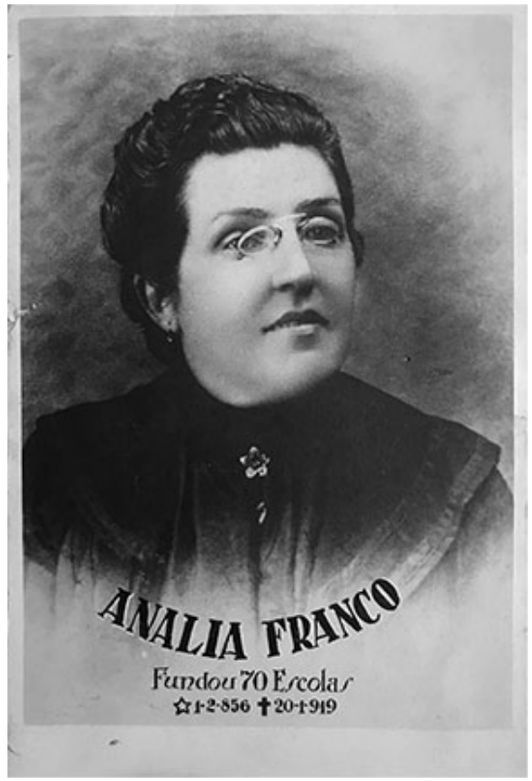
A **previsibilidade** do espaço é uma aspecto que auxilia na provisão de proteção e confiança no ambiente – e consequentemente, confiança em si mesmo. A constância do local contribui para a segurança da criança, uma vez que, assim, ela consegue prever e controlar o espaço imediatamente ao seu redor.

Percebe-se que, de maneira geral, todos estes conceitos estão entrelaçados e dialogam intimamente entre si. Estas questões e tantas outras qualidades que o espaço pode contemplar são elementos que o humanizam, e projetar sob esta perspectiva faz da arquitetura uma poderosa ferramenta empática.

O Educandário Anália Franco

história

Como ponto de partida para o entendimento da entidade, destaca-se a compreensão do seu nome que revela aspectos importantes de sua origem e valores. A escolha do título "Anália Franco" homenageia, portanto, a educadora, escritora, jornalista e filantropa Anália Emília Franco Bastos.



[Fig. 04] Postal com retrato da Anália Franco.

Nascida em Resende – RJ, em 01 de fevereiro de 1856, e falecida na capital paulista, em 20 de janeiro de 1919, ela fundou e supervisionou mais de 70 creches, asilos e escolas em diversos estados brasileiros. Dedicou-se à causa abolicionista e às atividades socioeducacionais voltadas para crianças, mulheres trabalhadoras, órfãos, pobres ou marginalizados.

A promulgação da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, que tornava livres todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquele ano, criou uma nova problemática social. Tais filhos de escravas ficavam sob o domínio dos senhores e de suas mães até que completassem oito anos e, a partir de tal idade, eram expulsos das fazendas. Os fazendeiros não tinham interesse em cuidar destas crianças por este período uma vez que não teriam retorno financeiro com o processo. Dessa forma, os abusos e os descasos eram enormes e frequentes. Depois disso, com a expulsão da fazenda, estas crianças tornavam-se desamparadas. Diante deste contexto, Anália Franco mobilizou-se em prol da causa de tais negros abandonados e desprotegidos.

Além do seu trabalho social, ela também foi responsável por diversas produções literárias sobre processos pedagógicos, romances e poesias. Lutou em defesa da igualdade étnica, da educação livre e popular, da alfabetização e da participação

da mulher no âmbito social. Nesse sentido, sua importância e contribuição foi profunda, especialmente ao considerar o período monarquista e a sociedade católica, escravocrata e patriarcal em que atuou.

Segundo a fala de Gastão da Silva Júnior, presidente da diretoria do Educandário em 1982, em matéria publicada em 30 de junho daquele ano no Jornal A Tribuna, Anália Franco

> foi muito caluniada e combatida. Entretanto, era paciente, carinhosa, humilde e tudo superava. Sua meta era diminuir cada vez mais a necessidade de esmolas pelo desenvolvimento da educação e do trabalho, de onde provém o bem estar e a moralidade das classes pobres. (A TRIBUNA, 1982)

De acordo com Ramos (2004), a Escola Maternal "Anália Franco" – com este nome em homenagem à educadora – foi fundada em 05 de agosto de 1902 por Eunice Peregrino Caldas. A instituição localizava-se na antiga Rua do Rosário (atual Rua João Pessoa), 537, no centro da cidade de Santos.

Associação Feminina Santista

Com o objectivo unico de diffundir a instrucção, notadamente secundaria, á mocidade feminina de Santos, foi fundada a 7 de junho de 1903, a Associação Feminina Santista. Foram fundadoras as senhoras: Eunice Caldes, Iracema Pesgreave, Elisa Affonseca, Seraphina Millon, Adelaide de Britto, Irene Moretez-sohn, Robertina Simonsen, Judith Caldas, Sebastiana Patusca, Marianna Conceição, Candida Inglez de Souza, Maria Candida Bellegarde Marcondes, Ermelinda de Carvalho, Diva de Lamare Porchat de Assiz, Maria C. Sodré, Francisca de Faria, Cyomara Nogueira, Julia Martins e Carolina M. Ribeiro.

[Fig. 05] Recorte da Revista Flamma, edição de janeiro de 1939, página 17. Fundação da Associação Feminina Santista em 7 de junho de 1903: dentre as fundadoras, Eunice Caldes.

CRECHE ASYLO "ANALIA FRANCO"

SANTOS, 5 — O movimento desta creche asylo durante o mez de dezembro findo, foi o seguinte:

Orphams existentes, 40.

Receita:

Saldo anterior, 1:860$000; mensalidades de socios, pagas ao cobrador, 396$000; idem pagas á directoria, 80$000; donativo de anonymos, 100$000; donativo de Elpidio Franco, 50$000; idem dos professores da Escola Barnabé, 25$000; idem, por intermedio da "A Tribuna", 185$000; idem, por intermedio da "Gazeta do Povo", 10$000. Total, 2:706$000.

Despesa:

Aluguel da casa, 250$000; commissão ao cobrador, 59$400; armazem, 285$800; varias despesas, ... 574$700; total, 1:119$900.

[Fig. 06] Em 06 de janeiro de 1920, o Jornal Correio Paulistano afirma que a Creche Asylo Anália Franco possui 40 "Orphams" (órfãs), além de descrever alguns custos de manutenção da creche como também alguns valores doados.

Eunice Caldas destacava-se na época por sua preocupação em "difundir a instrução" especialmente às mulheres. Assim, além da fundação da Escola Maternal Anália Franco, também estava envolvida em outras ações neste sentido, como por exemplo, a Associação Feminina Santista.

Entretanto, assim como diversas entidades assistencialistas brasileiras, o Anália Franco passou por muitas dificuldades para sobreviver. Diante dos problemas enfrentados para a sua manutenção, a Escola teve que ser reformulada.

Em resposta à insolvência que não permitia manter o aluguel das suas instalações, em 12 de junho de 1922 a diretoria da Creche Anália Franco entrou em contato com o presidente da Loja Maçônica Fraternidade de Santos. Nesse momento, a instituição estava sob o risco de ser despejada do prédio que ocupava na Rua do Rosário por falta de pagamento de aluguéis, e assim, pediu auxílio à Loja.

Em resposta ao pedido, uma verba mensal passou a ser destinada à Creche a fim de socorrê-la e, ao mesmo tempo, foi nomeada uma comissão de três membros para que fosse avaliada a real situação da instituição. O parecer obtido foi que "as crianças ali recolhidas estavam em situação precária – mal alimentadas, mal vestidas e sem nenhum conforto. Notaram, ainda, que o dinheiro arrecadado era carreado para instituição congênere em São Paulo" (Anália Franco – Revista Comemorativa dos 85 Anos, 2007, p. 03)

Declarações

Associação Creche-Asylo "Analia Franco"

A commissão autorisada pela exma. sra. d.ª Julieta Santos, directora desta cidade da Créche Asylo "Analia Franco", para elaborar seus estatutos, tendo apresentado á mesma o seu projecto e tendo o mesmo sido por ella approvado, vem, por intermedio deste, convidar as autoridades federaes, estaduaes, municipaes, os MM. Juizes de Direito e Promotores Publicos, imprensa, associações, alto commercio e varejista desta praça e o publico em geral, para assistirem á leitura e approvação do referido projecto de Estatutos.

A commissão pede encarecidamente ao publico desta cidade, cuja veia caritativa tem sido por varias vezes demonstrada, o seu comparecimento á alludida reunião, que será levada a effeito quarta-feira, 28 do corrente, ás 19,30 horas, no salão do Real Centro Portuguez, desta cidade, gentilmente cedido por sua digna directoria, e pelo que a todos antecipa os seus agradecimentos.

A COMMISSÃO.

[Fig. 07] Convite da diretora da Creche Asilo "Anália Franco," Julieta Santos, à sociedade para assistir a leitura e a aprovação do projeto de Estatuto. A comissão relembra a veia caritativa que o público santista usualmente demonstra.

A notícia da precária situação financeira em que se encontrava a instituição circulou pelos jornais da época. Destaca-se, em 27 de junho de 1922 no jornal A Tribuna, o convite da diretora Julieta Santos às autoridades e ao público geral para comparecerem à reunião que seria realizada no dia seguinte, às 19h no Salão Real do Centro Português, para a leitura e aprovação do projeto de Estatuto da instituição.

Dessa forma, na Assembléia Geral realizada em 28 de junho de 1922 é fundada a Associação Creche-Asylo Anália Franco, como resultado da reorganização por um grupo de cidadãos da sociedade santista. Segundo a Ata da Reunião deste dia, uma comissão de maçons da Loja Fraternidade de Santos foi quem realizou a fundação na presença de autoridades como o Juiz de direito da primeira vara, José Domingos Duarte.

Assim, foi constituída a primeira diretoria da entidade, composta da seguinte forma:

Presidente: Adelino Ferraz de Barros (chefe da Estação São Paulo Railway);

Vice-Presidente: Ibrahim Nobre;

Primeira Diretora: Julieta Santos;

Primeiro Secretário: Arthur Pinto Reis;

Segundo Secretário: Archibaldo Martins Serra;

Primeiro Tesoureiro: Alberto Fernandes Leal;

Segundo Tesoureiro: Antônio José Rodrigues Guimarães (português aposentado da São Paulo Railway);

Associação Creche-Asylo
"Analia Franco"

A SUA FUNDAÇÃO, HOJE, NA SEDE DO REAL CENTRO PORTUGUEZ

Diante da difficil situação que vem atravessando o Asylo "Analia Franco", a sua actual directora, exma. sra. Julieta dos Santos, acaba de consentir, como foi pormenorizadamente noticiado pela imprensa, na organização de uma sociedade, cujo nome será o de "Associação Créche-Asylo Analia Franco".

A nossa população, a quem a sorte dos menores que se abrigam sob o tecto desse estabelecimento de caridade, não é indifferente, vem acolhendo com muita sympathia a idéa da sua remodelação.

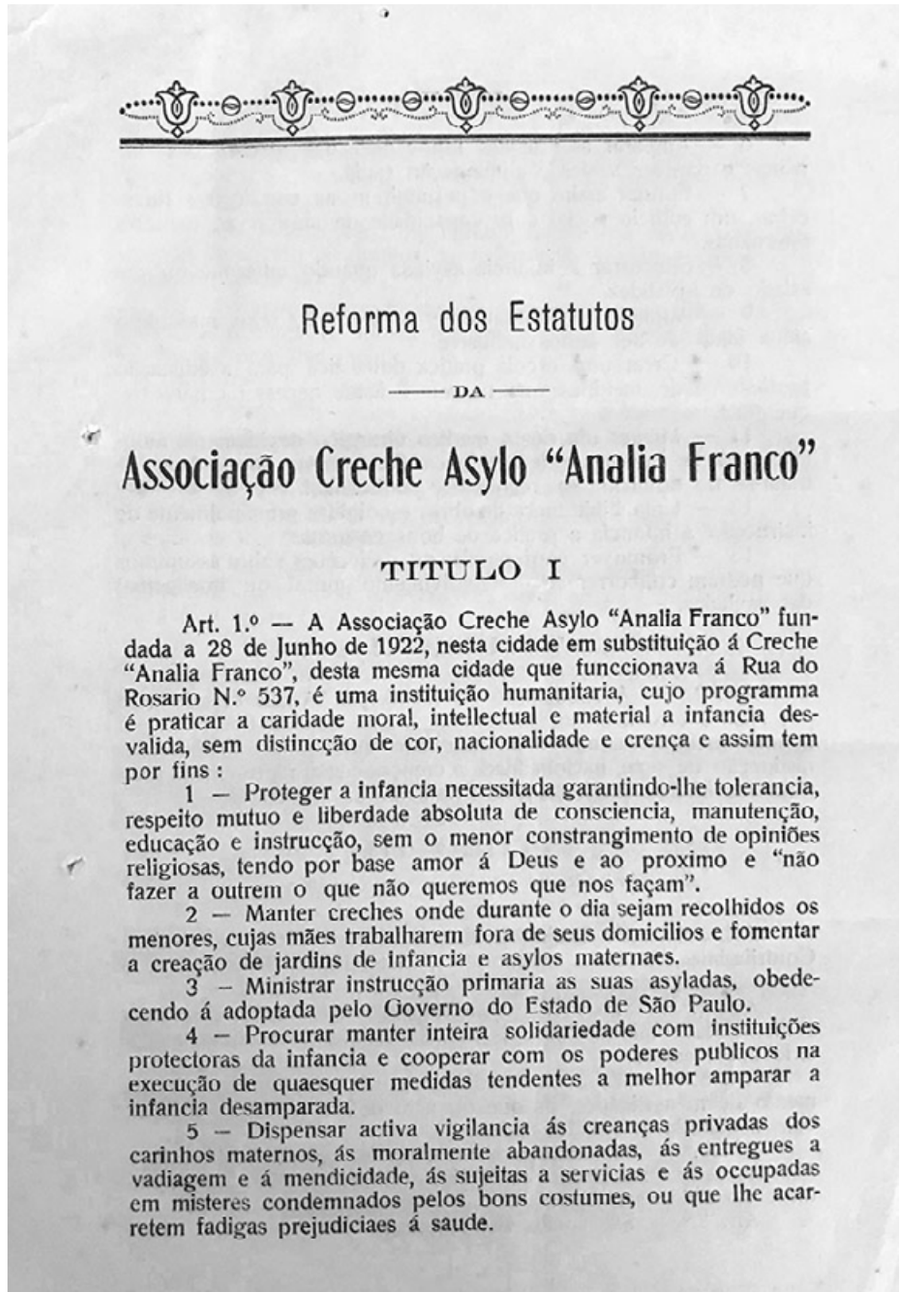
Por sua vez, a commissão organizadora, composta de pessoas de destaque no nosso meio social, não tem medido esforços nem sacrificios para que aos orphãosinhos não falte o necessario para a sua subsistencia. E, graças á sua boa vontade, a referida associação vae ser hoje fundada, no Real Centro Portuguez.

Assim, a commissão solicita, por nosso intermedio, o comparecimento do povo santista á assembléa de fundação, que se realiza hoje, ás 19 horas, na séde da alludida sociedade lusa.

DONATIVO

De L. F. S. recebemos 200$000, destinados ao Asylo Créche "Analia Franco".

[Fig. 08] Relato da fundação da Associação Creche-Asilo Anália Franco pela diretora Julieta dos Santos como uma reformulação do antigo Asilo Anália Franco. Reforça-se, também, a solicitação para o comparecimento do povo santista à assembléia a ser realizada no dia da publicação. Ao final, tem-se a descrição de um donativo feito ao Asilo.



Reforma dos Estatutos

DA

Associação Creche Asylo "Analia Franco"

TITULO I

Art. 1.º — A Associação Creche Asylo "Analia Franco" fundada a 28 de Junho de 1922, nesta cidade em substituição á Creche "Analia Franco", desta mesma cidade que funccionava á Rua do Rosario N.º 537, é uma instituição humanitaria, cujo programma é praticar a caridade moral, intellectual e material a infancia desvalida, sem distincção de cor, nacionalidade e crença e assim tem por fins :

1 — Proteger a infancia necessitada garantindo-lhe tolerancia, respeito mutuo e liberdade absoluta de consciencia, manutenção, educação e instrucção, sem o menor constrangimento de opiniões religiosas, tendo por base amor á Deus e ao proximo e "não fazer a outrem o que não queremos que nos façam".

2 — Manter creches onde durante o dia sejam recolhidos os menores, cujas mães trabalharem fora de seus domicilios e fomentar a creação de jardins de infancia e asylos maternaes.

3 — Ministrar instrucção primaria as suas asyladas, obedecendo á adoptada pelo Governo do Estado de São Paulo.

4 — Procurar manter inteira solidariedade com instituições protectoras da infancia e cooperar com os poderes publicos na execução de quaesquer medidas tendentes a melhor amparar a infancia desamparada.

5 — Dispensar activa vigilancia ás creanças privadas dos carinhos maternos, ás moralmente abandonadas, ás entregues a vadiagem e á mendicidade, ás sujeitas a servicias e ás occupadas em misteres condemnados pelos bons costumes, ou que lhe acarretem fadigas prejudiciaes á saude.

[Fig. 09] Primeiro Estatuto da Instituição, aprovado na Assembléia Geral realizada em 17 de agosto de 1927. Destaca-se: Art. 1º – A Associação Creche Asylo "Analia Franco" fundada a 28 de junho de 1922, nesta cidade em substituição à Creche "Analia Franco", desta mesma cidade que funcionava na Rua do Rosário Nº 537, é uma instituição humanitária, cujo programa é praticar a caridade moral, intelectual e material a infância desvalida, sem distinção de cor, nacionalidade e crença".

Mordomos: Vicente Correia de Melo, José Domingues Duarte, Oscar Armando Costa, Eduardo Aureo e Valna de Abreu;

Bibliotecário: Raul Caldas;

Comissão de exame de Contas: José Baccarat, Benedito Rodrigues e Polydoro de Oliveira.

Dessa maneira, apesar de já existir 'de fato antes, a instituição Anália Franco é fundada oficialmente em 1922. A partir daí atende, sem fins lucrativos, crianças e adolescentes em regime de creche ou de acolhimento institucional.

No dia seguinte, em 29 de junho de 1922, o jornal santista A Tribuna relata a resposta da sociedade após o anúncio da precária situação em que se encontrava a instituição e do pedido da Comissão para o comparecimento na Assembléia Geral. "... houve uma porção da cidade que se levantou num lindo e comovente movimento coletivo para impedir o desmoronamento iminente: foi um punhado de moços da nossa aristocracia esportiva." (A TRIBUNA, 1922, p. 2) Dessa forma, no campo da A. Atlética Portuguesa, foi feita uma festa esportiva a fim de arrecadar recursos em prol do Anália Franco.

A fundação da Associação Creche-Asylo "Anália Franco"

Sua primeira directoria

Como haviamos antecipado, realisou-se hontem, na séde do Real Centro Portuguez, assistida por numerosa assistencia e presidida pelo dr Ibrahim Nobre, delegado regional, a assembléa em que foi levada a effeito a fundação da Associação Creche-Asylo Analia Franco.

A primeira directoria desta agremiação, cujos estatutos foram tambem discutidos e approvados, nessa reunião, ficou assim constituida:

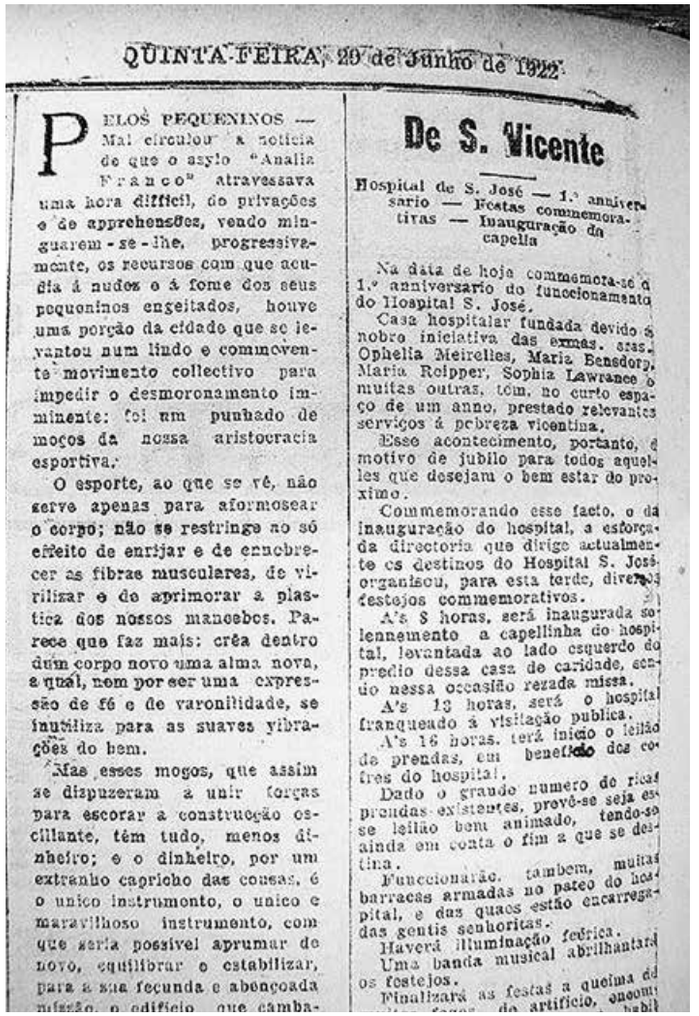
Presidente, Adelino Ferraz de Barros; vice-dito, dr. Ibrahim Nobre; 1.º secretario, Arthur Pinto Reis; 2.º dito, Archibaldo Martins Serra; 1.º thesoureiro, Alberto Fernandes Leal; 2.º dito, Antonio José Rodrigues Guimarães; mordomos, Vicente Correia de Mello, José Domingues Duarte, Oscar Armando Costa e Eduardo Aureo Valia de Abreu; bibliothecario, Raul Caldas.

Commissão de exame de contas: Major José Baccarat, Benedicto Rodrigues e Polydoro de Oliveira.

Assembléa geral:

Presidente, Amando Stockler; vice-dito, Nicanor Pereira; 2.º vice-dito, José Luiz Antunes; 1.º secretario, Luiz Lascala; 2.º dito, Alvaro José Alves.

[Fig. 10] Informe da realização, no dia anterior da publicação, da assembléia de fundação da Associação Creche-Asilo Anália Franco. O texto descreve os nomes dos membros da primeira diretoria da agremiação, além dos presentes na assembléia geral.



QUINTA-FEIRA, 29 de Junho de 1922

PELOS PEQUENINOS — Mal circulou a noticia de que o asylo "Analia Franco" atravessava uma hora difficil, de privações e de apprehensões, vendo minguarem-se-lhe, progressivamente, os recursos com que acudia á nudez e á fome dos seus pequeninos engeitados, houve uma porção da cidade que se levantou num lindo e commovente movimento collectivo para impedir o desmoronamento imminente: foi um punhado de moços da nossa aristocracia esportiva.

O esporte, ao que se vê, não serve apenas para aformosear o corpo; não se restringe ao só effeito de enrijar e de ennobrecer as fibras musculares, de virilizar e de aprimorar a plastica dos nossos mancebos. Parece que faz mais: crêa dentro dum corpo novo uma alma nova, a qual, nem por ser uma expressão de fé e de varonilidade, se inutiliza para as suaves vibrações do bem.

Mas esses moços, que assim se dispuzeram a unir forças para escorar a construcção oscillante, têm tudo, menos dinheiro; e o dinheiro, por um extranho capricho das cousas, é o unico instrumento, o unico e maravilhoso instrumento, com que seria possivel aprumar de novo, equilibrar e estabilizar, para a sua fecunda e abençoada

De S. Vicente

Hospital de S. José — 1.º anniversario — Festas commemorativas — Inauguração da capella

Na data de hoje commemora-se o 1.º anniversario do funccionamento do Hospital S. José.

Casa hospitalar fundada devido á nobre iniciativa das exmas. snas. Ophelia Meirelles, Maria Bensdorp, Maria Reipper, Sophia Lawrance e muitas outras, tem, no curto espaço de um anno, prestado relevantes serviços á pobreza vicentina.

Esse acontecimento, portanto, é motivo de jubilo para todos aquelles que desejam o bem estar do proximo.

Commemorando esse facto, o da inauguração do hospital, a esforçada directoria que dirige actualmente os destinos do Hospital S. José organisou, para esta tarde, diversos festejos commemorativos.

A's 8 horas, será inaugurada solennemente a capellinha do hospital, levantada ao lado esquerdo do predio dessa casa de caridade, sendo nessa occasião rezada missa.

A's 13 horas, será o hospital franqueado á visitação publica.

A's 16 horas, terá inicio o leilão de prendas, em beneficio dos cofres do hospital.

Dado o grande numero de ricas prendas existentes, provê-se seja esse leilão bem animado, tendo-se ainda em conta o fim a que se destina.

Funccionarão, tambem, muitas barracas armadas no pateo do hospital, e das quaes estão encarregadas gentis senhoritas.

Haverá illuminação feerica.

Uma banda musical abrilhantará os festejos.

Finalizará as festas a queima de

[Fig. 11] Agradecimentos à parcela da sociedade que "se levantou num lindo e comovente movimento coletivo para impedir o desmoronamento iminente", especialmente à aristocracia esportiva – apontados como os principais responsáveis pela ação. É feito o anúncio e o convite para o evento beneficente que iria acontecer naquele dia, no campo da A. Atlética Portuguesa.

Em entrevista com o historiador Lucas Henrique Silva Gonçalves, em maio de 2021, afirma-se que os primeiros debates após a fundação da instituição abordavam o estabelecimento de um terreno para a construção de um edifício definitivo para o asilo. Nesse sentido, ainda segundo Gonçalves, com base no Jornal Correio Paulistano publicado em 08 de janeiro de 1925, página 2, afirma-se que no começo do ano de 1925 a Associação organizou uma grande quermesse no bairro do Gonzaga na busca por fundos para financiar a construção do novo prédio. Este evento foi realizado com a doação de prendas e prêmios de diversos comerciantes e famílias da cidade.

[Fig. 12] Lê-se: "Membros da commissão e organisadores da festa promovida em benefício do Asylo Creche Anália Franco".

[Fig. 13] Lê-se: "Grupo apanhado por accasião da kermesse realisada no Gonzaga, em benefício daquella benemerita instituição de caridade".

Dessa forma, a instituição mudou-se do imóvel alugado da Rua do Rosário para a Avenida Ana Costa, onde está localizada até hoje. A aquisição do terreno e a construção da nova sede foi possível graças ao apoio da Loja Maçônica Fraternidade de Santos. Apesar das dificuldades, em 23 de agosto de 1925 a entidade lança a pedra fundamental da nova edificação para se instalar em seu primeiro prédio, na Avenida Ana Costa, 285, esquina com a Rua Barão de Paranapiacaba.

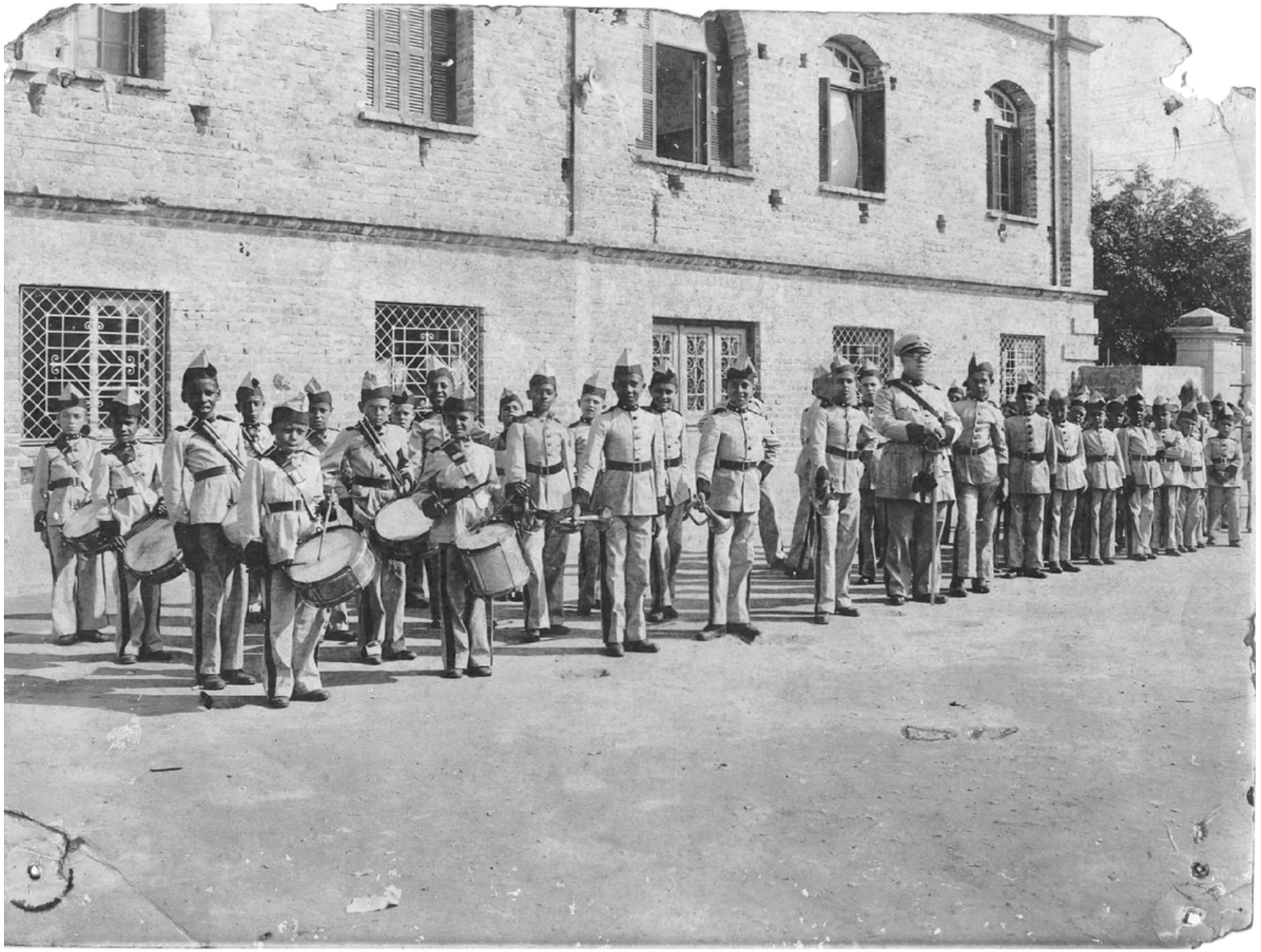
Tradicionalmente há uma cerimônia simbólica para a colocação da pedra fundamental – primeiro bloco de pedra ou de alvenaria acima da fundação, contendo inscrições como a data e a identificação do construtor da obra – uma vez que significa o marco inicial da edificação. Também é costume, neste momento, enterrar uma cápsula do tempo para a posteridade. Neste recipiente fechado coloca-se uma ata com o nome das pessoas presentes e algumas lembranças do dia, que comumente são jornais ou moedas. Tradicionalmente a pedra fundamental está localizada a nordeste da construção.

De acordo com Gonçalves (2021), o evento foi realizado na presença das autoridades, do clero e dos membros da associação: o bispo D. José Maria Pereira Lara e o Governador da Província de São Paulo, Carlos de Campos. Neste momento, foi colocado um recipiente com jornais da época, moedas e uma cópia da ata embaixo da pedra fundamental, porém atualmente a caixa não foi encontrada.

Em entrevista, Gonçalves (2021) relembra o conflito político aberto na sociedade brasileira vivido entre a Igreja e a Maçonaria nesse período. A maçonaria constitui-se uma organização laica, enquanto a maior parte dos cidadãos da cidade de Santos da época era católica. O Bispo, assim, possuía grande influência na sociedade santista. Dessa forma, a presença do Clero na cerimônia de colocação da pedra fundamental gerou algumas inquietações nos membros da Associação. Entretanto, apesar dos atritos, os maçons compreenderam a importância da bênção do Bispo local naquela ocasião.

Em 1926, a nova sede da Associação Creche Asylo "Anália Franco" é finalizada. De acordo com o Jornal A Tribuna publicado em 15 de novembro de 1975, página 5, é relatado que no dia 1º de novembro de 1926, quinze dias antes de assumir a presidência da República, Washington Luís visitou o prédio. Em homenagem à sua visita, foi feita uma placa comemorativa.

[Fig. 14] 4dificação para a nova sede da Associação Creche-Asylo Anália Franco recém construída.



[Fig. 15] Internos com trajes de desfile e portando instrumentos, em algum provável desfile ou evento comemorativo. Estão dispostos na lateral da edificação recém construída, na rua Barão de Paranapiacaba.

A partir da análise das fotos, é possível indicar que, provavelmente, a construção do edifício foi feita com poucos recursos financeiros. Percebe-se que os furos na fachada para a fixação do andaime não foram recobertos quando as obras foram finalizadas. Estes elementos indicam uma possível falta de capital para arcar com os custos de material e mão de obra para seu fechamento.

Além disso, a edição de 14 de junho de 1970 do Jornal A Tribuna referente à edificação ao lado – construída posteriormente – dá indícios de que a intenção inicial não era que o aspecto da fachada fosse de tijolos aparentes.

> A fachada já está quase pronta; não é mais triste como antigamente, quando tinha apenas tijolos à mostra. Massa inista (cal, areia e cimento) está sendo aplicada nas paredes. (...) Depois de 20 anos – justifica – este Educandário via-se na situação de ter concluída a entrada principal. Assim é que os tijolos, com sua tristonha aparência, dão lugar a um moderno revestimento de massa corrida que exprime o dinamismo da diretoria, que não mede esforços a fim de proporcionar aos menores sadia assistência e condições favoráveis de serem úteis a si e à sociedade. (A TRIBUNA, 1970)

Santos — Domingo, 14 de junho de 1970

Anália Franco comemora aniversário com prédio pintado e mais humano

Para comemorar seu 48.º aniversário, o Educandário Anália Franco está preparando festa junina; será no dia 27 próximo. A homenagem é também para os 150 garotos internos, todos entre 7 e 12 anos. A instituição aproveita também a oportunidade para apresentar as obras que darão ao prédio toda uma aparência de novo.

A fachada já está quase pronta; não é mais triste como antigamente, quando tinha apenas tijolos à mostra. Massa lisista (cal, areia e cimento) está sendo aplicada nas paredes. Como acabamento final as paredes e molduras recebem massa raspada e colorida, em dois tons de cinza, a fim de salientar as molduras.

As janelas estão sendo pintadas de verde, com tinta a meio esmalte sôbre superfície preparada. Uma outra novidade que o Anália Franco poderá mostrar, em algum tempo, será outro muro na fachada, rebaixado até 0,60 cm, com modernas grades de ferro em toda a extensão do ajardinamento para avenida Ana Costa.

Em frente ao prédio serão construídos canteiros e plantados jardins. Quando tudo estiver pronto, serão colocados bancos no local para que os garotos possam passar algum tempo, depois do jantar, com comunicação direta para a sala de televisão.

As obras são um projeto do engenheiro J. Cabral Lopes e servirão, segundo o presidente do Anália Franco, José Gaspar Filho, para humanizar o prédio e dar aos garotos melhores condições. O custo total será de Cr$ 48.623,00.

MOTIVOS

Os motivos de tôdas as obras quem explica é o presidente, José Gaspar Filho: "Temos muitos objetivos e planejamos realizá-los dentro do possível. Primeiramente nossa atenção se voltou para a reforma geral da fachada principal do prédio", afirma.

"Depois de 20 anos — justifica — êste Educandário via-se na situação de ter concluída a entrada principal. Assim é que os tijolos, com sua tristonha aparência, dão lugar a um moderno revestimento de massa corrida que exprime o dinamismo da diretoria, que não mede esforços a fim de proporcionar aos menores sadia assistência e condições favoráveis de serem úteis a si e à sociedade.

"Às grades modernas — explica — sem dúvida alguma trarão nôvo aspecto, tirando-lhe a impressão de casarão desalentado, submisso ao avanço do tempo. Construiremos jardim adaptável à nova face, com colocação de postes de iluminação, bem como, confortáveis bancos.

"Posteriormente, é projeto reforma geral da atual cozinha. Os fogões de lenha serão substituídos por outros mais funcionais, trazendo melhor aproveitamento no tocante à elaboração dos alimentos dos menores, diz José Gaspar Filho.

"Também planejamos a reforma de nossos gabinetes sanitários destinados aos menores, os quais, obsoletos e deficientes, já não encontram mais razão de existir, pois os constantes entupimentos e a grande quantidade de vasos arcaicos trazem desconfôrto aos menores. A característica das novas alas de sanitários será a adaptação aos menores e o confôrto, que possibilitarão também melhor distribuição das instalações, evitando os constantes entupimentos que ocasionam transtornos.

"A lavanderia já sofreu as reformas necessárias do mecanismo. Foi realizada reforma geral na caldeira e nos tubos. Tudo isso visa a melhor funcionamento e a lavagem normal da roupa dos garotos.

"Planejamos e estamos trabalhando certos de que o Govêrno do Estado não deixará de atender a nossos pedidos, o que possibilitará, também aumento no número de vagas. Atualmente, o Educandário Anália Franco recebe verbas dos Ministérios da Educação e da Justiça, do Conselho Estadual de Auxílio e Subvenções, das Prefeituras de Santos e Cubatão e do FASS — Fundo de Assistência Social. Além de contribuições do povo há também a renda proveniente do trabalho dos garotos, nas oficinas da instituição.

A diretoria é formada por: José Gaspar Filho, presidente; Erminio Prandato, vice-presidente; Gastão da Silva Júnior, secretário; Augusto Faria, 2.º-secretário; Antônio Pereira, tesoureiro; Itagiba Chaves, 2.º-tesoureiro; José Garcia Silveira, bibliotecário. Da Comissão Fiscal fazem parte: José Silva, Joaquim Cabral Lopes, Vitorino Rocha. O Conselho Deliberativo é composto por: José Gomes da Silva, presidente; Emílio Baraçal, vice-presidente; João Oliveira

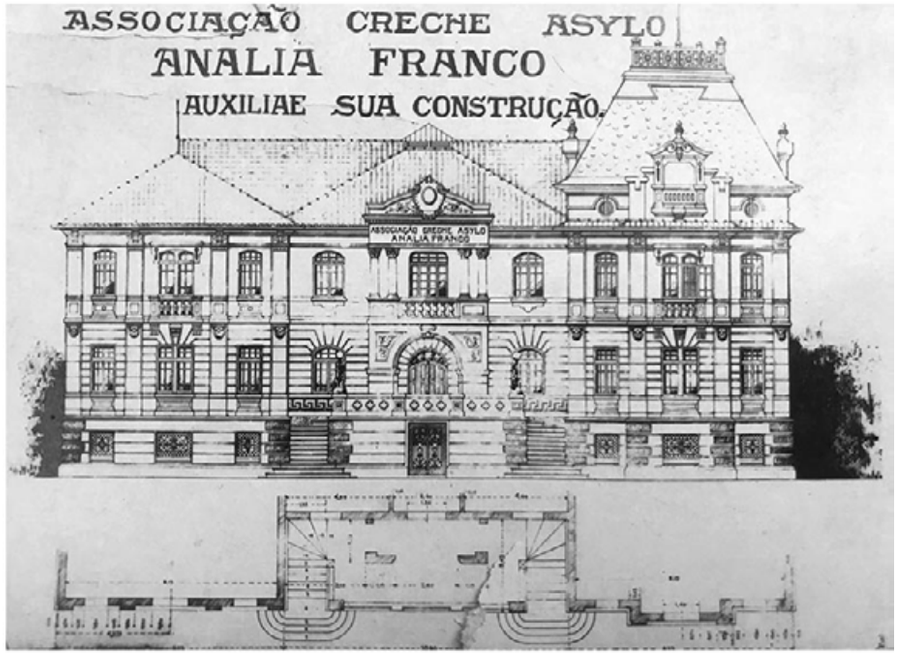
Apesar do trecho retratar a aparência do prédio vizinho, é provável que a intenção estética com a edificação em questão fosse a mesma: tijolos à mostra como um sinônimo de inferioridade. O recobrimento da fachada por massa é, inclusive, visto como uma "humanização" do edifício, como é apontado pelo título da matéria.

Nesse sentido, devido aos furos de fixação do andaime não recobertos após a conclusão das obras, além do posterior relato de descontentamento em relação aos tijolos à mostra, revela-se que a construção do edifício pode ter sido feita de acordo com a limitação dos recursos disponíveis, e não com a verdadeira intenção estética desejada.

São poucas as imagens encontradas com o edifício com tal aparência, e muitas com ele já recoberto e pintado. Nesse sentido, não se sabe ao certo quando a finalização da fachada foi realizada.

Em algum momento o prédio foi carinhosamente apelidado de "Castelinho". É essa a denominação pela qual seus funcionários e a

[Fig. 16] Em comemoração ao 48º aniversário do Educandário Anália Franco, a reportagem relata os preparativos para a festa junina e o andamento das obras. Esta reforma recobrirá os tijolos à mostra da fachada, deixando de ter a "aparência triste" de antes, além da pintura colorida às janelas, das grades de ferro no muro e dos bancos nos jardins.



[Fig. 17] Cartão postal com a representação da fachada e parte da planta térrea do edifício, entregue como forma de agradecimento àqueles que contribuíssem com alguma doação à instituição.

sociedade frequentemente se referem a ele até os dias de hoje.

De acordo com Gonçalves (2021), em 26 de maio de 1927 a Assembléia deliberou sobre a instalação de um grupo escolar no prédio recém-inaugurado. O governo do Estado de São Paulo, então, passaria a pagar um aluguel referente ao uso de parte do edifício do "Castelinho" para a instalação do Grupo Escolar Dino Bueno. Dessa forma, os recursos provenientes deste espaço alugado para a escola auxiliavam na manutenção do "Asylo de Órphãos" do Anália. Naquele mesmo ano o Grupo escolar já estava instalado no prédio e em funcionamento.

REFORMA DOS ESTATUTOS

DA

ASSOCIAÇÃO CRECHE ASYLO "ANALIA FRANCO"

Approvados em Assembléa Geral, realisada em 17 de Agosto de 1927.

TYPOGRAPHIA CARVALHO

1927

[Fig. 18] Primeiro Estatuto da Associação Creche Asylo "Anália Franco", aprovado em Assembléia Geral.

Em Assembléia Geral realizada em 17 de agosto de 1927 é aprovado o seu primeiro estatuto. Nele, é possível destacar alguns pontos, como por exemplo, que a instituição era fundamentalmente feminina, podendo "*admittir opportunamente asylados* do sexo masculino até a idade de dez anos inclusive", segundo o artigo 9. Além disso, o artigo 6 afirma "amparar as infelizes inocentes das viscissitudes humanas e dar-lhes vestes e alimentação".

O texto também apresenta algumas normas de vestimenta que deveriam ser seguidas. Para as meninas, seria uma blusa branca com o *mnogramma* da Associação no bolso da blusa, gravata e saia preta. Para os meninos, calça e jaquetão azul marinho e *bonet* da mesma fazenda com os dizeres A.C.A. Anália Franco. Ainda neste estatuto tem-se que as reuniões seriam realizadas de três em três anos no mês de janeiro com a finalidade de eleger uma nova diretoria, e também que ocorreriam reuniões extraordinárias quando possível, sempre com aviso prévio de, no mínimo, três dias nos jornais locais.

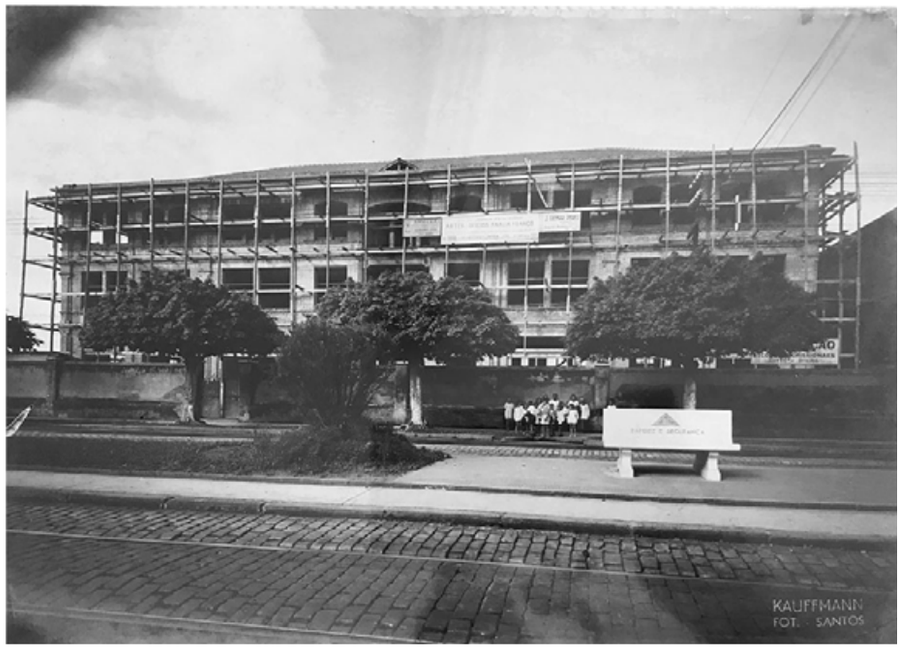
Segundo o levantamento feito por Gonçalves (2021), a edição de 29 de setembro de 1928 do Jornal do Commercio afirma que, naquele mês, a Associação Creche Asylo Anália Franco foi declarada de utilidade pública por um projeto do Sr. Carvalho Filho, sendo aprovado em plenária pelo Congresso Nacional.

Um fato que pode ter aumentado o reconhecimento do trabalho social feito pela entidade, e assim, levado à declaração de utilidade pública, foi devido à uma tragédia ocorrida em março daquele ano. Um desmoronamento no Monte Serrat, em Santos, matou aproximadamente 200 pessoas e deixou 42 crianças órfãs, ainda segundo o levantamento de Gonçalves (2021) a partir de O Jornal (RJ), edição de 14 de março de 1928. Este desastre comoveu todo o país devido ao tamanho e à complexidade nas buscas por sobreviventes. Diante deste acontecimento, tais crianças foram divididas entre o Anália Franco, o Asilo dos Inválidos e o Hospital de Isolamento.

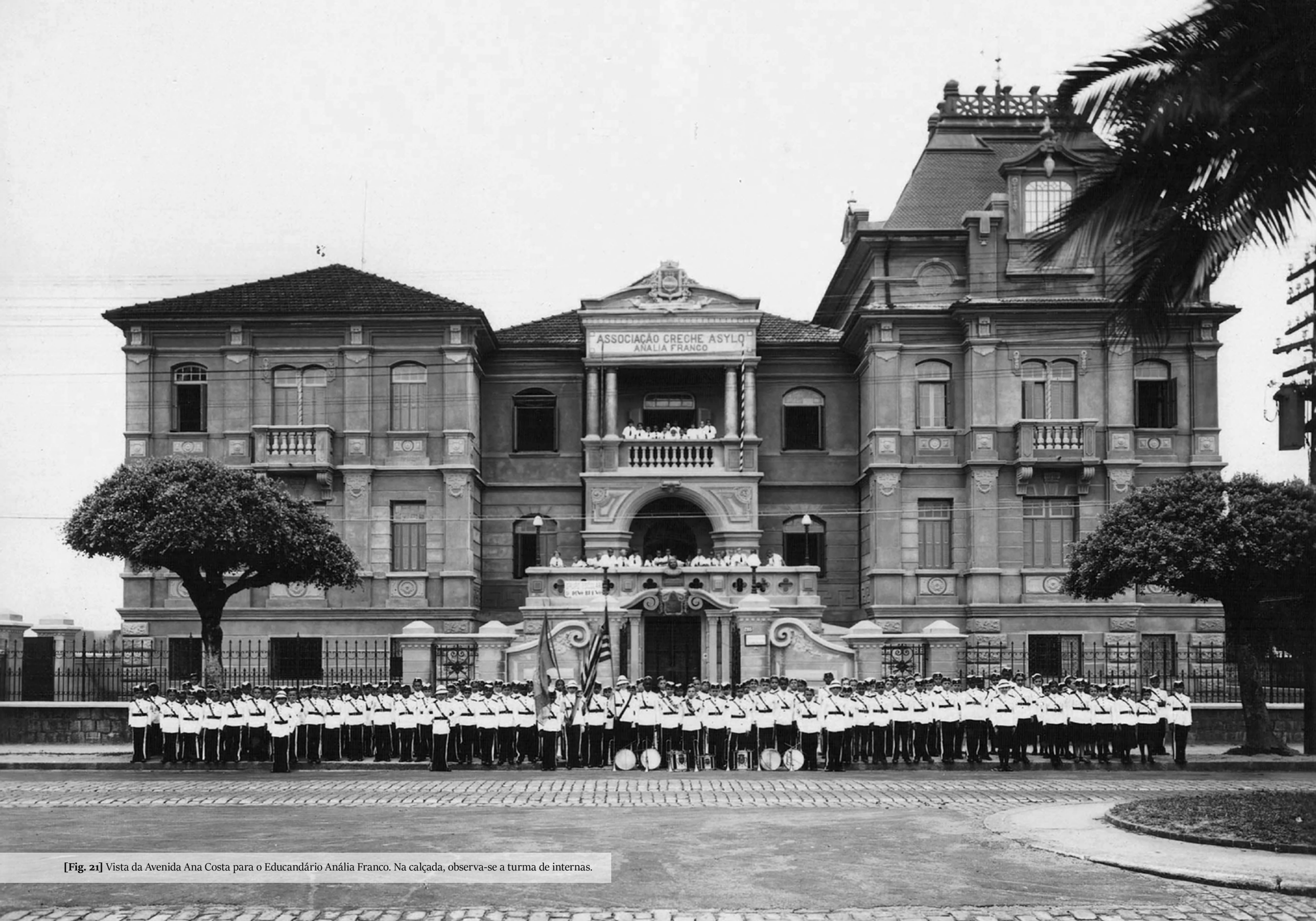
Em entrevista com Gonçalves (2021), o historiador relatou que os jovens abrigados, ao completarem doze anos, tinham que deixar a instituição. Isso era uma questão prejudicial, uma vez que tinham seus estudos interrompidos. Nesse sentido, como uma forma de dar continuidade ao processo de aprendizagem destas crianças, além de ocupá-las, foi criado o *Lyceu de Artes e Offícios*. Para isso, a instituição ampliou suas instalações com uma segunda edificação que abrigaria tais atividades. Em 26 de dezembro de 1936, portanto, iniciam-se as obras deste novo prédio.

Em janeiro de 1943, foi finalizada a construção desta segunda edificação localizada ao lado da primeira e, a partir deste momento, a entidade passou a contar com dois prédios. Localizado na Avenida Ana Costa, 277, é neste edifício mais recente que as atividades acontecem desde então até os dias de hoje. No beiral do primeiro pavimento deste novo prédio, como uma forma de homenagem, está colocado o

[Fig. 19] Obras de construção do segundo prédio, vista do pátio. Ao fundo à esquerda, é possível observar a primeira edificação, o "Castelinho".



[Fig. 20] Segunda edificação em obras, vista da Avenida Ana Costa. Na placa, lê-se: "Artes e Ofícios Anália Franco".



[Fig. 21] Vista da Avenida Ana Costa para o Educandário Anália Franco. Na calçada, observa-se a turma de internas.

[Fig. 22] Vista da Avenida Ana Costa para a fachada do prédio, destacando-se o busto da educadora Anália Franco.

busto da educadora que deu nome à entidade, com suas datas de nascimento e de morte. Esta estátua está voltada para a Avenida Ana Costa, na fachada, sendo visível a partir do olhar da rua.

O presidente José Domingos Duarte foi o principal responsável pela construção do *Lyceu de Artes e Offícios*, entretanto, faleceu antes do término da obra. Ele foi homenageado por seus companheiros como alguém que estava sempre próximo aos alunos da instituição e que educava sem castigos físicos, algo considerado progressista para a época.

Uma vez que o Educandário passou a funcionar somente neste novo edifício, o espaço do "Castelinho" passou a ser alugado para instituições de cunho educativo, mantendo seu compromisso com a educação. Durante o período do imóvel alugado, o dinheiro proveniente era uma das principais fontes de renda para a manutenção e a continuidade do Educandário Anália Franco. Atualmente, outros responsáveis pela manutenção financeira da instituição são o aluguel da quadra e dos salões de festas localizados na edificação mais nova, além do bazar de peças obtidas por doação, dos serviços de lavanderia e do auxílio da Loja Maçônica Fraternidade de Santos.

[Fig. 23] Vista da Avenida Ana Costa para a fachada do prédio do "Castelinho", no qual é possível ler a placa "Centro Municipal de Inclusão Digital".

A gestão de Cordovil Fernandes Lopes na presidência do educandário, especialmente na década de 1950, foi a mais documentada com registros fotográficos. Ele tinha o costume de retratar a inauguração de placas para o salão nobre, além de diversos brinquedos para o pátio, como por exemplo, o *carroucel* (carrossel), o cavalo de pau, os balanços e o *deslisador* (escorregador). Fazia cerimônias de estréia de tais equipamentos e festejava diversos momentos.

Há também vários registros das acomodações internas dos edifícios, a partir das quais pode-se observar a disposição dos dormitórios, das salas de atividades, da tipografia, da lavanderia e da cozinha.

Os internos apareciam com frequência nas fotos exercendo suas atividades cotidianas, nas celebrações e nos eventos esportivos. O presidente tradicionalmente registrava todas as turmas com uma fotografia na entrada do edifício de *Lyceu de Artes e Offícios*. No momento em que o interno ali terminava seus estudos e recebia o diploma, era entregue a ele tal foto como um símbolo de recordação e recompensa por completar o curso primário. Cordovil estava presente no centro de todos estes registros.

[Fig. 24] Vista do pátio na inauguração do carroucel, em 12 de agosto de 1954, pelo presidente Cordovil Fernandes Lopes. Ao fundo é possível observar a cozinha (térrea) e, atrás, a edificação mais nova – ainda sem revestimentos externos e com tijolos aparentes.

[Fig. 25] Vista do pátio na inauguração do balanço com seis bancos, em 12 de agosto de 1954, pelo presidente Cordovil Fernandes Lopes.

[Fig. 26] Vista do pátio na inauguração do deslisador, em 12 de agosto de 1954, pelo presidente Cordovil Fernandes Lopes. Ao fundo, observa-se a cozinha (térrea) e, atrás, a edificação mais nova – ainda sem revestimentos externos e com os tijolos aparentes.

[Fig. 27] Vista do pátio na inauguração do cavalo de pau, em 12 de agosto de 1954, pelo presidente Cordovil Fernandes Lopes.

[Fig. 28] No verso da fotografia, consta: "Associação Creche Asilo Anália Franco. Avenida Anna Costa, 277 - Santos. Obras da nova cosinha em construção. Capacidade para 500 pessoas. Fotografia tirada em 13 de junho de 1951. Cordovil Fernandes Lopes - Presidente".

[Fig. 29] No verso da fotografia, consta: "Associação Creche Asilo Anália Franco. Avenida Anna Costa, 277 - Santos. Dormitório - lado da Avenida Anna Costa. Existem 6 iguais com capacidade para 50 crianças cada um. Fotografia tirada em 15 de junho de 1951. Cordovil Fernandes Lopes - Presidente".

[Fig. 30] Internos realizando as atividades na seção de tipografia e encadernação. Autor desconhecido. 15 de junho de 1951.

[Fig. 31] Meninos fazendo os trabalhos de tipografia e encadernação no edifício de Lyceu de Artes e Offícios.

[Fig. 32] Internos realizando o serviço de lavanderia.

[Fig. 33] No verso da fotografia, consta: "Associação Creche Asilo Anália Franco. Avenida Anna Costa, 277 - Santos. Parte dos asilados em fila, para as aulas no Grupo Dino Bueno pertencente ao Estado, instalado no nosso prédio. Fotografia tirada em 28 de junho de 1951. Cordovil Fernandes Lopes - Presidente".

[Fig. 34] No verso da fotografia, consta: "Associação Creche Asilo Anália Franco. Avenida Anna Costa, 277 - Santos. Em fila, no galpão, aguardando entrada para o refeitório. Fotografia tirada em 2 de julho de 1951. Cordovil Fernandes Lopes - Presidente".

[Fig. 35] No verso da fotografia, consta: “Fotografia dos internados no Educandário Anália Franco tirada em princípios do corrente ano, em companhia de diretores e funcionários. Em 1.1.1955 existiam 280 internados. Santos”. escrito à mão, além da assinatura do presidente Cordovil Fernandes Lopes.

[Fig. 36] No verso da fotografia, consta: “Fotografia do ‘Jardim de Infância’ do Educandário Anália Franco ao iniciar as aulas em 16.2.1955. É mantida pela instituição com professora do Governo do Estado. Santos.” escrito à mão, além da assinatura do presidente Cordovil Fernandes Lopes.

De maneira geral, é possível avaliar a abordagem de ensino que estas crianças recebiam. Naquela época, a educação e a infância eram encaradas de maneira distintas da que são entendidas hoje. Considerava-se a criança como uma pessoa em miniatura, e assim, capaz de exercer as atividades de um adulto. Nesse sentido, elas recebiam instruções para realizar afazeres como o de costura, lavagem de roupas e trabalhos na tipografia.

O brincar – elemento de destaque nas concepções contemporâneas de pedagogia – não era visto com tamanha importância para a formação da criança. As brincadeiras eram consideradas ócio, e manter a criança ociosa era visto de forma negativa. Naquele período, o mais significativo era instruir os menores no sentido de capacitá-los para exercer atividades futuramente rentáveis. A criação do prédio para as atividades do *Lyceu de Artes e Offícios* vai ao encontro dessa concepção e objetiva treinar e habilitar o jovem para que tenha alguma "ocupação".

Além disso, também de acordo com a mentalidade da época e somado aos recursos financeiros limitados que este tipo de instituição recebia, percebe-se pelas fotos que o ensino é massificado. Uma educação mais personalizada, que compreenda as especificidades da criança, encarando cada uma delas enquanto sujeitos individuais providos de singularidades e características próprias, é uma abordagem mais recente.

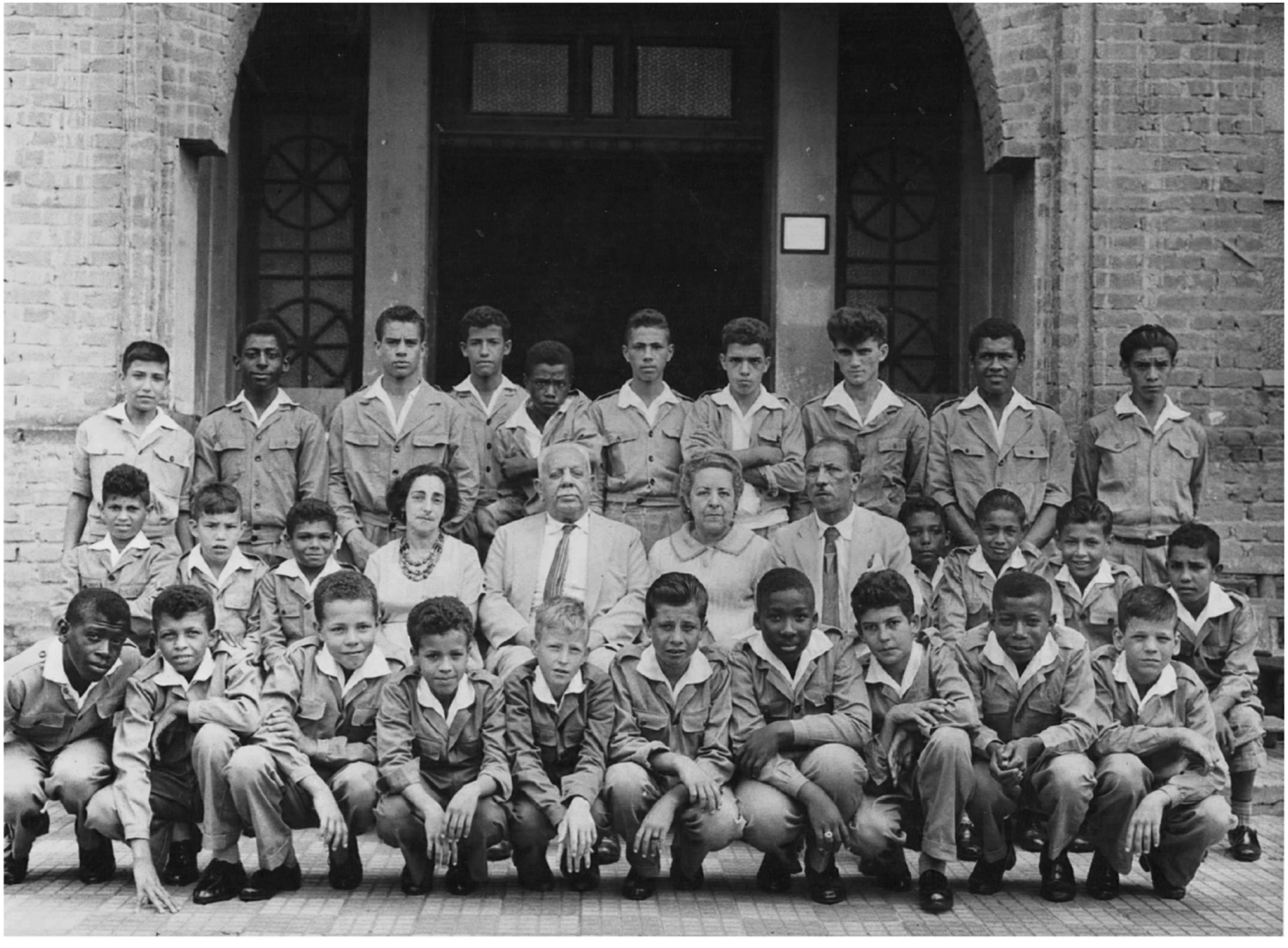
Nesse sentido, destaca-se a utilização de uniformes pelos internos – inclusive, que remetem às fardas militares –, o arranjo rígido das cadeiras nas salas de aulas, a disposição das crianças em filas organizadas na maior parte das fotos, o ordenamento sistemático das 50 camas em cada dormitório, além da padronização dos ambientes – os quais provavelmente não existia a permissão de personalização de seus elementos por parte dos internos.

Percebe-se que o projeto dos edifícios não foi pensado sob a perspectiva das crianças. Alguns elementos que apontam esta questão são a disposição espacial rígida, assim como a grande compartimentação dos ambientes e a pouca integração entre eles – a existência de muitas salas divididas e poucos espaços internos conectados. Além disso, a escala do prédio não é compatível com as alturas e as dimensões das crianças: os pés direitos altos e as grandes portas, por exemplo, não condizem com a estatura infantil. A construção é grandiosa, não acolhedora.

[Fig. 37] Três internos vestindo uniforme branco no edifício Lyceu de Artes e Offícios. O presidente da entidade, Cordovil, está no centro da foto, atrás dos dois meninos. Ao lado esquerdo há uma pilha de sacos onde é possível ler "All purpose flour. Donated by (...) the United States" - Farinha de trigo. Doado por (...) Estados Unidos (tradução livre).

[Fig. 38] Grupo de internos reunidos com o presidente Cordovil Fernandes ao centro da imagem.

[Fig. 39] Internos realizando atividades de costura sob a supervisão dos adultos.



[Fig. 40] No verso da fotografia, consta: “A presente fotografia representa a recordação da sua passagem pelo educandario analia franco, onde esteve internado e recebeu as primeiras instruções primárias, recebendo hoje a recompensa do seu esforço e sua dedicação com o seu diploma, completando o curso primário. Santos, 14 de dezembro de 1962. Educandário Anália Franco - Santos. Cordovil Fernandes Lopes - Presidente”. Ao centro da foto, sentado na fileira do meio, está Cordovil.

Na década de 70 a instituição sofreu uma série de denúncias quanto às condições de atendimento aos internos e ao estado de conservação do edifício. Em 6 de dezembro de 1974 o Jornal A Tribuna anunciava uma crise na instituição em uma matéria intitulada: "Os erros do Anália Franco". O juiz de menores Clineu de Melo Almada e o presidente da Fundação Pró-Menor, Antônio Carlos Penteado intervieram no Educandário sob suspeitas e denúncias de castigos físicos, má alimentação e maus tratos.

Segundo a reportagem, o dia da visita do juiz e do presidente foi um dia muito feliz para as crianças internadas – apesar de temerem uma represália – uma vez que puderam contar-lhes "tudo o que acontece com elas dentro daquela obra social. Mostraram aos visitantes uma pequena cela e disseram que ali são presas durante o dia, quando fazem alguma travessura" (A TRIBUNA, 1974). Em resposta, o presidente da Pró-Menor declarou que "a simples existência desta cela me causa nojo", e o juiz providenciou sua lacração.

As crianças também denunciaram as

> surras que levavam dos funcionários do educandário, das noites em que são forçadas a dormir sobre o cimento frio, sem qualquer proteção. (...) Também são obrigadas a cumprir todas as funções dos 17 funcionários do educandário, como lavar os banheiros, a cozinha e varrer o prédio. Quem não atende é castigado. (A TRIBUNA, 1974)

Ainda segundo o jornal, as crianças eram alimentadas com arroz, feijão e batatas. Podiam comer alguma proteína animal somente uma vez por semana e raramente comiam verduras. Como refeição da manhã era servido um chá, dificilmente tomavam leite. As autoridades visitaram a cela, os corredores escuros que cheiravam a mofo, a despensa e os dormitórios.

Durante a visita, havia uma sala com a porta fechada a cadeado. Os funcionários afirmaram que era um depósito e se recusaram a abrir a porta, enquanto as crianças gritavam "é aí que estão os brinquedos que a gente ganha e não pode ficar com eles". O Juiz de Menores, então, arrombou a porta com pontapés e revelou o que havia dentro da sala. "No quarto foram encontrados dezenas de brinquedos, cobertores, roupas, agasalhos e também paredes de sapatos, enquanto a maioria das crianças vive descalça porque a direção do educandário alega que não há sapatos para todos". (A TRIBUNA, 1974).

Ao final da reportagem, porém, o jornal relata que "nem tudo é ruim no Educandário Anália Franco". As voluntárias que visitam diariamente os jovens internos, levam presentes e fornecem apoio psicológico, além do forte incentivo ao trabalho e aos esportes são alguns dos pontos positivos existentes da entidade.

TAXAS DE CÂMBIO (Mercado Livre)

Dólar ..... Cr$ 7,325 para venda
" ..... Cr$ 7,285 para compra
Libra ..... Cr$ 16,352 " "
Marco ..... Cr$ 2,751 " "

A TRIBUNA

Santos, sexta-feira, 6 de dezembro de 1974

Edição de 28 págir

Os erros do Anália Franco

Ontem foi um dia muito feliz para as crianças internadas no Educandário Anália Franco, na Avenida Ana Costa. Elas puderam contar ao presidente da Fundação Pró-Menor, Antônio Carlos Penteado de Moura e ao juiz de Menores, Clineu de Mello Almada, tudo o que acontece com elas dentro daquela obra social. Mostraram aos visitantes uma pequena cela e disseram que ali são presas durante o dia, quando fazem alguma travessura.

Ao ver a cela, que os responsáveis pelo Anália Franco chamam de depósito – estranho depósito, com grades e totalmente vazio e sujo – o presidente da Pró-Menor declarou à José Gaspar Filho, presidente do educandário: "A simples existência desta cela me causa nojo". E o "seu" Gaspar jurava – "pela vida dos meus" – que a cela não era utilizada para detenção de garotos.

As crianças do Anália Franco – são 127, sendo 100 delas mantidas pela Pró-Menor, que paga Cr$ 12 mil mensais – falaram também das surras que levam dos funcionários do educandário, das noites em que são forçadas a dormir sobre o cimento frio, sem qualquer proteção.

Disseram que aprendem, obrigados, a tocar instrumentos "para que a gente possa aparecer nas festas, bem vestidos e alegrar as visitas, e quem não aceita, apanha". As crianças também são obrigadas a cumprir todas as funções dos 17 funcionários do educandário, como lavar os banheiros, a cozinha e varrer o prédio. Quem não atende é castigado.

No Anália Franco, as crianças também são obrigadas a cozinhar. Mas não é um trabalho difícil. Afinal, fazer nervo, feijão e batata cozida, todos os dias, não é nenhum mistério. Isto no almoço, ao jantar é servida sopa de arroz, feijão e batata. O garoto que é um dos cozinheiros diz que, vez por outra, aparece peixe para fazer. "Mas de que adianta, é podre e ninguém come; carne, uma vez por semana; e verdura só de vez em quando".

A despensa do educandário confirma as palavras do mestre-cuca do estabelecimento. Há sacos de batatas, de arroz, de feijão, sal, açúcar e temperos. Existe também um saco de chá, refeição da manhã dos internos, que dificilmente tomam leite. "O chá é tão ruim que nós já o chamamos de água-de-batata".

Na despensa estão também dezenas de sacos plásticos com água mineral doados por uma firma comercial. Esta doação foi feita há cerca de dois meses, e as crianças só tomaram desta água uma vez. O resto está estocado na despensa, apodrecendo.

CICERONES

Havia mesmo uma grande alegria entre as crianças, apesar de temerem uma represália após a saída do presidente da Pró-Menor e do juiz de Menores. Mas sentiam-se impelidas a mostrar o que sofrem diariamente, e foram elas que fizeram o papel de cicerones para as autoridades.

Mostraram a cela, os corredores escuros e cheirando a mofo, a despensa e os dormitórios. Nestes, uma surpresa. As camas estavam muito bem arrumadas, com roupas limpas e cobertores novos. As crianças explicaram: "É sempre assim nos dias de visita: eles trocam as roupas das camas e colocam os cobertores novos".

Ao dizer isso mostravam as dobras e as etiquetas dos cobertores. Como prova final de sua afirmativa, os meninos foram mostrar as roupas retiradas da cama: um monte de trapos, escondido num dos cômodos do educandário.

JUIZ ARROMBA

No primeiro andar do edifício funciona a enfermaria e o gabinete dentário. Há também um salão nobre. Neste, ironicamente, um quadro mostra o rosto de Jesus coberto por uma cortina vermelha. "É como se Cristo não quisesse ver o que acontece aqui", disse um dos meninos.

Mas no 1º andar existe também uma sala, que estava com a porta fechada a cadeado. "É um depósito", informou um dos funcionários. "É aí que estão os brinquedos que a gente ganha e não pode ficar com eles", gritaram os meninos. Momentos antes, um garoto que estava na enfermaria, grupão, pedira um brinquedo ao presidente da Pró-Menor.

Foi dada a ordem para que a porta fosse aberta. Antônio Carlos Penteado de Moura queria dar um brinquedo ao menino. Há esta altura, o presidente da Pró-Menor, com sua atenção carinhosa, já havia conquistado a simpatia das crianças que não o deixavam sozinho.

Ninguém encontrava a chave do cadeado e as crianças afirmavam: "Os homens não querem abrir". Irritado por não ver sua ordem atendida, o juiz de Menores tentou arrombar a porta com um pontapé. Posteriormente, foram usadas ferramentas e alguns golpes de karatê, por um assessor doutor, e a porta foi arrombada.

O presidente da Pró-Menor pôde pegar um pequeno carrinho de plástico – com apenas uma roda – entregar ao menino doente. "Estas crianças precisam apenas de amor e compreensão. É isto que precisamos dar aqui."

No quarto foram encontrados dezenas de brinquedos, cobertores, roupas, agasalhos e também paredes de sapatos, enquanto a maioria das crianças vive descalça porque a direção do educandário alega que não há sapatos para todos.

ALEGRIA

Nem tudo é ruim no Educandário Anália Franco. Há o sorriso de Divaney, um garoto que é considerado o "Pelé" da instituição, que já ganhou muitos prêmios e mostra seus dentes brancos e fortes quando se fala em futebol. Há também a seriedade de Ro[illegible], garoto novo que já está na 6ª sé[illegible].

Além disso, existem [illegible]em as voluntárias. São diversas [illegible]ve-se que dedicam suas horas va[illegible] atendimento das crianças. Elas [illegible]s roupas, calçados, tratam dos inter[illegible]de menor idade. "A vida aqui só n[illegible]. Quem pe-que elas ajudam a gent[illegible]diçam as crianças, abraçadas às vo[illegible]tárias.

HONRA

Após encontrar a cela onde são presas algumas [illegible] falta, o juiz Clineu de Melo Almada providenciou sua lacração. Este lacre, acima da responsabilidade penal, significa uma responsabilidade moral, de honra", disse o presidente da Pró-Menor a um funcionário do Educandário, pois o seu presidente José Gaspar Filho, abandonou as autoridades em meio à visita.

COM PREFEITOS

Pela manhã, o presidente da Pró-Menor esteve reunido com os prefeitos Jorge Bierrenbach Senra, de São Vicente, Raphael Vitiello, de Guarujá, Leopoldo Vanderlinde, de Praia Grande, e representantes dos prefeitos de Santos e Cubatão.

Durante o encontro, Antônio Carlos Penteado Moura afirmou que o motivo de sua vinda a Santos é saber as necessidades da região, "buscando e nunca impondo soluções". "Por esse motivo espero que os senhores colaborem conosco, enviando um relatório detalhado sobre o serviço de assistência ao menor em seus municípios", disse, dirigindo-se aos prefeitos, juízes e curadores de menores que estiveram na Prodesan, na manhã de ontem.

Ele falou também da Pró-Menor, uma instituição que teve sua raiz na Semana do Menor, realizada em 1948. A primeira fundação do menor a surgir foi a Funabem, e a Pró-Menor de São Paulo é a 13ª no País, criada em dezembro de 1973 e instalada em maio último.

Disse dos 33 mil menores assistidos pela Pró-Menor, dos quais apenas 500 deles são infratores. Ressaltou que a preocupação maior da sua instituição é manter a integridade da família, e a internação da criança somente deverá ocorrer em última e derradeira instância. Afirmou também que "A Pró-Menor é uma criança, muito nova ainda, que precisa ser muito bem amparada para não se transformar apenas em mais um projeto".

Ressaltou que o problema do menor abandonado e do infrator não é apenas do Estado, nem apenas da Pró-Menor. "Ele é também da comunidade, que se propaga na família, na escola, na igreja, nos clubes e em todos os setores da vida. O que precisamos oferecer para a criança é amor, e tudo estará bem".

"A TRIBUNA"

Após a estada no Educandário Anália Franco, o presidente da Pró-Menor, acompanhado de seu diretor-financeiro, Orlando Adegas, e do juiz Clineu de Melo Almada, esteve em visita ao diretor-superintendente de "A Tribuna", Roberto Mário Santini, que lhes falou do Fundo de Assistência Social de Santos, entidade que promove arrecadação de fundos para distribuir entre as obras assistenciais da Cidade.

HOJE

Hoje, às 9.30 horas, o presidente da Pró-Menor reune-se com os dirigentes das obras assistenciais que mantêm convênio com a fundação. O encontro será realizado no auditório da Prodesan. As 14.30 horas, estará visitando as dependências do Lar de Assistência ao Menor, em São Vicente, e em seguida a Cidade da Criança, em Praia Grande.

As crianças encorrajaram-se de apoiar o que havia de errado no abrigo

A cela foi lacrada pelo juiz de Menores

Ônibus mais caros na linha Santos-São Paulo

A partir de domingo, as passagens dos ônibus intermunicipais serão majoradas em 12 por cento, por autorização do DER de São Paulo. O preço da passagem para a Capital passará de Cr$ 6,91 para Cr$ 7,63, incluídos o imposto rodoviário federal, seguro facultativo, rateio do pedágio e o bilhete de embarque na Estação Rodoviária. De São Vicente para São Paulo [illegible]

Agência central da ECT fica aberta até às 21 horas

Falta de legistas dificulta exame de dosagem alcoólica

Por falta de médico legista, o setor de fiscalização e trânsito da Polícia Militar vem encontrando dificuldades na repressão aos motoristas que dirigem embriagados: eles são conduzidos aos distritos policiais, em visível estado de embriaguez, mas não podem ser autuados em flagrante por falta do exame de

O drama de esquecida, c por seus mo

Com apenas 200 metros [illegible] Rubens Ulhoa Cintra também apresenta um aspecto desolad menosprezo da administração r do populoso bairro. Embora melhoramentos, como drenage rua precisa de pavimentação e responsabilidade da Prefeitura.

Nos últimos dias aumentou moradores da Rubens Ulhoa Cin mento das bocas-de-lobo difícu águas pluviais. O resultado: em santes chuvas, a artéria foi pre mes poças d'água. Uma senhor número 16 confessou seu incon que a Ponta da Praia caiu no esq ridades levaram anos para efe drenagem e saneamento, e agor ção para resolver de vez o pro força estranha impede a realiz

Um comerciante da rua "Não é possível que este tem muro, servindo de depósito de li ra que obriga a construção de vigor?". O terreno fica na e Henrique Soler, a mais impor Ponta da Praia.

Sapato e meia encharcad na blusa, a sorridente jovem em Rubens Ulhoa Cintra também lastimável da rua não deixa de tem) ainda é possível caminhar parecia um Rio".

Na Rua Rubens Ulhoa Cin mas calçada não passa de uma seus moradores. O passeio, lugar ao mato, cascalho e tod

VILA SÃO JO

Ruas sem calçamento, val e canal sem revestimento. Est Vila São Jorge, que a exemplo Zona Noroeste continua na es rias prometidas pela adminis gues dos Santos, 73 anos, vil netos e três bisnetos, ocup Sociedade de Melhoramentos quase três anos.

"Eu me sinto com dispo mais algum tempo, porque assessoram são fabulosas e p parece disposto a dar total as Porém, "dona" Albina não f realidade. "O desejo de todo m andar tranquilo pelas ruas s enfrentar o terrível lamaçal recordações da administra menosprezar nosso prefeito" o nome do coronel Chaves A simpática, educada, sempre a Vila. De dois em dois meses queimar o matagal das ruas tema cava boas resultados mosquitos e pernilongos". A efetiva a capinação, método totalmente, já que o mato vo intensidade e os pernilongo

Outra melhoria reivind do canal da Vila São Jorg possível concluir o saneam há algum tempo pela SBS. uma sede própria para ins ração. Corte-Costura e Art

Recentemente, a Socie da Vila São Jorge recebeu não Manoel de Carvalho, empolgada ao ouvir suas Jorge terá ampla assistên administrando a Cidade".

[Fig. 41] Jornal A Tribuna, em 06 de dezembro de 1974.

Lições desta escola: castigos e violência.

O juiz de Menores de Santos, Clineu de Melo Almada, ouviu ontem o depoimento de quatro dos 129 menores internados no educandário Amália Franco. Foi lá que o presidente da Pró-Menor descobriu, na semana passada, uma cela onde as crianças eram colocadas quando cometiam faltas disciplinares. Durante duas horas, os quatro meninos — Charles Roberto dos Santos, José Carlos dos Santos, Rubens Garcia e Luis Carlos da Silva — conversaram com o juiz (foto) confirmando todas as violências praticadas contra os internos do "Anália Franco". Os meninos contaram que um dos funcionários do estabelecimento — Nilson — era o principal responsável pelos castigos, que variavam entre o espancamento e as prisões. Os castigos eram quase sempre aplicados por causa de pequenas faltas: sair fora de hora para fazer compras na cidade, não assistir às aulas, não levar livros e cadernos para a escola. Outra denúncia dos meninos: às vezes, passavam a noite inteira debaixo da escada do educandário. De castigo.

[Fig. 42] Jornal Tarde de Santos, 13 de dezembro de 1974.

O Jornal da Tarde de Santos, edição de 13 de dezembro de 1974, atribui ao funcionário Nilson a principal responsabilidade pelas violências físicas praticadas às crianças.

> Os meninos contaram que um dos funcionários do estabelecimento – Nilson – era o principal responsável pelos castigos, que variavam entre o espancamento e as prisões. Os castigos eram quase sempre aplicados por causa de pequenas faltas: sair fora de hora para fazer compras na cidade, não assistir às aulas, não levar livros e cadernos para a escola. Outra denúncia dos meninos: às vezes, passavam a noite inteira debaixo da escada do educandário. De castigo. (TARDE DE SANTOS, 1974)

O Jornal A Tribuna publicado em 08 de dezembro de 1974, "Erros no Anália Franco reúnem os conselheiros" afirma que a instituição era considerada, por muitos anos, como um modelo para a região, e aponta para a importância de serem feitas visitas não previamente marcadas – como esta que ocorreu do juiz de menores e do presidente da Pró Menor.

O Educandário Anália Franco

> (...) foi considerado como orfanato modelo da região, com escola, carpintaria e outras dependências, que permitiam desenvolver as habilidades das crianças internas. Poucos santistas o conhecem interiormente. Quando havia visitas, sempre estava bem arrumado. Menos na vistoria feita na semana passada, porque nada estava marcado, desfazendo-se o mito de 52 anos. (A TRIBUNA, 1974)

Erros no Anália Franco reúnem os conselheiros

SINDICÂNCIA

Conselheiros do Educandário Anália Franco reúnem-se, hoje, às 10 horas, "para resolver assuntos de interesse social de natureza urgente, em face da situação suscitada pela fiscalização do presidente da Pró-Menor e do Juiz de Menores da Comarca no estabelecimento". O encontro foi convocado pelo presidente do Conselho Deliberativo, José Gomes da Silva, em edital que está sendo publicado hoje.

Para que a reunião seja realizada, é necessário que haja, pelo menos, 12 conselheiros presentes, segundo esclarece o presidente do conselho. Diversos assuntos fazem parte da pauta, relacionados com a má situação em que o educandário se encontra, destacando-se: alimentação precária para as 127 crianças ali mantidas, falta de condições higiênicas para funcionamento, aplicação irregular de castigo e necessidade de reforma de várias dependências.

O Educandário Anália Franco recebe Cr$ 12 mil mensais da Fundação Pró-Menor, com objetivo de cobrir parte das despesas com 100 crianças encaminhadas ao Juiz Clineu de Mello Almada mostravam que o estabelecimento funcionava em condições anormais, apesar de ser especializado no trato de crianças. O juiz resolveu aguardar a vinda do presidente da Pró-Menor, Antônio Carlos Penteado Morais, para realizar vistoria de surpresa. A visita das autoridades ocorreu quinta-feira, quando diversas irregularidades foram constatadas.

Entre o que está errado no Anália Franco, a cela que, segundo declarações de alguns menores às autoridades serviu para castigar os desobedientes, deverá motivar a abertura de sindicância. Além disso, a direção do educandário prestará esclarecimentos quanto à denúncia de que não distribuía, entre as crianças, os brinquedos recebidos, nem as roupas. O juiz e o presidente da Pró-Menor ouviram, também, queixas de que os alimentos servidos nem sempre apresentavam condições para consumo.

O Educandário Anália Franco foi fundado em 1922. Funciona na Av. Ana Costa e, por muito tempo, foi considerado como orfanato-modelo da região, com escola, carpintaria e outras dependências, que permitiam desenvolver as habilidades das crianças internas. Poucos santistas o conhecem interiormente. Quando havia visitas, sempre estava bem arrumado. Menos na vistoria feita na semana passada, porque nada havia, marcado, desfazendo-se o mito de 52 anos.

As quatro crianças que contaram ao Juiz Clineu de Mello Almada algumas das irregularidades serão transferidas para outras obras assistenciais. Mas disseram que sofriam espancamentos, dormiam sobre cimento e eram trancafiadas em cela solitária, como castigo.

As crianças fizeram um relato completo das deficiências

[Fig. 43] Jornal A Tribuna, em 08 de dezembro de 1974.

As denúncias tiveram ampla repercussão e foram largamente difundidas pelos veículos de comunicação da época. Dentre eles, o Jornal Cidade de Santos, "Cela com grades no Anália Franco", em 06 de dezembro de 1974; o Jornal A Tribuna, "Saúde condena Anália Franco", em 07 de dezembro de 1974, e o Jornal Cidade de Santos "Ainda o caso do Anália Franco", em 09 de dezembro de 1974.

No dia seguinte à denúncia, o Jornal Cidade de Santos publica a matéria "Diretor do Anália nega tudo", referindo-se à negativa, por parte do vice-presidente da instituição à época, Erminio Prandato, em reunião com o prefeito de Santos em relação à existência da cela e sua utilização para castigar e prender as crianças.

> Com 1,5 metro de comprimento por 1 metro de largura, barras de ferro, sujeira e umidade, e localizado embaixo de uma escada, o 'quartinho de despejo', segundo as crianças, é utilizado para castigo, quando cometem qualquer infração, como não limpar os banheiros, não varrer o prédio ou não cozinhar, serviço que deveria ser feito pelos funcionários do educandário, em número de 17. (CIDADE DE SANTOS, 1974)

CELA COM GRADES NO ANÁLIA FRANCO

Uma denúncia que partiu dos menores internos do Educandário Anália Franco levou o presidente da Associação Pró-Menor, Antônio Carlos Penteado de Moraes, a determinar (durante uma visita de inspeção ao local, ontem de manhã) a lacração de uma cela com grades instalada nos fundos do internato onde — segundo os menores — eram colocados de castigo. Além disso, o presidente da Associação pediu ao juiz de menores da cidade, Clineu de Melo Almada, a abertura de sindicância para apurar a veracidade das informações e os responsáveis pela irregularidade.

A partir disso, o presidente da entidade passou a verificar outros setores do Anália Franco, descobrindo um estoque de água mineral em sacos que estavam há mais de dois meses dentro de um almoxarifado, em local sem ventilação. Também foi determinado que o depósito fosse fechado.

As visitas de inspeção às casas que abrigam menores, na cidade, deu-se logo após uma reunião na Prodesan, entre o presidente da Associação e mais o secretário da Educação, Edésio Del Santoro (representando o prefeito Antônio Manoel de Carvalho); o prefeito da Praia Grande, Leopoldo Eutasio Vanderlinde; o prefeito de Guarujá, Raphael Vitiello; o prefeito de São Vicente, Jorge Bierrembach Senra; o promotor de Santos, Mário Pinheiro e o representante da Câmara de Cubatão, José Edgard da Silva. Este encontro foi pelo juiz Clineu de Melo Almada e realizado aqui pela primeira vez (antes, eram feitas na Capital), visando tratar do problema do menor marginalizado.

SEM SOLUÇÃO

"Não existe solução para o problema do menor abandonado, é uma utopia tentar resolvê-lo. A Fundação tem apenas seis meses e precisa ser amparada", disse o presidente da Pró-Menor, Penteado de Moraes. O Pró-Menor sendo instituto jurídico, não está sujeito a órgãos administrativos sem a dificuldades burocráticas, podendo traçar e executar suas próprias normas para due condições à criança abandonada. Cada menor custa à Fundação Cr$ 380,00 (existem 33 mil crianças sob controle da entidade).

De acordo com as estatísticas da secretaria de Segurança Pública do Estado, coronel Erasmo Dias, "existem 60 mil crianças abandonadas, só na Capital". Para o presidente da Fundação entretanto, existem apenas 70 mil. Levando-se em conta que o censo de 1970 apresentou (na faixa etária de 0 a 6 anos) o índice de 1 milhão e 200 mil crianças e que, só 10 por cento dessas crianças fossem marginalizadas, chegaríamos a ter 120 mil menores abandonados, comprova-se um total bastante inferior ao que é declarado pelo secretária da Segurança Pública e superior ao que pensa o presidente do Pró Menor.

A solução temporária, apresentada pelo próprio presidente da entidade, "é fazer em cada município um levantamento das necessidades encontradas, relativas ao problema do abandono do menor, das entidades assistenciais e do índice de menores infratores para, a partir desses dados, dar uma assistência mais objetiva à região. Na Baixada Santista temos um contrato de 1.684 vagas para abrigar menores infratores ou abandonados e a solução seria criar atendimentos regionais em todos os municípios com a construção de estabelecimentos modulares que recebertam 25 menores, preparando-o para a reintegração profissional na sociedade.

"Isto seria feito em regime de semi-internato, pois o menor não pode ser separado de sua família, a não ser em último caso: ele precisa de amar; se agride a sociedade é porque foi agredido por ela. O problema do menor não pode ser encarado isoladamente, pois é um problema com raízes sócio-econômicas e como tal deve ser tratado".

VISITA A REDAÇÃO

O presidente da entidade, Antonio Carlos Penteado de Moraes, acompanhado do juiz Clineu de Melo Almada, o diretor financeiro da entidade, Orlando Alves Adegas, o jornalista Almir Guimarães e o advogado João Claudio Caldeira, estiveram ontem à tarde em visita de cortesia à redação do Jornal CIDADE DE SANTOS, sendo recebido pelo editor-chefe José Alberto de Moraes Blandy.

Após as visitas de ontem Educandário Anália Franco Gota de Leite e ao CIAM Círculo dos Amigos do Patrulheiro, as autoridades retornam novamente hoje 9h30 na Prodesan, com presentantes das entidades sintenciais da Baixada 14h30 farão inspeções de Assistência ao Menor Vicente e, às 16 horas dade da Criança, e Grande.

[Fig. 44] Jornal Cidade de Santos, em 06 de dezembro de 1974.

Saúde condena Anália Franco

O presidente da Pró-Menor, Antônio Carlos Penteado Morais, fez explanação sobre o funcionamento da Fundação.

"Em suma, o local visitado não tem nenhuma condição de higiene para o funcionamento a que se propõe, não havendo sequer bebedouro de água filtrada para os alunos." Este é o trecho final do relatório do Médico-Menor Reunik apresentado ao secretário de Higiene e Saúde, Roberto Fernandes Lima, com relação à vistoria realizada no Educandário Anália Franco, na Avenida Ana Costa, 277.

Essa vistoria que será feita em todas as obras até segunda-feira foi determinada pelo prefeito Antônio Manoel de Carvalho, após tomar conhecimento das irregularidades constatadas pelo presidente da Pró-Menor no asilo de abrigo de menores abandonados. O relatório fala das inúmeras deficiências existentes no Anália Franco.

Diz, por exemplo: "Na cozinha, observamos a necessidade de pintura das paredes, substituição de grande parte dos azulejos, colocação de exaustor... a caixa de gordura está protegida por um pedaço de madeira. O frigorífico da cozinha, composto de três portas, uma das quais não foi possível mover, em face da alegação de que poderia despencar".

DETERIORADOS

Numa das partes do frigorífico, os médicos da Secretaria da Saúde encontraram alimentos que classificaram como deteriorados. Na terceira porta, trancada a cadeado, mais comida que havia sobrado do almoço.

Na lavanderia, foi constatada a necessidade de pintura.

Nos banheiros, as condições de higiene são precárias - "necessitando de substituição dos vasos sanitários e das instalações hidráulicas, já que, os existentes não funcionam e contente". Os banheiros estão localizados no andar térreo, onde todas as dependências, segundo os médicos, necessitam de pintura e limpeza.

A equipe está também no pátio externo, onde foi encontrado um monte de lixo e crianças brincando nele. "A barbearia e a marcenaria estão fechadas e sujas". O refeitório também está em más condições de higiene; a despeito precisa de pintura.

No primeiro andar, como no segundo, a situação é idêntica ao resto do prédio: falta de higiene, há necessidade de limpeza e pintura, colocação de azulejos, vidros nas janelas, reforma nas instalações sanitárias e melhor iluminação em todas as dependências.

"NÃO SEI"

Após o encontro que manteve com os dirigentes das obras que abrigam menores na Baixada, o presidente da Pró-Menor ouviu um pedido de desculpas: "Eu sinto muito pelos lamentáveis acontecimentos de ontem no Educandário Anália Franco, que já foi um modelo de orfanato". As desculpas foram do vice-presidente do estabelecimento, Ermínio Prandiolin, que diz ter também presidente vitalício do Anália Franco, entidade que fundou em 1922.

Sobre a existência de uma cela no educandário, Ermínio afirmou que o local era usado para depósito e que não é de seu conhecimento que as crianças são presas ali como castigo. "Se tomei vi uma criança ser presa ali. Se o são, eu não sei."

Durante a reunião com os dirigentes das obras, o presidente da Pró-Menor, Antônio Carlos Penteado Moraes, explicou a finalidade da fundação e pediu a ajuda de todos para que o menor tenha uma vida melhor. Voltou a afirmar que a criança necessita de carinho e amor, e que só com isto será conseguida uma solução para o problema. "Não uma solução definitiva, pois todos os dias nascem mais crianças, graças à Deus".

INSTITUTO

Depois da reunião, o dirigente da Pró-Menor, acompanhado do juiz de Menores Clineu de Melo Almada, esteve com o prefeito, que propôs a criação de um convênio entre a Prefeitura e a Pró-Menor para instalar, em Santos, um instituto regional de atendimento à criança abandonada.

Por sua vez, o juiz de Menores informou que abrirá sindicância para apurar as denúncias feitas pelas crianças do Anália Franco, de que são espancadas, dormem sobre o cimento e não recebem os agasalhos lacrada durante a visita do quinta-feira. Clineu de Melo Almada vai providenciar a transferência de quatro menores - os de pensão dependem para outras obras assistenciais.

GASOLINA

Há vários meses, os viaturas do Juizado de Menores circulam de lotação nas batidas rondas pela cidade, em virtude do racionamento de combustível (apenas ao Forum. A partir de segunda-feira, as viaturas voltarão ao normal, com a Prefeitura, segundo o prefeito, cedendo gasolina ao Juizado.

[Fig. 45] Jornal Cidade de Santos, em 07 dezembro de 1974.

AINDA O CASO DO ANÁLIA FRANCO

Dezoito membros do Conselho Deliberativo do Educandário Anália Franco reuniram-se ontem de manhã (das 10h30 às 12 horas), extraordinariamente, para discutir a situação daquele colegio, depois que o presidente Pró-Menor, Antonio Carlos Penteado de Moraes (acompanhado do juiz de Menores da Comarca, Clineu de Melo Almada) encontrou varias irregularidades no estabelecimento, durante a visita-surpresa da última quinta-feira.

Depois de expressar voto de solidariedade à Diretoria do Educandario, o Conselho, presididó pelo sr. José Gomes da Silva, concedeu liçença, à pedido, ao presidente e vice dessa diretoria, designando para ocupar esses cargos, respectivamente, o sr. Gastão da Silva Junior (antigo 1.º Secretário) e Julio Candido Fernandes (Ex-1.º Tesoureiro). A posse dos novos presidente e vice foi dada imediatamente após a reunião, às 12h30.

Embora não tenham desejado manifestar-se sobre as denuncias Pró Menor e sobre a sindicância que o Juizado de Menores abrirá à partir de hoje para apurar a extensão dos problemas e suas responsabilidades, os conselheiros do Analia Franco decidiram nomear os srs. Dionisio João dos Santos, Manoel Matheus de Oliveira e Alberto Monforte (membros do Conselho) para, em completo, apurarem os fatos e proporem as medidas de solução necessárias. Esta comissão também terá por responsabilidade investigar e acompanhar os processos da Pró-Menor e do Juizado. Como última decisão, o Conselho deliberou manter-se em sessão permanente, sujeito à convocação imediata, por telefone, quando houver necessidade.

Participaram da reunião de ontem: Mario Duarte Silva, James Patrick Conway, Felicio A. Purificação Souza, Manoel Furtado de Almeida, Jayro Pina do Nascimento, Manoel Matheus de Oliveira, José Alvares Mendes, Hercules de Jesus Peres, José Silva, Maviael Prudente de Souza, Odilo Faria, José de Campos, Arcilio Alves, Prospero Barletta, Alberto Monforte, Joaquim Cabral Lopes, Dionisio João dos Santos, sob a presidencia de José Gomes da Silva.

A diretoria do Analia Franco também aguarda a intimação que a Secretaria de Higiene e Saúde deverá encaminhar a entidade, recomendando quê as falhas constatadas na inspeção realizada na sexta-feira (na qual as denuncias da Pró-Menor foram comprovadas) sejam eliminadas. O secretário de Saúde, sr. Roberto Sergio Lima, afirmou, porém, que a interdição do Educandario só se dará em último caso, pois não há para onde transferir as crianças ali in-

[Fig. 46] Jornal Cidade de Santos, em 09 de dezembro de 1974.

DIRETOR DO ANÁLIA NEGA TUDO

O Educandário Anália Franco foi representado, na reunião com o prefeito, pelo vice-presidente Ermínio Prandate, que negou a existência da cela descoberta ontem e sua utilização para castigar e prender as crianças da instituição, afirmando que "o quartinho" era utilizado para guardar materiais, e que nunca nenhuma criança foi maltratada por qualquer funcionário, apelando para que não sejam feitas acusações ao presidente Gaspar Filho, que se encontra doente dos ouvidos, do coração e dos olhos.

CRIANÇAS

Por determinação do juiz Clineu de Melo Almada, as quatro crianças que denunciaram os maus tratos por que passavam os internos do Anália Franco serão transferidas para o Educandário Santista e postas à disposição da Justiça, para realimção de sindicância.

Segundo o juiz, "não interessa se as celas foram usadas ou não, o simples fato de existirem já prova a culpabilidade dos dirigentes do educandário, que vão responder pelos seus atos. Eu tenho o nome das crianças e acredito que haja muitas mais: as grades vão ser demolidas e a porta já foi lacrada."

A CELA

Com 1,5 metro de comprimento por 1 metro de largura, barras de ferro, sujeira e umidade, e localizado em baixo de uma escada, o "quartinho de despejo", segundo as crianças, é utilizado para castigo, quando cometem qualquer infração, como não limpar os banheiros, não varrer o prédio ou não cozinhar, serviço que deveria ser feito pelos funcionários do educandário, em número de 17.

Além disso, as crianças carecem de alimentos, roupas, sapatos e brinquedos, que estavam numa sala trancada por cadeado, onde o presidente da Associação Pró-Menor os encontrou, após arrombarem a porta. Todas essas denúncias vão ser apuradas na sindicância, que poderá até determinar o fechamento do Educandário, de acordo com as irregularidades apresentadas.

FUGA E ENTORPECENTES

A declaração do ex-diretor da Divisão de Amparo ao Menor — DAM, Dimas Mota Gramado, que denuncia a fuga de 42 menores, além de uma revolta de menores internados e o consumo de entorpecentes no Pavilhão Central, sendo este um dogto subordinado ao Pró-Menor, causou surpreso ao presidente Antônio Carlos Penteado Moraes. Em pergunta feita ontem, durante a reunião, o presidente respondeu que "não tenho nada a dizer, as afirmações são inverídicas e só vou dar a resposta ao ex-diretor do DAM".

De acordo com informação prestada pelo DAM e divulgada pela imprensa, de outubro e dezembro, 116 menores fugiram das dependências do Pavilhão Central, e, no último sábado, provocaram um verdadeiro levante na instituição. Como para o presidente a notícia é inverossímil, não se sabe de que maneira ocorreu a entrada de entorpecentes e a fuga dos menores.

MENORES TERÃO MAIS ASSISTÊNCIA

Em São Vicente, o presidente da Associação Pró-Menor visitou o Lar de Assistência ao Menor e gostou do que viu. Aqui, a Prefeitura assinou com aquela entidade um convênio de atendimento à criança abandonada. Página 3.

[Fig. 47] Jornal A Tribuna, em 07 de dezembro de 1974.

Em resposta à situação, o juiz Clineu de Melo Almada transferiu as quatro crianças que denunciaram os maus tratos para o Educandário Santista. Além disso, a reportagem anuncia que tais denúncias seriam apuradas na sindicância, o que poderia até mesmo determinar o fechamento do Educandário.

Educandário sofrerá sindicância

Da Sucursal de SANTOS

O Juizado de Menores de Santos irá instaurar hoje uma sindicância para apurar responsabilidades no Educandário Anália Franco, onde foi descoberta uma cela para punir menores e o juiz Clineu de Melo Almada teve de arrombar uma porta a pontapés porque os diretores do estabelecimento sumiram. Ainda hoje haverá uma reunião da diretoria do educandário para debater as críticas feitas à instituição.

Foto Sucursal de Santos

Os diretores alegam que o educandário não precisa de dinheiro, mas sim de dedicação

Estado prejudicou a disciplina

[Fig. 48] Jornal Estado de São Paulo, em 07 de dezembro de 1974.

No mesmo dia, em 07 de dezembro de 1974, o Jornal Estado de São Paulo anuncia que o "Educandário sofrerá sindicância". Neste texto, o vice presidente da instituição, Erminio Prandato, que está na entidade desde a sua fundação, indica que o Estado prejudicou a disciplina na instituição, e defende:

> O Educandário Anália Franco era bom enquanto não passou por uma modificação. Agora tudo está diferente. Aqui passaram crianças que hoje são advogados, arquitetos, funcionários da Receita Federal e até o tesoureiro do Banco do Brasil, que foi nosso aluno. Mas a estrutura administrativa e a disciplina começaram a sofrer alterações quando o governo do Estado começou a enviar para cá os resíduos da Celso Garcia. Os menores de lá estragaram os maiores daqui. Eles interromperam tudo: a disciplina e a educação. (ESTADO DE SÃO PAULO, 1974).

O presidente da instituição ainda argumenta em relação à contradição existente nas cobranças por parte do Juizado de Menores, uma vez que não há recursos financeiros para a manutenção da educação daquelas crianças.

> O que podemos fazer com uma verba de 4 cruzeiros por dia para cada criança? Damos tratamento médico, dentário, vestimos e calçamos e ainda fornecemos educação escolar e todas as alimentações do dia. Nós abrigamos 129 menores: 97 remetidos pelo Juizado ou instituições do governo; 27 são de responsabilidade do próprio educandário e 5 foram remetidos pela prefeitura de Santos. Nossos 17 funcionários atendem a todas as crianças. (ESTADO DE SÃO PAULO, 1974).

MAIS UMA DENÚNCIA

ANÁLIA FRANCO: NOVA DENUNCIA

Nova denúncia contra o Educandário Anália Franco, foi feita ontem, quando o estudante do 3.º ano da Faculdade de Educação Física de Santos, José Carlos Leite Medeiros, procurou a redação do CIDADE DE SANTOS, para explicar os motivos que o levaram a abandonar o trabalho de orientação esportiva que vinha fazendo naquele estabelecimento.

Tendo realizado no ano passado, trabalho de programação de atividades esportivas na Casa André Luiz, em Santa Catarina, procurou em agosto a direção do Educandário Anália Franco, para oferecer-gratuitamente seus serviços. Esta, a idéia de José Carlos: "Era uma tentativa de socializar os garotos através da prática desportiva. Criar um programa de atividades físicas que os garotos não tinham, procurar montar equipes de diversas modalidades esportivas, e, através da participação em jogos estudantis, já que o educandário tem direito a participar destes torneios, colocá-los em contato com outras crianças, o que seria muito bom para eles".

O presidente da entidade, Sr. José Gaspar Filho, interessou-se pela idéia, e José Carlos começou a trabalhar, mas logo nas primeiras semanas começaram os problemas. Sempre que o presidente se ausentava, a colaboração dos funcionários desaparecia, ou era completamente ignorado um dia quando começou a dar aula, por volta das 17 horas, foi interrompido por uma funcionária, que levou as crianças para tomar banho, sem demais explicações.

"Não havia condições, disse José Carlos. Não havia nenhum material esportivo e a quadra, além de estar em péssimo estado de conservação era o local onde se atirava o lixo, que as crianças tinham que retirar antes de começar as aulas de Educação Física e não se podiam contar com bom número de alunos, porque faltavam shorts, para que todos pudessem participar.

Apesar da idéia contar com o apoio de outros alunos da FEFIS, a atividade foi paralisada, quando, em outubro, José Carlos sofreu um grave acidente automobilístico, que o impediu de movimentar-se por cerca de um mês.

Educandário Santista e postos à venda da Justiça, para a realização da sindicância.

Enquanto se restabelecia, foi procurado pelo presidente da entidade, no sentido de continuar seu trabalho, mas ao retornar foi informado por funcionários, que, devido às atividades diárias dos garotos, as aulas de Educação Física somente poderiam ser dadas à noite, o que seria impossível. Ele explica os motivos: "Eu não poderia reunir todos os garotos indistintamente; , teria que separá-los por faixas de idade, pois é evidente que as mesmas atividades esportivas praticadas por um garoto de 10 ou 11 anos, não podem ser praticados por um de 6, segundo as alegações dos funcionários do educandário, não seria possível coordenar os horários de aulas com o tempo disponível dos garotos".

José Carlos, que disputou o campeonato brasileiro de basquete, pela Federação Catarinense, foi integrante da equipe de basquete do Santos FC, e atualmente integra a equipe do Internacional de Regatas, diz ser necessária uma reestruturação urgente no Educandário Anália Franco, e que se forem feitas as reformas devidas na quadra e for colocado à disposição algum material esportivo, pode ser feito um bom trabalho, vindo inclusive a revelar futuros valores para o esporte de Santos.

O CASO ANALIA FRANCO

Durante a visita de inspeção ao educandário, no último dia 5, o presidente do Pró-Menor, Antonio Carlos Penteado de Moraes, ouviu denúncia de 4 menores alí alojados, de que eram castigados sendo colocados em uma cela com grades, existentes nos fundos do estabelecimento. constatando a veracidade da denúncia, o presidente da Pró-Menor, pediu ao Juiz da cidade, Clineu de Melo Almada a abertura de sindicância para apurar os responsáveis pelo mau trato aos menores.

Ao investigar outros setores do educandário, foram descobertos alimentos, roupas, sapatos e brinquedos, além de um estoque de água mineral em sacos que estavam guardados há mais de dois meses em local sem ventilação, trancados a cadeado.

A cela foi lacrada e os menores responsáveis pela denúncia transferidos para o Educandário Santista e postos à disposição da Justiça, para a realização da sindicância.

Sociabilizar os garotos do Educandário Anália Franco, através de atividades esportivas, era o objetivo de um estudante de Educação Física, que teve todo o seu trabalho bloqueado pelo desinteresse da direção do estabelecimento. As denúncias, na última página.

[Fig. 49] Jornal Cidade de Santos, em 10 de dezembro de 1974.

Ainda em dezembro de 1974, o jornal Cidade de Santos foi procurado pelo estudante de educação física, José Carlos Leite Medeiros para explicar os motivos que o levaram a abandonar o trabalho de orientação esportiva que vinha realizando voluntariamente no educandário.

> Não havia condições, disse José Carlos. Não havia nenhum material esportivo e a quadra, além de estar em péssimo estado de conservação era o local onde se atirava o lixo, que as crianças tinham que retirar antes de começar as aulas de Educação Física e não se podiam contar com bom número de alunos, porque faltavam shorts, para que todos pudessem participar. (CIDADE DE SANTOS, 1974)

CIDADE DE SANTOS

Preço do exemplar: diariamente 1,20 cruzeiro

OFICIOS: ANÁLIA FRANCO PEDE AJUDA

Pés descalços e banhos gelados, apesar do frio, são coisas comuns para os 107 meninos atendidos pelo Educandário Anália Franco, que a verba oferecida pela Secretaria da Promoção Social e Serviço Social da Prefeitura não consegue eliminar. O presidente da entidade, sr. Gastão Silva Junior, tenta agora minorar as dificuldades enfrentadas pelos menores. Ele acaba de enviar dois ofícios, um à Câmara Municipal e outro ao prefeito Antonio Manoel de Carvalho, que considera muito importantes. O primeiro, à Câmara, no sentido de ser providenciada a quantia de Cr$ 20.000,00 para a reforma da Lavanderia do Educandário, com condições de lavar satisfatoriamente, ou mesmo desinfetar, a roupa usada pelos meninos, limpa e rala coberturas.

Este pedido já foi transformado em requerimento pelo vereador Washington Di Giovanni (Arena) e aprovado em recente sessão plenária. O segundo ofício, enviado ao chefe do Executivo, pede uma área verde para o Educandário, através do seu Horto Municipal. "É que no Anália Franco não existe grama, somente os arvores para a brincadeira da criançada, apenas chão de terra batida que está trazendo a um problema sério a maioria dos meninos, segundo o próprio presidente da entidade, está com verminose.

Esse alerta foi feito pelos três médicos que prestam serviços no Anália Franco, e o pedido de providencias também: calçar a maior parte do pátio do Educandário, gramá-lo para que a moléstia possa ser eliminada. Mas os tapetes também são indispensáveis.

NÃO HÁ VERBA

A Promoção Social pretende colocar os garotos de 80 menores, pagando ao Anália Franco Cr$ 120,00 mensalmente, por criança, mas o presidente esclarece que as despesas chegam a Cr$ 200,00 por menino, "somente para as coisas estritamente essenciais, como a alimentação, e todo mundo vê que nessas condições são precárias". A diretoria da entidade — mantida pelos Cr$ 10.000,00 - enviados pela Promoção, por uma parcela insignificante diante pela Prefeitura correu de Cr$ 1.000.000 e, em grande parte, por donativos de terceiros — tem uma receita aproximada de Cr$ 22.000,00 mensais, mas mais despesas ultrapassam os 30 mil cruzeiros, pois incluem pagamento de funcionários, alimentação e roupa para os menores.

Mas, além dos Cr$ 20.000,00 necessários para a reforma da lavanderia e do aumento da subvenção mensal oferecida à entidade — responsável pelo recolhimento de menores em toda a Baixada Santista, principalmente aqueles encaminhados pelo próprio Juizado de Menores — muita coisa ainda é necessária no Anália Franco, para que os menores assistidos tenham as mínimas condições de conforto e, mesmo, oportunidade na sociedade.

NA LAVANDERIA

Funcionando apenas com duas das quatro máquinas antigas ali existentes, a lavanderia não trabalha com água quente: "desligamos a caldeira, responsável pelo aquecimento, porque tememos medo do perigo que ela oferecia", explica o presidente. Com o orçamento de uma firma especializada nas coisas, o sr. Gastão cita a quantia necessária para a reforma que considera prioritária: "os médicos querem que a gente ferva a roupa e desinfete direito, para evitar doenças, mas para isso precisamos ampliar as instalações, comprar novas máquinas de lavar e secadoras."

Como na maioria das dependências do prédio, as paredes são úmidas e escuras, e não há ventilação e iluminação suficientes. E contrariando a declaração de que o número de funcionários é bastante, dois meninos ajudam a lavadeira a passar roupa: lençóis, camisas e shortes". O presidente explica: "dos são muito prejudicados".

NO PÁTIO, A VERMINOSE

Sem calçamento, o pátio está sendo usado pelos médicos como o transmissor da verminose para as crianças. Elas podem uma área verde para elas, sem calçadas e sapatos para os meninos. O presidente conclui ao dizer que envios ao governo e à Prefeitura tem sido feitos, mas nada foi feito: tudo a qualidade de plantas, tem fundamentos especiais e somente por largo prazo (por exemplo, o gramado) que as providências serão tomadas. Mas a verminose existe as vários de-

Nos sanitários do Anália Franco (todos em mau estado), só banho frio.

cidades de servir resolverão a situação: "olha, precisamos da ajuda de todo mundo e tudo que nos oferecerem é útil".

E DESUMANO

E o presidente também concorda que banho frio, dia-frio, é "desumano". Mas há muito tempo os meninos do Anália Franco, com idade entre 3 a 12 anos, não conhecem outra forma de higiene. Estudos providenciando a instalação de quatro chuveiros elétricos agora, diz o presidente, e acha que a situação pode ser contornada: vamos fazer os meninos tomarem banho em grupos de 4 em cada chuveiro, para que todos possam ter água quente no inverno.

Todos os chuveiros, ao todo, mas as sanitárias também são problema para o Educandário: "precisamos reformar todos, inclusive as instalações hidráulicas e já mandamos ofício à SES. Em janeiro, os operários estiveram aqui, fizeram um levantamento. Agora vamos ver se resolvem esse problema para nós". No entanto, a complexidade de assuntos ainda não tomou qualquer providência a respeito.

ESPERANÇA

Com tantos problemas, o presidente do Anália Franco alimenta boas esperanças na ação dos vereadores santistas e no prefeito: "também não conseguimos nada aqui, pois recorremos para todo Alguns crianças trabalham na nossa tipografia, outras tem aula de violão, piano e artes plásticas — que conseguimos em um conservatório aqui perto, um dia por semana — mas esse estabelecimento não pode atender a todos. Para eliminar o tempo ocioso dos meninos, estamos contando com a ajuda de uma professora especial que já esteve fazendo uma programação e respeito. Vimos também um professor de Educação Física, um estagiário da Faculdade, que esteve ajudando muito, com aulas duas vezes por semana. Mas ainda há muito a fazer, principalmente reformas."

Enquanto isso, viúvas por razoável mais velhos e há mesmo menor na entidade — na maioria das vezes, pais detidos — os meninos ficam no pátio de prédio, quando o tempo permite. A espera de uma pequena área verde, de sanitários e de mais atenção e recursos das autoridades responsáveis.

[Fig. 50] Jornal Cidade de Santos, em 21 de abril de 1975, página 14.

O educador físico alerta para a necessidade de uma reestruturação urgente no educandário, o que inclui as devidas reformas na quadra e a disponibilidade de material esportivo.

Em 21 de abril de 1975, no Jornal Cidade de Santos, a reportagem "Ofícios: Anália Franco pede ajuda" faz novas denúncias da situação que se encontrava a instituição. "Pés descalços e banhos gelados, apesar do frio, são coisas comuns para os 107 meninos atendidos pelo Educandário Anália Franco. (...) O presidente da entidade, sr. Gastão Silva Junior, tenta agora minorar as dificuldades enfrentadas pelos menores". (CIDADE DE SANTOS, 1975, p. 14).

A reportagem discorre: "Como na maioria das dependências do prédio, as paredes são úmidas e escuras, e não há ventilação e iluminação suficientes. E contrariando a declaração de que o número de funcionários é bastante, dois meninos ajudam a lavadeira a passar roupa: lençóis, camisas e shortes". (CIDADE DE SANTOS, 1975, p. 14)

A matéria apresenta uma foto dos sanitários do Anália: precários, em mau estado de conservação e somente com banhos frios.

A difícil situação que vem enfrentando o Educandário Anália Franco, que abriga 107 meninos, levou o presidente da entidade a fazer um apelo ao prefeito e à Câmara, em que pede maior ajuda financeira para o estabelecimento. Pés descalços e banhos gelados, apesar do frio, além da insuficiente verba para alimentação — Cr$ 120,00 mensais para cada criança — bem demonstram as condições precárias em que estão vivendo os menores. Página 14

[Fig. 51] Jornal A Tribuna.

> E o presidente também concorda que banho frio, diariamente, é 'desumano'. Mas há muito tempo os meninos do Anália Franco, com idade entre 3 e 12 anos, não conhecem outra forma de higiene. 'Estamos providenciado a instalação de quatro chuveiros elétricos agora, diz o presidente, e acho que a situação pode ser contornada: vamos fazer os meninos tomarem banho em grupos de 4 em cada chuveiro, para que todos possam ter água quente no inverno. (CIDADE DE SANTOS, 1975, p. 14)

A reportagem conta que, segundo o presidente, a maioria dos meninos estava com verminose. A fim de solucionar esta questão, ele enviou um ofício ao chefe do Executivo solicitando uma área verde à instituição, uma vez que não existia grama, arbustos ou árvores no local, apenas o chão de terra batida que estava provocando tal problema da doença.

Os médicos que prestavam serviços no local também pediram para "calçar a maior parte do pátio do Educandário, gramá-lo para que a moléstia possa ser eliminada. Mas os sapatos também são indispensáveis", segundo o jornal. O calçamento do pátio, a falta de áreas verdes e de sapatos para as crianças são, portanto, apontadas como as principais causas transmissoras da verminose.

Diante de tantas questões a serem melhoradas, o presidente afirma ter esperanças com a colaboração dos vereadores santistas e do prefeito, uma vez que "sozinhos não conseguiremos nada aqui, pois nos faltam recursos para tudo", afirma.

A resolução do calçamento do pátio foi documentada pelo Jornal A Tribuna em 28 de junho de 1980, na edição comemorativa de 58 anos da entidade. De acordo com a reportagem, "as obras de urbanização do pátio do educandário estão sendo executadas pela Prodesan, com asfaltamento da área em torno da quadra de esportes, plantio de árvores e construção de canteiros". (A TRIBUNA, 1980)

Em 15 de novembro de 1975, na página 5, o Jornal A Tribuna publicou a matéria "Escolas ainda aguardam plano de emergência". Segundo a reportagem, o plano havia sido anunciado cinco meses antes desta publicação pelo Fundo Estadual de Construção Escolar (FECE) visando contornar os principais problemas da rede em todo o Estado. O capital seria empregado em obras para reforma dos telhados, redes de esgoto e ampliação dos sanitários. Entretanto, até aquele momento, o plano de emergência ainda não havia sido colocado em prática.

Ainda segundo a reportagem, o autor compara a aparência do prédio naquele momento, em 1975, com o aspecto de quando Washington Luís o visitou, em 1926.

plan quer maior
or para defesa
s áreas verdes

ENSINO

Escolas ainda aguardam o plano de emergência

Fundo financiará a construção de novos hospitais

âmara votará os
ovos títulos de
dadania emérita

Continua suspensa a questão das mudanças de feiras

No Chico de Paula, um caso de esquecimento

A mesma imagem desde a visita de Washington Luiz

O prédio é muito feio, mas o ensino é dos melhores

mazéns gerais:
empresas já
stram interesse

NOVIDADES EM BRINQUEDOS COM FACILIDADES Hobby store

COBERTURAS HORIZONTAIS

SANO

Mercado da carne confuso pela ausência de tabela

Declaração à Comunidade

mércio solicita

[Fig. 52] Jornal A Tribuna, em 15 de novembro de 1975, página 5.

> Pela aparência do prédio hoje, parece que alguém resolveu perpetuar a imagem conhecida por Washington Luís que, se pudesse voltar, veria que nada mudou. Houve apenas o natural envelhecimento do edifício, quem tem a pintura estragada, a iluminação deficiente e suas dependências sanitárias em piores condições do que os banheiros públicos. Nesse ponto, a situação da escola é de tal maneira precária, que muitos estudantes não ousam usar os sanitários e, em casos de extrema necessidade, dirigem-se para suas casas. (A TRIBUNA, 1975, p. 5)

As críticas continuam:

> Além dos problemas do próprio estabelecimento – o odor que exala dos sanitários é tão forte que ninguém pode desmentir a sua péssima situação – há também a imagem desoladora de crianças do Educandário Anália Franco dependuradas nas grades do porão, que é usado pelo educandário. As crianças ficam ali durante várias horas do dia, separadas das demais por uma grade. Apesar de não estarem presas, pois poderiam usar o pátio interno do Anália Franco, dão uma péssima imagem do local, piorando o quadro geral da escola. (A TRIBUNA, 1975, p. 5)

Apesar de todos os desvios e irregularidades registrados, por outro lado é importante destacar que, segundo o Jornal Cidade de Santos publicado em 13 de dezembro de 1974, fazia meses que o presidente da instituição vinha solicitando recursos à prefeitura e à sociedade civil para melhorar a alimentação dos 107 meninos que ali viviam.

Também é válido ressaltar que, segundo o levantamento de Gonçalves (2021), nesta época havia mais de 1 milhão de crianças abandonadas no Brasil, e apenas 70 mil estavam em abrigos. Dessa forma, percebe-se que a disponibilidade de recursos era escassa e a questão era um problema nacional, não reduzido apenas à instituição do Anália Franco. Tal dificuldade atravessava o educandário assim como a maioria das entidades assistencialistas da época, e extrapola sua dimensão de atuação de modo a envolver diversos atores sociais mais amplos.

É interessante notar que, apesar das críticas noticiadas, o modelo de ensino militarizado ainda era defendido por uma considerável parcela da sociedade. Castigos físicos e repreensões deste âmbito eram, por muitos, considerados como uma forma de educar promissora que resultava em um ensino de maior qualidade – inclusive, pelos governos militares da época. A prática da palmatória, por exemplo, começou a ser repensada somente na década de 70, coincidindo com o período de tais denúncias.

Mediante às severas acusações ao Educandário, a instituição passou por uma reforma radical em seu quadro de funcionários, destacando a troca dos cargos da presidência: o então presidente José Gaspar Filho e o vice Ermínio Prandato foram substituídos por Gastão Silva Jr. e Júlio Cândido Fernandes. Além disso, a prefeitura e os órgãos da sociedade civil passaram a enviar-lhes alimentos, e a sala debaixo da escada – a cela – foi destruída, segundo o novo presidente Gastão Silva Jr. em entrevista ao Jornal A Tribuna, em 13 de dezembro de 1974.

Anália Franco quer voltar a ser um educandário modelo

"Haverá grande modificação no Educandário Anália Franco, que voltará a ser um estabelecimento modelo. Temos muitos planos e muito entusiasmo para tornar isto realidade. Já começamos pela limpeza, afinal precisamos modificar também a imagem física da casa". Este compromisso é do atual presidente do Educandário Anália Franco, Gastão Silva Jr., e do vice-presidente, Júlio Cândido Fernandes, que substituíram respectivamente José Gaspar Filho e Ermírio Prandatto.

Também se comprometeram a transformar o Educandário Anália Franco, que foi alvo de severas críticas por parte do juiz de Menores e do presidente da Pró-Menor, os integrantes da comissão de reformulação — Dionísio João dos Santos, Manoel Matheus de Oliveira e Alberto Monforte.

Além da limpeza, o presidente falou em melhorar a alimentação. Ontem, as crianças tomaram leite, alimento que há muito tempo não ingeriam. Gastão prometeu criar atividades para as crianças, evitando assim que se tornem ociosas.

Há planos para incentivar o desenvolvimento da cultura entre os internos: durante a reunião do conselho realizada no sábado — a última foi em janeiro — diversos conselheiros falaram em teatro, cinema, pintura e outros tipos de arte para as crianças.

Além disso, será criado o departamento feminino, pois, segundo Gastão Silva Júnior, "a mulher compreende melhor a criança". Ele disse que a cela vai ser destruída e que será mantido entendimento com o Juizado de Menores para que o educandário restrinja seu atendimento a uma determinada faixa etária.

"Hoje, temos crianças de quatro a 16 anos, e é difícil realizar um bom trabalho com tal diversificação". Este parecer do presidente da entidade é o mesmo do juiz Clineu de Mello Almada que, no momento em que a Pró-Menor for renovar os convênios com as obras, irá sugerir a divisão por faixa etária, evitando muito dos problemas causados pela heterogeneidade, como ocorre no Anália Franco.

QUERIDO

Clineu de Mello Almada conta que foi ao Anália Franco no sábado, para acalmar o ânimo das crianças. Elas se recusavam a frequentar a escola e a realizar seus trabalhos. O juiz garantiu-lhes que tudo iria mudar e que elas deveriam colaborar, como todos iriam fazer.

A presença de Gastão parece ter contribuído para que as crianças readquirissem a confiança. Ontem, elas apontavam para o atual presidente do educandário, levantando o polegar e dizendo: "Este homem é bom, muito legal. Olha aí, nem bem ele chegou e já estamos até tomando leite. Boa, seu Gastão".

Em 10 de dezembro de 1974, o Jornal A Tribuna divulga que o "Anália Franco quer voltar a ser um educandário modelo", anunciando algumas das mudanças a serem implementadas. "Haverá grande modificação no Educandário Anália Franco, que voltará a ser um estabelecimento modelo. Temos muitos planos e muito entusiasmo para tornar isto realidade. Já começamos pela limpeza, afinal precisamos modificar também a imagem física da casa". (A TRIBUNA, 1974)

A alimentação também foi um ponto que se comprometeram a melhorar. Inclusive, segundo a reportagem, "ontem, as crianças tomaram leite, alimento que há muito tempo não ingeriam". A criação de atividades a fim de evitar que os menores fiquem ociosos, além de planos de incentivo de desenvolvimento da cultura – teatro, cinema, pintura –, e a criação do departamento feminino foram outras promessas feitas.

[Fig. 53] Jornal A Tribuna, em 10 de dezembro de 2021.

De acordo com o relato do Jornal A Tribuna, publicado em 28 de junho de 1982, em comemoração aos 60º aniversário da instituição, ressalta-se "que o maior problema enfrentado reside na falta de dinheiro", segundo o administrador à época, Nilton Giangiulio. A falta de verba, relata Nilton, impede que a entidade abrigue um maior número de menores. Os auxílios recebidos são da Febem, Secretaria de Promoção Social do Estado e da Prefeitura Municipal de Santos, porém a sobrevivência da instituição é devido à colaboração de particulares.

C 5 Segunda-feira, 28 de junho de 1982

Anália Franco comemora 60 anos com solenidade

O Educandário Anália Franco completa hoje o seu 60.º aniversário de fundação, e em comemoração à data haverá sessão solene, às 20 horas, no salão nobre da entidade, à avenida Ana Costa, 277, quando serão entregues títulos honoríficos a 11 colaboradores. A obra, presidida por Gastão da Silva Júnior, abriga cerca de 120 meninos, na faixa etária de 4 a 14 anos. São crianças, em sua maioria, abandonadas pelos pais e encaminhadas ao Educandário pelo Juizado de Menores.

Afirmando que a união que existe entre os diretores é um dos pontos positivos para o bom funcionamento da entidade, Nilton Giangiulio, administrador do Educandário, ressalta que o maior problema enfrentado reside na falta de dinheiro. A obra recebe subvenção da Febem, através da Secretaria de Promoção Social do Estado, além de auxílio indireto da Prefeitura Municipal de Santos, que fornece médico, dentistas, enfermeira, merendeira e professores. Contudo, os recursos são insuficientes para manter a instituição, que sobrevive graças à colaboração de particulares.

"Entre os internos, 20 são considerados em completo abandono. Alguns têm família, que os visitam nos fins de semana. Desenvolvemos aqui um programa de integração com estas famílias e com os lares substitutos, ou seja, famílias que recebem os menores nos finais de semana", comentou Nilton. Depois de completarem 14 anos, os meninos são encaminhados a outras obras, como o Santa Emília (em Guarujá), o internato do Escolástica Rosa ou o Álvaro Guião, em São Vicente, mantido pela Febem.

Todas as crianças estudam na Escola Estadual de 1.º Grau Cleóbulo Amazonas Duarte, sendo que as professoras, fornecidas pela Prefeitura, atuam dentro da entidade no reforço escolar. A falta de verba, segundo Nilton, impede que a entidade abrigue um maior número de menores. "O nosso convênio com a Febem é de 100 meninos. Esta capacidade já está esgotada, diariamente recebemos 2 a 3 vias de internamento do Juizado de Menores, e devido à falta de condições para atender a todos os pedidos,as crianças precisam ficar na fila aguardando uma vaga."

ASSISTÊNCIA ERRADA

Enfatizando que a atual diretoria está empenhada em prestar toda a assistência possível às crianças internadas, Nilton reconhece contudo que há grandes lacunas no programa de assistência ao menor desamparado. "Não estou me referindo especificamente a minha entidade, procuro analisar o geral. Enquanto as crianças estão aqui elas são bem alimentadas, recebem atendimento médico, dentário, psicológico, todas estudam, cobramos delas boas notas na escola. É uma fantasia que a criança vive, pois quando ela atinge a maioridade, e por este motivo fica fora do alcance das entidades assistenciais, a realidade com que se depara é bem outra.

Nilton Giangiulio, aproveitando as comemorações de aniversário do Educandário Anália Franco, faz um apelo à população para que visite a obra. "Estamos convidando todas as pessoas a nos visitar, ver o que é a obra, o trabalho que se desenvolve. Isto é muito importante, pois pode até surgir a oportunidade de um destes garotos ganharem um lar. Em 1 ano que estou na administração do Educandário houve, apenas, um caso de adoção. Na verdade, as pessoas preferem adotar recém-nascidos, e de preferência lourinhos, de olhos azuis. Há meninos maravilhosos aqui à espera de uma família."

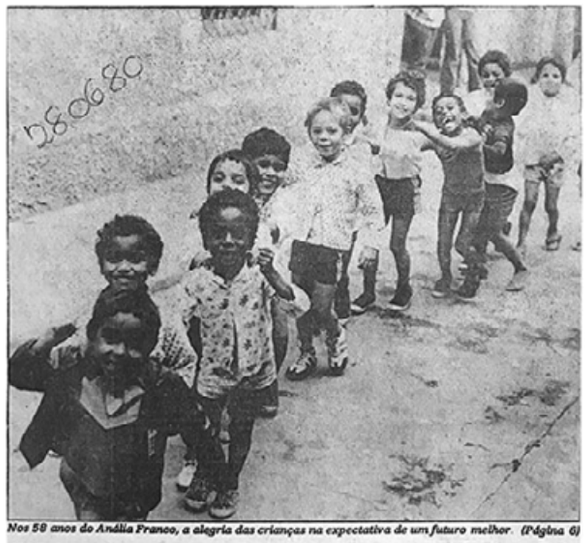
[Fig. 54] Jornal A Tribuna, em 28 de junho de 1982.

Naquele momento, o Anália Franco abrigava cerca de 120 internos, sendo 20 em completo abandono. Ainda segundo o jornal, "depois de completarem 14 anos, os meninos são encaminhados a outras obras, como o Santa Emília (em Guarujá), o internato do Escolástica Rosa ou o Álvaro Guião, em São Vicente, mantido pela Febem".

Era tradição que em todos os aniversários da entidade, 28 de junho, fossem publicadas reportagens nos principais veículos de comunicação da região. Estes textos costumavam contar, brevemente, a história da instituição, além de relatar como estava sendo feita a comemoração de aniversário naquele ano. Em geral, as atividades comemorativas envolviam recreação, quermesse e práticas esportivas pelas crianças.

É frequente que estas reportagens mostrassem as dificuldades financeiras atravessadas pelo educandário naquele período, e que fosse reforçado o fato de que essa escassez de recursos assolava a maioria das instituições do ramo na região. No aniversário de 68 anos,

[Fig. 55] "Castelinho" em junho de 1988.



Nos 58 anos do Anália Franco, a alegria das crianças na expectativa de um futuro melhor. (Página 6)

[Fig. 56] "Nos 58 anos do Anália Franco, a alegria das crianças na expectativa de um futuro melhor".

por exemplo, as adversidades enfrentadas eram tantas que, de acordo com o Jornal A Tribuna em 28 de junho de 1990, não houve nenhum tipo de comemoração. Apesar da preocupação financeira, os textos mostravam que a entidade mantinha sua proposta inicial de acolher e fornecer assistência aos menores carentes.

Mesmo com diversos problemas enfrentados, é enfatizado o papel de cuidado que o educandário buscava desempenhar.

> Todo um trabalho psicológico e de assistência social é desenvolvido com as crianças no sentido de suprir a carência afetiva, um fato normal entre os menores que vivem nas instituições de caridade. 'A nossa preocupação não é só a formação das crianças', comentou Vilson da Silva Rocha, presidente da entidade, salientando que não adianta formar um profissional se este teve uma infância desvalida, sem nenhum tipo de compreensão. (A TRIBUNA, 1990)

Nestas edições também é possível perceber a variação do número de internos, assim como a mudança de faixa etária atendida pela instituição. Ao longo de sua história, também houveram modificações quanto à seleção por gênero: inicialmente somente abrigavam meninas, depois houve um período de atendimento misto, e posteriormente aceitavam apenas meninos. Atualmente, o perfil do educandário é misto, acolhendo meninos e meninas.

De acordo com o documento do Projeto Pedagógico da escola, em 1982, o colégio que alugava o edifício do "Castelinho" sofre uma mudança: de EMEIPG "Dr. Dino Bueno" passa a atuar como EMPG "Dr. Dino Bueno". Esta alteração na denominação reflete a modificação do âmbito estadual para o municipal. No sentido do aluguel do prédio, nada muda: a escola continua ocupando o imóvel e exercendo suas atividades ali.

Educandário Anália Franco inaugura salão de festas para gerar recursos

Com a inauguração de um salão de festas, sexta-feira, às 20 horas, a atual diretoria do Educandário Anália Franco dá mais um passo em direção à meta de administrar a entidade com recursos gerados por uma estrutura empresarial própria.

Deixar de esperar ajuda governamental e partir para a geração de recursos, segundo o administrador Glauco de Lima Guedes, é a única saída para as instituições beneficentes, num País em crise financeira. Ele acredita, inclusive, que dentro desse princípio administrativo, em pouco tempo, o Anália Franco servirá de modelo para as demais entidades beneficentes do País, em termos de modernização e desenvolvimento.

O salão de festas — decorado com requinte, com entradas privativas, sanitários masculino e feminino e cozinha de apoio — é um dos projetos empresariais. A entidade conta, há alguns anos, com uma lavanderia industrial, segundo Glauco, uma das mais bem aparelhadas da região, sendo que o aluguel do prédio da EMPG Dino Bueno à Prefeitura também é outro gerador de renda para a instituição.

REFORMA GERAL

Com 69 anos de existência, o imóvel onde está instalado o internato, ainda de acordo com o administrador, está recebendo serviços de manutenção pela primeira vez.

As obras implicam em reforma total das redes elétrica e hidráulica; ampliação dos dormitórios e demais dependências, visando à futura admissão de mais crianças; substituição de todos os vidros das janelas; instalação de jardins internos; e pintura interna e externa.

Ao mesmo tempo, a atual diretoria, presidida por Vilson da Silva Rocha, está remodelando o próprio atendimento aos menores, direcionando-os a um maior convívio com a sociedade. Nesse sentido, todos os fins de semana são feitos programas como excursões, jogos de futebol e sessões de cinema.

Ainda em relação ao salão, o mesmo estará disponível para festas de casamento, aniversários, coquetéis e vernissages, a partir do dia de inauguração. Os contatos já podem ser feitos com o diretor-administrativo, na Avenida Ana Costa, 277. A preços atuais, o aluguel/dia custa Cr$ 150 mil.

Paulo Freitas

O imóvel, que tem 69 anos, passou por reformas na parte interna e na fachada

[Fig. 57] Jornal A Tribuna, em 1991.

Em 1991, segundo matéria publicada naquele ano no Jornal A Tribuna, o Educandário Anália Franco inaugurou um salão de festas no seu segundo prédio. Este espaço existe até os dias de hoje e ainda funciona como uma das ferramentas para gerar recursos financeiros para a manutenção da instituição. Especificamente no período em que esta dissertação está sendo escrita (ano de 2021) o aluguel do espaço está suspenso devido à pandemia do Covid-19

que, por medidas de contenção à doença, as festas e as comemorações que reúnem grande número de pessoas estão suspensas. Entretanto, até então o aluguel do espaço funcionava ativamente.

De acordo com a reportagem, a inauguração do salão de festas foi um passo importante com a postura de administrar a entidade com recursos gerados por uma estrutura empresarial própria. Busca-se, assim, atingir um perfil menos dependente da ajuda governamental. Segundo o administrador Glauco de Lima Guedes

> é a única saída para as instituições beneficentes, num País em crise financeira. Ele acredita, inclusive, que dentro desse princípio administrativo, em pouco tempo, o Anália Franco servirá de modelo para as demais entidades beneficentes do País, em termos de modernização e desenvolvimento. (A TRIBUNA, 1991).

Neste mesmo período, o imóvel estava em manutenção pela primeira vez.

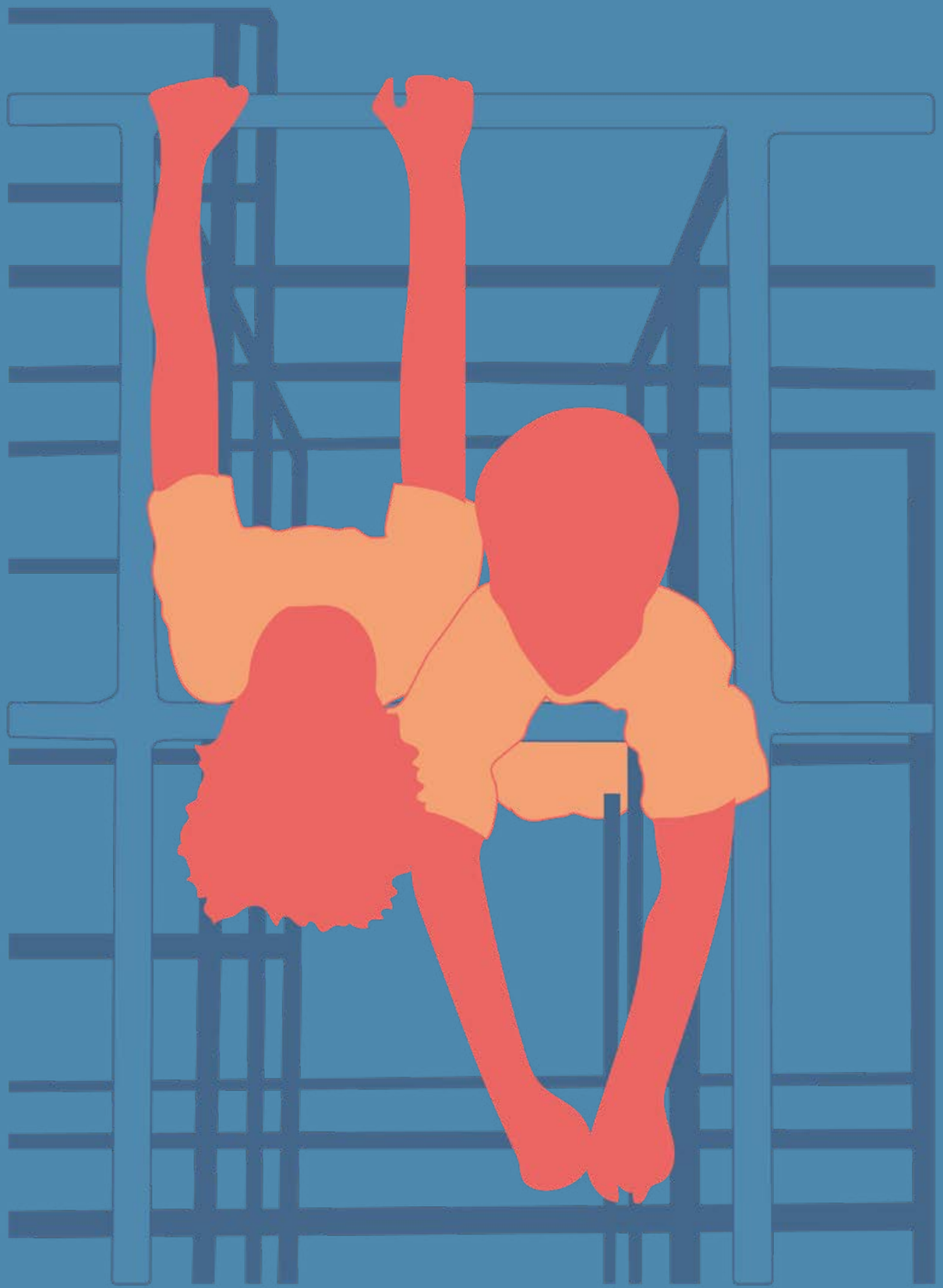
> As obras implicam em reforma total das redes elétrica e hidráulica; ampliação dos dormitórios e demais dependências, visando à futura admissão de mais crianças; substituição de todos os vidros das janelas; instalação de jardins internos; e pintura interna e externa. Ao mesmo tempo, a atual diretoria, presidida por Vilson da Silva Rocha, está remodelando o próprio atendimento aos meninos, direcionando-os a um maior convívio com a sociedade. Nesse sentido, todos os fins de semana são feitos programas como excursões, jogos de futebol e sessões de cinema. (A TRIBUNA, 1991)

[Fig. 58] "Castelinho" abrigando o Centro Municipal de Inclusão Digital – Rede do Futuro.

O autor ainda cita os demais geradores de renda para a instituição: a lavanderia industrial – segundo Glauco, é uma das mais bem aparelhadas da região – e também o aluguel do prédio do "Castelinho" à prefeitura para as atividades da EMPG Dino Bueno.

Tal aluguel do edifício para a escola, porém, foi encerrado em 2002. Neste ano, o colégio Dino Bueno se retira do prédio e o espaço passa a atender o Programa de Inclusão Digital – Rede do Futuro, que ali permaneceu por dez anos, até 2012. No mesmo ano, em outubro, o "Castelinho" receberia as instalações do Centro de Tecnologia Educacional da cidade, entretanto, em menos de um ano o contrato foi cancelado.

Dessa forma, em 2013 o espaço é desocupado e assim permanece desde então. Observa-se, hoje, uma grande placa de "aluga-se" com o número de contato na fachada da edificação, porém o "Castelinho" segue completamente vazio e de portas fechadas há oito anos.



O Educandário
Anália Franco

hoje

[Fig. 59] Fachada vista a partir da Av. Ana Costa. 14 de julho de 2021.

Atualmente o Educandário Anália Franco atende, sem fins lucrativos, crianças e adolescentes de 0 a 17 anos. É composto pela unidade de acolhimento e abrigo de menores, que funciona na Rua Pedro Américo, 288; pelo edifício do "castelinho" na Avenida Ana Costa, 285, esquina com a Rua Barão de Paranapiacaba, que se encontra desocupado; e pelo edifício vizinho, na Avenida Ana Costa, 277, onde são desenvolvidas as atividades da creche.

O abrigo de menores constitui um lar para apoio a crianças que estejam em condição de vulnerabilidade social e/ou familiar ocasionadas por consumo de álcool e outras drogas, fornecendo acompanhamento e proteção temporária. Assim, ele existe para manter provisoriamente crianças que vivem em situação de risco.

A tarefa do abrigo consiste em dedicar-se ao estreitamento de vínculos entre a criança e sua família biológica. Entretanto, segundo a gerente educacional Maria Helena Guimarães, o menor somente volta para a família quando mudam as condições que ocasionaram tal necessidade de separação, o que é raro. O ingresso na instituição é feito a partir de encaminhamento pelos Conselhos Tutelares do Município, com autorização judicial, e atualmente conta com 6 jovens.

[Fig. 60]
Aulas sendo ministradas no edifício da Ana Costa, 277, em 2007.

Em paralelo a este atendimento especial, a creche do Educandário é a demanda que mobiliza a maior parte da estrutura da instituição. É destinada a crianças de quatro meses a sete anos incompletos, em período integral (das 7h às 17h), oferecendo educação infantil, oficinas e ballet, além de quatro refeições diárias. O número máximo que a instituição atende no formato de creche são 300 crianças – hoje conta com 293 – encaminhadas pelas Secretarias de Educação de Santos (Seduc) e de Assistência Social (SEAS).

[Fig. 61] Atividades com as crianças no edifício da Ana Costa, 277, em 2007.

[Fig. 62] Atividades em sala de aula no edifício da Ana Costa, 277, em 2007.

As atividades da creche seguem acontecendo no edifício mais recente, vizinho ao "Castelinho", enquanto este permanece vazio desde 2013. Devido aos oito anos sem nenhuma ocupação ou manutenção do prédio é inevitável a sua degradação. Assim, encontra-se em estado deteriorado: sujeira, diversos pontos de infiltração, problemas no telhado dentre outros vários elementos que sofreram danificações com o desgaste do tempo.

Em entrevista com os funcionários da instituição, foi relatado que são frequentes os furtos de partes do edifício. Principalmente à noite, já ocorreu diversas vezes de homens ultrapassarem os muros – mesmo com a existência de grades – e roubarem partes da cobertura, fios de cobre e torneiras, por exemplo.

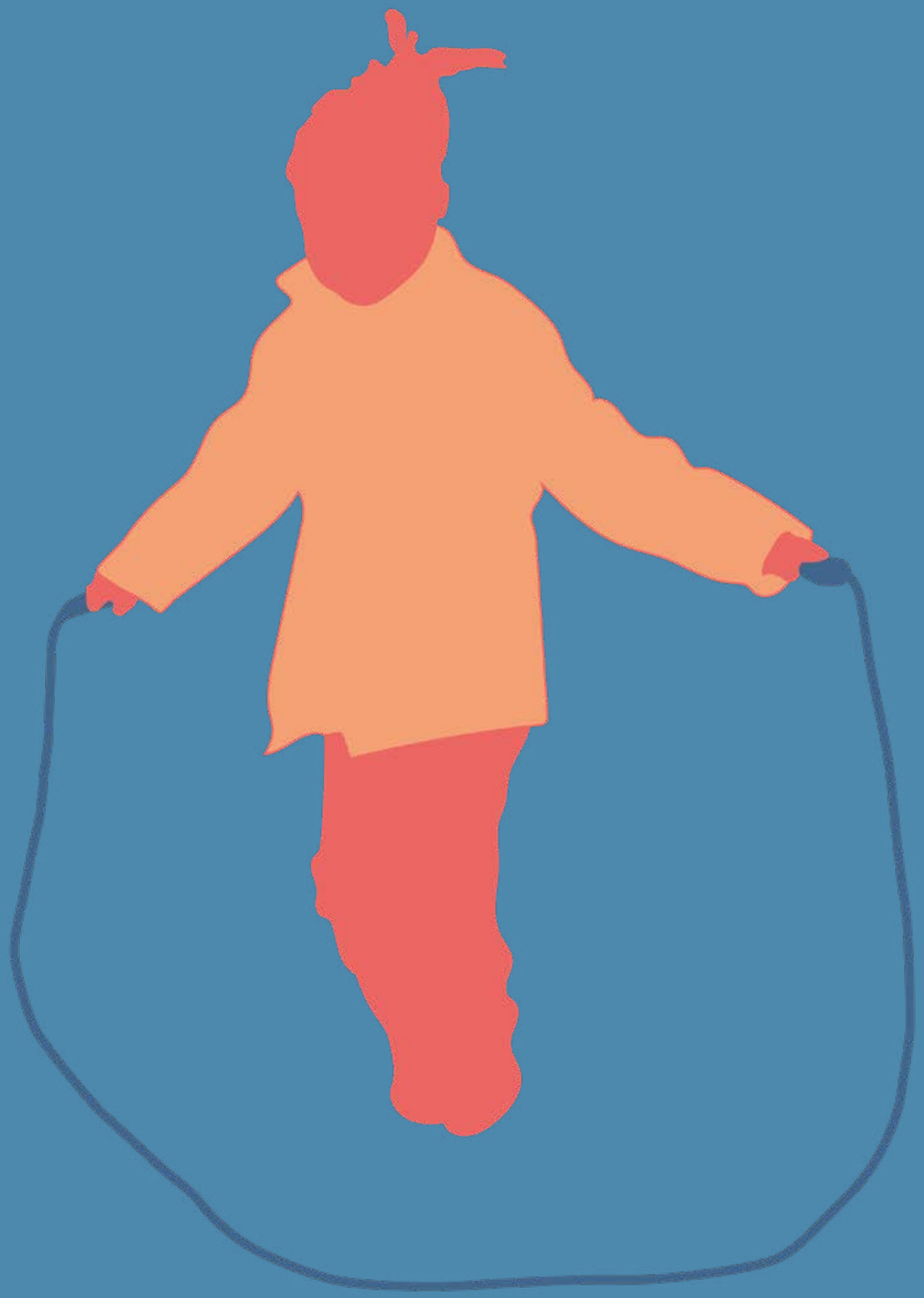
[Fig. 63] Crianças na biblioteca do edifício da Ana Costa, 277, em 2007.

O edifício do "Castelinho" possui Nível de Proteção 2 (NP2) devido a sua importância histórica e à paisagem urbana. De acordo com a Lei complementar Nº 1.085, de 30 de dezembro de 2019, tem-se que:

> III - Nível de Proteção 2ª - NP2a: proteção parcial do patrimônio construído, constituindo os imóveis que possuam relevância histórica, cultural, artística, arquitetônica ou urbanística apenas como elemento do conjunto no qual estão inseridos e baixo grau de descaracterização, a serem preservados, restaurados ou reconstruídos, apenas externamente, incluindo os seus elementos construtivos, decorativos, volumetria, cobertura e fachadas, mas admitindo adaptações futuras reversíveis e sem prejuízos substanciais ao bem protegido. (SANTOS, (SP), 2019)

Dessa maneira, é necessária a preservação parcial do patrimônio construído, o que abrange apenas a parte externa da edificação, incluindo sua volumetria, cobertura, fachada e muros.

Devido às questões históricas que envolvem o edifício do "Castelinho", além de constituir um imóvel desocupado em uma área central da cidade que poderia ter seu potencial construtivo melhor aproveitado para a causa social a que ele se destina, é neste local que o exercício de projeto deste trabalho se dá.



Aproximação com o local

Aproximação com o local

Guarulhos

Osasco

São Paulo

Suzano

Mogi das Cruzes

Santo André

Mauá

Diadema

São Bernardo
do Campo

Boracéia

Riviera de São Lourenço

Bertioga

Cubatão

Santos - SP

São Vicente

Guarujá

Praia Grande

Mongaguá

Peruíbe

5 km

5 km

[Fig. 64] Mapa da Baixada Santista e Região Metropolitana de São Paulo

[Fig. 65] Mapa município de Santos

[Fig. 66] Mapa áreas de Santos

[Fig. 67] Mapa vias principais da área insular de Santos

A cidade de Santos está localizada no litoral paulista, a 72 quilômetros da Capital, na Ilha de São Vicente. A ilha abriga as cidades de São Vicente e a área insular de Santos, e assim, seu território é quase todo urbano. No estuário que a separa da Ilha de Santo Amaro foi construído o porto de Santos, o maior da América Latina, com 13 quilômetros de extensão. Dessa forma, as atividades portuárias configuram a principal fonte de riqueza do município e a cidade destaca-se como a economicamente mais importante para a Região da Baixada Santista. O intenso processo de conurbação atualmente em curso cria uma metrópole que abrange os municípios de Santos, São Vicente, Praia Grande e Guarujá.

A ilha de São Vicente apresenta morros isolados denominados Maciço de São Vicente, de origem antiga e ocupação urbana irregular, mesclando tecidos caracterizados por alta e baixa renda. Na planície em que está localizada a maior parte da cidade de Santos e de seus habitantes já não há quase vegetação devido ao processo de intensa ocupação urbana e impermeabilização do solo. Somente na região norte da ilha, nos bairros da Alemoa, do Chico de Paula e do Saboó ainda verificam-se resquícios de manguezais. Antes da ocupação dos espaços planos da ilha por chácaras e posteriormente urbanizados, localizavam-se vastos terrenos alagados cobertos por manguezais, pela Mata Atlântica e, próximo à praia, por vegetação rasteira.

Uma vez que área da planície era sujeita a inundações, e sua drenagem foi resolvida pela construção dos sete canais projetados por Saturnino de Brito. Assim, estes elementos constituem marcos urbanos importantes que organizam a cidade e seus fluxos por meio das avenidas que os margeiam.

Canal 1 - Margeado pelas Avenidas Senador Pinheiro Machado, Rangel Pestana, Campos Sales, Ulrico Mursa, já na área portuária;

Canal 2 - Avenida Dr. Bernardino de Campos;

Canal 3 - Avenida Washington Luís, seguindo subterraneamente abaixo da rua Brás Cubas até a junção das avenidas Rangel Pestana e Campos Sales;

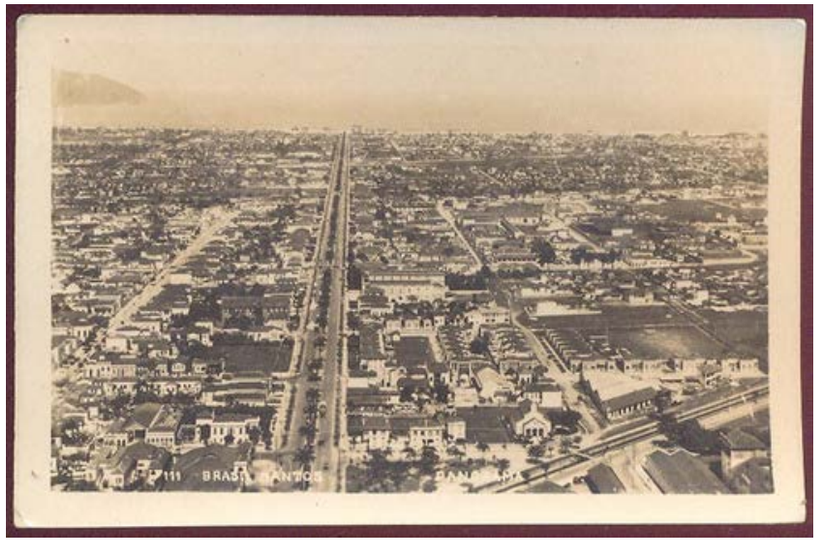
Canal 4 - Avenida Siqueira Campos;

Canal 5 - Avenida Almirante Cochrane;

Canal 6 - Avenida Coronel Joaquim Montenegro;

Canal 7 - Avenida General San Martin.

O complexo do Anália Franco localiza-se numa zona intermediária entre a orla e o centro, em uma das principais vias arteriais de Santos que cruza quase toda a cidade e conecta os dois extremos: a praia ao centro. A avenida possui importância histórica, sendo a primeira via pública de Santos a receber iluminação elétrica, em 1903. Dessa forma, desde a época da construção dos edifícios da instituição até os dias de hoje o local é uma centralidade urbana.



[Fig. 68] Avenida Ana Costa vista a partir do centro em direção à praia.

[Fig. 69] Avenida Ana Costa vista a partir da praia em direção ao centro.

[Fig. 70] Acidente de caminhão na Avenida Ana Costa em frente ao Educandário Anália Franco. É possível observar, ao fundo, o edifício do "Castelinho". 15 de maio de 1933.

[Fig. 71] Avenida Ana Costa vista a partir do centro em direção à praia. 12 de setembro de 2012.

[Fig. 72] Avenida Ana Costa vista a partir do centro em direção à praia. 04 de dezembro de 2005.

VISTA AÉREA

LEGENDA

Complexo do Educandário Anália Franco
Edifício de intervenção

Imagem: Google Earth

0 20 50 100

MAPA HIERARQUIA VIÁRIA

LEGENDA

- Canal 3
- Vias arteriais
- Vias coletoras
- Vias locais
- Traçado do VLT
- Estações de VLT
- **01** Estação Ana Costa
- **02** Estação Washington Luís
- Complexo do Educandário Anália Franco
- Edifício de intervenção

Av. Ana Costa
Av. Senador Feijó
R. Cunha Moreira
Av. Washington Luís
R. Espírito Santo
R. Almirante Barroso
R. Barão de Paranapiacaba
R. Pedro Américo
02
Av. Francisco Glicério
01
Av. Washington Luís
R. Vahia de Abreu
R. Alexandre Herculano
0 20 50 100

MAPA CHEIOS E VAZIOS

LEGENDA

- Complexo do Educandário Anália Franco
- Edifício de intervenção
- Edificações

0 20 50 100

MAPA INSTITUCIONAL

LEGENDA

EDUCAÇÃO
01 Educandário Anália Franco
02 APAE "Casa Amarela"
03 Colégio Porto Santista Educação Infantil
04 Centro Espanhol e Repatriação de Santos
05 Colégio Educar Santos
06 Centro do Estudante de Santos
07 Colégio São José
08 Lar e Felicidade Creche e Pré Escola
09 Escola Castelo Mágico
10 UME Doutor Dino Bueno
11 Lar das Moças Cegas
12 Brincar e Aprender Educação Infantil
13 Aquarela Educação Infantil

SAÚDE
14 SAMU
15 Hospital Ana Costa
16 Policlínica Gonzaga

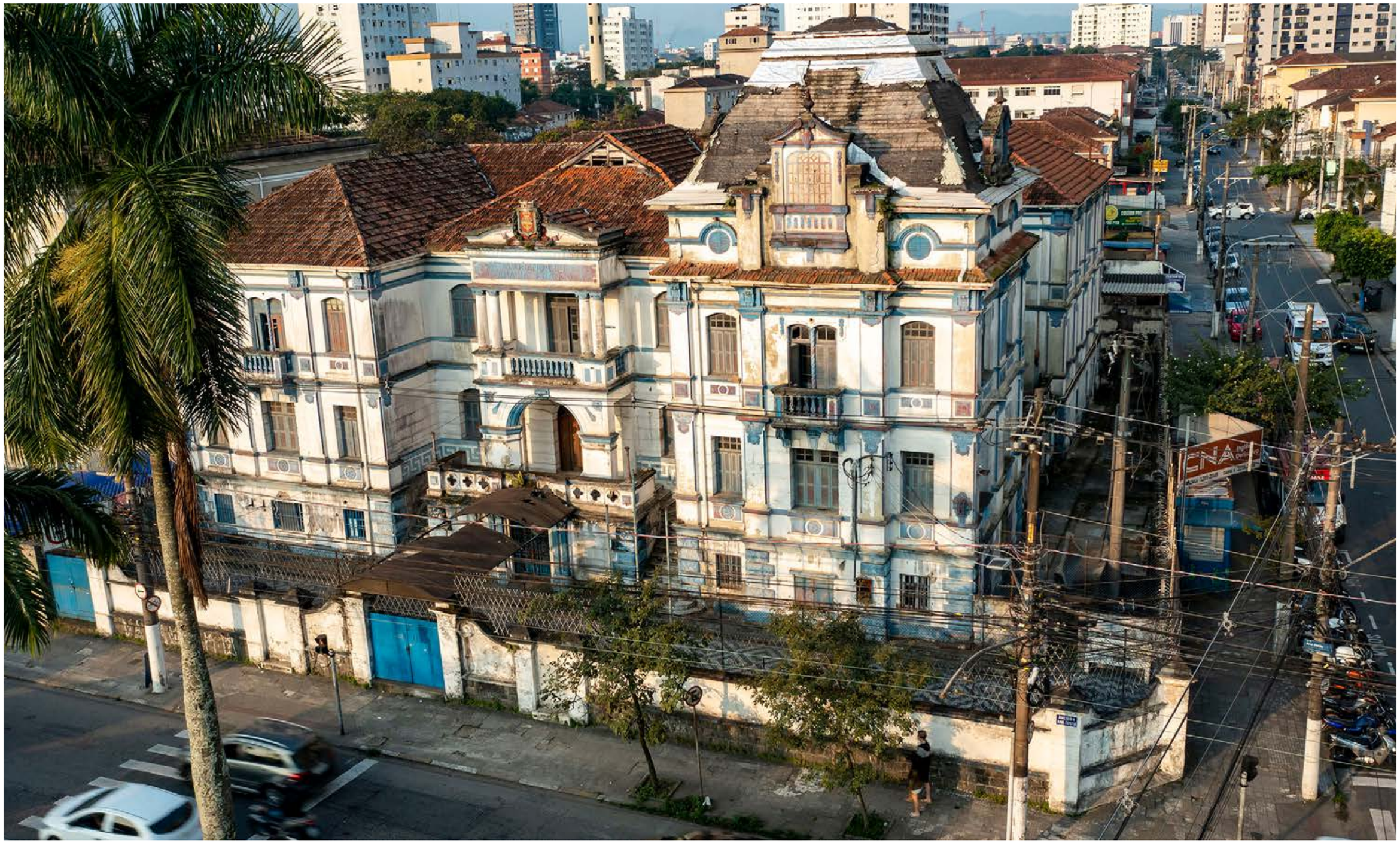
RELIGIÃO
17 Igreja Universal do Reino de Deus
18 Congregação Cristã no Brasil
19 Igreja Santa Edwiges
20 Grupo Espírita Sintonia Fraterna
21 Igreja Batista Nova Jerusalém
22 Loja Maçônica Coluna Santista

OUTROS
23 PRODESAN - Progresso e Desenvolvimento de Santos
24 ABRACO - Associação Beneficente e Representativa dos Aposentados
25 Casa de Repouso Residencial Amor à Vida
26 Diretoria de Ensino da Região de Santos
27 Clube Asociação dos Funcionários da Usina de Cubatão

Complexo Educandário Anália Franco

0 20 50 100

[Fig. 73] Foto aérea.

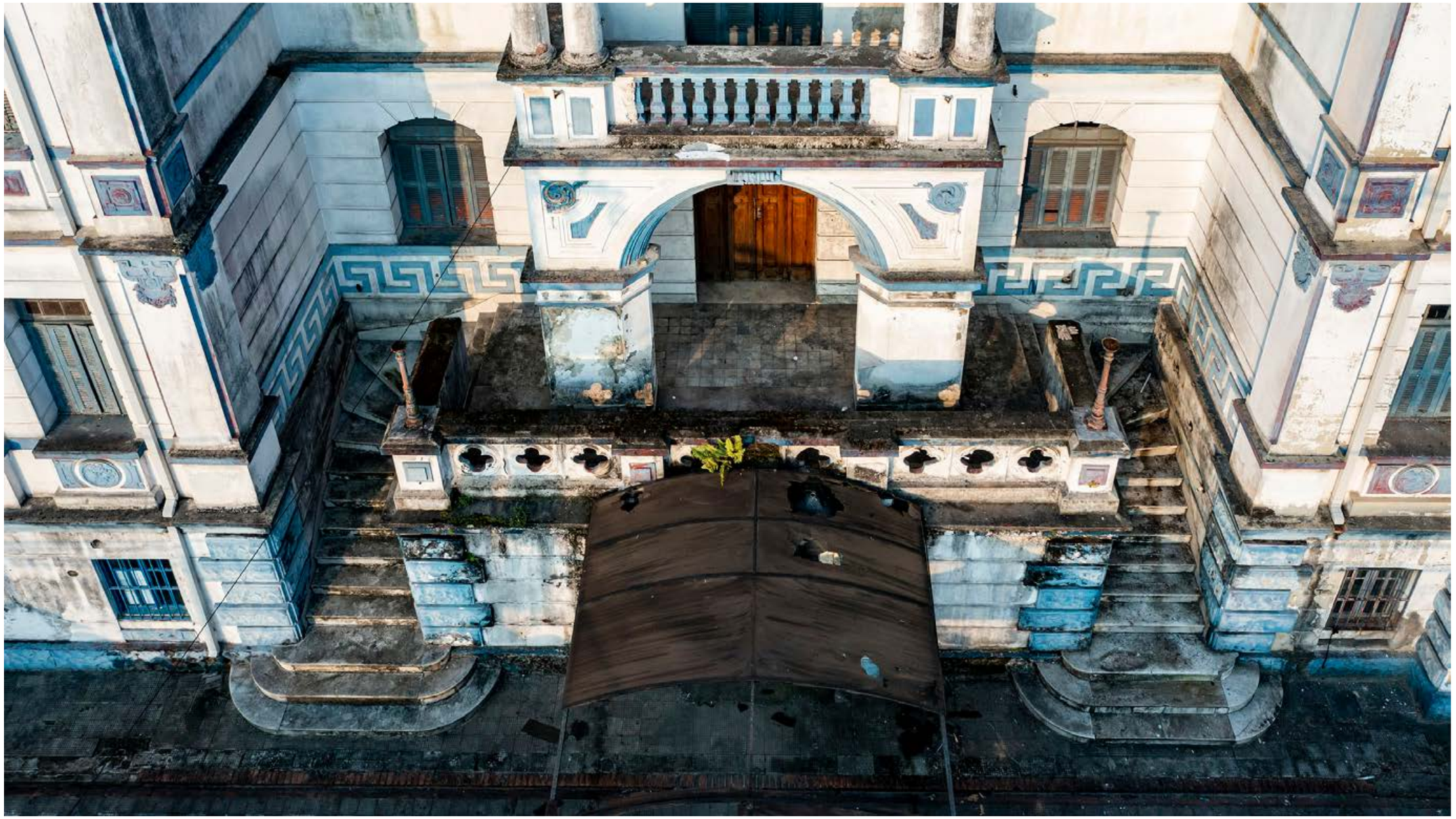


[Fig. 74] Vista da esquina do "Castelinho". 14 de julho de 2021.

[Fig. 75]
Foto aérea - aproximação com a cobertura. É possível perceber a danificação das telhas cerâmicas e a falta de algumas causando buracos no telhado, assim como o descamamento do latão na cobertura inferior à esquerda. 14 de julho de 2021.

[Fig. 76]
Foto aérea - aproximação com a cobertura de latão. 14 de julho de 2021.

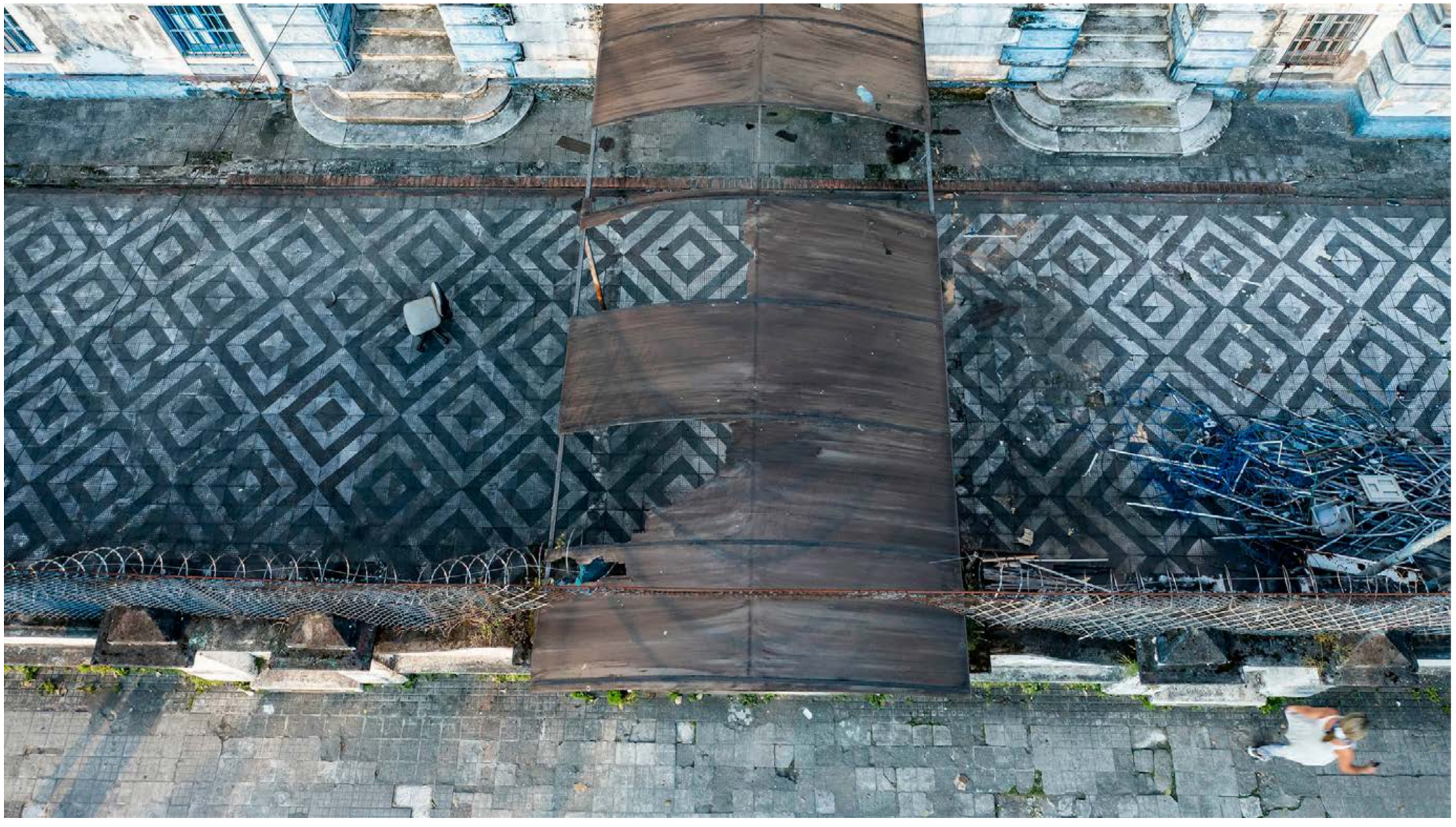
[Fig. 77]
Detalhe da fachada do "Castelinho". 14 de julho de 2021.



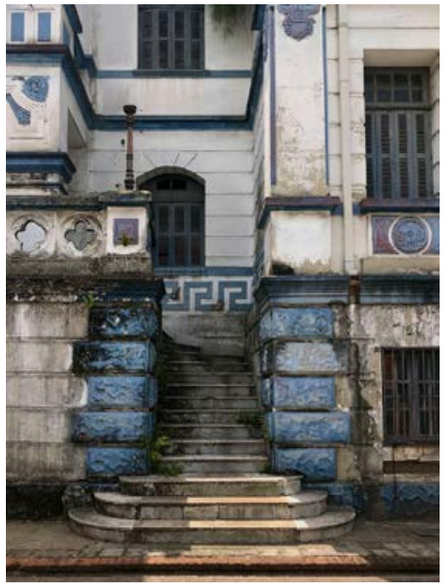
[Fig. 78]
Aproximação da entrada do "Castelinho". 14 de julho de 2021.

[Fig. 79]
Aproximação da fachada do "Castelinho". 14 de julho de 2021.

[Fig. 80]
Aproximação da fachada do "Castelinho". 14 de julho de 2021.



[Fig. 81] Vista superior do pátio frontal do "Castelinho" e sua relação com a calçada. 14 de julho de 2021.



[Fig. 82] Escada de acesso ao primeiro pavimento a partir do pátio frontal. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 83] Acesso ao bazar do "Castelinho" a partir da R. Barão de Paranapiacaba. 29 de janeiro de 2021.

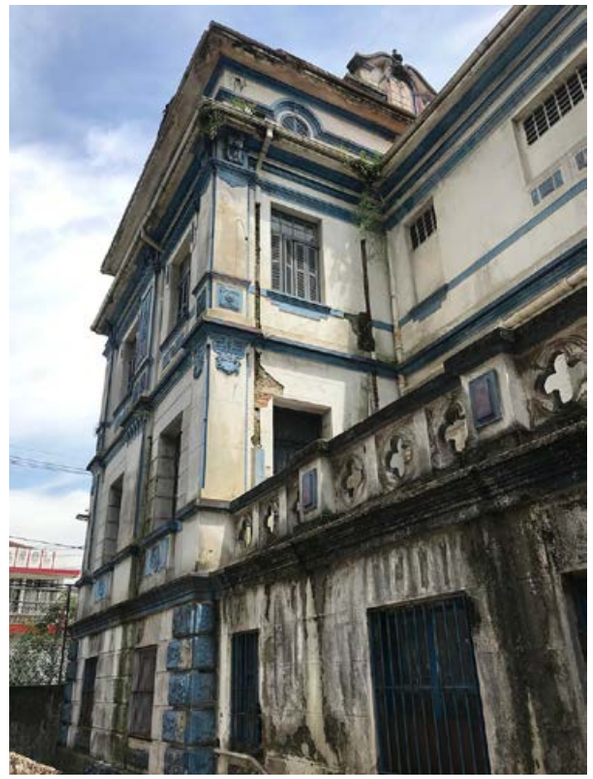
[Fig. 84] Pátio interno. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 85] A partir do pátio interno, é possível ver o corredor que separa as duas edificações. À esquerda, o "Castelinho"; à direita, o prédio mais recente. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 86] Pátio lateral. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 88] Fachada interna do edifício visto a partir do pátio interno. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 87] Pátio interno. 29 de janeiro de 2021.



[Fig. 89] Fachada lateral. 29 de janeiro de 2021.

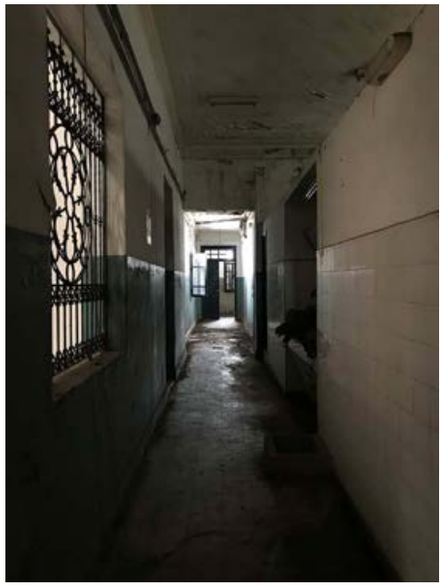
[Fig. 90] Pátio frontal. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 91] Térreo do "Castelinho". 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 92] Térreo do "Castelinho". 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 93] Vista interna do edifício. Escada do primeiro para o segundo pavimento. 29 de janeiro de 2021.

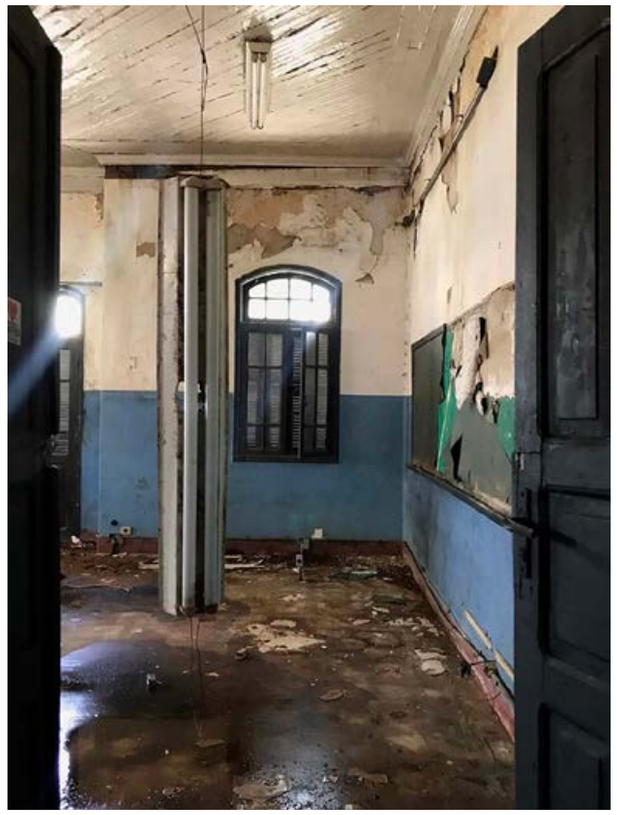
[Fig. 94] Outra vista da escada do primeiro para o segundo pavimento. 29 de janeiro de 2021.



[Fig. 95] Corredor do segundo pavimento. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 96] Corredor do segundo pavimento, com escada ao lado direito. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 97] Corredor do segundo pavimento. 29 de janeiro de 2021.

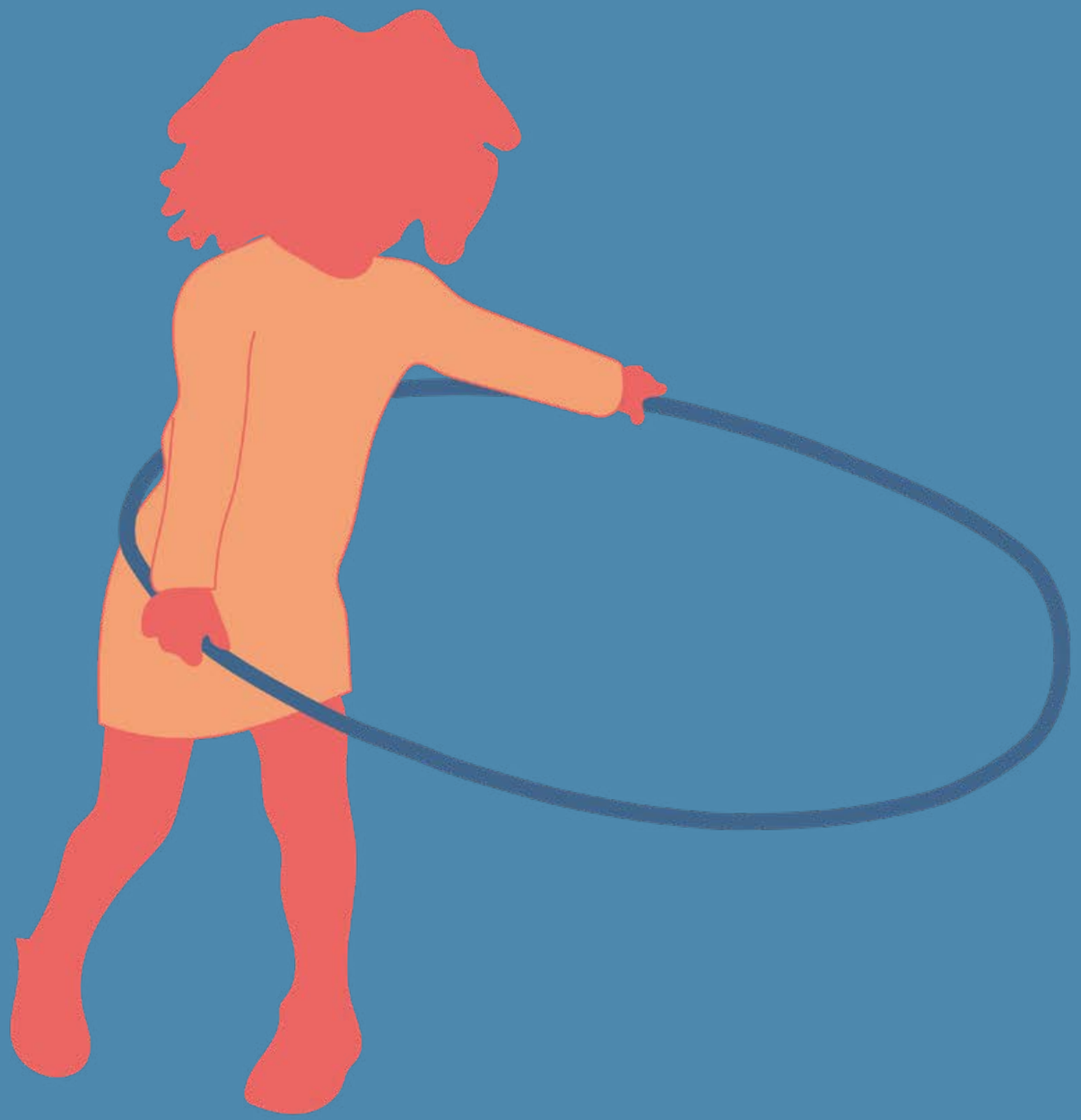


[Fig. 98] Vista de uma das salas de aula a partir do corredor do segundo pavimento. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 99] Sala de aula. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 100] Sala de aula. 29 de janeiro de 2021.

[Fig. 101] Vista interna de uma das salas de aula do segundo pavimento. 29 de janeiro de 2021.



O projeto

"O espaço físico não apenas contribui para a realização da educação, mas é em si uma forma silenciosa de educar. Como afirma Antônio Viñao Frago, referindo-se ao espaço escolar, este não é apenas um 'cenário' onde se desenvolve a educação, mas sim 'uma forma silenciosa de ensino'".

(FRAGO, 1995, apud Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 7)

A nova Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2018) indica os eixos estruturantes das práticas pedagógicas da Educação Infantil: as interações e a brincadeira. Ou seja, consistem nas experiências em que as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos. A partir de tais eixos, o documento aponta para seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que asseguram condições para que as crianças possam desempenhar papel ativo nos ambientes.

Dentre tais direitos de aprendizagem, dois deles relacionam-se mais diretamente para a concepção dos espaços físicos:

> **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
>
> **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BNCC, 2018, p. 40)

Dessa forma, para que as crianças aprendam nos ambientes em que convivem, é necessário que os espaços as convidem a vivenciar desafios e as instiguem a resolvê-los. Como resultado deste contato ativo com o lugar, é possível construir significados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo.

Os espaços da Educação Infantil devem ter intencionalidade pedagógica, promovendo experiências em que as crianças possam "fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar o seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações". (BNCC, 2018, p. 43) Nesse sentido, o projeto em questão busca estimular e desenvolver as esferas cognitiva, motora e afetiva da criança, além de intencionar o crescimento infantil individual e coletivo.

Este trabalho, portanto, procura ampliar e aprofundar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir o ambiente físico destinado à Educação Infantil de modo a promover aventuras e descobertas, estimular a criatividade, os desafios e as aprendizagens. Além disso, busca-se facilitar a interação criança-criança, criança-adulto e deles com o meio ambiente. Como algumas premissas projetuais, têm-se:

» A **flexibilidade** e o potencial de transformação do ambiente de acordo com a atividade proposta para aquele momento. Ou seja, a concepção é que tenham poucos mobiliários fixos, além de serem as mesmas mesas e cadeiras utilizadas nas salas de atividades, espaço de artes, deck e refeitório. Este cenário permite um leque de arranjos e disposições, assim como a migração destes elementos de um espaço para outro de acordo com a necessidade;

» O estímulo à **coordenação motora grossa**, de modo a desenvolver as atividades de rastejar, andar, saltar, subir e descer. Estes exercícios exigem dos grandes músculos do corpo, e o projeto incita sua utilização especialmente com as paredes de escalada, com os pátios, os escorregadores, as escadas , a piscina de bolinhas e os balanços;

» O estímulo à **coordenação motora fina**, que consiste na capacidade de usar os pequenos músculos em movimentos delicados, como por exemplo, escrever, pintar, recortar, encaixar, montar, desenhar e abotoar. O projeto propõe tais atividades especialmente na intervenção nas paredes dos corredores – que contém atividades delicadas de encaixe, gira-gira, texturas etc. – além dos exercícios a serem realizados nas mesas;

» A **integração visual** que se manifesta especialmente na associação e no contato entre ambientes. A retirada de algumas paredes para que se forme o núcleo central de circulação; além das aberturas de vidro nos corredores a fim de que se percebam os espaços vizinhos; assim como os guarda corpos de vidro que facilitam a visualização na altura do olhar da criança são alguns elementos integradores do espaço;

» O **potencial brincante** dos ambientes, de modo que habitar aquele espaço e realizar as atividades pedagógicas propostas sejam encaradas de maneira divertida e estimulante pelas crianças, explorando o potencial lúdico do espaço;

» A **escala da criança**. Apesar do edifício do Educandário Anália Franco ser pré-existente e, portanto, impor algumas determinantes espaciais, que o projeto possa fazer uso das condições já impostas e repensar os ambientes a partir das necessidades infantis. Ou seja, além da altura adequada do mobiliário, explorar também as diferentes escalas que o prédio abriga: “cantos” subutilizados são, na verdade, espaços oportunos para brincadeiras;

» Transmitir **segurança** – física e emocional. A segurança física se dá, principalmente, pelo cuidado para a prevenção dos potenciais riscos que o espaço pode oferecer. Cantos arredondados, piso absorvente aos impactos de eventuais quedas, proteção nas aberturas e atenção ao contato com a rua. A segurança emocional, por sua vez, se dá pela constância e previsibilidade do ambiente, além da limpeza e da possibilidade da criança explorar o espaço com liberdade. Isso resulta no encorajamento do menor em si mesmo e no enfrentamento de situações externas;

» Incentivar **desafios**, de modo que o espaço instigue, estimule e impulsione as descobertas. Apesar do ambiente passar segurança e previsibilidade, ele não deve isentar a criança de entrar em contato com qualquer tipo de risco – isso seria encarar o menor como incapaz e sem condições para se defender. Aos poucos, as crianças devem aprender os limites de seu próprio corpo, suas capacidades e os cuidados que devem ter consigo mesmas, avaliando os riscos que determinadas atividades oferecem. Assim, o espaço que disponibiliza oportunidades reais e de qualidade para o conhecimento do corpo e do movimento está desenvolvendo na criança alguns recursos próprios de proteção. A proposta do projeto é que seja um convite constante à ação curiosa;

» O senso de **pertencimento** e de **identificação**. O contato com seus semelhantes – crianças em fases de desenvolvimento análogas – constrói diálogos e cria uma comunidade que, aos poucos, desenvolve questões de solidariedade com o próximo. Além disso, os murais que expõem os trabalhos dos alunos e a flexibilização dos ambientes permite uma configuração customizada do espaço: a criança, assim, passa a modificar o ambiente ao seu redor. Ver seus desenhos colados nos quadros dos corredores, por exemplo, permite que o indivíduo personalize aquele local e faz com que se sinta parte dele. A liberdade para deixar sua marca no espaço é uma forma de se expressar e de pertencer. A criança pode e deve propor, recriar e modificar o que fora planejado. O espaço torna-se, assim, referência para a própria identidade da pessoa;

» A percepção de **aconchego** proporcionada por revestimentos macios e por espaços acolhedores, mas também diretamente relacionada ao estabelecimento de vínculo com o ambiente. Essa sensação é decorrente de quando os objetos e os espaços são significativos para aqueles que o habitam, além da oportunidade da criança em personalizar o ambiente, de modo a transformar o espaço em lugar;

» O estímulo à circulação com **autonomia** e **independência**, driblando a compartimentação imposta daquele espaço. Ao invés de restringir os acessos, busca-se convidar os passeios pelo edifício e a interação com ele.

> Quanto mais acolhedor e oportuno é o ambiente, maior a independência das crianças pela proteção dos adultos, e por conseguinte, estimula-se o processo de autonomia e independência.

É necessário considerar as diferentes faixas etárias e suas especificidades na elaboração de um projeto para Educação Infantil, prevendo momentos e espaços de interação entre eles, em espaços de brincar livre. Dessa forma, foram consideradas as particularidades de cada fase para a concepção dos espaços.

É evidente que cada criança possui sua individualidade e singularidade no desenvolvimento motor e cognitivo, e isso deve ser mapeado e acompanhado com atenção pelos pedagogos atuantes na escola. Apesar da instituição trabalhar com crianças divididas em turmas, é essencial que haja um atendimento individualizado de acordo com o amadurecimento de cada um.

No sentido da concepção do espaço, é necessário mapear as atividades e habilidades mais comuns a serem desenvolvidas em cada fase do crescimento, apesar de existirem crianças em diferentes etapas dentro da mesma faixa etária. Quanto às capacidades que costumam ser elaboradas de acordo com a idade, foi considerado:

2 meses: a criança usualmente é capaz de juntar as mãos, virar a o rosto na procura de onde está vindo o som que escuta, e pode tentar levantar a cabeça;

4 meses: agarrar brinquedos e objetos pequenos, se virar e manter a cabeça firme quando sentada;

6 meses: passar brinquedos de uma mão para a outra; segurar objetos pequenos; tocar os pés; pegar alimentos com as mãos e levá-los à boca para comer; levantar os braços a fim de ser carregada no colo; sentar-se sem apoio, além de elevar o tronco quando apoiada nas mãos;

9 meses: se atrai por objetos que possa pegar e bater utilizando as duas mãos; habitualmente está apta para sentar-se sozinha sem apoio; engatinhar e ficar em pé com apoio;

1 a 2 anos: rabiscar papéis; segurar lápis e/ou giz com toda a mão; colocar objetos dentro de recipientes; empilhar blocos; virar páginas de um livro; segurar a colher para tentar comer; ficar em pé sem auxílio de um adulto; aprender a andar e a correr; subir e descer escadas com algum apoio; inclinar-se para pegar algum objeto e voltar-se para a posição de pé; arremessar e chutar bola sem exatidão;

2 a 3 anos: fazer torres com vários blocos, recortar papéis com tesoura, fazer traços simples com giz de cera; colocar miçangas em um barbante; pular com os dois pés; equilibrar-se em um único pé por alguns segundos; pedalar triciclos e arremessar bola em um algo determinado;

3 a 6 anos: copiar linhas e formas; fazer o movimento de pinça com os dedos; escrever o próprio nome; cortar em cima de uma linha do papel; começar a cortar formas com a tesoura; vestir-se e despir-se sozinha; abotoar e fechar zíperes; alternar os pés ao subir e descer escadas; equilibrar-se em um único pé; arremessar e chutar com mais exatidão e força; progredir na atividade de andar de bicicleta.

Além disso, também foi necessário mapear as alturas e os pesos mínimos e máximos de cada idade, para que fosse possível propor um mobiliário adequado e espaços realmente utilizáveis de acordo com a etapa:

[FIG. 102] TABELA DE PESO E ALTURA POR IDADE DE CRIANÇAS DE 0 A 24 MESES.

IDADE	MENINAS				MENINOS			
	ALTURA MÍNIMA	ALTURA MÁXIMA	PESO MÍNIMO	PESO MÁXIMO	ALTURA MÍNIMA	ALTURA MÁXIMA	PESO MÍNIMO	PESO MÁXIMO
0 meses	45,4 cm	52,9 cm	2,4 kg	4,2 kg	46,1 cm	53,7 cm	2,5 kg	4,4 kg
1 mês	49,8 cm	57,9 cm	3,2 kg	5,5 kg	50,8 cm	58,6 cm	3,4 kg	5,8 kg
2 meses	53,0 cm	61,1 cm	3,9 kg	6,6 kg	54,4 cm	62,4 cm	4,3 kg	7,1 kg
3 meses	55,6 cm	64,0 cm	4,5 kg	7,5 kg	57,3 cm	65,5 cm	5,0 kg	8,0 kg
4 meses	57,8 cm	66,4 cm	5,0 kg	8,2 kg	59,7 cm	68,0 cm	5,6 kg	8,7 kg
5 meses	59,6 cm	68,5 cm	5,4 kg	8,8 kg	61,7 cm	70,1 cm	6,0 kg	9,3 kg
6 meses	61,2 cm	70,3 cm	5,7 kg	9,3 kg	63,3 cm	71,9 cm	6,4 kg	9,8 kg
7 meses	62,7 cm	71,9 cm	6,0 kg	9,8 kg	64,8 cm	73,5 cm	6,7 kg	10,3 kg
8 meses	64,0 cm	73,5 cm	6,3 kg	10,2 kg	66,2 cm	75,0 cm	6,9 kg	10,7 kg
9 meses	65,3 cm	75,0 cm	6,5 kg	10,5 kg	67,5 cm	76,5 cm	7,1 kg	11,0 kg
10 meses	66,5 cm	76,4 cm	6,7 kg	10,9 kg	68,7 cm	77,9 cm	7,4 kg	11,4 kg
11 meses	67,7 cm	77,8 cm	6,9 kg	11,2 kg	69,9 cm	79,2 cm	7,6 kg	11,7 kg
12 meses	68,9 cm	79,2 cm	7,0 kg	11,5 kg	71,0 cm	80,5 cm	7,7 kg	12,0 kg
13 meses	70,0 cm	80,5 cm	7,2 kg	11,8 kg	72,1 cm	81,8 cm	7,9 kg	12,3 kg
14 meses	71,0 cm	81,7 cm	7,4 kg	12,1 kg	73,1 cm	83,0 cm	8,1 kg	12,6 kg
15 meses	72,0 cm	83,0 cm	7,7 kg	12,4 kg	74,1 cm	84,2 cm	8,3 kg	12,8 kg
16 meses	73,0 cm	84,2 cm	7,7 kg	12,6 kg	75,0 cm	85,4 cm	8,4 kg	13,1 kg
17 meses	70,4 cm	82,4 cm	7,9 kg	12,9 kg	76,0 cm	86,5 cm	8,6 kg	13,4 kg
18 meses	74,9 cm	86,5 cm	8,1 kg	13,2 kg	76,9 cm	87,7cm	8,8 kg	13,7 kg
19 meses	75,8 cm	87,6 cm	8,2 kg	13,5 kg	77,7 cm	88,8 cm	8,9 kg	13,9 kg
20 meses	76,7 cm	88,7 cm	8,4 kg	13,7 kg	78,6 cm	89,8 cm	9,1 kg	14,2 kg
21 meses	77,5 cm	89,8 cm	8,6 kg	14,0 kg	79,4 cm	90,9 cm	9,2 kg	14,5 kg
22 meses	78,4 cm	90,8 cm	8,7 kg	14,3 kg	80,2 cm	91,9 cm	9,4 kg	14,7 kg
23 meses	79,3 cm	91,9 cm	8,9 kg	14,6 kg	81,0 cm	92,9 cm	9,5 kg	15,0 kg
24 meses	80,0 cm	92,9 cm	9,0 kg	14,8 kg	81,7 cm	93,9 cm	9,7 kg	15,3 kg

[FIG. 103] TABELA DE PESO E ALTURA POR IDADE DE CRIANÇAS DE 3 A 7 ANOS.

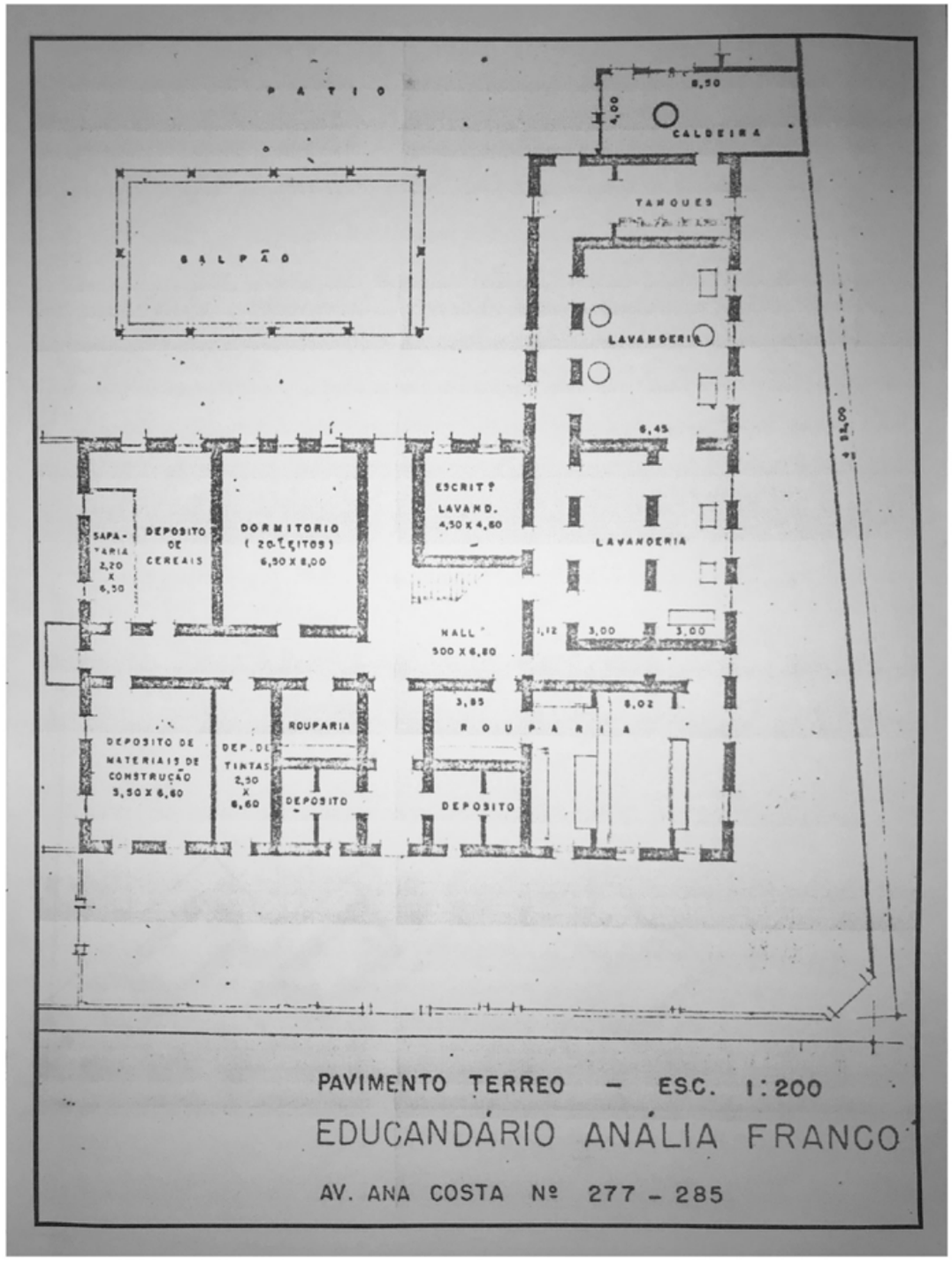
IDADE	MENINAS				MENINOS			
	ALTURA MÍNIMA	ALTURA MÁXIMA	PESO MÍNIMO	PESO MÁXIMO	ALTURA MÍNIMA	ALTURA MÁXIMA	PESO MÍNIMO	PESO MÁXIMO
3 anos	88,4 cm	103,5 cm	11,6 kg	18,9 kg	90,6 cm	102,8 cm	12,2 cm	17,9 cm
4 anos	95,2 cm	112,3 cm	13,2 kg	21,7 kg	97,5 cm	110,4 cm	13,6 cm	20,1 cm
5 anos	100,0 cm	118,8 cm	14,6 kg	23,9 kg	102,0 cm	117,1 cm	15,2 cm	22,9 cm
6 anos	108,0 cm	125,4 cm	16,9 kg	26,6 kg	108,5 cm	126,2 cm	17,5 cm	27,7 cm
7 anos	114,0 cm	131,7 cm	18,7 kg	30,6 kg	114,0 cm	133,4 cm	19,5 cm	31,7 cm

Considerando a circulação no edifício e as capacidades motoras que cada faixa etária usualmente está habilitada, as salas de atividades do térreo foram previstas para uso dos menores, e conforme a idade dos alunos aumenta, eleva-se também o pavimento que estes ocupam. Uma vez que quanto mais velha a criança mais independente se torna dos cuidados dos adultos, ela pode circular verticalmente pelo prédio com mais autonomia. Já os mais novos, por outro lado, dependem do colo dos cuidadores ou do carrinho de bebê para que se desloquem, e assim, o pavimento térreo é o que possui acesso mais facilitado.

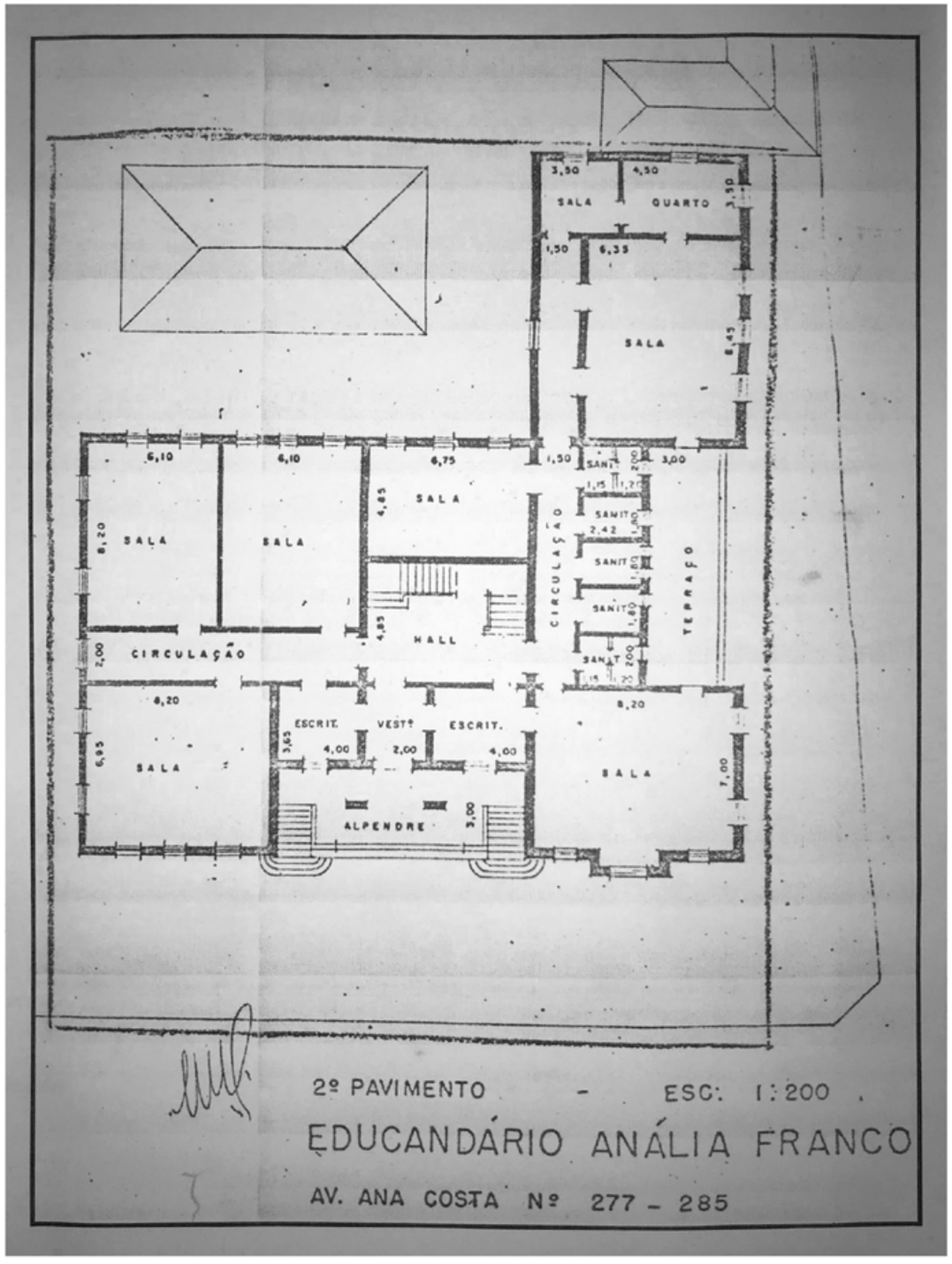
Levando em consideração tais critérios, os ambientes foram organizados da seguinte forma:

DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS POR PAVIMENTO DE ACORDO COM A IDADE.

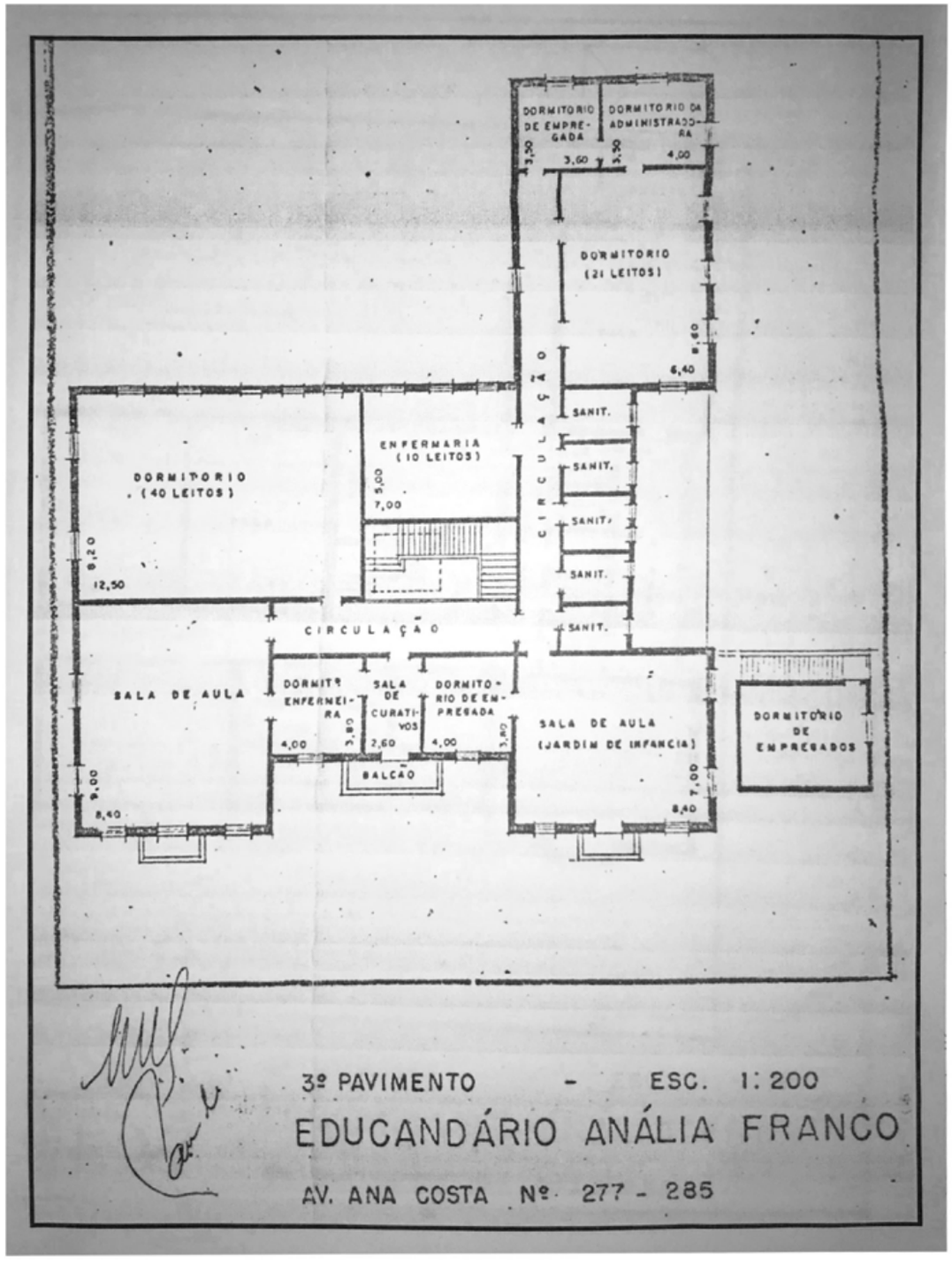
TURMAS	FAIXA ETÁRIA (aproximada)	PAVIMENTO
Berçário I	4 a 12 meses (ou até estar andando firme)	térreo
Berçário II	1 a 2 anos	térreo
Infantil I	2 a 3 anos	1º pavimento
Infantil II	3 a 4 anos	1º pavimento
Infantil III	4 a 5 anos	2º pavimento
Infantil IV	5 a 6 anos	2º pavimento



[Fig. 104] Planta original pavimento térreo.



[Fig. 105] Planta original segundo pavimento (nomenclatura equivale ao primeiro pavimento).



[Fig. 106] Planta original terceiro pavimento (nomenclatura equivale ao segundo pavimento).

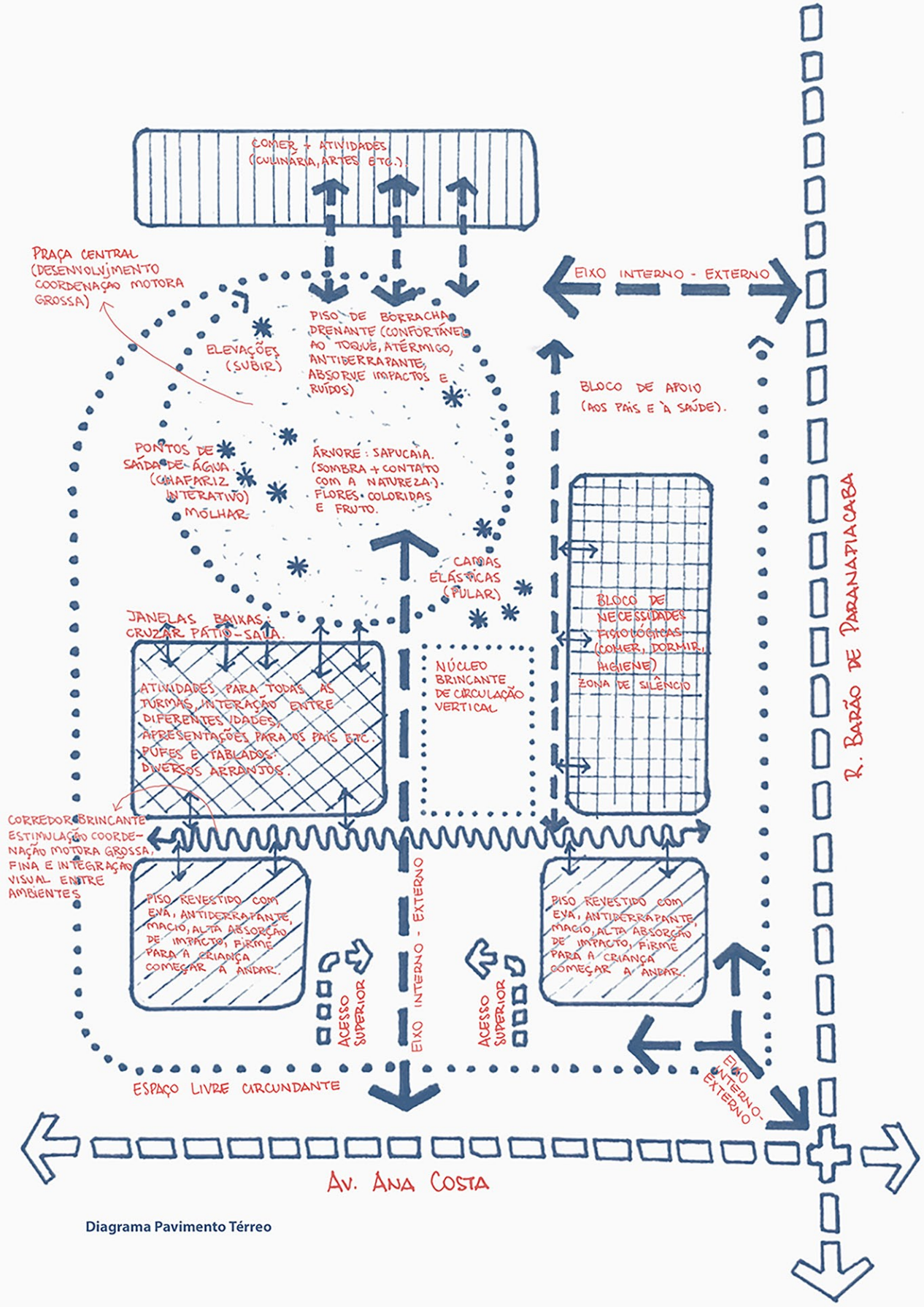
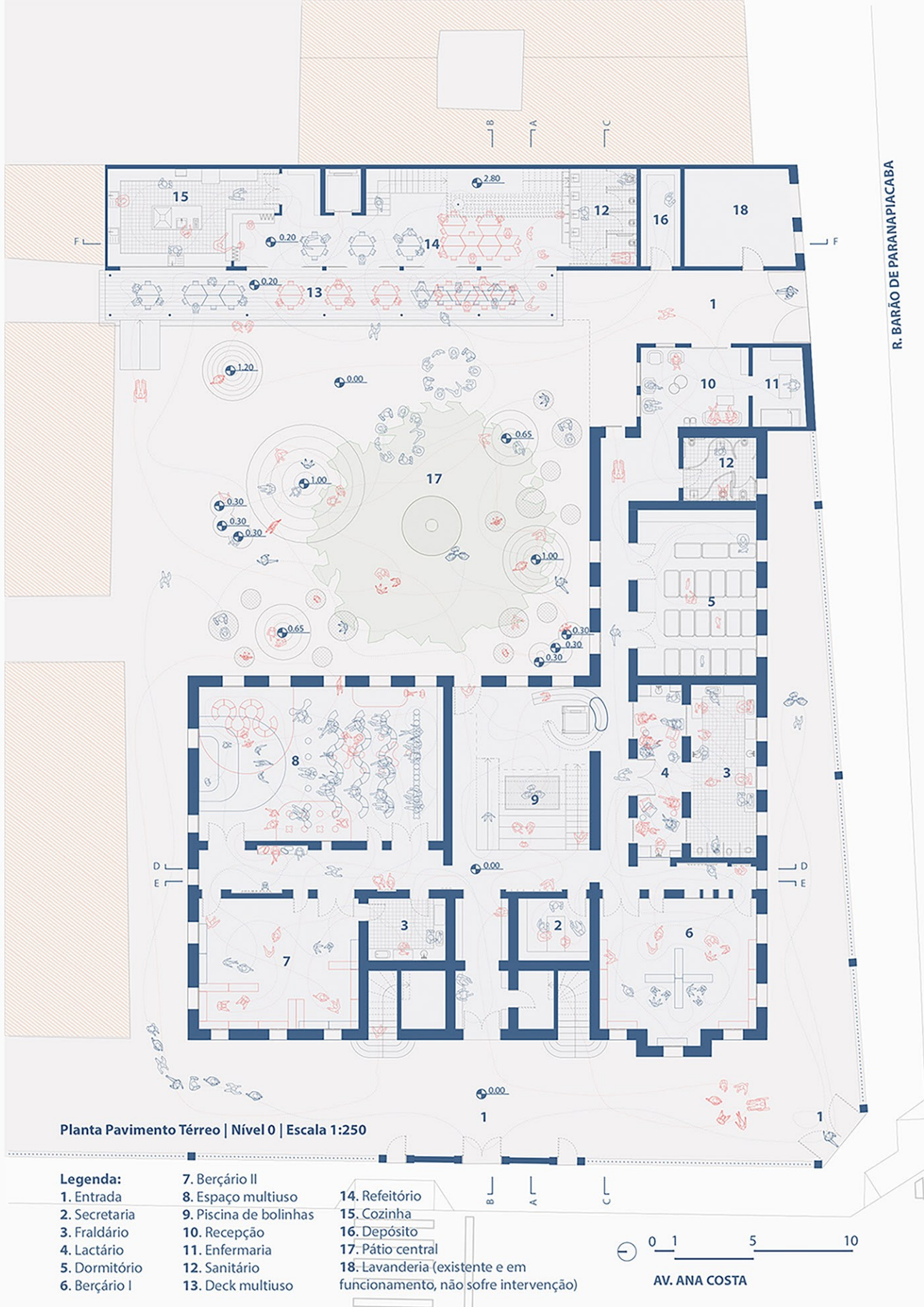


Diagrama Pavimento Térreo

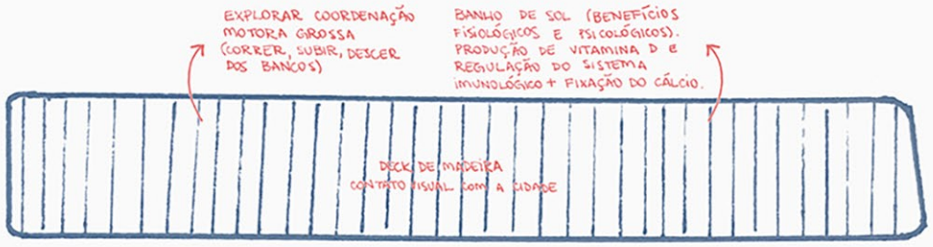


Planta Pavimento Térreo | Nível 0 | Escala 1:250

Legenda:

1. Entrada
2. Secretaria
3. Fraldário
4. Lactário
5. Dormitório
6. Berçário I
7. Berçário II
8. Espaço multiuso
9. Piscina de bolinhas
10. Recepção
11. Enfermaria
12. Sanitário
13. Deck multiuso
14. Refeitório
15. Cozinha
16. Depósito
17. Pátio central
18. Lavanderia (existente e em funcionamento, não sofre intervenção)

0 1 5 10



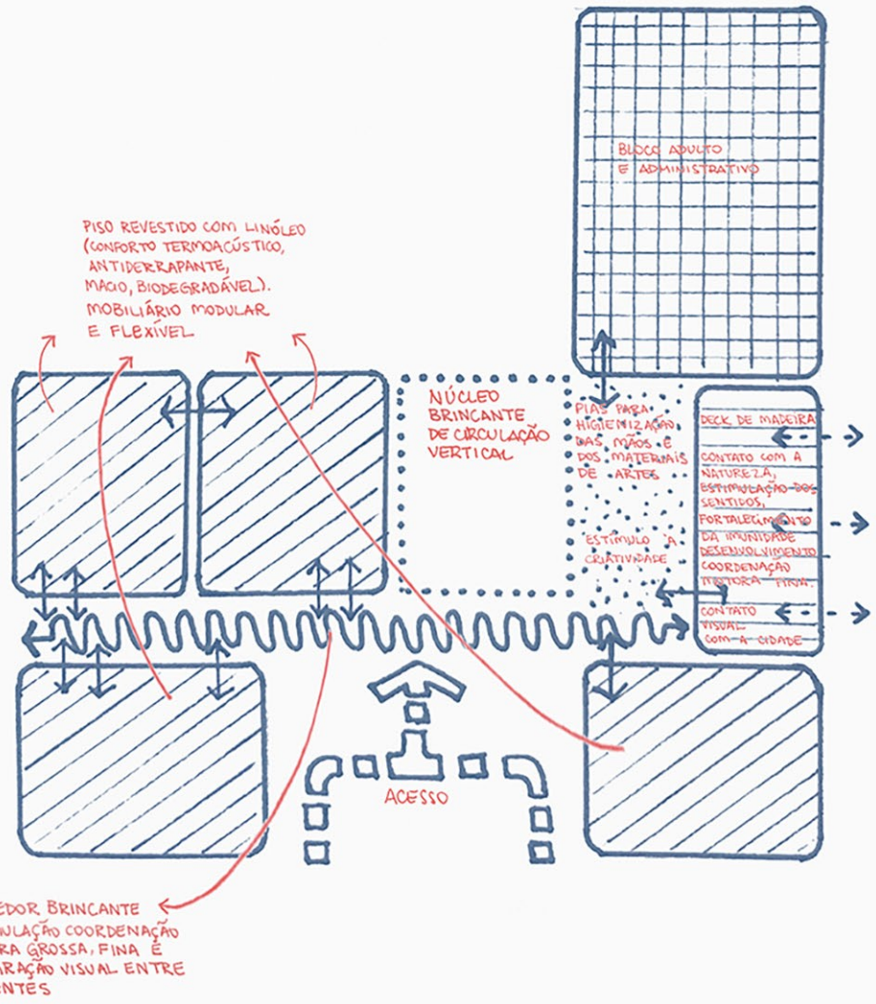


Diagrama Primeiro Pavimento

Planta Primeiro Pavimento | Nível + 2,50 | Escala 1:250

Legenda:

1. Varanda
2. Banho
3. Infantil I
4. Infantil II
5. Espaço de artes
6. Horta
7. Sala dos professores
8. Diretoria
9. Sala de orientação pedagógica
10. Praça de sol

0 1 5 10

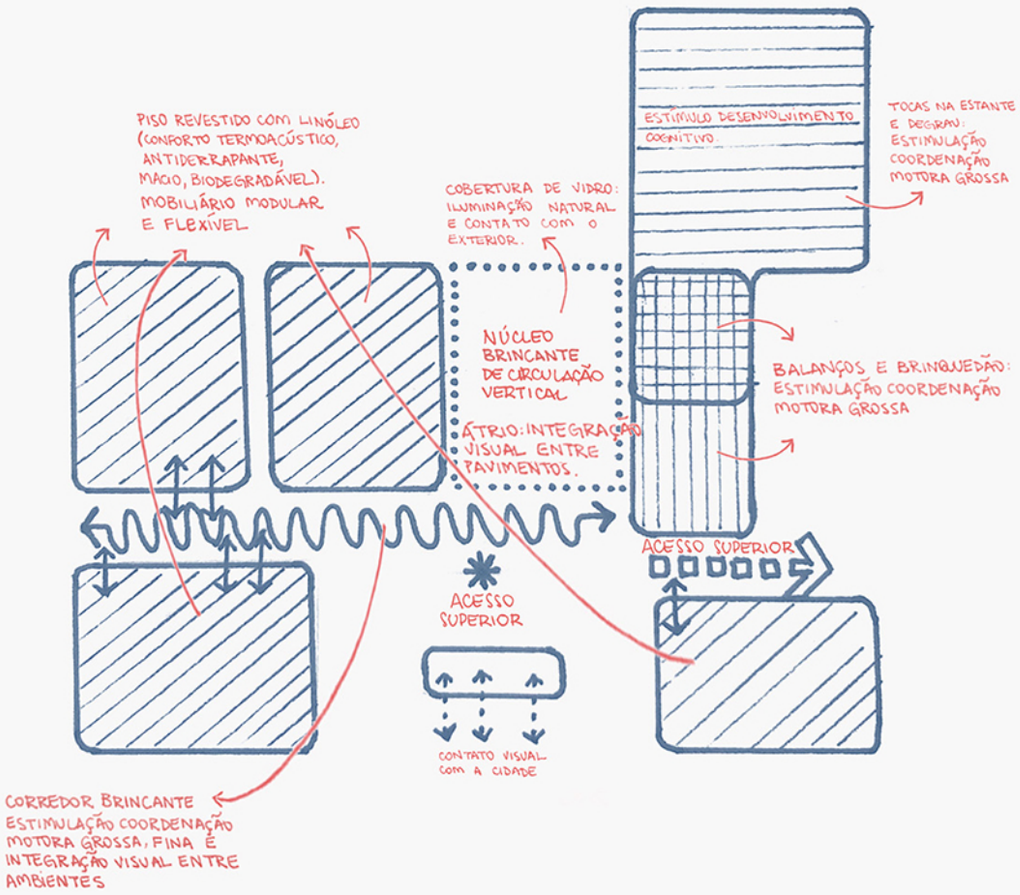


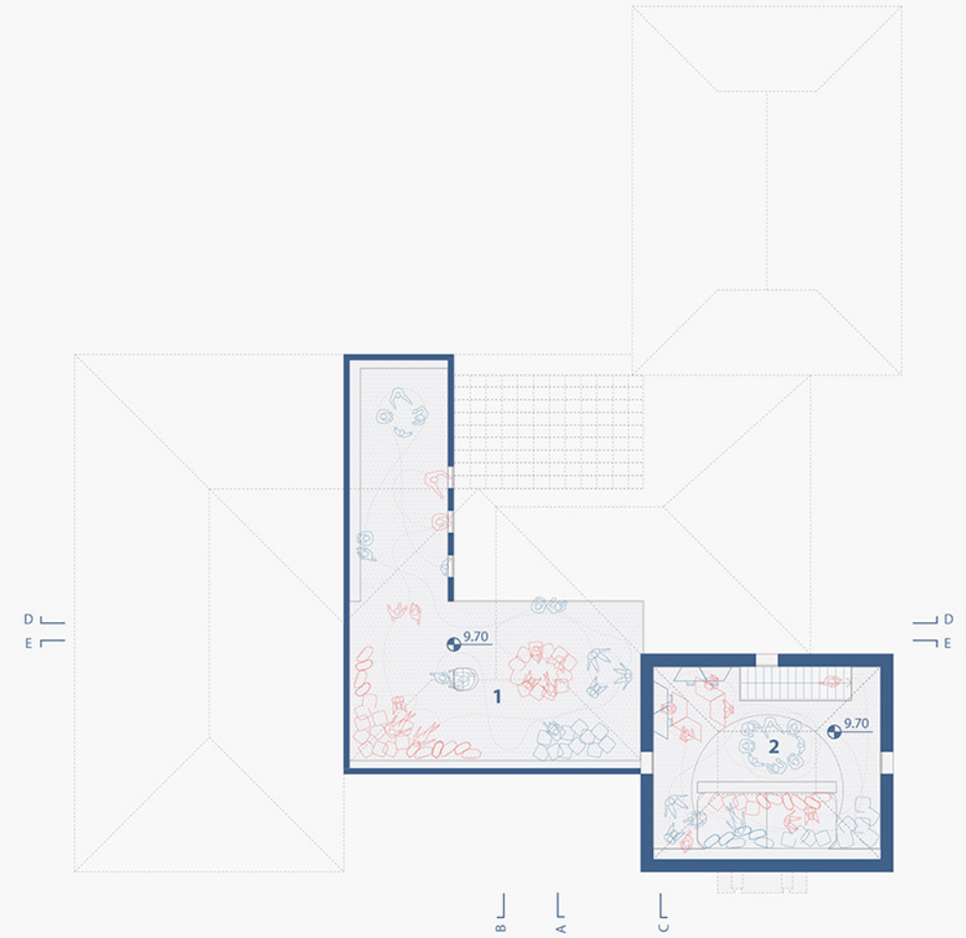
Diagrama Segundo Pavimento

Planta Segundo Pavimento | Nível + 6,20 | Escala 1:250

Legenda:
1. Varanda
2. Banho
3. Infantil III
4. Infantil IV
5. Balanço
6. Biblioteca
7. Depósito

0 1 5 10

Diagrama Sótão e Mezanino



Planta Sótão e Mezanino | Nível + 9,70 | Escala 1:250

Legenda:
1. Mezanino
2. Sótão

0 1 5 10

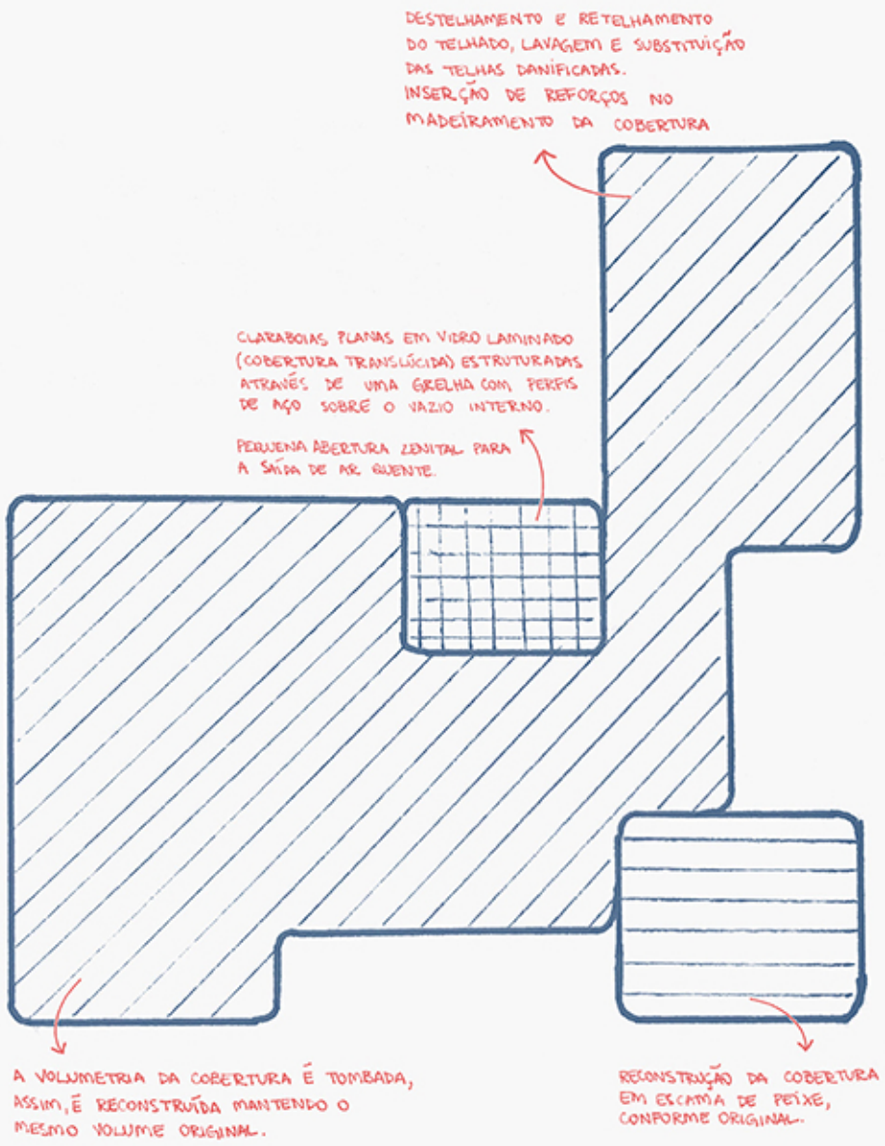
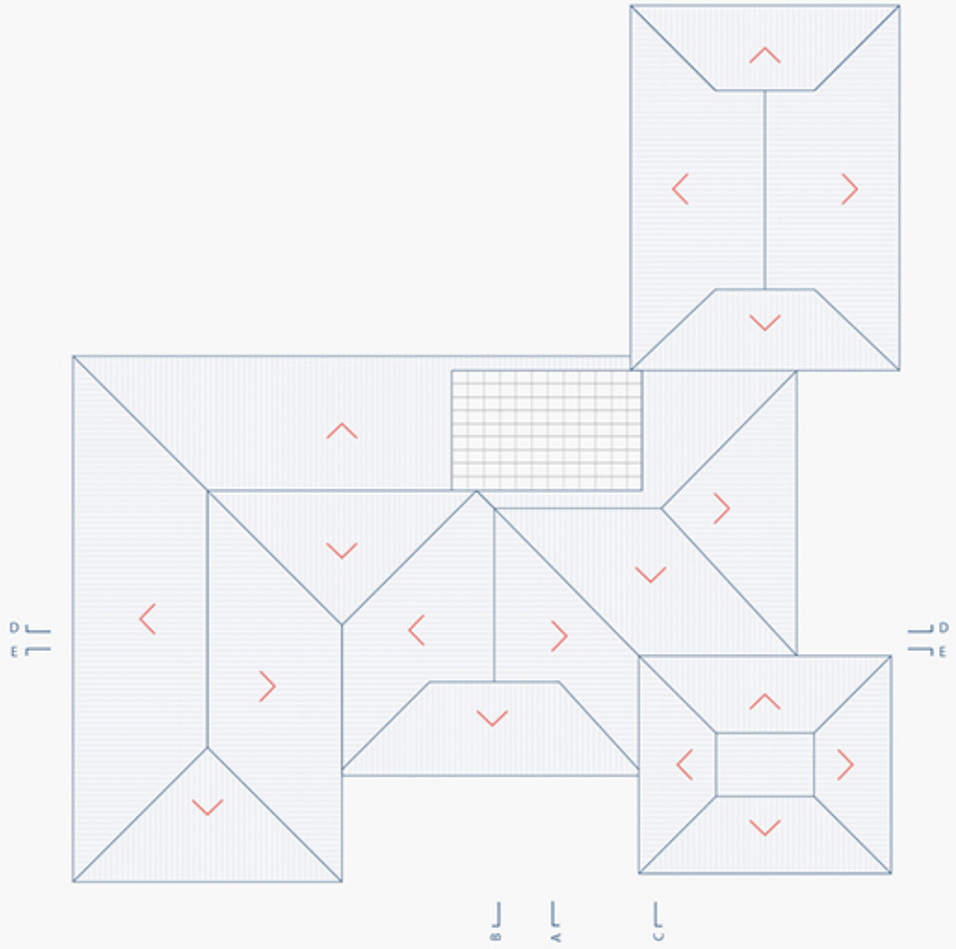


Diagrama Cobertura



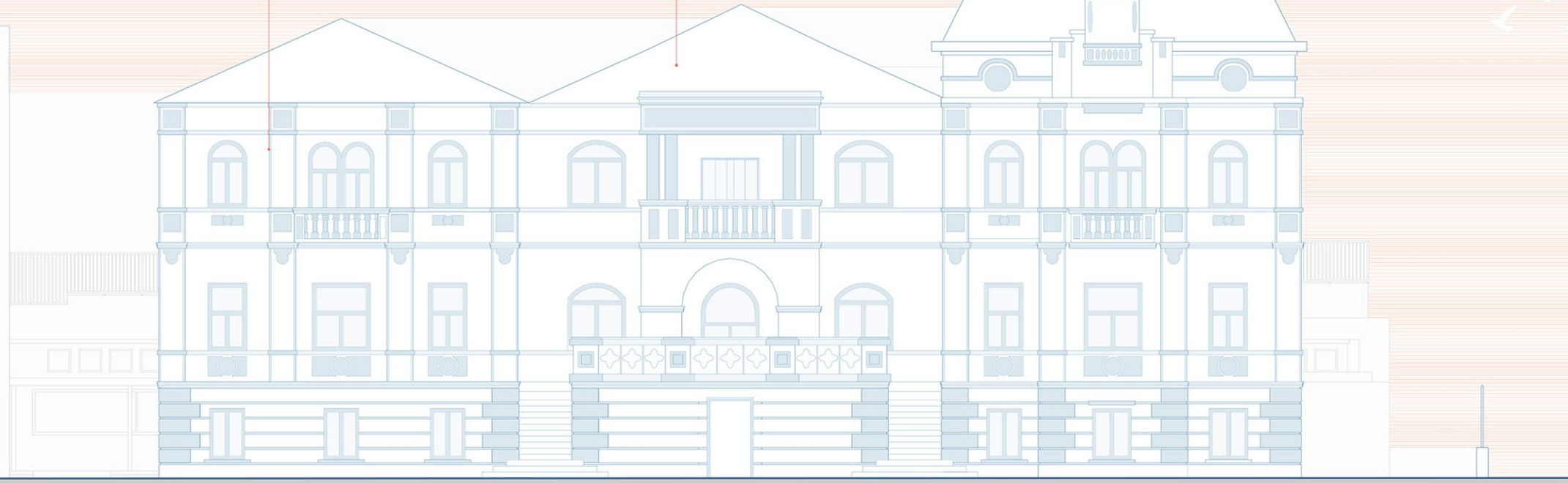
Planta Cobertura | Escala 1:250

0 1 5 10

Restauro da cobertura em latão,
conforme original

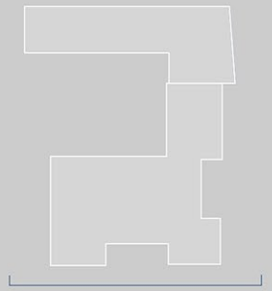
Destelhamento e retelhamento do telhado,
lavagem e substituição das telhas danificadas

Restauro da fachada (tombada), conforme original



Elevação Av. Ana Costa | Escala 1:150

0 1 5 10



Elevação R. Barão de Paranapiacaba | Escala 1:150

0 1 5 10

Corte Perspectivado AA | Escala 1:150

0 1 5 10

Substituição de parte das telhas por claraboias planas em vidro laminado, sem alterar a volumetria do telhado, conforme exigido no tombamento. Promove iluminação zenital e saída de ar quente

Aberturas de vidro no mezanino: integração visual

Escadas exploram as alturas do edifício num percurso não linear

Pátio sem brinquedos prontos: espaço livre estimulante para a criação de múltiplas brincadeiras e atividades

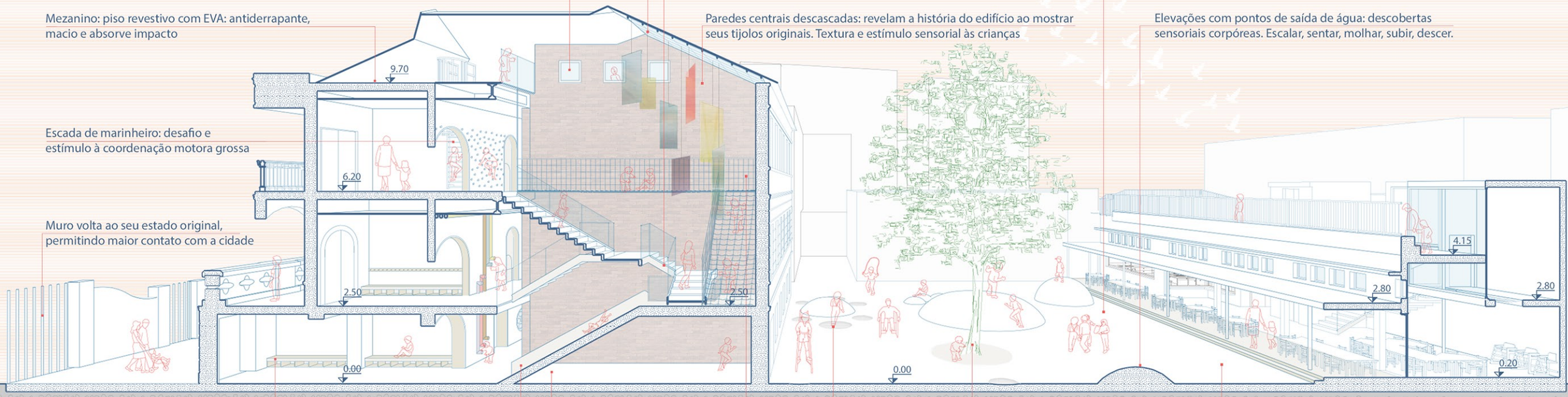
Mezanino: piso revestivo com EVA: antiderrapante, macio e absorve impacto

Paredes centrais descascadas: revelam a história do edifício ao mostrar seus tijolos originais. Textura e estímulo sensorial às crianças

Elevações com pontos de saída de água: descobertas sensoriais corpóreas. Escalar, sentar, molhar, subir, descer.

Escada de marinheiro: desafio e estímulo à coordenação motora grossa

Muro volta ao seu estado original, permitindo maior contato com a cidade



Bancos lineares com nicho

Ocupação do espaço sob a escada: explorar diferentes alturas

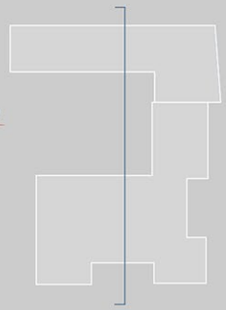
Escorregador de 1,20m de largura

Redes suspensas sustentadas por cabos de aço: circulação vertical lúdica. Escalada e espaço de permanência

Camas elásticas

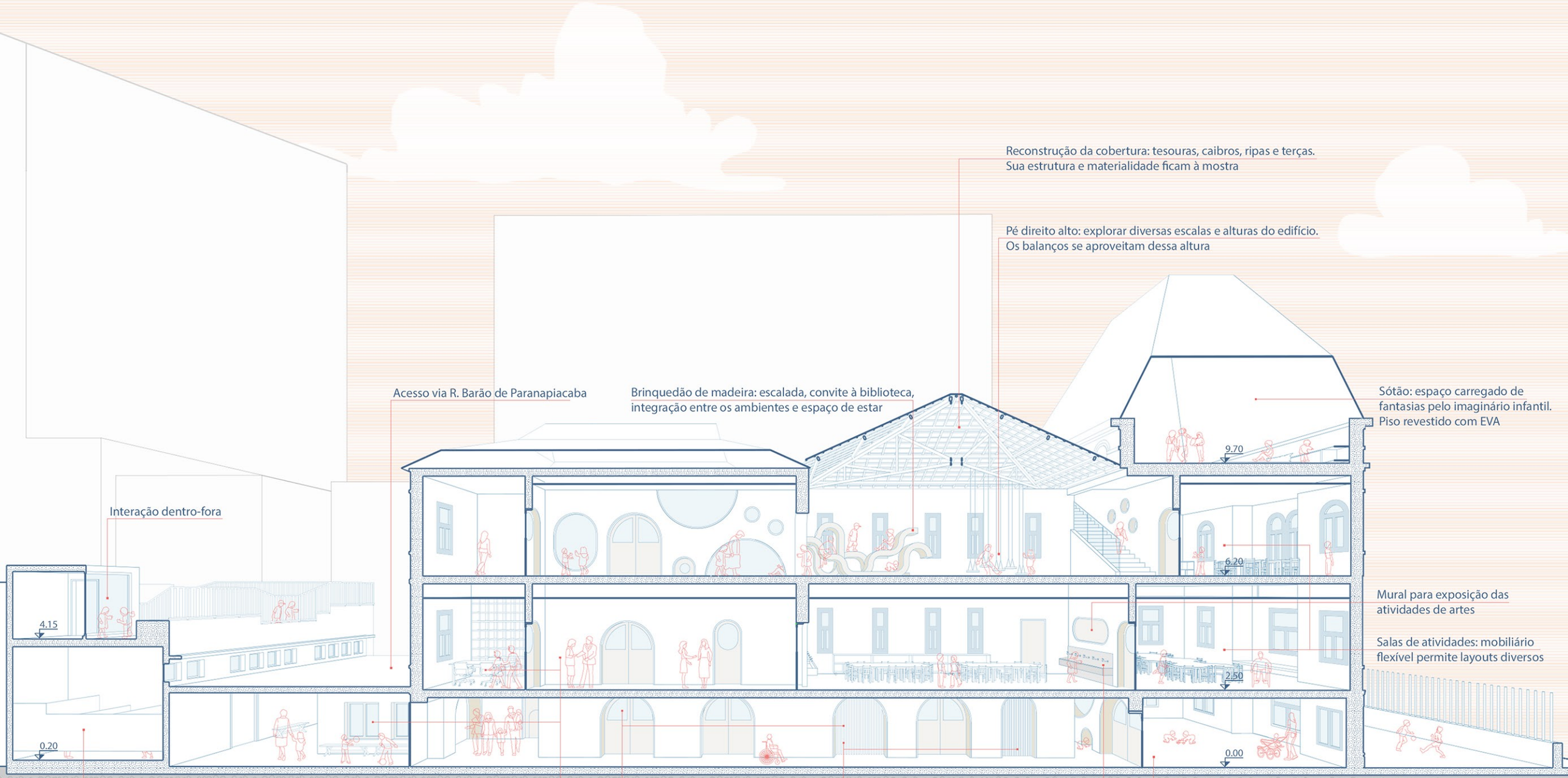
Árvore Sapucaia. Sombra, tronco reto, folha simples, flores coloridas: estímulos sensoriais

Piso de borracha drenante



Corte Perspectivado BB | Escala 1:150

0 1 5 10



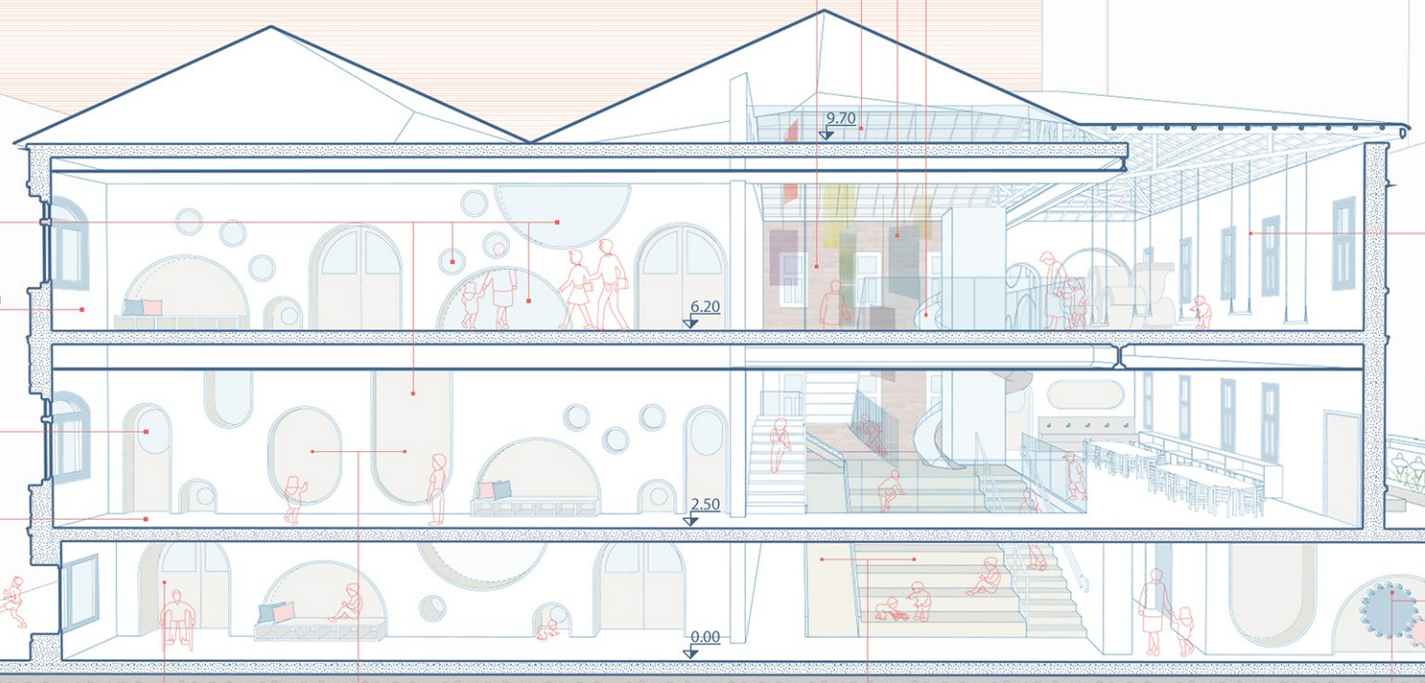
Corte Perspectivado CC | Escala 1:150

Cobertura translúcida: claraboias planas
apoiadas em grelha de perfis de aço

Tijolos originais aparentes contam a história do edifício.
O toque provoca estímulos sensoriais pela textura diferenciada

Móbiles translúcidos: aguçam os sentidos visuais e promovem jogos de luzes e cores no interior do edifício devido a iluminação das claraboias

Parte superior do escorregador translúcida (permite visualizar o prédio de ângulos inusitados) e a inferior, metálica.
60cm de diâmetro interno



Aberturas de vidro com esquadria de madeira

Corredores enquanto espaços lúdicos e de permanência

Porta de 2,2 x 0,9m. Materialidade: madeira e vidro

Piso revestido com linóleo: conforto termoacústico, antiderapante, macio

Balanços em diferentes alturas: exploram o pé direito elevado ao se apoiarem na cobertura

Horta: estímulo à coordenação motora fina e benefícios do contato com a natureza

Lousas e murais a 15cm do chão

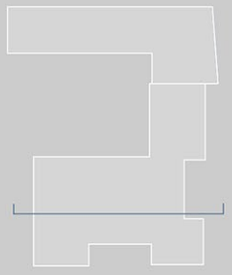
Escorregador e arquibancada de madeira:
circulação vertical brincante e espaço de estar

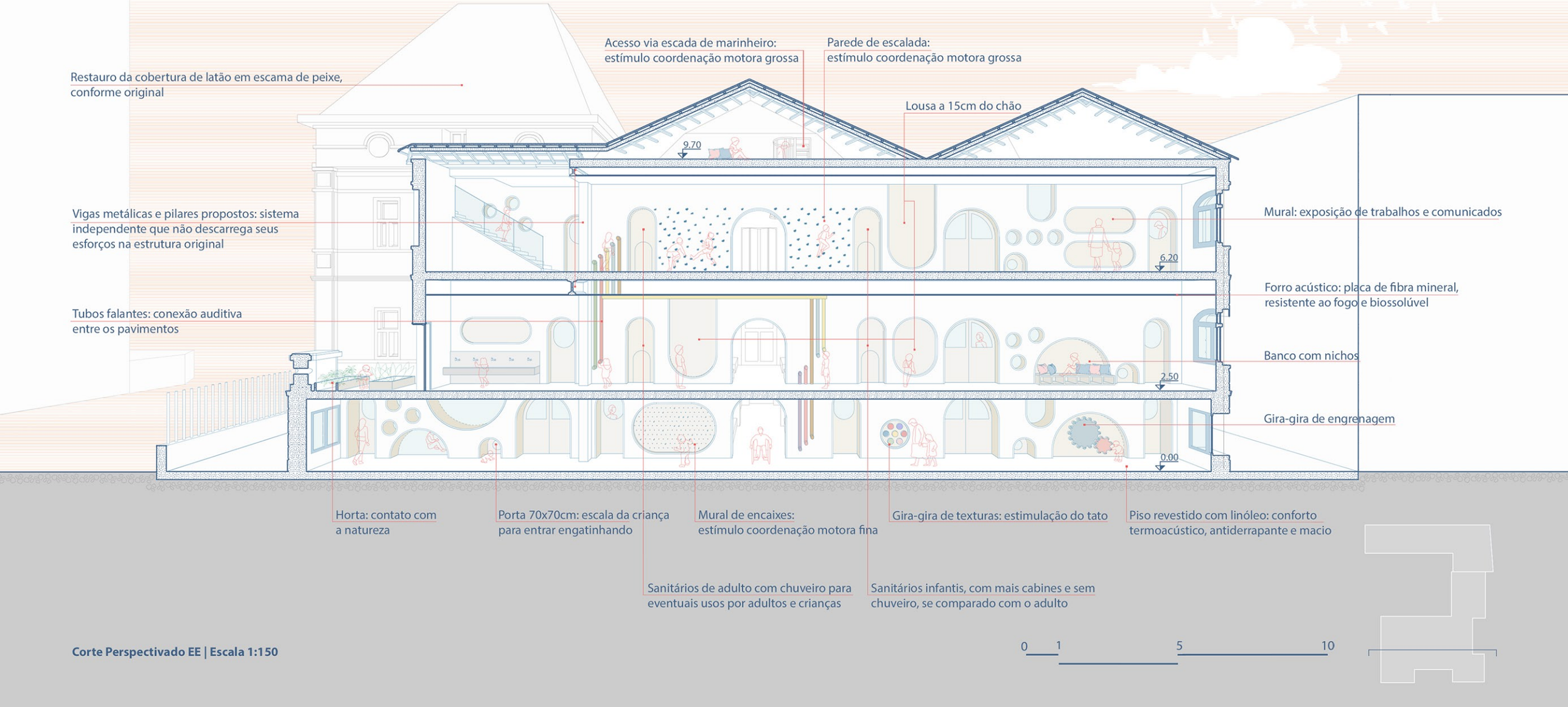
Porta de 2,2 x 1,8m
Materialidade: madeira e vidro

Gira gira e engrenagem:
estímulo coordenação motora

Corte Perspectivado DD | Escala 1:150

0 1 5 10





Corte Perspectivado EE | Escala 1:150

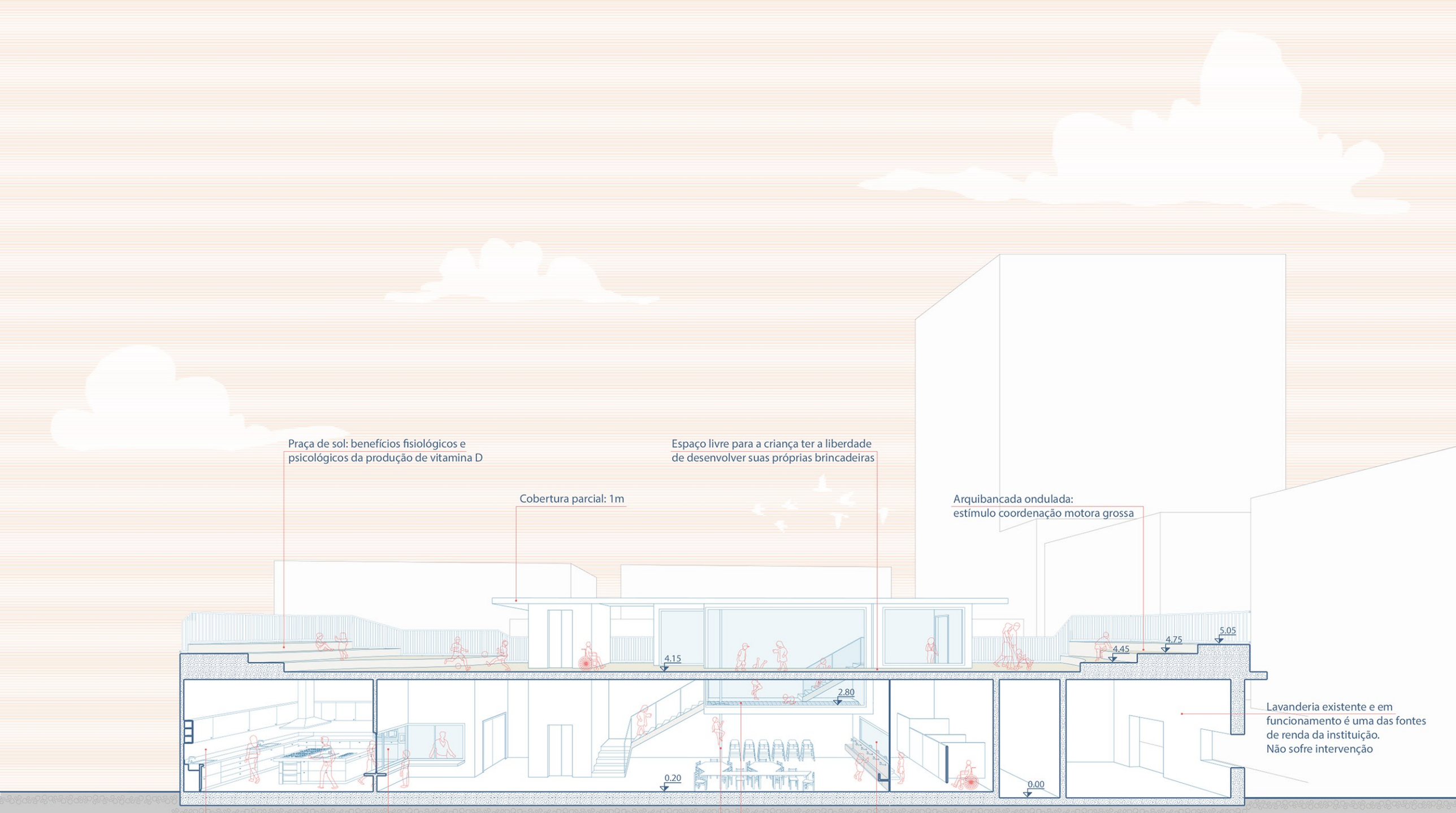
0 1 5 10

Praça de sol: benefícios fisiológicos e psicológicos da produção de vitamina D

Cobertura parcial: 1m

Espaço livre para a criança ter a liberdade de desenvolver suas próprias brincadeiras

Arquibancada ondulada: estímulo coordenação motora grossa



Lavanderia existente e em funcionamento é uma das fontes de renda da instituição. Não sofre intervenção

Cozinha industrial para atender às necessidades da instituição

Balcão com abertura de vidro para retirada e entrega das refeições aos alunos

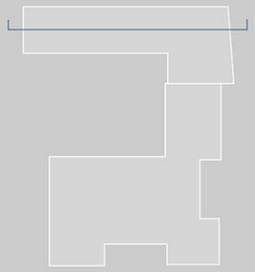
Cano de bombeiro: permite a subida e a descida, estímulo à coordenação motora grossa

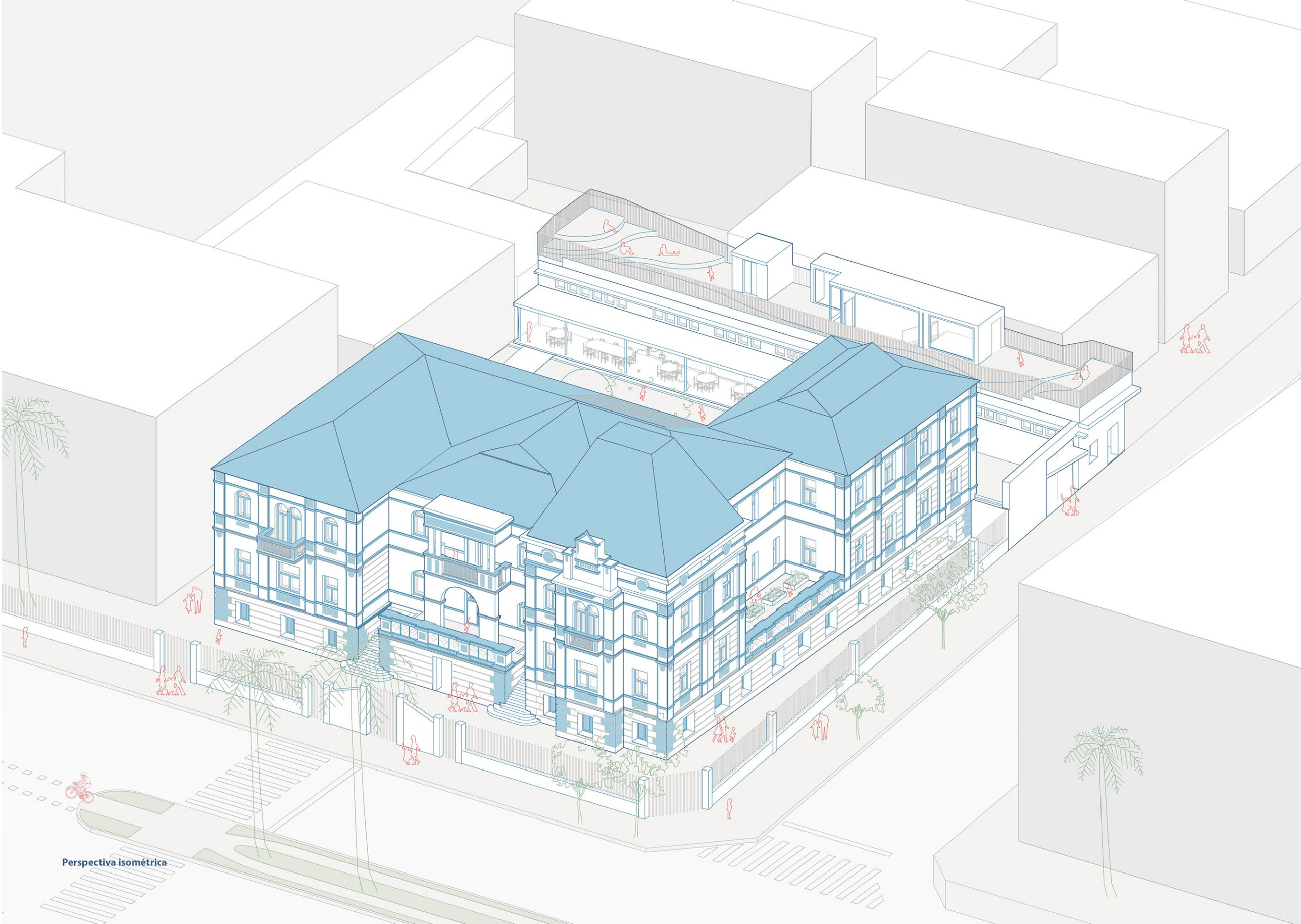
Rede em patamar intermediário: local confortável e brincante, espaço de estar

Vidro em frente às cabines infantis: conexão visual do adulto fora e a criança dentro do banheiro

Corte Perspectivado FF | Escala 1:150

0 1 5 10





Perspectiva isométrica

Todos os espaços do edifício são pensados com a intencionalidade lúdica de modo que sua ocupação estimule algum aspecto do desenvolvimento infantil. Dessa forma, tanto a escala do prédio como a escala do detalhe são importantes para a vivência do espaço. Principalmente por se tratar de crianças, o que implica em estatura reduzida e alguns movimentos ainda limitados, é essencial que as minúcias do espaço sejam aproveitadas e tratadas com cuidado.

A circulação

Devido à época e aos métodos construtivos que o prédio foi feito, a circulação é distribuída por corredores bem delimitados que ocupam uma área considerável da construção – espaço este sem outro aproveitamento além do simples deslocamento. Nesse sentido, de modo a integrar visualmente os ambientes além de trazer atividades para o próprio corredor, são propostos elementos nas paredes: quatro modelos de portas, aberturas de vidro fixo, murais de madeira, lousas, bancos com nichos embutidos, paredes de escalada, além de atividades de encaixe, de engrenagens, de texturas etc.

A tentativa, portanto, foi de desconstrução de tal noção de corredor que somente distribui os fluxos para se aproximar da ideia de um espaço de brincar: de uma área de passagem para um ambiente de estadia. Levando em consideração a escala da criança e sua maior intimidade e identificação com espaços menores, as dimensões do corredor se apresentam de forma interessante para a permanência e a realização de atividades.

O desenho das aberturas também apresenta uma intencionalidade. De acordo com os estudos de psicologia das formas, têm-se que cada elemento geométrico influencia de forma diferente nas reações nos indivíduos, além de transmitir sensações diversas. Ou seja, inconscientemente os elementos de design e identidade visual determinam e reforçam uma mensagem específica.

Nesse sentido, o quadrado transmite a percepção de resistência, firmeza, seriedade, organização, compromisso, segurança e tradição. O triângulo, por sua vez, implica em poder, energia, inovação, modernidade, dinamismo, movimentação e masculinidade. Já as formas circulares, união, proteção, harmonia, feminilidade, positividade, além de uma sensação amigável. Dessa forma, os círculos e elementos arredondados foram os escolhidos para compor o desenho dos corredores, de modo a quebrar com a linearidade e com os ângulos retos já pré existentes naquele espaço.

Portanto, além de propor a união de alguns ambientes, o que implica suprimir alguns corredores com a retirada de poucas paredes, o potencial brincante da reformulação destes espaços de distribuição se dá na interação que as aberturas

sugerem: comunicação dentro-fora das salas e exploração das atividades nas paredes.

Além da circulação horizontal pelos corredores, a dinâmica da circulação vertical entre os pavimentos também foi alterada. Tratando o subir e descer dos níveis como uma atividade com potencial brincante, foi retirada a escada original no centro do edifício e foram propostas algumas soluções para transitar entre os pavimentos.

A proposta de prever mais de uma opção de caminho foi pensada por dois motivos: primeiro para que não haja um afunilamento de fluxo, dando a opção ao usuário para que se desloque pelo traçado que preferir. Segundo, para estimular as crianças em mais de uma maneira de locomoção.

Dessa forma, a circulação se concentra no átrio central criado devido a retirada de duas paredes (solução possível dado que o edifício é tombado somente na face externa). Nele, há um conjunto de escadas que conectam todos os pavimentos, pelas quais é possível visualizar o prédio de diferentes ângulos e alturas. Além desses elementos, existem dois escorregadores, uma arquibancada, um elevador envolto por vidro, e uma rede de escalada e descida. Busca-se, assim, uma circulação divertida, estimulante e diversificada que cumpra a função de espaço de permanência para além de somente passagem.

As salas de atividades

Foram pensadas com mobiliário modular e flexível para que possa se adequar de acordo com a atividade proposta. Especialmente as crianças menores realizam quase a totalidade das atividades no chão dado que a maioria delas ainda não sabe andar. Assim, é importante que o piso seja de textura e temperatura agradáveis, além de absorver o impacto de eventuais quedas na tentativa de dar os primeiros passos. Para isso, é proposta a aplicação de revestimento de EVA. Nos demais ambientes secos, propõe-se que o piso seja revestido por linóleo devido às suas qualidades termoacústicas, biodegradáveis, além de ser macio e antiderrapante.

Em conversa com pedagogas, foi explicado que na maioria das vezes a sala é dividida em grupos menores, e assim, não são todas as crianças que estão realizando as mesmas atividades simultaneamente. Nesse sentido, destaca-se a importância do mobiliário flexível e que consiga delimitar espaços dentro da sala para estas atividades dinâmicas.

Além disso, em todas as salas – com exceção dos berçários – tem-se uma parede inteira de lousa, para que as crianças de diferentes alturas possam fazer uso desta sem limitações.

O pátio

A proposta do pátio é que seja um espaço no qual as crianças possam correr, ter contato com o sol e realizar atividades que desenvolvam a coordenação motora grossa. Para isso, é necessário um espaço livre que permita a realização destes exercícios que requerem espaços maiores.

Evitou-se a inserção de brinquedos externos prontos que já indiquem a atividade que deve ser ali realizada, limitando, de certa forma, a ação, visto que já é indicado um caminho. Além disso, já estão dispostos no interior do edifício dois escorregadores e alguns balanços, que seriam possíveis brinquedos a serem colocados no pátio. Assim, a liberdade do espaço estimula a criança a desenvolver suas próprias brincadeiras e interpretar aquele ambiente da maneira que deseja.

São propostas algumas elevações no piso, de alturas e inclinações diferentes, as quais convidam a ações como sentar-se nelas e escalá-las. No topo de cada uma delas há um ponto para saída de água, o qual pode ser ligado pelo corpo docente da instituição e assim serem realizadas brincadeiras refrescantes com a água, especialmente nos dias quentes comuns à região. O contato brincante do corpo com o líquido (seja ele proveniente chuva, mar, rio, chuveiro, mangueira etc) é estimulante à criança, em especial no desenvolvimento do tato e no conhecimento do próprio corpo. Além disso, também são propostas algumas camas elásticas no piso, elemento divertido que também permite o desenvolvimento da coordenação motora grossa.

A árvore Sapucaia (Lecythis pisonis), pertencente ao bioma da Mata Atlântica, é inserida neste local, para que seja criado um espaço de sombra, além dos benefícios da aproximação com a natureza. Apresenta folhas simples, lisas, e quando novas possuem coloração rosa, além de flores roxas e brancas de tamanho médio. Dessa forma, as diferentes colorações que a árvore apresenta de acordo com as épocas do ano são um convite à criança para a compreensão da passagem do tempo. Propõe-se um canteiro circular ao redor do tronco para que dê a possibilidade do contato direto com a terra para além do espaço da horta

Por último, o piso proposto para este espaço é o de borracha drenante, por apresentar conforto ao toque, propriedade atérmica, antiderrapante, alta absorção de impactos e ruídos.

O fraldário e o trocador

É comum que os bebês e as crianças pequenas que ainda fazem o uso de fraldas precisem tomar banho durante a sua permanência na instituição. Este momento deve suprir as necessidades fisiológicas do corpo em relação à higiene e à prevenção

de assaduras. Entretanto, além do cuidado e conforto físico que o banho proporciona, esta atividade pode ser explorada de modo a se tornar uma prática relaxante e que estimule as sensações do bebê.

O contato com a água, com outros objetos de banho e a interação com o adulto são elementos com potencial de proporcionar novas experiências e descobertas por parte da criança. Despir-se, ensaboar-se, enxaguar-se, secar-se, a temperatura da água e o toque do responsável são também atividades lúdicas nas quais a criança aprende gradativamente a cuidar de si e experimenta sensações. Para uma agradável experimentação deste momento, é necessário que o banho seja feito em um local confortável, com materiais adequados, em segurança e com a água em temperatura apropriada.

Assim, é proposto um ambiente com banheiras e trocadores na altura de 90cm do chão para que o cuidador possa manusear adequada e confortavelmente a criança, além de gabinetes e armários para o armazenamento dos objetos pessoais de cada bebê. É importante que o adulto tenha este cuidado em relação às toalhas, sabonetes, pentes, dentre outros objetos de uso individual de cada criança a fim de prevenir doenças e infecções provocadas pelo compartilhamento de itens íntimos.

Conforme as crianças crescem e adquirem a capacidade de cuidar de seus pertences, assim devem ser orientadas. Entretanto, enquanto não atingiram este estágio, os objetos devem ser rotulados e armazenados de maneira adequada e responsável. Nesse sentido, é necessário que o ambiente esteja provido de espaço para guardar tais elementos como também alguns brinquedos, jogos ou materiais para distração do bebê nesse período.

Uma vez que este espaço é pensado para o uso de crianças de 4 a 24 meses, é necessário considerar que nesta idade existem aquelas que já se sustentam em pé com segurança e já andam. Nesse sentido, também foi proposto, no mesmo ambiente, penicos para que possam fazer a transição da fralda para a bacia sanitária. Algumas divisórias sem fechamento neste espaço consideram o auxílio do adulto nesta atividade, como também dá a criança uma certa privacidade para que fique confortável. Deve-se respeitar a individualidade de cada um, além da atenção individualizada. Nesse sentido, o ambiente deve permitir que hajam os momentos coletivos assim como também estar adequado para os privativos, de acordo com as necessidades. Cabe ao adulto responsável, portanto, observar e orientar.

Espacialmente está disposto ao lado do lactário e próximo ao dormitório, de modo a formar um grande bloco de suprimento das necessidades fisiológicas dos menores. Entretanto, esta área localiza-se um pouco distante da sala de atividades do berçário II, e assim, é proposto um fraldário menor anexo à esta sala em específico, dado que muitas vezes o cuidador não consegue ir tão longe com a criança, visto

que deixará desamparadas as demais daquela turma. Dessa forma, o fraldário e o espaço de atividades ficam conectados, facilitando a realização das funções.

Os banheiros

De acordo com o Encarte 1 dos Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil, produzido pelo Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica em 2006, p. 19, é sugerida a seguinte relação entre número de alunos e quantidade de equipamentos:

1 vaso sanitário para cada 20 crianças;

1 lavatório para cada 20 crianças;

1 chuveiro para cada 20 crianças.

Além disso, é aconselhado que sejam implantados próximos às salas de atividades, e que também sejam previstos banheiros de uso exclusivo para adultos, podendo estes acumular a função de vestiário.

Dessa maneira, uma vez que o número máximo de crianças que a instituição suporta é 300, sendo que1/3 delas têm 4 a 24 meses, e portanto, fazem uso do vestiário, têm-se a quantidade máxima de 200 crianças que utilizam os banheiros infantis. Assim, de acordo com a sugestão do Ministério da Educação (MEC) de 1 equipamento para cada 20 crianças, são necessários 10 vasos sanitários, 10 lavatórios e 10 chuveiros para atender esta demanda.

A fim de compreender de maneira mais próxima a dinâmica e a demanda em relação a tais equipamentos, em conversa com a pedagoga Luciana Janovitz, entendeu-se que tomar banho nas dependências da escola é uma situação atípica que ocorre somente em casos de necessidades pontuais e de exceção – como por exemplo, uma criança se sujar de maneira exacerbada em alguma atividade, ou não conseguir conter as necessidades fisiológicas. Existem diversas instituições de ensino que, inclusive, não contêm chuveiros.

Além disso, o ato de lavar as mãos é uma atividade realizada com uma frequência muito maior – todas as vezes que vai ao banheiro, antes de qualquer refeição, e também ao se sujar em atividades com tintas ou no pátio, por exemplo. Nesse sentido, diferentemente do chuveiro, sua utilização acontece diariamente, diversas vezes por dia e é estimulada pelos educadores.

Dessa forma, entende-se que para as necessidades destes usuários, a sugestão do MEC aponta para quantidades elevadas de chuveiros e reduzidas de lavatórios. No projeto em questão, portanto, tem-se 2 chuveiros e 8 lavatórios de altura infantil

dentro dos banheiros, além dos tanques dispostos no primeiro pavimento e no térreo, próximo ao pátio e refeitório. A distribuição destes tanques é pensada para os espaços onde a higienização das mãos torna-se mais necessária, como nos pátios, no ambiente que concentra as atividades de artes e no refeitório. Estão dispostos no espaço fora do banheiro a fim de facilitar seu acesso e estimular a frequente lavagem das mãos como uma forma de higiene, saúde e prevenção de doenças.

As divisórias das cabines infantis possuem abertura superior e inferior, e medem 1,2m de altura. Esta redução na altura em relação à dimensão padrão das cabines de adultos é para que um adulto possa visualizar o que acontece dentro da cabine mesmo com a porta fechada, e assim prevenir eventuais acidentes. Sua forma ondulada, por sua vez, é na tentativa de tornar o momento do banheiro lúdico e estimulante.

O sótão e o mezanino

> A verticalidade é assegurada pela polaridade do porão e do sótão. Pode-se opor a racionalidade do telhado à irracionalidade do porão. O telhado revela imediatamente a sua razão de ser: cobre o homem que tem medo da chuva e do sol. Os geógrafos não deixam de lembrar que em cada país a inclinação do telhado é um dos sinais mais seguros do clima. 'Compreende-se' a inclinação do telhado. O próprio sonhador sonha racionalmente; para telhado são claros. No sótão, vê-se, com prazer, a forte ossatura dos vigamentos. Participa-se da sólida geometria do carpinteiro. (BACHELARD, Gaston, 1993, apud. SHIMIZU, Robson, 2000, p. 35).

O sótão é um espaço carregado de subjetividade. Tanto para adultos como para crianças, é frequentemente utilizado como cenário para narrativas que envolvem esconderijos, recordações, sonhos, imaginação e magia. Dessa forma, é um ambiente que pode ser importante para o desenvolvimento do imaginário e para a construção emocional do ser humano.

Além disso, a questão da verticalidade – subir e sentir-se no ponto mais alto do prédio – é um fator importante para o desenvolvimento emocional do ser humano, como defende Shimizu. Ele acredita no incentivo da imaginação das crianças, e assim, a casa com sótão e com porão ajuda na formação de adultos "inteiros" e maduros.

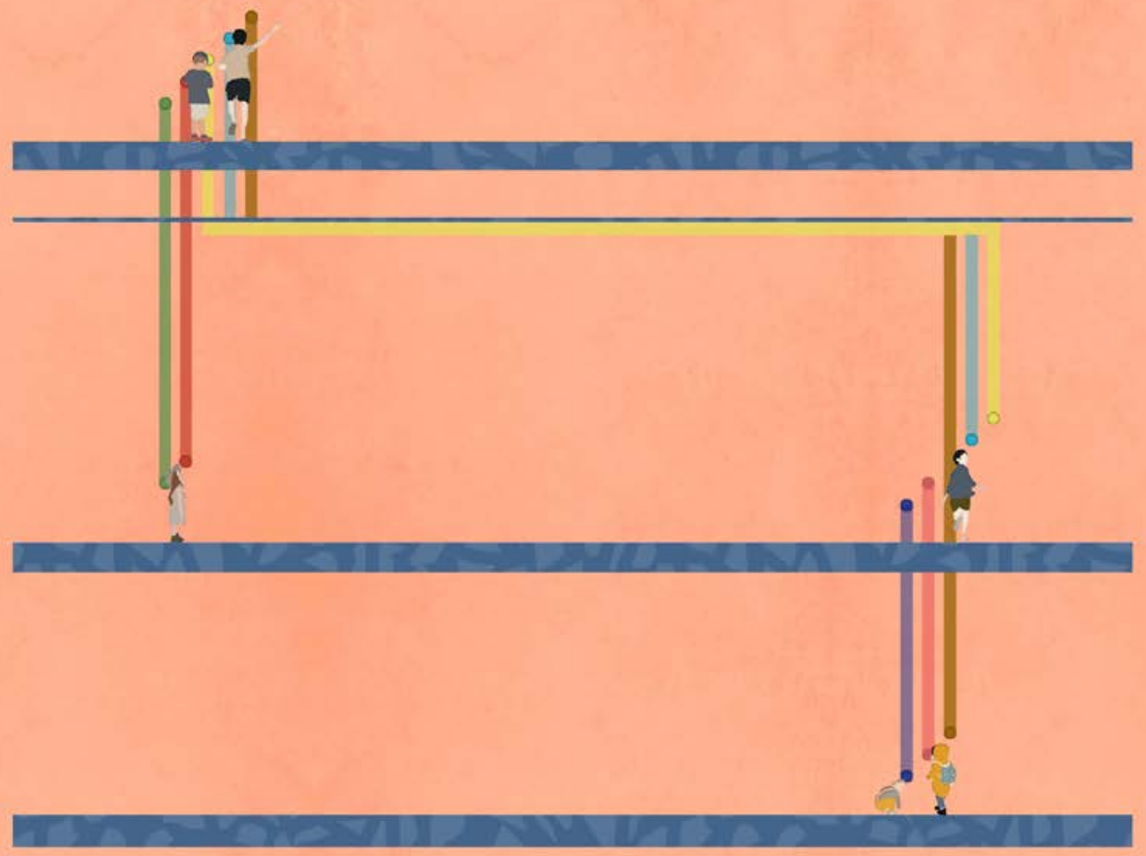
A inclinação do teto, o aconchego do ambiente e sua localização no andar mais acima do edifício são alguns dos elementos físicos que alimentam a rica fantasia que envolve este espaço. Nesse sentido, são frequentes as histórias infantis que se passam no sótão, assim como no porão.

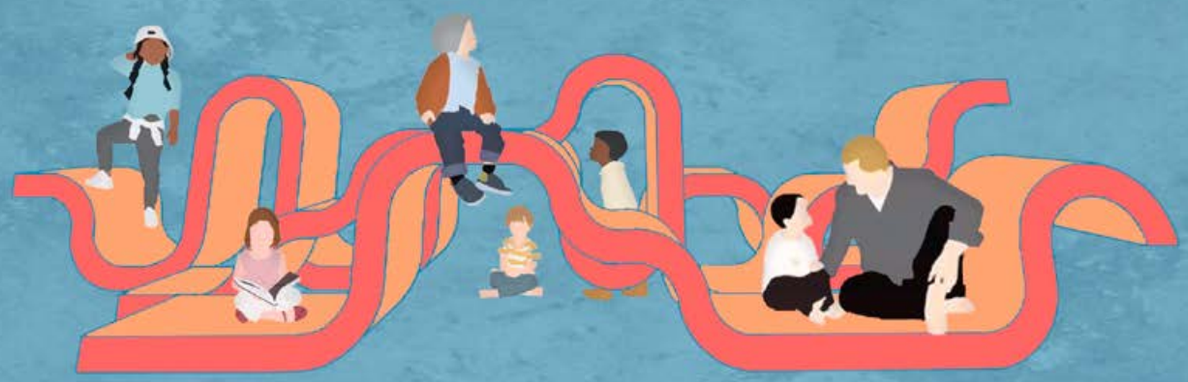
Dessa forma, faz-se uso da inclinação do telhado para explorar diferentes escalas do espaço. Os “cantos” que se formam no encontro da cobertura com o piso, em geral, seriam espaços desperdiçados, mas para a perspectiva da criança apresentam potencialidades, e é isso que busca-se explorar. Além disso, o revestimento do piso em EVA e a disposição de almofadas e colchões tornam o ambiente aconchegante para a realização de diversas atividades – desde contação de histórias, sonecas, brincadeiras no chão etc.

De forma semelhante tais conceitos se aplicam ao mezanino, com a diferença de que esse ambiente originalmente não existia no edifício, já o sótão sim. Os mesmos materiais são utilizados para revestir ambos os espaços, porém o sótão é fechado em si mesmo, e o mezanino possui conexão visual com o átrio através da criação de aberturas de vidro na parede e do guarda corpo também de vidro, ambos voltados para o centro da edificação.

Por fim, outro elemento que difere os dois espaços é o acesso a eles: uma vez que o sótão era pré-existente, seu acesso já estava dado, apenas foi revisto no sentido de alargamento da escada, materialidade e conexão com o prédio – antes, era uma escada enclausurada. O acesso ao mezanino, por sua vez, é feito por uma escada de marinheiro fixa na parede. Apesar de não serem todas as crianças de todas as idades que têm a desenvoltura física para subí-la, este elemento é posto como um desafio estimulante. Nesse sentido, é um exercício de autoconhecimento interessante a criança notar as limitações do seu próprio corpo e, depois de um tempo de crescimento, conseguir realizar atividades que antes não conseguia. Assim como ler, correr, chutar a bola com precisão, pintar etc, é importante que o indivíduo observe, aos poucos, as ações que aprendeu.

Dessa forma, o sótão e o mezanino constituem-se em um espaço onde não são realizadas as atividades essenciais como nas salas de aula, dado que o acesso a eles impõe algumas limitações. Entretanto, destacam-se como espaços adicionais de aconchego e imaginação, onde serão concebidas diversas memórias carregadas de fantasias.





Retomada
das
Aulas presenciais

Considerações finais

Agora, distante temporalmente do momento em que este trabalho se iniciou, percebo que o estudo tomou rumos não imaginados e o resultado encontrado não era o mesmo esperado no começo deste processo – se é que havia alguma ideia de quais frutos esta pesquisa colheria. Fui surpreendida por inúmeras descobertas durante o trajeto, assim tive contato com campos de estudo que ainda não conhecia. A investigação com ponto de partida mas sem ponto de chegada implicou em diversas inseguranças ao longo do caminho, especialmente ao tratar de áreas do conhecimento as quais não estava familiarizada.

Isso me fez questionar a minha capacidade de explorar estas outras disciplinas, e assim, de apoiar o trabalho sobre pilares rasos que não o sustentariam. Justamente por este motivo, tal insegurança me fez debruçar verdadeira e honestamente sobre textos diversos de áreas múltiplas.

Entretanto, uma vez que a essência deste estudo consiste nas relações humanas e nas experiências espaciais, ultrapassa o conhecimento formal e se entrelaça intimamente com as vivências cotidianas – coisa que eu, assim como todos que ocupam algum espaço de forma atenta, somos capazes de observar. Dessa forma, sobretudo na etapa projetual do trabalho, recorri incessantemente às minhas próprias memórias da infância, recordando as brincadeiras e os elementos que me atraíam. Passei também a encarar com mais atenção os pequenos detalhes espaciais e suas potências – exercício este que a criança faz com naturalidade devido ao seu olhar interessado e curioso sobre os ambientes. Apesar de ser esclarecedor estudar as teorias do espaço, experienciá-lo é fundamental.

Enquanto abria o leque de possibilidades que este trabalho poderia tomar, buscar o simples, comum e essencial aos lugares me dava pistas para compreender a intenção por trás desta investigação. A minha única certeza com ela era a ótica sensível da humanização dos espaços que queria abordar, visão esta que norteou toda a pesquisa.

Busquei ampliar e aprofundar os diferentes olhares sobre o espaço, encarando-o como um lar independente do programa o qual está destinado. A empatia e a tentativa de compreensão do indivíduo que vai ocupar determinado lugar foi o fio condutor que esteve por trás das discussões aqui abordadas, entendendo o papel do arquiteto enquanto agente social responsável por articular as potências dos ambientes. Encarar a arquitetura para além do visível é essencial para que haja uma conduta compreensiva no entendimento profundo e complexo do lugar e seus habitantes.

O espaço – especialmente o espaço infantil – é visto como um agente lúdico, brincante e educador. Dessa forma, o esforço projetual foi no sentido de facilitar as interações humanas, além de promover descobertas, desafios, aprendizagens,

acolhimento, hospitalidade, proteção, autonomia e afetividade. O corpo e a experiência são elementos importantes para o entendimento do espaço, visto que as informações provenientes dos sentidos são a fonte inicial de conhecimento e compreensão de mundo. A proposta feita extrapola a esfera física: trata da existência daquelas crianças.

Este estudo reflete muito sobre mim, minha história, meus questionamentos e valores. Acredito que, de certa forma, ele traduz o contato acadêmico e experimental que tive com a Arquitetura até então, além de representar a intenção que tenho com esta prática no futuro.

Concluo este trabalho pois deve ter uma finalização formal, mas a verdade é que esta temática continua abrindo novas possibilidades de aprendizados que não serão encerradas aqui. O desejo por trás dessa pesquisa é propor uma reflexão, não chegar a um resultado. Realmente aprendi, fui desafiada e surpreendida com as descobertas ao longo desse caminho do TFG, e espero poder contribuir à sociedade – e, em especial, às crianças – com este estudo.

Bibliografia

ARAÚJO, Gabriel Nardelli; CAMPOMORI, Maurício. **Residência compartilhada**. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo (Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte, 2018.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus Editora, São Paulo, 1994.

BOTTON, Alain de. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.

CERVINI, Esther. **A casa-ambiente**. Anotações sobre arquitetura e psicanálise de Winnicott. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 1, n. 3, p. 63-88, Sept. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47141998000300063&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Jul. 2020. https://doi.org/10.1590/1415-47141998003004.

CHINEM, William. **O que move as coisas**: O imaginário da casa nas favelas. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

CONSTITUTION. **World Health Organization**. (s.d.). who. Disponível em <http://www.who.int/about/mission/en/>. Acesso em 14 Nov. 2020.

CORDEIRO, Nilson da Rocha. **A casa em verso e prosa**: canções, poesias e subjetividade do conceito de casa. Tese de Mestrado no programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano - Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó de. **Apego ao lugar** (Vínculo com o lugar – Place Attachment). Em S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), Temas Básicos em Psicologia Ambiental. São Paulo: Vozes. 2011.

FÉ na criança: o poder da transformação social para um mundo melhor. **Educandário Anália Franco**, Revista Comemorativa dos 85 anos do Educandário Anália Franco. Santos, 2007. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendas/ho260w05.pdf>. Acesso em 15 de Mar. de 2021.

FORNEIRO, L. I. **A organização dos espaços na educação infantil**. In: ZABALZA, M. A. Qualidade em Educação Infantil. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.

HALE, Jonathan. **Merleau-Ponty for Architects**. Nova Iorque: Routledge, 2016.

HEERWAGEN, Judith; ILOFTNESS, Vivian; PAINTER, Susan. **The economics of biofilia**: Why designing with nature in mind makes financial sense. New York: Terrapin Bright Green, 2012.

HISTÓRIAS e Lendas de Santos - Assistência. **Novo Milênio**, Santos, 21/05/2008. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/ho260w.htm>. Acesso em 20 de Abr. 2021.

HISTÓRIAS e Lendas de Santos - Monumentos. **Novo Milênio**, Santos, 24/06/2007. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/ho360mo83.htm> Acesso em 19 de Abr. 2021.

JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2007.

JANELA, Andreia. **Os Maggie Cancer Caring Centres**. A arquitetura como 'fenômeno transitivo'? 2015. Tese (Mestrado Integrado em Arquitetura) - Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

KOHARA, Luiz. **Relação entre as condições de moradia e o desempenho escolar**: estudo com crianças residentes em cortiços. São Paulo: Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009.

LADISLAU, Amanda; TRINDADE, Fernanda. **Biofilia e sustentabilidade**: Relação arquitetura-homem-natureza. Unifacig. Pesquisa de Arquitetura Comercial/Serviços.

LAVIN, Sylvia. **Open the Box**: Richard Neutra and the psychology of the domestic environment. A+U, Tóquio, n. 371, 2001.

Lei complementar Nº 1.085. Santos, 30/12/2019. Diponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/santos/lei-complementar/2019/108/1085/lei-complementar-n-1085-2019-cria-o-programa-de-revitalizacao-e-desenvolvimento-urbano-da-macrozona-centro-alegra-centro-e-da-outras-providencias>. Acesso em 30 de Abr. de 2021.

LIMA, Sheila; SOUZA, Iara. **A importância do espaço para as experiências e emoções de pessoas com sofrimento emocional**: refletindo sobre solidão e possibilidades. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. N°19. Año 7. Argentina. ISSN 1852-8759. pp. 45-57. 2015.

LUCHESI, Jessica Ferreira Barbosa; GONÇALVES, Fábio Mariz. **Pedrinha**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). São Paulo, 2018.

MEDINA, Samuel. **A História dos Centros Maggie**: Como 17 arquitetos se uniram para combater o câncer. ArchDaily, 2014. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/601650/a-historia-dos-centros-maggie-como-17-arquitetos-se-uniram-para-combater-o-cancer>. Acesso em 05 dez. 2020.

MOREIRA, Ana Rosa Picanço; SOUZA, Tatiana Noronha. **Ambiente pedagógico na educação infantil e a contribuição da psicologia**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 20, Número 2, Maio/Agosto de 2016: 229-237.

MOSER, Gabriel. **Psicologia Ambiental**. Estudos de Psicologia, Natal, v. 3, n. 1, p. 121-130, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 Mai. 2020. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008.

NEUTRA, Richard. **Planificar para sobrevivir**. México, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1957.

NEUTRA, Richard. **Survival through design**. New York, Oxford University Press, 1954.

OLIVEIRA, Alda Mirian Augusto de. **A partir das coisas**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo (PUCMG) , v. 14, p. 267-271, 2007.

OLIVEIRA, Clara Chahin Werneck; WISNIK, Guilherme Teixeira. **A arquitetura de resistência de Peter Zumthor**: fenomenologia, lugar e experiência. Iniciação científica (Graduando em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (Orientador). 2017.

PALLASMAA, Juhani. **A geometria do sentimento**: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. Antologia Teórica (1965-1995). Kate Nesbit (Org.). Trad. Vera Pereira. São Paulo. Cosac Naif, 1984, p. 481 a 490.

_____, Juhani. **Habitar**. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2016.

_____, Juhani. **The Eyes Of The Skin**: Architecture and the Senses. Sussex: John Wiley & Sons Ltd., 2012.

Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil: Encarte 1. Brasília: **MEC**, SEB, 2006. 31 p.: il.

PARENTE, Alessandra. **A casa e o *holding***: conversas entre Bachelard e Winnicott. Natureza Humana 11(1): 73-100, jan.-jun. 2009.

PIMENTEL, Vanessa. **Um 'Castelinho' para alugar em Santos**. Diário do Litoral, Santos, 29/09/2018. Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/cotidiano/um-castelinho-para-alugar-em-santos/117710/> Acesso em 10 de Fev. 2021.

POL, E., & VALERA, S. **Symbolisme de l'espace public et identitée sociale**. Villes en Paralèlle, 28(29), 13-33, 1999.

PSICOLOGIA do espaço: as implicações da arquitetura no comportamento humano. **ArchDaily**, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/936143/psicologia-do-espaco-as-implicacoes-da-arquitetura-no-comportamento-humano#:~:text=%E2%80%9CAs%20caracter%C3%ADsticas%20dos%20espa%C3%A7os%20que,%C3%A2mbito%20f%C3%ADsico%20da%20vida%20humana.>. Acesso em: 20 Mai. 2020.

RAMOS, José de Paula. **Loja Maçônica Fraternidade de Santos 150 anos**. Santos: Gazeta Maçônica, 2004.

REFERENCIAL Curricular Nacional para Educação Infantil – Volume 2. **Ministério da Educação e do Desporto**, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

RELAÇÃO de Bens Gravados com nível 1 e 2 de Proteção NP1 e NP2 – Fora de APC´s. Disponível em <https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/conselhos/relacao_de_bens_gravados_com_nivel_1_e_2_de_protecao_np1_e_np2_-_fora_de_apcs.pdf>. Acesso em 02 de Abr. de 2021.

RIBEIRO, Patricia Pimenta Azevedo. **Teoria e prática**: a obra do arquiteto Richard Neutra. 2007. Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-27042010-105109/publico/Patricia_Pimenta_Azevedo_.pdf>. Acesso em 02 Mai. 2020. doi:10.11606/T.16.2007.tde-27042010-105109.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HIMIZU, Robson. **Casa**: uma breve reflexão sobre o sonho de morar. 2000.

SANTOS, **Lei Complementar** (2019) nº 1.085. Disponível em <https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/portal_files/site/lc1085.pdf>. Acesso em 12 mai. 2021.

SOMMER, Robert. **Espaço pessoa**: as bases comportamentais de projetos e planejamento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EDUSP. 1973.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira - São Paulo: DIFEL, 1983.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente** (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VILLA, Simone, SARAMAGO, Rita, BORTOLI, Karen, PEDROSA, Michelle. **A ineficiência de um modelo de morar mínimo**: análise pós-ocupacional em habitação de interesse social em Uberlândia-MG. Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v.5, n.14, p. 121-147, out. 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Constitution**. 2006. Disponível em <https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf>. Acesso em 12 mai. 2021.

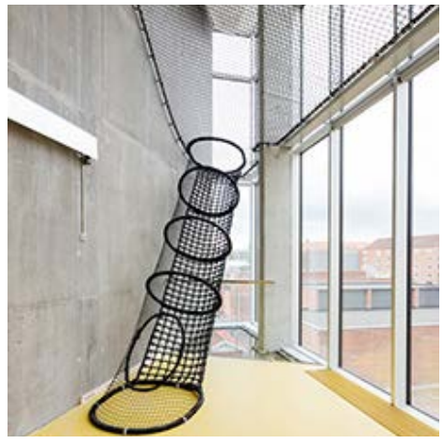
ZUMTHOR, Peter: **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006

Referências projetuais

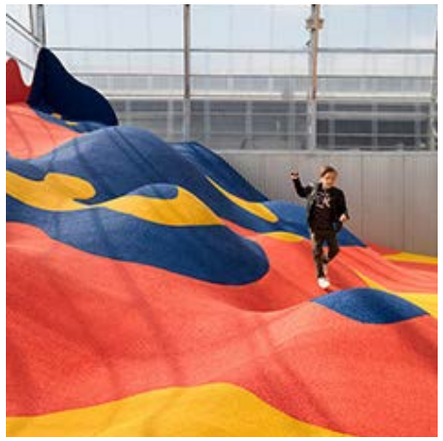
Ama'r Children's Culture House, Dorte Mandrup, Copenhage, Dinamarca, 2013. Fotos de Torben Eskerod e Jens Lindhe. Disponível em <https://www.archdaily.com/388629/ama-r-children-s-culture-house-dorte-mandrup>. Acesso em 02 mai. 2021.

Ama'r Children's Culture House, Dorte Mandrup, Copenhage, Dinamarca, 2013. Fotos de Torben Eskerod e Jens Lindhe. Disponível em <https://www.archdaily.com/388629/ama-r-children-s-culture-house-dorte-mandrup>. Acesso em 02 mai. 2021.

OB Kindergarten and Nursery, HIBINOSEKKEI e Youji no Shiro, Nagasaki, Japão, 2015. Fotos de Studio Bauhaus e Ryuji Inoue. Disponível em <https://www.archdaily.com/635225/ob-kindergarten-and-nursery-hibinosekkei-youji-no-shiro>. Acesso em 20 dez 2020.



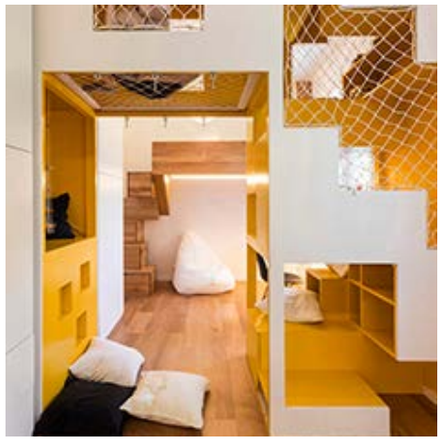
Casa Ku.Be da Cultura em Movimento, MVRDV e ADEPT, Frederiksberg, Dinamarca, 2016. Fotos de Adam Mørk. Disponível em <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/800386/casa-de-cultura-en-movimiento-ke-mvrdv-plus-adept?ad_medium=gallery>. Acesso em 12 mai. 2021.



Instalação La Colline, Appelle Moi Papa, Nantes, França, 2018.
Fotos disponíveis em <https://www.urdesignmag.com/art/2018/09/07/appelle-moi-papa-la-colline-la-cantine-du-voyage-nantes/>. Acesso em 01 abr. 2021.

Nursery School Santa Susana, Arrokabe Arquitectos, Santiago de Compostela, Espanha, 2018.
Fotos de Luis Diaz Diaz. Disponível em <https://divisare.com/projects/425971-arrokabe-arquitectos-luis-diaz-diaz-nursery-shool-santa-susana>. Acesso em 03 mar. 2021.

Atriumhaus, Atelier Kempe Thill, Brémen, Alemanha, 2019.
Fotos de Ulrich Schwarz. Disponível em <https://divisare.com/projects/427313-atelier-kempe-thill-ulrich-schwarz-berlin-atriumhaus>. Acesso em 28 abr. 2021.



Bagritsky, Ruetemple, Moscou, Rússia, 2015.
Fotos disponíveis em <https://www.archdaily.com.br/br/775648/bagritsky-ruetemple?ad_medium=gallery>. Acesso em 26 abr. 2021.

Dongcheon-Dong J.One e Playscape, Shin Architects, Gyeonggi, Coréia do Sul, 2013.
Fotos de Rohspace. Disponível em <https://divisare.com/projects/277948-shin-architects-rohspace-dongcheon-dong-j-one-playscape>. Acesso em 30 abr. 2021.

Berçário Atago, Kei Sasaki e Intermedia, Nagasaki, Japão, 2016.
Fotos de Kai Nakamura. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/918628/bercario-atago-kei-sasaki-plus-intermedia>. Acesso em 12 abr. 2021.

Berçário Primetime, Studio MK27, São Paulo, Brasil, 2007.
Fotos de Nelson Kon. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-10336/bercario-primetime-studio-mk27-marcio-kogan>. Acesso em 07 mar. 2021.

Pavilhão do Brasil, Studio Arthur Casas e Atelier Marko Brajovic, Milão, Itália, 2015.
Fotos de Raphael Franca. Disponível em <https://www.designboom.com/architecture/brazil-pavilion-expo-milan-2015-studio-arthur-casas-05-04-2015/>. Acesso em 12 abr. 2021.

Instalação no Tate Modern, Carsten Holler, Londres, Inglaterra, 2006.
Fotos disponíveis em <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/unilever-series/unilever-series-carsten-holler-test-site/carsten>. Acesso em 10 mai. 2021.

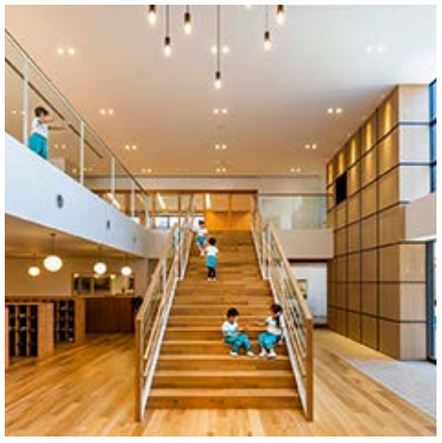
C.O Kindergarten and Nursery, HIBINOSEKKEI e Youji no Shiro, Hiroshima, Japão, 2015.
Fotos de Studio Bauhaus e Ryuji Ino. Disponível em <https://www.archdaily.com/635177/c-o-kindergarten-and-nursery-hibinosekkei-youji-no-shiro>. Acesso em 05 abr 2021.

Escola Casa Fundamental, MOBIO Arquitetura, Marcos Franchini e Pedro Haruf, Belo Horizonte, Brasil, 2017.
Fotos de Gabriel Castro. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/946871/escola-casa-fundamental-gabriel-castro-mobio-arquitetura-plus-marcos-franchini-plus-pedro-haruf>. Acesso em 25 mar. 2021.

Elementary School Vřesovice, Public Atelier e Fuuze, Vřesovice, República Tcheca, 2019.
Fotos de BoysPlayNice. Disponível em <https://www.archdaily.com/941509/elementary-school-vresovice-public-atelier-plus-fuuze>

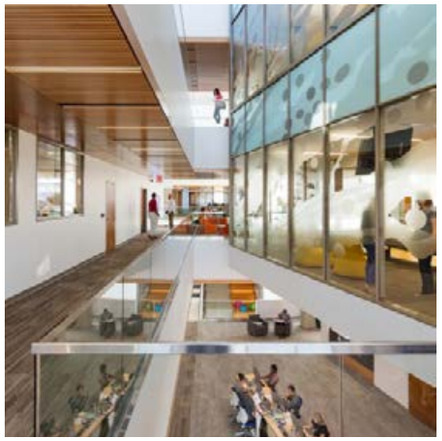
Escola Umbrella, Savana Lazaretti Arquitetura e Design Sensorial, Curitiba, Brasil, 2020.
Fotos de Renata Salles. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/940703/biblioteca-da-escola-umbrella-savana-lazaretti-arquitetura-e-design-sensorial>. Acesso em 15 abr. 2021.

Fundação Bradesco, Shieh Arquitetos Associados, Osasco, Brasil, 2017.
Fotos de Fernando Stankuns. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/872135/fundacao-bradesco-shieh-arquitetos-associados>. Acesso em 12 fev. 2021.



Jardim de Infância EZ, HIBINOSEKKEI, Youji no Shiro e Kids Design Labo, Fukui, Japão, 2019.
Fotos de Toshinari Soga (Studio Bauhaus). Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/935731/jardim-de-infancia-ez-hibinosekkei-plus-youji-no-shiro-plus-kids-design-labo>. Acesso em 15 abr. 2021.

Berçário e Jardim de Infância Hanazono, HIBINOSEKKEI e Youji no Shiro, Miyakojima, Japão, 2015.
Fotos de Studio Bauhaus. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/774261/bercario-e-jardim-de-infancia-hanazono-hibinosekkei-plus-youji-no-shiro?ad_medium=gallery>. Acesso em 07 mar. 2021.



University of North Dakota, School of Medicine and Health Sciences, JLG Architects e Steinberg Hart, Grand Forks, EUA, 2016.
Fotos disponíveis em <https://www.architectmagazine.com/project-gallery/university-of-north-dakota-school-of-medicine-and-health-sciences>. Acesso em 25 fev. 2021.

The Brutalist Playground, Assemble e Simon Terrill, Galeria de Arquitetura do RIBA, 2015.
Fotos disponíveis em <https://assemblestudio.co.uk/projects/the-brutalist-playground>. Acesso em 25 abr. 2021.

SumUp, Leonetti Piemonte Arquitetura, São Paulo, Brasil, 2018.
Fotos de Sara de Santis. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/908061/sumup-leonetti-piemonte-arquitetura>. Acesso em 24 abr. 2021.

Senac São Miguel Paulista, Levisky Arquitetos, São Paulo, Brasil, 2018.
Fotos de Ana Mello e Pedro Mascaro. Disponível em <https://leviskyarquitetos.com.br/senac-sao-miguel-paulista/>. Acesso em 28 abr. 2021.

Wish School, Grupo Garoa Arquitetos, São Paulo, Brasil, 2016.
Fotos de Pedro Napolitano Prata. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/891456/wish-school-grupo-garoa>. Acesso em 15 abr. 2021.

Jardim de Infância SP, HIBINOSEKKEI e Youji no Shiro, Fukushima, Japão, 2015.
Fotos de Studio Bauhaus, Ryuji Inoue. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/775878/jardim-de-infancia-sp-hibinosekkei-plus-youji-no-shiro>. Acesso em 28 mar. 2021.

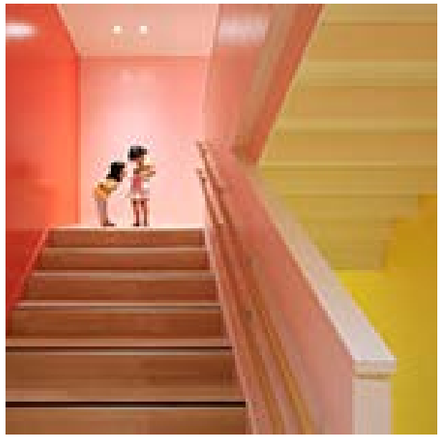
Kindergarten in Opole, PORT, Opole, Polônia, 2020.
Fotos de Stan Zajączkowski. Disponível em <https://www.archdaily.com/958745/kindergarten-in-opole-port>. Acesso em 31 mar. 2021.

Mi Casita Preschool and Cultural Center, Barker Associates Architecture Office e 4Mativ Design Studio, Brooklyn, EUA, 2019.
Fotos de Lesley Unruh. Disponível em <https://www.archdaily.com/938172/mi-casita-preschool-and-cultural-center-baao-plus-4mativ-design-studio>. Acesso em 05 abr. 2021.

Creche MK-S, HIBINOSEKKEI e Youji no Shiro, Yokohama, Japão, 2017.
Fotos de Kenjiro Yoshimi. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/892584/creche-mk-s-hibinosekkei-plus-youji-no-shiro>. Acesso em 15 mar. 2021.

Montessori Kindergarten, ArkA, Daxing, China, 2017.
Fotos de Chiara Ye. Disponível em <https://www.archdaily.com/907109/montessori-kindergarten-arka>. Acesso em 02 mar. 2021.

Nová Ruda Kindergarten, Petr Stolín Architekt, Vratislavice Nad Nisou, República Tcheca, 2019.
Fotos de Alex Shoots Buildings. Disponível em <https://divisare.com/projects/421352-petr-stolin-architekt-alex-shoots-buildings-nova-ruda-kindergarten>. Acesso em 08 abr. 2021.



Creche Ropponmatsu, Emmanuelle Moureaux Architecture e Design, Chūō-ku, Japão, 2017.
Fotos de Daisuke Shima. Disponível em <https://www.arhdaily.com.br/br/882406/creche-ropponmatsu-emmanuelle-moureaux-architecture-plus-design>. Acesso em 22 abr. 2021.

Creche MK-S, HIBINOSEKKEI e Youji no Shiro, Yokohama, Japão, 2017.
Fotos de Kenjiro Yoshimi. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/892584/creche-mk-s-hibinosekkei-plus-youji-no-shiro>. Acesso em 15 mar. 2021.

Escola St. Nicholas, Aflalo Gasperini Arquitetos, Santana de Parnaíba, Brasil, 2016.
Fotos de Ana Mello. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/800526/escola-st-nicholas-aflalo-gasperini-arquitetos?ad_medium=widget&ad_name=selected-buildings-stream>. Acesso em 02 mar. 2021.

Índice de imagens

[Fig. 01] Fonte: Imagem Cortesia de Maggie's Centres. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/601650/a-historia-dos-centros-maggie-como-17-arquitetos-se-uniram-para-combater-o-cancer?ad_medium=gallery>. Acesso em 05 dez. 2020

[Fig. 02] Fonte: Imagem de Julius Shulman. Complete Works by Barbara Lamprecht, Peter Gössel. Disponível em <https://esotericsurvey.blogspot.com/2013/10/neutra-mariners-medical-arts.html>. Acesso em 08 fev. 2021.

[Fig. 03] Fonte: Foto de Nelson Kon. Disponível em <http://www.nelsonkon.com.br/centro-de-reabilitacao-sarah-kubitschek-lago-norte/>. Acesso em 21 mar. 2021.

[Fig. 04] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 05] Fonte: www.fundasantos.org.br/e107_files/public/janeiro_1939f.pdf

[Fig. 06] Fonte: Jornal Correio Paulistano, 06 de janeiro de 1920.

[Fig. 07] Fonte: Jornal A Tribuna, edição de 27 de junho de 1922, página 5. Disponível em: www.novomilenio.inf.br/santos/ho26ow.htm

[Fig. 08] Fonte: Jornal A Tribuna, edição de 28 de junho de 1922, página 3. Disponível em: www.novomilenio.inf.br/santos/ho26ow.htm

[Fig. 09] Fonte: Acervo Anália Franco.

[Fig. 10] Fonte: Jornal A Tribuna, edição de 29 de junho de 1922. Disponível em: www.novomilenio.inf.br/santos/ho26ow.htm

[Fig. 11] Fonte: Jornal A Tribuna, edição de 29 de junho de 1922, página 2. Disponível em: www.novomilenio.inf.br/santos/ho26ow.htm

[Fig. 12] Fonte: Revista Flamma, em 11 de março de 1925.

[Fig. 13] Fonte: Revista Flamma, em 11 de março de 1925.

[Fig. 14] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 15] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 16] Fonte: Jornal A Tribuna, em 14 de junho de 1970.

[Fig. 17] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 18] Fonte: Autoral.

[Fig. 19] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 20] Foto: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 21] Foto: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 22] Foto: Carlos Pimentel Mendes, 23 de junho de 2007.

[Fig. 23] Foto: Carlos Pimentel Mendes, 23 de junho de 2007.

[Fig. 24] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 25] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 26] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 27] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 28] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 29] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 30] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 31] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 32] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 33] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 34] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 35] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 36] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 37] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 38] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 39] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 40] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 41] Fonte: Jornal A Tribuna, em 06 de dezembro de 1974.

[Fig. 42] Fonte: Jornal Tarde de Santos, 13 de dezembro de 1974.

[Fig. 43] Fonte: Jornal A Tribuna, em 08 de dezembro de 1974.

[Fig. 44] Fonte: Jornal Cidade de Santos, em 06 de dezembro de 1974.

[Fig. 45] Fonte: Jornal A Tribuna, em 07 de dezembro de 1974.

[Fig. 46] Fonte: Jornal Cidade de Santos, em 09 de dezembro de 1974.

[Fig. 47] Fonte: Jornal Cidade de Santos, em 07 dezembro de 1974.

[Fig. 48] Fonte: Jornal Estado de São Paulo, em 07 de dezembro de 1974.

[Fig. 49] Fonte: Jornal Cidade de Santos, em 10 de dezembro de 1974.

[Fig. 50] Fonte: Jornal Cidade de Santos, em 21 de abril de 1975, página 14.

[Fig. 51] Fonte: Jornal A Tribuna. Sem data.

[Fig. 52] Fonte: Jornal A Tribuna, em 15 de novembro de 1975, página 5.

[Fig. 53] Fonte: Jornal A Tribuna, em 10 de dezembro de 2021.

[Fig. 54] Fonte: Jornal A Tribuna, em 28 de junho de 1982.

[Fig. 55] Fonte: Acervo Educandário Anália Franco.

[Fig. 56] Fonte: Jornal A Tribuna, em 28 de junho de 1980.

[Fig. 57] Fonte: Jornal A Tribuna, em 1991.

[Fig. 58] Foto: Carlos Pimentel Mendes, 23 de junho de 2007.

[Fig. 59] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 60] Foto: Luiz Carlos Ferraz.

[Fig. 61] Foto: Luiz Carlos Ferraz.

[Fig. 62] Foto: Luiz Carlos Ferraz.

[Fig. 63] Foto: Luiz Carlos Ferraz.

[Fig. 64] Fonte: Elaboração própria a partir de imagem do Google Earth, 2021.

[Fig. 65] Fonte: Elaboração própria a partir de imagem do Google Earth, 2021, e Planta de Perímetro Urbano disponível em <https://www.santos.sp.gov.br/?q=institucional/legislacao-urbanistica>. Acesso em 16 mai. 2021.

[Fig. 66] Fonte: Elaboração própria a partir de imagem do Google Earth, 2021; Planta de Divisão Territorial - Macroáreas - Anexo II do Plano Diretor de Desenvolvimento e Expansão Urbana do Município de Santos, Lei Complementar nº 1.005, 2018. Disponível em <https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/files/portal_files/anexo_ii_macroareas.pdf>. Acesso em 16 mai. 2021. E Planta de Zoneamento - Anexo I - Área Continental, Lei Complementar nº 729, 2011. Disponível em <https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/conteudo/Anexo%20I%20-%20Zoneamento%20AC%20LC729_0.pdf>. Acesso em 16 mai. 2021.

[Fig. 67] Fonte: Elaboração própria a partir de imagem do Google Earth, 2021.

[Fig. 68] Foto: Autor desconhecido. Disponível em <http://www.blogcaicara.com/2013/01/historia-avenida-ana-costa-em-santos-sp.html>. Acesso em 04 abr. 2021.

[Fig. 69] Foto: Autor desconhecido. Disponível em <http://www.blogcaicara.com/2013/01/historia-avenida-ana-costa-em-santos-sp.html>. Acesso em 04 abr. 2021.

[Fig. 70] Foto: Autor desconhecido. Disponível em <http://www.blogcaicara.com/2013/01/historia-avenida-ana-costa-em-santos-sp.html>. Acesso em 04 abr. 2021.

[Fig. 71] Foto: Marcus Cabaleiro Cabal. Disponível em <https://marcuscabaleiro.blogspot.com/2012/09/avenida-ana-costa-santos-sp-brasil.html>. Acesso em 27 jun. 2021.

[Fig. 72] Foto: Stefan Lambauer. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/stefanlambauer/1528849694>. Acesso em 27 jun. 2021.

[Fig. 73] Foto: Elaboração própria a partir de imagem do Google Earth, 2021.

[Fig. 74] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 75] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 76] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 77] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 78] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 79] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 80] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 81] Foto: Hugo Hora.

[Fig. 82] Foto: Autoral

[Fig. 83] Foto: Autoral

[Fig. 84] Foto: Autoral

[Fig. 85] Foto: Autoral

[Fig. 86] Foto: Autoral

[Fig. 87] Foto: Autoral

[Fig. 88] Foto: Autoral

[Fig. 89] Foto: Autoral

[Fig. 90] Foto: Autoral

[Fig. 91] Foto: Autoral

[Fig. 92] Foto: Autoral

[Fig. 93] Foto: Autoral

[Fig. 94] Foto: Autoral

[Fig. 95] Foto: Autoral

[Fig. 96] Foto: Autoral

[Fig. 97] Foto: Autoral

[Fig. 98] Foto: Autoral

[Fig. 99] Foto: Autoral

[Fig. 100] Foto: Autoral

[Fig. 101] Foto: Autoral

[Fig. 102] Fonte: dados retirados da Unimed, disponível em <https://www.unimed.coop.br/web/nortecapixaba/viver-bem/pais-e-filhos/estatura-por-idade>. Acesso em 14 mai. 2021.

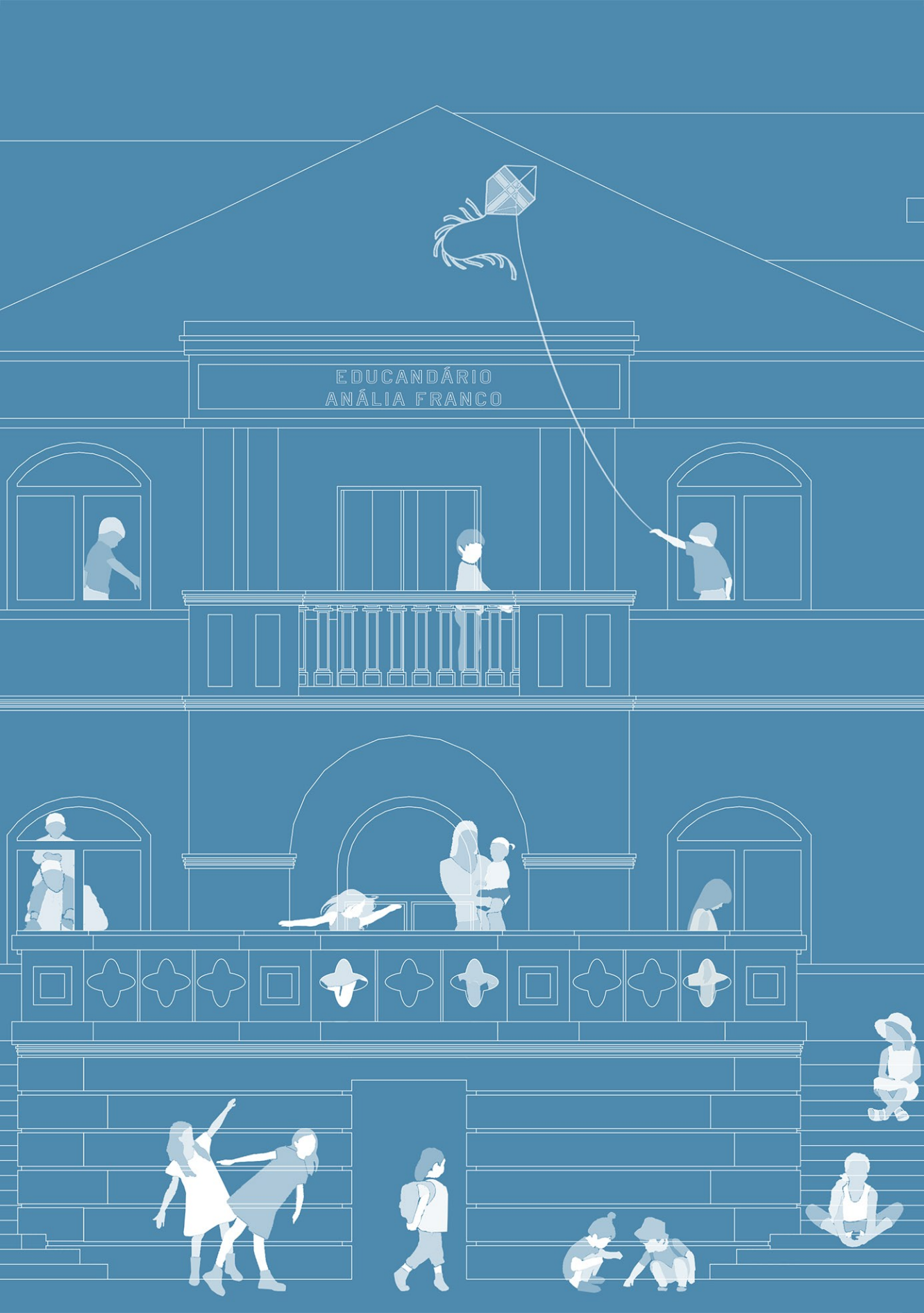
[Fig. 103] Fonte: dados retirados da Unimed, disponível em <https://www.unimed.coop.br/web/nortecapixaba/viver-bem/pais-e-filhos/estatura-por-idade>. Acesso em 14 mai. 2021.

[Fig. 104] Foto: Autoral

[Fig. 105] Foto: Autoral

[Fig. 106] Foto: Autoral

Fontes Barlow Condensed, Myriad Pro e Sitka


EDUCANDÁRIO
ANÁLIA FRANCO